



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS-LIP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

**O português kalunga do Vão de Almas-GO: a transitividade em
discursos sobre o parto revelando letramentos**

ROBERTA ROCHA RIBEIRO

Brasília – DF

2017

Roberta Rocha Ribeiro

O português kalunga do Vão de Almas-GO: a transitividade em discursos sobre o parto revelando letramentos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Linguística. Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística. Linha de Pesquisa: Gramática: Teoria e Análise. Orientador: Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes.

Brasília – DF

2017

Rp

Ribeiro, Roberta Rocha

O português kalunga do Vão de Almas-GO: a transitividade em discursos sobre o parto revelando letramentos / Roberta Rocha Ribeiro; orientador Dionei Moreira Gomes. -- Brasília, 2017.

243 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2017.

1. Transitividade. 2. Discursos sobre o parto. 3. Letramentos. 4. Comunidade Kalunga Vão de Almas-GO. I. Gomes, Dionei Moreira, orient. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

ROBERTA ROCHA RIBEIRO

O português kalunga do Vão de Almas-GO: a transitividade em discursos sobre o parto revelando letramentos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Linguística. Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística. Linha de Pesquisa: Gramática: Teoria e Análise. Orientador: Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes.

Banca examinadora:

Presidente/Orientador: Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes (UnB/PPGL)

Membro externo: Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo (UFT)

Membro externo: Prof. Dr. Djiby Mané (FUP/UnB)

Membro interno: Prof^{ra}. Dr^a. Rosineide Magalhães de Sousa (UnB/PPGL)

Membro suplente: Prof. Dr. Guilherme Veiga Rios (UnB/PPGL)

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo, Julierme, o-amor-da-vida-inteira.

Aos meus pais, Antônio e Dorcas, exemplos de luta pela vida.

Ao povo kalunga do Vão de Almas-GO: ser kalungueira/o é ser guerreira/o!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela bênção da vida, pelo cuidado, pelo amor e por ter me sustentado nas veredas da tese.

Ao meu esposo, Julierme, por ser amor, porto seguro, apoio, incentivo. Sem você, sem teu companheirismo, este trabalho não seria possível. Amo-te!

Aos meus pais, Antônio e Dorcas, por terem me ensinado a amar o próximo, por serem exemplos de vida e pelo amor, cuidados dispensados a mim e aos meus irmãos desde sempre.

Ao meu irmão Rodrigo, à minha irmã Renata, à minha cunhada Thaís, ao meu cunhado Anderson, às minhas sobrinhas Luísa e Marina e ao meu sobrinho Lauro: mesmo com a distância geográfica, sei que nossos laços são indissolúveis. Obrigada pela torcida e pelo carinho.

À minha sogra, Dona Terezinha, à minha sobrinha Maria Eduarda (nossa sempre Duda) e aos meus cunhados Júnior e César, obrigada pelo acolhimento e pela torcida.

Ao povo Kalunga do Vão de Almas-GO, principalmente às mulheres. Vocês são lindas/os, guerreiras/os e muito sábias/os. Gratidão infinita por terem me recebido, de braços abertos e corações cheios de amor, em suas casas, em suas memórias, em suas vidas. Vocês coloriram minha existência e me fizeram enxergar a vida com mais amor. Obrigada pelo café e prosa perto do fogão de lenha, pelos sorrisos ao me verem e, essencialmente, pela amizade sincera que construímos.

Ao Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes, meu dileto professor-orientador: agradeço imensamente por ter me recebido na UnB, pela partilha mais que generosa de seu vasto conhecimento, pela paciência com as minhas limitações e por acreditar mais do que eu mesma em meu potencial. Você é e sempre será meu modelo de professor-pesquisador a ser seguido. Obrigada por tudo. Sempre!

À Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa, companheira e amiga das Linguagens. Obrigada por ter me apresentado ao povo kalunga, à Educação do Campo e aos Letramentos nesse contexto. Tudo isso modificou minha perspectiva acadêmica, profissional e, sobretudo, de vida. Continuemos lutando em prol dos letramentos dos kalunga e demais povos campestres do nosso país.

Ao Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo, também companheiro e amigo das Linguagens. Foi uma honra aprender a fazer etnografia, em campo, de verdade, contigo. Agradeço pela parceria nas trilhas kalungueiras, nas Linguagens, na Educação do Campo e pela amizade.

Ao Prof. Dr. Djiby Mané, também companheiro e amigo das Linguagens. Obrigada pela receptividade/disponibilidade de sempre e pela parceria no âmbito das Linguagens e da Educação do Campo.

Ao Prof. Dr. Guilherme Veiga Rios. Você foi fundamental para meus primeiros conhecimentos teóricos a respeito dos Letramentos. Obrigada pelo curso de Letramentos, pelos livros emprestados, pelas dúvidas sanadas e, principalmente, pelo respeito e carinho que demonstra por mim, pelo meu orientador e pelo meu trabalho.

Às/aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB, pelo aprendizado durante as aulas, pelas contribuições teóricas e metodológicas e pelo convívio cordial.

À Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB, Profa. Dra. Enilde Faulstich. Muito obrigada pela presteza no atendimento de minhas demandas e pelo acolhimento. E parabéns pelo trabalho desenvolvido à frente do PPGL/UnB.

À Secretaria do PPGL/UnB: obrigada, Angela, Renata, Raquel e Vitor pelo atendimento prestado e pela cordialidade.

Às/aos amigas/os de PPGL/UnB: Tiago, Tânia, Erika, Felícia, Edite, Letícia da Cunha, Carla, Ana Moura, Sissi, Juscelino, Alliny, João Paulo, Nilma, Juliana Andréa, Carol Capuzzo, Luiza, Edinei, Cássia, Andreia. Obrigada pelo convívio agradável, pela troca de experiências e pelo carinho durante nosso percurso acadêmico.

À corja mais divertida do universo: Marcos Mininu, Isabella, Ana Paula, Renata, Wagner, Nara, Paula e Edinizis. Os momentos *(no)sense* continuam sendo maravilhosos. As veredas acadêmicas se tornaram mais leves com vocês.

À amiga Ana Cristina, a-flor-bela-forte-coerente-do-campo, a primeira Sem-Terra Mestra em Linguística pela UnB. Sinto muito orgulho de ser tua amiga. Obrigada pelo companheirismo.

À Cássia Rosa, amiga-irmã desde os tempos do mestrado na UFG. Com certeza partilhar a vida contigo é algo muito especial para mim. Gratidão pela torcida, apoio, carinho e amizade que duram há mais de dez anos. Você mora em meu coração.

Ao casal Sebastião e Roberta, pessoas iluminadas que conheci em Arraias. Sebastião: irmão das Letras, das Linguagens e da paixão pela docência. Roberta: o sorriso de farol. Obrigada, amigos, pela acolhida, partilha e apoio.

À UFT e à UFMS, instituições em que trabalho e trabalhei, respectivamente. Agradeço pelo apoio no tocante ao meu doutoramento.

À UFG e à PUC-Goiás, pela formação consistente que tive acesso nessas instituições durante a graduação e o mestrado.

À LEdoC/FUP/UnB, curso em que minha trajetória na Educação do Campo se iniciou.

Ao PIBID Diversidade (CAPES), pelo apoio, pelas parcerias e aprendizados.

Ao Programa de Bolsas de Doutorado REUNI-CAPES, pelo auxílio financeiro.

Às/aos minhas/meus alunas/os, razões das minhas constantes reflexões e da minha busca incessante em ser uma profissional melhor. Muito obrigada!

*"Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu".
Eclesiastes 3:1 (Bíblia Sagrada).*

*"É preciso amor pra poder pulsar. É preciso paz pra poder sorrir. É preciso a chuva
para florir"
Almir Sater, em Tocando em frente.*

*"Recomeçando das cinzas
Vou recompondo a paisagem
Lembro um flamboyant vermelho
No dismantelo da tarde.
[...]
E agora penso que a estrada
Da vida tem ida e volta
Ninguém foge do destino
Esse trem que nos transporta".
Alceu Valença, em Sete Desejos.*

*"Queira! (Queira!)
Basta ser sincero
E desejar profundo
Você será capaz
De sacudir o mundo
Vai!
Tente outra vez!"
Raul Seixas, em Tente outra vez*

RESUMO

A presente tese tem como objetivo analisar a transitividade em discursos sobre o parto de mulheres quilombolas/kalunga da comunidade Vão de Almas-GO. O escopo teórico central deste trabalho é a Linguística Centrada no Uso (GIVÓN, 2001; TRAUGOTT, 1997; HEINE, 1991; FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013), considerando os princípios da língua em uso, da interação social e dos espectros gramaticais e cognitivistas. A transitividade é analisada à luz desses princípios e a partir dos parâmetros sintático-semânticos propostos por Hopper & Thompson (1980) e da semântica dos verbos de Givón (2001). Nessa abordagem, a transitividade é vista como fenômeno organizacional da oração, ultrapassando seus limites e alcançando o discurso. Além dessa concepção, em consonância com a Linguística Centrada no Uso, analisamos o fenômeno também considerando voz verbal, valência, relações gramaticais, iconicidade diagramática, papéis semânticos, papéis pragmáticos, metáfora e metonímia. No entanto, nosso objetivo é também analisar a transitividade no âmbito do enunciado discursivo, do ecossistema das línguas e dos letramentos, construindo, assim, diálogos teóricos e analíticos inovadores. Para tanto, articulamos as concepções de estruturas ideológicas do discurso (VAN DIJK, 2000, 2010), de letramentos como práticas sociais (STREET, 2014) e de ecossistema das línguas (COUTO, 2007) com a Linguística Centrada no Uso. Analiticamente, tais interfaces propiciaram o desenvolvimento do Protocolo-Mãe, que é constituído de camadas analíticas as quais propiciam o estudo dos eventos transitivos, no âmbito dos enunciados discursivos, desde a concepção de gradiência da transitividade de Hopper & Thompson (1980) e suas camadas mais gramaticais supracitadas, passando pelo discurso, ecossistema da língua e letramentos. Para que tais análises e interfaces teóricas ocorressem, nosso processo metodológico de geração de dados foi calcado na postura etnográfica, pesquisa qualitativa e movimentos de pesquisa-ação, tendo como instrumentos entrevistas semiestruturadas e questionário estruturado. Por fim, cumpre destacar que esta tese, em seu processo de produção, contribuiu socialmente com a comunidade kalunga Vão de Almas-GO por meio das oficinas de Letramentos na escola da comunidade, em parceria com as/os docentes kalunga.

Palavras-chave: Transitividade. Discursos sobre o parto. Letramentos. Comunidade kalunga Vão de Almas-GO.

ABSTRACT

The present thesis aims to analyze the transitivity in discourses about the parturition of quilombolas/kalunga women from the Vão de Almas-GO community. The central theoretical scope of this work is the *Usage-Based Linguistics* (GIVON, 2001; TRAUGOTT, 1997; HEINE, 1991; FURTADO DA CUNHA, BISPO and SILVA, 2013), considering the principles of language in use, social interaction and grammatical and cognitive scope. Transitivity is analyzed based on these principles and from the syntactic-semantic parameters proposed by Hopper & Thompson (1980) and the semantics of verbs by Givón (2001). In this approach, transitivity is seen as an organizational phenomenon of the sentence, surpassing its limits and reaching the discourse. In addition to this conception, in accordance with *Usage-Based Linguistics*, we analyze the phenomenon also considering voice, valence, grammatical relations, diagrammatic iconicity, semantic roles, pragmatic roles, metaphor and metonymy. However, our goal is also to analyze transitivity within the discursive utterance, the language ecosystem and literacy, therefore building innovative theoretical and analytical dialogues. To that end, we articulate the conceptions of ideological discourse structures (VAN DIJK, 2000, 2010), of literacies such as social practices (STREET, 2014) and language ecosystem (COUTO, 2007) with *Usage-Based Linguistics*. Analytically, those interfaces propitiated the development of the Mother-Protocol, which is composed of analytical layers which allow the study of transitive events within the framework of discursive utterances, from Hopper and Thompson's (1980) perspective of gradience of transitivity and its more grammatical layers, through the discourse, language ecosystem and literacies. For such theoretical analyzes and interfaces to occur, our methodological process of data generation is based on the eco-ethnographic posture, qualitative research and action-research, with semi-structured interviews and a structured questionnaire. Finally, it should be pointed out that this thesis, in its production process, contributed socially with the Kalunga community of Vão de Almas-GO through the Literacy workshops in the community school, in partnership with the kalunga teachers.

Keywords: Transitivity. Discourses about the parturition. Literacies. Vão de Almas-GO kalunga community.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de Givón	26
Figura 2 – <i>Continuum</i> de unidirecionalidade da gramaticalização.....	35
Figura 3 – Representação do Protocolo-Mãe	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Parâmetros sintático-semânticos propostos por Hopper & Thompson	42
Quadro 2 – Individuação do objeto	45
Quadro 3 – Construções com diminuição de valência	53
Quadro 4 – Construções com aumento de valência.....	53
Quadro 5 – Roteiro de entrevista semiestruturada para parteiras	95
Quadro 6 – Roteiro de entrevista semiestruturada para gestantes	97
Quadro 7 – Roteiro de entrevista semiestruturada para mulheres jovens (entre 18 e 30 anos), adultas (entre 31 e 59 anos) e idosas (acima de 60 anos) do Vão de Almas-GO que já vivenciaram o parto.....	99
Quadro 8 – Roteiro de entrevista estruturada/questionário para profissionais da área de saúde de Cavalcante-GO	101
Quadro 9 –Modelo de Plano de Aula desenvolvido com as/os professoras/es kalunga.....	104
Quadro 10 – Propostas de objetivos das Oficinas de Letramentos.....	105
Quadro 11 – Propostas de conteúdos de Ciências e Matemática para as Oficinas de Letramentos	105
Quadro 12 – Propostas de conteúdos de Língua Portuguesa para as Oficinas de Letramentos	106
Quadro 13 – Planejamento de ministração das aulas da Oficina de Letramentos.....	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. O problema de pesquisa.....	1
2. Hipóteses	3
3. Objetivos.....	4
4. Justificativa.....	5
5. Introdução ao Referencial Teórico	8
5.1. Linguística Centrada no Uso: princípios e transitividade.....	8
5.2. Os Estudos Críticos do Discurso (ECD)	11
5.3. Letramentos	13
6. Introdução à Metodologia.....	14
7. Organização da análise de dados	16
CAPÍTULO 1 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: os pilares da pesquisa	18
1.0. Introdução.....	18
1.1. Funcionalismo linguístico	18
1.1.1. A LCU: o arcabouço principal	23
1.1.2. Protótipo e <i>Continuum</i>	24
1.1.3. Iconicidade.....	28
1.1.4. Gramaticalização	31
1.1.5. Tópico e Foco	36
1.1.6. A transitividade: o fenômeno de estudo	40
1.1.6.1. A concepção de transitividade escalar de Hopper & Thompson (1980).....	40
1.1.6.2. A transitividade e a semântica dos verbos.....	46
1.1.6.3. As interfaces entre transitividade, relações gramaticais, voz e valência	51
1.2. Estudos Críticos do Discurso (ECD): concepções gerais	54
1.2.1. Discurso e ideologia conforme os ECD: conceitos e estruturas.....	57
1.2.1.1. Estruturas do discurso ideológico.....	59
1.3. Os Letramentos: concepções gerais, definições e aplicações para esta pesquisa	64
1.4. Considerações finais do capítulo	69
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA: o itinerário de construção da pesquisa	70
2.0. Introdução.....	70
2.1. Os pressupostos metodológicos.....	70
2.1.1. Pesquisa qualitativa	71

2.1.2. Etnografia	75
2.1.3. Ecolinguística	79
2.1.4. Postura ecoetnográfica.....	82
2.1.5. Pesquisa-ação	84
2.2. Vivenciando e construindo a pesquisa qualitativa e de postura ecoetnográfica com movimentos da pesquisa-ação	88
2.2.1. A LEdoC/FUP/UnB: o ponto de partida.....	88
2.2.2. O Vão de Almas-GO: a comunidade kalunga pesquisada.....	90
2.2.3. As entrevistas.....	92
2.2.3.1. Entrevista semiestruturada para parteiras: planejamento e registros de vivências em campo.....	93
2.2.3.2. Entrevista semiestruturada para gestantes: planejamento e registros de vivências em campo	96
2.2.3.3. Entrevista semiestruturada para mulheres jovens (entre 18 e 30 anos), adultas (entre 31 e 59 anos) e idosas (acima de 60 anos) do Vão de Almas-GO que já vivenciaram o parto: planejamento e registros de vivências em campo.....	98
2.2.3.4. Entrevista estruturada/questionário para profissionais da área de saúde do município de Cavalcante-GO	100
2.2.4. Oficinas de Letramentos para o nono ano da Escola Santo Antônio/Comunidade Kalunga Vão de Almas-GO: o planejamento	103
2.2.5. Oficinas de Letramentos para o nono ano da Escola Santo Antônio/Comunidade Kalunga Vão de Almas-GO: as ações vivenciadas	107
2.2.5.1. Primeira rodada das oficinas de Letramentos.....	108
2.2.5.2. Segunda rodada das oficinas de Letramentos.....	112
2.2.5.3. Terceira rodada das oficinas de Letramentos	113
2.2.6. Outras interações com o povo kalunga do Vão de Almas-GO.....	114
2.3. Considerações finais do capítulo	117
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS: o Protocolo-Mãe	119
3.0. Introdução.....	119
3.1. O protocolo-mãe: com a palavra, as parteiras	123
3.2. O protocolo-mãe: com a palavra, as mães idosas, adultas, jovens e as gestantes	158
3.2.1. O protocolo-mãe: com a palavra, as mães idosas.....	159
3.2.2. O protocolo-mãe: com a palavra, as mães adultas.....	168
3.2.3. O protocolo-mãe: com a palavra, as mães jovens	179

3.2.4. O protocolo-mãe: com a palavra, as gestantes	188
3.3. Considerações finais do capítulo	196
CONCLUSÃO.....	198
REFERÊNCIAS	201
APÊNDICES	208

INTRODUÇÃO

1. O problema de pesquisa

Este trabalho tem o intuito de analisar a transitividade do português kalunga¹ em discursos sobre o parto que se encontram presentes em uma comunidade remanescente quilombola/kalunga, localizada na região da Chapada dos Veadeiros-GO. Objetivamos uma pesquisa linguística a partir de textos orais e escritos presentes em discursos que revelam práticas, ações, conhecimentos próprios e alheios, memórias, conflitos, sensações e opiniões sobre o parto, tema relevante para as/os kalunga dessa comunidade, denominada Vão de Almas.

Analisamos o discurso sobre o parto na comunidade quilombola em questão por ser hoje, o parto, uma problemática no que concerne ao embate entre conhecimento interno (típico dos saberes kalunga) e conhecimento externo (referente ao parto no hospital). Tal embate é o eixo que fomenta a temática escolhida para ser analisada: a transitividade do discurso e os letramentos vivenciados. Uma das angústias que apareceram relativas a esse tema é: como assegurar a manutenção da vida se o difícil acesso físico e social aos hospitais são verdadeiros obstáculos para as mães do Vão de Almas? A falta de diálogo entre o discurso da medicina alopata em relação ao conhecimento interno é outra faceta que verificamos nesse cenário, a partir de questionário estruturado aplicado aos profissionais de saúde da região (cf. capítulo metodológico).

Essas noções as quais circundam e embasam a análise auxiliam na visualização do discurso e das estruturas que o materializam. É neste ponto que transitividade, discurso e letramentos se encontram. As funcionalidades inerentes à língua(gem) se dão **tanto** em âmbito sintático, estrutural, **quanto** em âmbito do sentido, do discurso. E essas funcionalidades, em nossas experiências de vida, fazem emergir diferentes letramentos. Dessa maneira, a relação existente entre transitividade, discurso e letramentos é a de que um mecanismo gramatical que organiza a oração contribui na organização do texto, do discurso, e é revelador dos *sentidos existentes* e dos *sentidos*

¹Nós assumimos a terminologia **português kalunga** nesta tese por duas razões específicas: pelo objetivo de investigar a transitividade no discurso do parto e pelo fato de quilombolas da região da Chapada dos Veadeiros-GO se autodenominarem kalunga. Nesse sentido, português kalunga configura-se como uma variante do Português Brasileiro (PB).

em construção. Estes sentidos existentes e em construção, por sua vez, geram e fomentam, conforme as necessidades sociais, os letramentos.

Com o intuito de analisar o português kalunga em discursos do parto, adotamos a Linguística Centrada no Uso (LCU), que, em linhas gerais, verifica os fenômenos linguísticos a partir da língua em uso, da interação entre os falantes. O fenômeno gramatical estudado nos dados gerados é a transitividade. A transitividade é um evento, segundo os pressupostos funcionalistas, de cunho organizacional do texto (GIVÓN, 1984, 1993a, 2001; HOPPER & THOMPSON, 1980). Para nós, a transitividade é um mecanismo sintático-semântico-pragmático-discursivo que estrutura/materializa ideias e, conseqüentemente, revela imbricações discursivas/ideológicas.

Como os dados para análise estão compostos de discursos sobre o parto, gerados durante as vivências com a comunidade kalunga Vão de Almas-GO, esta pesquisa também utiliza os suportes teóricos relativos aos Estudos Críticos do Discurso propostos por van Dijk (1999, 2000, 2010) e da abordagem dos Letramentos (STREET, 2014).

É importante destacar que o percurso metodológico adotado neste estudo é a postura ecoetnográfica, a pesquisa-ação, e os dados serão analisados qualitativamente. Cumpre dizer que a postura ecoetnográfica supracitada abarca as contribuições da Etnografia e da Ecolinguística. A primeira é uma abordagem oriunda das Ciências Sociais que sedimenta a interação entre pesquisador e contexto de pesquisa (ERICKSON, 2004; ZAHARLICK & GREEN, 1991).

Já a segunda, a Ecolinguística, é uma área da Linguística que discute as relações entre Língua, Povo e Território (COUTO, 2007). Nós traçamos um panorama acerca da Ecolinguística no capítulo metodológico justamente pela postura ecoetnográfica que adotamos no decorrer deste trabalho: vivência na comunidade associada com o olhar ecolinguístico; tal postura nos auxiliou na geração de dados, bem como em sua percepção e análise. Por isso, além de escopo metodológico, a Ecolinguística entrou em cena no capítulo analítico.

Dessa maneira, esta tese adota diálogos teóricos, metodológicos e analíticos inovadores. A LCU, nosso eixo teórico de base, nos permite – pelos seus princípios pautados na interação, na língua em uso, na análise de línguas utilizadas por falantes reais – estabelecer a interface com metodologias interacionais e com outras teorias de caráter mais social e discursivo.

Nesse sentido, os Estudos Críticos do Discurso, propostos por van Dijk (2010), sugerem uma relação mais estreita entre micronível das estruturas linguísticas e

macronível social. No que concerne aos percursos metodológicos, os Estudos Críticos do Discurso apresentam certa liberdade de escolha, desde que haja coerência com os objetivos da pesquisa e, especialmente, respeito aos direitos dos/as colaboradores/as.

As visões de letramentos, por sua vez, são suportes teóricos e metodológicos neste trabalho, de cunho multifacetado. Adotamos basicamente a perspectiva de letramentos como prática social (STREET, 2014). Diante disso, os letramentos se revelam no presente estudo a partir da pesquisa-ação, visto que esta vertente metodológica prima pela relação entre imersão, observação, geração, análise e *contribuição* por parte do pesquisador (TRIPP, 2005). Assim, neste estudo, a geração de dados aconteceu por meio de dois fundamentos básicos: colaboração e imersão. Essas ações ocorreram na realidade ecolinguística da comunidade (COUTO, 2007). Faz-se necessário ressaltar que a etnografia sedimenta nossas concepções de imersão, de convivência com as/os kalunga (BORDIEU, 2004). Logo, essas visões, em concomitância, constituem nossa proposta metodológica: a postura ecoetnográfica com movimentos da pesquisa-ação e realização de análises qualitativas.

Diante dessas explicações acerca do problema de pesquisa, a intersecção entre LCU, discurso e abordagens dos letramentos se faz necessária para uma compreensão mais ampla da organização transitivo-discursiva sobre o parto. E essa intersecção foi feita no decorrer de produção desta tese.

2. Hipóteses

Nossas hipóteses foram construídas partindo das observações iniciais sobre a comunidade Vão de Almas-GO, bem como em nossa coleta-piloto². Abaixo, elencamos as hipóteses:

1. Os discursos sobre o parto da comunidade kalunga Vão de Almas-GO, considerando contexto social e contribuições ecolinguísticas, revelam conhecimentos dos cuidados inerentes ao parto e também as dificuldades enfrentadas pelas mulheres kalunga considerando a questão do difícil acesso da comunidade;
2. Sobre a transitividade, deve haver estruturas com transitividade prototípica, mas deve haver também estruturas com transitividade de grau mais baixo,

² No capítulo metodológico tratamos de modo mais detalhado acerca da coleta-piloto.

evidenciando diferentes formas de enunciar os conhecimentos relacionados ao parto;

3. Os letramentos podem revelar que as kalunga mais jovens têm sim conhecimentos internos e externos relevantes sobre o parto e seus cuidados. E ao mesmo tempo em que parece haver uma preferência, de modo geral, pelo parto em hospital na atualidade, os cuidados tradicionais são presentes ainda, em concomitância com o conhecimento externo. Os letramentos escolares, por meio do planejamento das oficinas de letramentos com os/as professores/as kalunga, podem apontar que existe uma vontade da comunidade de manter os ensinamentos kalunga sobre cuidados relativos ao parto. Mas ainda há uma dificuldade em sistematizar essas ações em ambiente escolar.

3. Objetivos

O objetivo principal deste trabalho é registrar, descrever e analisar a transitividade do português kalunga do Vão de Almas-GO em discursos sobre o parto sob a égide da Linguística Centrada no Uso em interfaces com o discurso, o olhar ecolinguístico e os letramentos.

Os objetivos específicos são:

- Documentar e descrever qualitativamente os discursos sobre o parto na comunidade remanescente quilombola Vão de Almas-GO;
- Analisar a tendência dos dados em relação ao protótipo da transitividade de acordo com Hopper & Thompson (1980) e Givón (1984, 1993a, 2001);
- Delinear uma microanálise estrutural em consonância com uma macroanálise social a partir dos Estudos Críticos do Discurso de van Dijk (1999, 2000, 2010), a fim de investigar nuances discursivas relacionadas à transitividade;
- Contribuir socialmente para a comunidade mediante a realização de oficinas de letramentos em uma escola da comunidade analisada, com o intuito de legitimar o conhecimento interno a respeito do parto e contribuir para a melhoria da leitura e da escrita das/os discentes do nono ano;

- Promover, no decorrer de produção da tese, diálogos teóricos e analíticos inovadores que abarquem LCU, discurso, ecolinguística e letramentos, áreas da Linguística tradicionalmente separadas; e
- Construir uma metodologia inovadora por meio da postura ecoetnográfica associada à pesquisa-ação e à pesquisa qualitativa.

4. Justificativa

Este trabalho de doutorado foi construído a partir de duas motivações: a vontade de uma maior imersão na análise da transitividade, fenômeno que estudo desde a graduação, e a comunidade kalunga Vão de Almas-GO. Durante a graduação, no âmbito da Universidade Federal de Goiás (UFG), iniciei meus estudos sobre a transitividade na produção de monografia. Esta abordou a presença desse fenômeno em livros didáticos a partir de reflexões funcionalistas. No mestrado, também realizado na Universidade Federal de Goiás, analisei a transitividade em cartas do leitor produzidas por alunas/os do quarto ano do Ensino Fundamental do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG à luz do funcionalismo. Nessas etapas de formação, percebi o quanto a transitividade é um fenômeno produtivo para a análise sintático-semântica e pragmática de uma língua, bem como para a percepção de como o discurso se revela nesse espectro.

Nesse sentido, no doutorado, optei por continuar a investigar o fenômeno em tela, porém de modo mais profundo e na perspectiva funcionalista da LCU. Essa teoria considera a língua em uso e a interação social. Esse uso é associado com o discurso e não com a sentença isolada. Daí surgiu a ideia de fazer o estudo da transitividade em discursos significativos para a comunidade kalunga, de modo a buscar eventos linguísticos orais. Mais à frente, mostraremos que o discurso sobre o parto é o nosso foco de concentração maior.

Assim, após essa decisão de continuidade com a transitividade e de definição do arcabouço teórico principal, surgiu a ideia de trabalhar com o português da comunidade kalunga do Vão de Almas-GO. Tive a oportunidade de conhecer pessoas kalunga no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília (LEdoC/FUP/UnB). Esse curso funciona em regime presencial de alternância nas dependências do *Campus* da UnB de Planaltina e é voltado especificamente para as diversas comunidades campesinas brasileiras – inclusive quilombolas.

Nessa licenciatura, atuo como professora-colaboradora da área de Linguagens e tive a oportunidade de desenvolver oficinas de letramentos acadêmicos. Tais oficinas têm a finalidade de auxiliar no processo de escrita de gêneros acadêmicos, como resenha, artigo, monografia etc. Imersa nesse contexto, conheci alunas/os (muitas/os já atuam como professoras/es das escolas do campo) de diversas comunidades kalunga, remanescentes quilombolas, da Chapada dos Veadeiros-GO, a saber: Engenho II, Vão de Almas, Vão do Moleque, Tinguizal, Fazenda Ema, etc. Nós tivemos uma interação próxima e, pelos temas ligados às próprias realidades kalunga que essas/es discentes escolheram para desenvolver nos artigos e monografias, eu tive a chance de saber mais sobre as condições de vida, identidade, discursos das/os kalunga. E como a maioria das mulheres kalunga é mãe, notei a preocupação, o cuidado com a gravidez, os filhos e, por conseguinte, percebi a relevância do discurso do parto.

O parto é um tema relevante entre as/os kalunga por razões inerentes à manutenção da vida frente à morte. Em primeira instância, há o temor pela vida da mãe e do bebê em comunidades quilombolas remanescentes e de difícil acesso. É justamente a manutenção da vida que provoca outros conflitos/questionamentos: o parto deve ser sempre na cidade, em um hospital? Os cuidados pré e pós-parto devem ser típicos da cidade, externos? E as parteiras? E os conhecimentos internos do pré e pós-parto? Há a possibilidade de união entre conhecimentos internos e externos?

As respostas dessas indagações, à primeira vista, parecem fáceis e óbvias. De maneira geral, o caminho mais lúcido é a união dos conhecimentos internos e externos para garantir a manutenção da vida das/os kalunga. Muitas mulheres das comunidades quilombolas fazem pré-natal e parto em hospitais públicos de Cavalcante-GO ou de outras cidades vizinhas por medo da morte. Mas a figura da parteira ainda é viva, os cuidados típicos da região ainda estão vivos. Algumas mulheres relatam que os cuidados do hospital não são “a mesma coisa” do quilombo. São “mais frios, distantes”. O parto natural, em pleno quilombo, ainda está presente nas memórias das mulheres e homens mais idosos. É preciso destacar que esse tipo de parto é totalmente suscetível de acontecer na atualidade, pois, mesmo com a grande procura pelas unidades de saúde do SUS da região, há gestantes que não vão para a cidade ou permanecem no quilombo próximo ao final da gravidez.

Buscar fatos linguísticos nesse discurso nos deu condições de mostrar o funcionamento da língua em meio vivo, contínuo e suscetível a flexibilidades,

mudanças, nuances típicas de qualquer língua natural, mas pouco percebidas em estudos centrados na sentença.

Já a opção por pesquisar o Vão de Almas-GO ocorreu porque essa comunidade é uma das que apresentam acesso mais difícil, visto que não tem estrada asfaltada. Segundo as/os kalunga (e eu pude constatar no trajeto das minhas idas a campo), para chegar até o local, é preciso utilizar obrigatoriamente um carro traçado e passar por uma serra que beira o Rio Almas, chamado agora de Rio Branco pela comunidade por causa das mortes que aconteceram nesse rio. Esse difícil acesso acarretou um contato mais restrito com o mundo externo. Esse ambiente foi bastante adequado para verificar a transitividade e consagrar o bem maior de toda língua: a comunicação eficiente e socialmente relevante. Os ensinamentos sobre os cuidados do parto típicos kalunga, estruturados via transitividade, foram passados oralmente de geração a geração e são elementos importantes de manutenção da vida kalunga.

Além disso, o Vão de Almas não tem energia elétrica, água encanada e *internet*. Somente em pouquíssimos pontos da região o celular funciona. Portanto, considerando a perspectiva atual de globalização e tecnologias típicas de sociedades urbanas, as características citadas favorecem certo isolamento (não total) da comunidade, e analisar o português kalunga nesse contexto aponta para uma contribuição linguística consistente, até mesmo porque não há trabalhos de Linguística na perspectiva que adotamos nesta tese na região.

Nesse sentido, pudemos realizar análises acerca da transitividade do português kalunga do Vão de Almas-GO sob a égide da LCU e interfaces teóricas. Além disso, existe outra contribuição de cunho teórico e metodológico que ocorreu pela presente pesquisa: além das entrevistas com mulheres da comunidade, desenvolvemos oficinas de letramentos durante o processo de geração de dados ao lado das/os professoras/es kalunga – que são, ao mesmo tempo, alunas/os da LEdoC/FUP/UnB. A ideia dessas oficinas surgiu justamente nas oficinas desenvolvidas na LEdoC, aqui em Brasília. As/os licenciandas/os kalunga relataram a necessidade de atividades na escola da comunidade as quais contemplassem a associação entre saberes escolares e a realidade kalunga.

Com isso, pensando em uma ideia que emergiu do próprio kalunga, vimos a contribuição não somente acadêmica/escolar, mas social da pesquisa para a comunidade. Diante dessa constatação, nossa proposta de oficinas de letramentos com a temática parto como pano de fundo foi desenvolvida com o nono ano do Colégio

Estadual Calunga I/Extensão Escola Santo Antônio, situado no Vão de Almas-GO. Isso porque, além de registrarmos as oficinas e os textos escritos dos alunos, com autorização dos pais, buscamos atingir, na escola, as interfaces entre saberes escolares e tradicionais, conforme delineamos na metodologia. Assim, esta pesquisa assume um valor não somente acadêmico, mas também social no tocante às contribuições que realizamos no processo de confecção da tese.

5. Introdução ao Referencial Teórico

A linguagem humana pode ser analisada partindo de variados escopos teóricos, como formais, funcionalistas, discursivos, etc. Assim, para que a análise linguística seja coerente com os objetivos pretendidos, faz-se necessário delimitar os recortes teóricos e metodológicos. No caso desta pesquisa, os princípios sobre transitividade, segundo a LCU, são as bases teóricas principais. Já os estudos acerca dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) e dos Letramentos configuram-se como teorias suporte. Um desafio que nos colocamos foi justamente fazer dialogar essas perspectivas teóricas, dando ao objeto de estudo mais clareza e compreensão. A seguir, há uma breve introdução sobre esses arcabouços teóricos com a finalidade de fundamentar este estudo. No capítulo 1, apresentaremos os principais construtos desses fundamentos teóricos.

5.1. Linguística Centrada no Uso: princípios e transitividade

O principal recorte teórico adotado aqui é a LCU. Um estudo dessa natureza considera a interação social e cultural como base para a expressão e formação de boa parte dos elementos componentes de uma língua. Nessa linha, o funcionalismo, de modo geral, ocupa-se em analisar a língua em uso, falantes em situação real de interação. A relação entre forma-função, em que a função da forma linguística está ancorada em contextos situados, motivados pragmaticamente, também é uma premissa fundamental da teoria funcionalista (NEVES, 1997).

Essas questões são abordadas também pela LCU, em que a investigação funcionalista mostra a correlação entre *estrutura* e *função*, e tal correlação é motivada semântica e pragmaticamente. Essa motivação encontra-se associada a outro princípio pertencente às bases conceptuais da LCU: a iconicidade. Croft (1990) aponta que a iconicidade motiva, externamente, a estrutura linguística. Seguindo esse raciocínio,

percebe-se que a escolha de estruturas linguísticas em uma interação verbal é motivada pelas experiências vividas, pelas visões de mundo das/os falantes.

A relação entre forma (ou estrutura) e função é, em certa medida, não arbitrária e isso aponta que, na interação verbal, usos linguísticos se revelam a partir de diversas formas. Todavia, vale destacar que, em geral, via prototipicidade, os usos linguísticos têm características regulares, considerando o dinamismo das interações verbais.

A concepção de protótipo é baseada na ideia de que, em uma categoria, existe um representante mais típico. Desse modo, o protótipo ajuda no entendimento das características de uma categoria linguística que sejam mais ou menos salientes (NEVES, 2006). Segundo Rosch (1978), uma das precursoras nas discussões a respeito dos protótipos, estes são baseados em dois princípios: o primeiro destaca que os sistemas de categorias têm o papel de fornecer informações máximas, porém com pouco esforço cognitivo. O segundo elucida que nós, seres humanos, falantes de línguas naturais, percebemos o mundo via informações estruturadas; e essas percepções não são arbitrárias.

Para Taylor (1989), o protótipo contribui nos estudos de categorias linguísticas por prever o dinamismo das línguas, considerando os processos cognitivos da linguagem. Dessa maneira, a categorização, por meio da concepção de protótipos, orienta a análise linguística e, por isso, pode ser vista como processo metodológico. O autor, a respeito da relação entre transitividade e protótipo, assegura que a transitividade possui escopo organizacional e estudá-la partindo dos protótipos viabiliza analisar verbos, estrutura da oração e processos de modo mais dinâmico, maleável, conforme a observação de traços típicos ou não (RIBEIRO, 2009).

Cumprе ressaltar aqui que a iconicidade e os protótipos revelam, em certa medida, um viés cognitivista em nossa abordagem, o que é coerente com a LCU. Isso ocorre porque espectros sintático-semântico-pragmáticos da transitividade representam e materializam, via língua(gem), interpretações, visões de mundo das/os falantes (DUQUE & COSTA, 2012). Por isso, nesta pesquisa, será considerado o caráter cognitivo/conceptual dos verbos (GIVÓN, 2001).

Diante desses princípios e relações, as reflexões de Hopper & Thompson (1980) são vistas como essenciais nos estudos a respeito da transitividade em um prisma calcado na LCU. Os autores afirmam que “a transitividade é tradicionalmente entendida como uma propriedade global da oração, em que a atividade é ‘transferida’ de um

agente para um paciente” (HOPPER & THOMPSON, 1980, p. 251). Esse princípio mostra uma propriedade prototípica da transitividade.

Os autores reconhecem a configuração discursiva da transitividade e, para analisar o fenômeno, constroem uma proposta de tratamento em graus por meio de dez parâmetros sintático-semânticos que abrangem a sentença como um todo: i) participantes; ii) cineses; iii) aspecto do verbo; iv) pontualidade do verbo; v) intencionalidade do sujeito; vi) polaridade da oração; vii) modalidade da oração; viii) agentividade do sujeito; ix) afetamento do objeto; e x) individuação do objeto.

A transitividade alcançará gradiência alta se ficar mais próxima do protótipo [SN1 Vtrans SN2], em que SN1 é Sujeito e Agente, Vtrans é verbo de ação, perfectivo, pontual, e SN2 é Objeto e Paciente, Individuado e Afetado. A transitividade será de gradiência baixa se distanciar-se do protótipo. No evento transitivo, se houver ausência de sujeito e agente, ou se o verbo expressar estado, posição, ou, ainda, se o objeto não for afetado pelo sujeito, a transitividade se afasta da estrutura prototípica SN1 Vtrans SN2 (RIBEIRO, 2009). Nosso maior desafio talvez foi justamente levar essa análise da sentença para o texto, para o discurso socialmente fundado e significativo.

Discursivamente, essa gradiência aponta que uma transitividade de grau mais alto tende a revelar/materializar contextos mais físicos, mais ligados ao mundo real, à concretude humana e das coisas. Já uma transitividade de grau mais baixo possui a tendência de representar abstrações, sentimentos, sensações que cercam a relação entre o ser humano e as coisas. Cumpre ressaltar que essas tendências de protótipos por meio de graus concebidas por Hopper & Thompson (1980) são pautadas em textos e discursos de cunho narrativo e são também maleáveis, isto é, os autores, dinamicamente, deixam possibilidades para a percepção de mudanças no construto das tendências transitivas. Nesse sentido, em nossa pesquisa, geramos discursos do parto os quais narram experiências vividas, ao mesmo tempo que mostram sensações e opiniões acerca da temática. Assim, foi possível analisar também as imbricações discursivas do fenômeno em questão.

Givón (1984, 1993a, 2001) diz que a transitividade está relacionada aos construtos semânticos, sintáticos e pragmáticos da língua. No entanto, a discussão semântica dos verbos é a grande colaboração do autor no que se refere à análise da transitividade (FURTADO DA CUNHA & SOUZA, 2007). Nesse sentido, Givón (1993a) utiliza como ponto de partida a definição de três traços semânticos de um evento transitivo prototípico: agentividade, afetamento e perfectividade.

O protótipo de transitividade givoniano está pautado nos estudos de Hopper & Thompson (1980). Entretanto, Camacho (2002) ressalta que Givón busca destacar o espectro semântico dos verbos e, conseqüentemente, da transitividade. Assim, as propriedades semânticas do agente, paciente e verbo da estrutura oracional direcionam o evento transitivo prototípico. Mais detalhes da percepção givoniana de transitividade serão dados no capítulo teórico.

Além dos pressupostos supracitados sobre transitividade, esta tese também adota a concepção de valência sintática e de valência semântica a fim de analisar a estrutura transitiva em discursos sobre o parto kalunga. A valência sintática consiste em analisar a quantidade de argumentos que um verbo exige em um dado contexto discursivo. A valência de um verbo pode variar de zero a três (NEVES, 2002). Já a valência semântica, segundo Payne (1997), relaciona número de participantes e cena, ideias expressas pelo verbo. Ou seja, um dado número de participantes pode estar presente em algum estágio da cena expressa pelo verbo de acordo com o contexto de uso da língua.

5.2. Os Estudos Críticos do Discurso (ECD)

Neste instante do trabalho, faz-se necessário tecer um diálogo teórico com as concepções de discurso. Esse diálogo teórico é fundamental, pois a transitividade será analisada em discursos acerca do parto enunciados pelas kalunga do Vão de Almas-GO. Para o Funcionalismo que nos guia, é imperiosa uma análise linguística baseada no discurso e não apenas na oração e na sentença.

A contraposição entre conhecimento interno e externo que circunda os discursos sobre o parto na comunidade kalunga em questão será observada na materialidade linguística que a transitividade provoca. Mas, para tanto, é preciso recorrer a uma concepção de discurso que permita estabelecer as relações entre materialidade linguística e análise de cunho funcional. Nesse sentido, as observações de van Dijk (2010) são pertinentes. Esse autor propõe os Estudos Críticos do Discurso cujo princípio é o triângulo discurso-cognição-sociedade.

Nesse triângulo, a cognição constrói a subjetividade das representações de mundo via modelos mentais. Dessa forma, discurso e práticas sociais são influenciados pela cognição. Os Estudos Críticos do Discurso permitem análises linguísticas as quais abordem desde estudos fonológicos aos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos. O recorte linguístico pode ser feito de acordo com os objetivos da pesquisa. E é justamente

neste ponto que a proposta de análise da transitividade partindo da LCU se coaduna com as concepções de van Dijk (2010): observar a transitividade como mecanismo gramatical que materializa discursos sobre o parto.

Esses mecanismos gramaticais/morfossintáticos da transitividade são acionados cognitivamente pelos falantes (GIVÓN, 2001). Aqui o triângulo de van Dijk (2010) novamente se justifica como teoria suporte de análise. Os modelos mentais das/os kalunga do Vão de Almas-GO subjetivam representações do mundo delas/es. Assim, os discursos aparecem, na sociedade kalunga, atrelados às práticas sociais, aos conhecimentos e às ideologias. Nessa linha, percebe-se que o triângulo se retroalimenta, e a transitividade materializa todo esse processo.

Nessa perspectiva, van Dijk (1999, p. 246) defende que o significado essencial de discurso encontra-se engendrado em um evento comunicativo específico, complexo, envolvendo uma quantidade de atores sociais em papéis distintos (falante/escritor, ouvinte/leitor, observador, entre outros) que não são passivos. Quando esses atores sociais imbuídos de diferentes papéis entram em cena, interferem no ato comunicativo e realizam, por conseguinte, em um contexto, de fato, a interação em um tempo, um lugar, uma circunstância. Dessa maneira, o autor assume uma visão de discurso orientada por uma linha sociopolítica crítica; o discurso é multidisciplinar e permite uma associação entre níveis linguísticos, sociais, cognitivos e culturais do texto – seja oral ou escrito.

Cumprе ressaltar aqui que a visão do autor a respeito da ideologia também configura-se como multidisciplinar e pertencente ao viés sociopolítico crítico. A ideologia envolve concepções diversas, como psicologia cognitiva e social, sociologia e análise do discurso. Porém, van Dijk (2000) dá uma atenção especial ao viés cognitivo e social da ideologia, considerando as cognições sociais compartilhadas pelos membros de um grupo.

Por isso, é importante contemplar dimensão social, instituições, tipos e relações entre grupos com a finalidade de compreender o desenvolvimento e as reproduções de uma ideologia. “A dimensão discursiva de ideologias explica como ideologias influenciam nossos textos e falas diários, como entendemos um discurso ideológico, e como o discurso está envolvido na reprodução da ideologia na sociedade” (VAN DIJK, 2000, p. 4). Nesse sentido, reconhecer as estruturas ideológicas no discurso do parto das colaboradoras kalunga do Vão de Almas-GO foi algo importante na análise de dados, visto que a transitividade constituinte de um dado discurso, e realizada via cognição social, revela justamente a ideologia sobre o parto do grupo em tela.

5.3. Letramentos

Neste estudo, adotamos, essencialmente, os letramentos como práticas sociais propostos por Street (2014). Também mencionamos a abordagem ecológica de Barton (1994) e o letramento crítico de Luke (2000). Tais concepções atuam, ao mesmo tempo, como teorias suporte para o reconhecimento dos saberes sobre o parto presentes nos discursos das colaboradoras kalunga, bem como princípios metodológicos – especialmente quando a escola entra em cena (cf. capítulo metodológico).

Os letramentos como práticas sociais situadas (STREET, 2014) e a abordagem ecológica de Barton (1994), de maneira geral, apontam que os letramentos ultrapassam os muros da escola, estão presentes nas ações/práticas sociais multifacetadas de uma dada sociedade. Assim, esse escopo contribuiu na comprovação de que o conhecimento interno acerca do parto constitui sim letramentos. Estes são saberes tradicionais, vivenciados, ensinados de geração em geração, que não podem ser desconsiderados em prol de uma visão hegemônica, de poder da medicina tradicional ocidental.

Essas concepções serviram de apoio para a análise da transitividade em discursos do parto, uma vez que a língua e suas estruturas, como a transitividade, materializam discursos e revelam letramentos em seus conteúdos. Nesse sentido, essas concepções são importantes para legitimar e reconhecer os letramentos na sociedade kalunga como um todo. Por exemplo: quando uma mulher mais velha ensina para uma jovem os cuidados necessários para uma gestação, um parto, um pós-parto, isso constitui letramentos. Estes são saberes de práticas sociais situadas, passados de geração em geração e, no presente trabalho, buscamos valorizá-los também pela própria escrita de tese. A discussão sobre esses letramentos essencialmente orais busca alcançar a ideia de registro e legitimação.

Então, os letramentos não estão restritos ao universo escolar. Mas, ao mesmo tempo, não podemos nos afastar da escola, porque esta é uma instituição de reconhecido valor para a sociedade kalunga. Por isso, como contribuição social, desenvolvemos as oficinas de letramentos as quais ligaram realidade social e realidade escolar. Isso porque a escola é parte da realidade social, porém, muitas vezes, acaba sendo segregada devido à ausência dessas interfaces propiciadas pelos letramentos. Essas concepções mostram a relevância de considerarmos os conhecimentos, especialmente das/os kalunga do Vão de Almas-GO, como saberes típicos do Cerrado e em uma posição contra-hegemônica.

Isso significa que os discursos do parto dessa comunidade quilombola remanescente kalunga são letramentos.

Como atuamos também em ambiente escolar – isso será explicitado na metodologia – citamos o letramento crítico com a finalidade de embasar nossas ações das oficinas de letramentos partindo da visão de que as atividades escolares não devem ser pautadas em “receitas” prontas (LUKE, 2000). O letramento crítico abarca a articulação entre melhorias de leitura e escrita na escola considerando o contexto social dos estudantes, professoras/es e demais participantes.

Dessa maneira, essa concepção sensível do letramento crítico no tocante ao desenvolvimento dos letramentos em consonância com a realidade de estudantes e docentes, legitimou nossas ações metodológicas na escola do Vão de Almas-GO de acordo com a realidade social da comunidade. Essas questões foram abordadas nos capítulos teórico e metodológico deste trabalho.

6. Introdução à Metodologia

Nesta seção, mostraremos brevemente nossas bases metodológicas. No capítulo 2, destinado exclusivamente à Metodologia, faremos o aprofundamento do que aqui é apresentado.

A partir dos referenciais teóricos adotados neste trabalho, o percurso metodológico realizado para a geração e análise de dados foi a postura ecoetnográfica, a pesquisa qualitativa com movimentos da pesquisa-ação. Os dados foram gerados partindo da colaboração e imersão no ambiente ecolinguístico da comunidade pesquisada. É por esse motivo que nossa pesquisa é de postura ecoetnográfica: observação, geração, análise e colaboração foram feitas com as/os kalunga (povo), via língua (português kalunga) no território Vão de Almas-GO, com a convivência, por imersão, entre pesquisadora e colaboradoras/es nessa sociedade do Cerrado. E, claro, o eixo motivador dessa convivência é o discurso a respeito do parto para fins de análise funcionalista da transitividade.

Diante disso, as relações entre língua, povo e território propostas pela Ecolinguística (COUTO, 2007) bem como a vivência, *in loco*, no campo, da pesquisadora como figura atuante e participativa numa dada problemática (BOURDIEU, 2004; TRIPP, 2005) se fundem nesta pesquisa, constituindo a postura ecoetnográfica. Esses fundamentos favorecem uma análise qualitativa dos dados, uma

vez que esta considera espectros sociais, culturais e identitários (ALAMI; DESJEUX; GARABUAU-MOUSSAOUI, 2010). Nesse sentido, a abordagem qualitativa nos permitiu considerar diversidades e complexidades na análise dos dados.

Sobre a pesquisa-ação, Tripp (2005, p. 447) diz que é uma metodologia “inovadora, contínua, pró-ativa estrategicamente, participativa, intervencionista, problematizada, deliberada, documentada, compreendida e disseminada”. Nessa abordagem metodológica, o/a pesquisador/a precisa assumir, como prerrogativas fundamentais, as posturas de *contribuição* e *envolvimento*. Essa essência foi vivenciada nas oficinas de letramentos como contribuição social da tese.

A nossa concepção metodológica, que é calcada na postura etnográfica, na análise qualitativa e nos movimentos da pesquisa-ação, teve uma função muito importante no processo de produção da tese. Não fizemos mera descrição do discurso e da transitividade; fizemos análises e inserções sociais na comunidade para que o discurso a respeito do parto seja visto de modo linguístico (via transitividade), humano e social.

Assim, com tais princípios, a geração e análise da transitividade em discursos sobre o parto na comunidade kalunga do Vão de Almas-GO foram realizadas a partir dos seguintes procedimentos metodológicos: i) ida a campo; ii) diário de bordo com o intuito de registrar impressões acerca das/os colaboradoras/es, do ambiente e das práticas sociais inerentes do Vão de Almas-GO; iii) entrevistas gravadas (somente áudio) individualmente e/ou em grupo a respeito da temática do parto; iv) questionários; v) inserção com contribuição social na comunidade por meio de oficinas de letramentos para o nono ano do Ensino Fundamental II da Escola Santo Antônio, situada na comunidade.

A respeito das entrevistas, utilizamos os formatos semiestruturado e grupo-focal oralmente. Elas foram feitas com mulheres parteiras, idosas, adultas, jovens e gestantes da comunidade. Desse modo, pudemos ter acesso ao discurso do parto kalunga conforme impressões e vivências das colaboradoras. Utilizamos também o questionário estruturado em outra geração de dados. Nós procuramos profissionais da área de saúde da região de Cavalcante-GO com a finalidade de ter uma noção das concepções externas ao território em análise sobre o parto das mulheres kalunga. Assim, pudemos comparar diferentes ideologias para, enfim, analisar como isso se revela na transitividade do português kalunga.

Quanto às oficinas de letramentos (que serão retratadas no capítulo metodológico), desenvolvemos interações na Escola Santo Antônio do Vão de Almas-GO, ao lado das/os professoras/es kalunga, que são também alunas/os da LEdoC/FUP/UnB, para estudantes de nono ano. O pano de fundo temático dessas oficinas foi o discurso do parto. Isso propiciou a contribuição social da tese por meio de atividades multidisciplinares, sempre envolvendo letramentos escolares, como escrita e leitura. Vale lembrar que as/os docentes participaram, junto com a pesquisadora, de todas as ações das oficinas em questão, inclusive do planejamento. Nossas ações foram tecidas conforme as necessidades apontadas pelas/os docentes kalunga.

É importante ressaltar que as oficinas ocorreram nas dependências da escola e, pelo fato de associar a doutoranda, as/os professoras/es-alunas/os da LEdoC/FUP/UnB e os/as estudantes de nono ano, essas oficinas selaram a interface entre pós-graduação da UnB, formação de professores da UnB e educação básica de uma população minoritária. Dessa forma, esta pesquisa teve a intenção de promover interações teóricas, metodológicas, de contribuições linguísticas e sociais inovadoras em todo o processo de confecção da tese.

7. Organização da análise de dados

Os dados arrolados para constituir a análise qualitativa da transitividade em discursos do parto (cf. capítulo 3) foram gerados a partir das entrevistas semiestruturadas vivenciadas com as parteiras, mães idosas, adultas, jovens e gestantes da comunidade kalunga Vão de Almas-GO.

Após a realização das entrevistas, bem como de suas gravações, selecionamos, qualitativamente, três enunciados discursivos representativos das parteiras, e um enunciado discursivo representativo para cada perfil das mães (idosas, adultas, jovens e gestantes). Nos enunciados referentes às parteiras, escolhemos duas orações transitivas como eixos das análises. Nos outros perfis, escolhemos uma oração em cada enunciado.

Essa organização dos dados permitiu o desenvolvimento analítico à luz do Protocolo-Mãe que criamos. Tal protocolo consiste em analisar todo o enunciado discursivo por meio de eixos, camadas de análise. O nosso protocolo foi construído da seguinte forma: o primeiro eixo é o da transitividade em si, contemplando os parâmetros de gradiência de Hopper & Thompson (1980), a semântica dos verbos transitivos de Givón (2001), voz verbal e valência, relações gramaticais, iconicidade diagramática,

papéis semânticos, papéis pragmáticos e metáfora e metonímia. Nesse primeiro eixo analítico, analisamos as orações transitivas arroladas nos enunciados discursivos representativos de cada grupo de colaboradoras desta pesquisa.

Depois do primeiro eixo analítico, analisamos todos os enunciados discursivos em que as orações transitivas estão inseridas sob a perspectiva das estruturas ideológicas do discurso, do ecossistema da língua e, por fim, dos letramentos. O segundo eixo analítico garantiu a realização de um de nossos objetivos: estudar a transitividade em consonância com discurso, ecossistema da língua e letramentos. O Protocolo-Mãe propiciou a articulação dos diálogos teóricos, metodológicos e analíticos tecidos no decorrer deste trabalho.

CAPÍTULO 1 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: os pilares da pesquisa

1.0. Introdução

Este capítulo apresentará os referenciais teóricos usados para o desenvolvimento da análise da transitividade do discurso do parto do português kalunga falado pelas/os colaboradoras/es da comunidade Vão de Almas-GO. Para tanto, desejamos realizar um trabalho multidisciplinar e inovador no tocante às relações entre teorias tradicionalmente separadas no âmbito da Linguística: Linguística Centrada no Uso (LCU), Estudos Críticos do Discurso (ECD) e Letramentos. A primeira é ligada à teoria e análise gramatical; a segunda, ao discurso; e a terceira, ao ensino e relações sociais. Queremos mostrar que esses pilares podem ser utilizados juntos, de modo a promover uma análise linguística, considerando o discurso e com contribuições sociais à comunidade pesquisada.

O capítulo está dividido em quatro seções. Na seção 1.1, abordamos o Funcionalismo Linguístico de modo geral. Após essa explanação, apresentamos em seis subseções os espectros ligados ao funcionalismo que adotamos: 1.1.1. A LCU: o arcabouço principal; 1.1.2. Protótipo e *continuum*; 1.1.3. Iconicidade; 1.1.4. Gramaticalização e 1.1.5. Tópico e foco. Já na subseção 1.1.6, apontamos o nosso fenômeno de estudo, a transitividade. E, para tratar de maneira consistente o fenômeno em tela, explicitamos as seguintes concepções: a transitividade conforme Hopper & Thompson (1980); a transitividade e a semântica dos verbos segundo Givón (1984, 1993a, 2001); e as interfaces entre relações gramaticais, voz, valência e transitividade. Na seção 1.2, trazemos à baila as contribuições dos Estudos Críticos do Discurso nos moldes de van Dijk (1999, 2000, 2010). Os Letramentos são abordados na seção 1.3. As considerações finais do capítulo constam na seção 1.4.

1.1. Funcionalismo linguístico

O funcionalismo linguístico, em concepções gerais, possui como escopo a língua em uso, a interação social e a competência comunicativa das/os falantes. De acordo com Dik (1997), a competência comunicativa é instrumento de interação e, na linguagem, viabiliza as relações comunicativas e, conseqüentemente, a interação social entre usuários de uma língua. Neves (1994) destaca que a competência comunicativa é um elemento importante para o funcionalismo porque a sua observação aponta se a comunicação entre as/os falantes de uma língua ocorreu de maneira eficiente.

Pesquisas funcionalistas, segundo Neves (1997), muitas vezes, encontram-se atreladas aos nomes de quem as realizou. Por isso, podemos citar, por exemplo, o funcionalismo praticado por Givón ou o funcionalismo realizado por Dik. Nessa seara, há também possibilidades diferenciadas de emprego do termo funcionalismo. Este serve tanto para distinguir abordagens teóricas – como funcionalismo holandês, norte-americano, etc. – quanto para contrapor-se, amplamente, ao formalismo, no sentido de “qualquer abordagem teórica que leve em conta que a função primordial da língua é a comunicação nas situações reais de interação entre os seres humanos” (MARTELOTTA & ALONSO, 2012, p. 87). Esse caráter multifacetado da teoria em questão faz da tarefa de definição global de uma análise funcionalista algo complexo. Contudo, a língua em uso, a interação social, a competência comunicativa são espectros caros e comuns em análises chamadas de funcionalistas.

Neves (2012, p. 51) elenca as lições básicas de uma gramática funcional, sedimentada em diversos autores:

- 1) A linguagem não é um fenômeno isolado, mas, pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos (PRIDEAUX, 1987) e, portanto, tem motivações: há uma competição de forças (externas e internas à língua), que, vindas de diferentes direções e possuindo natureza diferente, buscam equilibrar a forma da gramática.
- 2) A língua (e sua gramática) não pode ser descrita nem explicitada como um sistema autônomo (GIVÓN, 1995), imune a uma relação com fatores externos de ativação: embora o sistema linguístico exiba algum grau de arbitrariedade, ele se ativa motivado por fatores externos (e de mais de um tipo).
- 3) As formas e os processos da língua (a gramática) são meios para um fim, não um fim em si mesmos (HALLIDAY, 1994): na atividade bem-sucedida, os fins são os correlatos das motivações.

Tais lições básicas, que a autora também chama de princípios, são bastante pertinentes de serem citados aqui. Isso porque esses princípios tocam nas questões de motivações – que, mais adiante, serão apresentadas na subseção sobre iconicidade. O funcionalismo analisa a língua e a linguagem no sistema linguístico, mas sem desconsiderar a competição de forças externas e internas à língua.

Sobre o seu surgimento como teoria, é possível dizer que o funcionalismo começou suas atividades com a Escola Linguística de Praga, na década de 1920, visto

que esta buscou definições para o termo função. De acordo com Danes (1987, *apud* NEVES, 1997, p. 7), atribuir um significado à função é algo complexo. Para o autor, existem, ainda, outros termos relevantes para se entender a abordagem funcionalista da Escola Linguística de Praga, como os de interpretação teleológica – “*meios, fins, instrumento, eficiência, necessidades de expressão, servir para*” (DANES, 1987, *apud* NEVES, 1997, p. 7).

A definição do termo *função*, desde as discussões feitas na Escola Linguística de Praga, mostra-se como importante para o funcionalismo, justamente por abarcar a relação entre forma-função. Em geral, na teoria funcionalista, *função* remete ao papel que determinada forma exerce em um construto linguístico, conforme as relações entre sintaxe, semântica e pragmática. Por isso, o binômio forma-função não pode ser analisado separadamente, mas sim considerando as motivações mencionadas por Neves (2012). Nesse viés, as formas-funções de uma língua coexistem em uma esfera de instabilidade e dinamismo. Assim, à luz das discussões mais atuais do funcionalismo, a língua não é um mero código. Ela é instrumento de interação social, possibilitando a comunicação entre falantes. A linguagem, por sua vez,

é uma atividade sociocultural, cuja estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas e, por essa razão, caracteriza-se por uma dinamicidade constante, resultante da criatividade dos usuários da língua em adaptar sua fala aos diferentes contextos de comunicação.

(MARTELOTTA & ALONSO, 2012, p. 96)

Alguns trabalhos funcionalistas merecem ser destacados aqui: o funcionalismo europeu de Dik (1997), a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1973), o funcionalismo da costa oeste norte-americana: a Linguística Centrada no Uso ou Linguística Cognitivo-Funcional de Talmy Givón (2001), Paul Hopper (1979), Elizabeth Traugott (1997), George Lakoff (1987), Gilles Fauconnier e Mark Turner (2002), Adele Goldberg (2006), etc. No Brasil, autores como Mário Eduardo Martelotta e Karen Sampaio Alonso (2012), Maria Angélica Furtado da Cunha, Edvaldo Balduino Bispo e José Romerito Silva (2013), entre outros também se dedicam à Linguística Centrada no Uso.

Dik (1997) construiu o modelo de interação verbal. Nele, a linguagem é interpretada como um processo de interação social no qual falante e ouvinte têm

informações pragmáticas. Estas são fundamentais para constituir, no instante da interação, do uso da língua, a intenção do falante e a interpretação do ouvinte. Esse processo é dinâmico e mediado pela expressão linguística. Falante e ouvinte podem realizar antecipações e/ou reconstruções.

Ao analisar a linguagem considerando a ideia de função, Halliday (1973) afirma que a língua se organiza por meio de dois elementos: o ideacional (ou reflexivo) e o interpessoal (ou ativo). O autor apresenta, em seguida, também um terceiro: o textual. Esses três significados constituem as metafunções, que estão presentes na materialidade linguística e mostram que a língua está a serviço da interação (RIBEIRO, 2009). Já o funcionalismo da costa oeste norte-americana tem como um de seus expoentes Givón (2001). Os estudos da chamada costa oeste norte-americana ocupam-se em realizar um funcionalismo calcado na cognição, nos espectros pragmáticos da língua e da linguagem. Givón (2001) apresenta suas concepções de gramática associada à cognição.

A Linguística Centrada no Uso ou Linguística Cognitivo-Funcional tem como objetivo unir pressupostos do funcionalismo já consagrados por autores como Paul Hopper, Elizabeth Traugott, Talmy Givón, etc. com abordagens cognitivistas desenvolvidas por George Lakoff, Gilles Fauconnier, Adele Goldberg entre outros (MARTELOTTA & ALONSO, 2012). Isso significa dizer que a Linguística Centrada no Uso desenvolve análises sob a égide da interface entre uso linguístico, interação social, cognição e cultura. Martelotta & Alonso (2012), ao explicitarem os pressupostos epistemológicos dessa abordagem, mostram que seu ponto de partida é a discussão sobre palavra-sentido. Tal discussão é feita desde a Grécia Antiga, em bases filosóficas, com as concepções realistas de Platão, mentalistas de Aristóteles e pragmatistas dos sofistas. Uma obra seminal acerca de palavra-sentido é Crátilo, de Platão, que expõe um diálogo envolvendo Sócrates, Hermógenes e o próprio Crátilo. A tônica que paira em toda a obra é se os nomes são naturais ou convencionais; e a reflexão mais pertinente a respeito desse tema é que os nomes referem algo.

Esses estudos filosóficos da relação palavra-sentido foram importantes no desenvolvimento dessa temática. Para a abordagem cognitivista, o nome é um guia do significado, e este é construído de forma dinâmica:

a palavra passa a ser entendida não mais como portadora de significado, mas como porta para construção do sentido – de um lado, amparado pelas bases

de conhecimento do falante; de outro, orientado pelas construções linguísticas que se vão realizando no discurso.

(MARTELOTTA & ALONSO, 2012, p. 92)

As relações entre falante, discurso, palavra e construção de sentido supracitadas também encontram-se presentes nos pressupostos funcionalistas. O funcionalismo desenvolve análises linguísticas em contextos reais de interação, considerando a competência comunicativa dos falantes envolvidos no ato de fala e o dinamismo que essa interação possui como espectro inerente. E é nesse ponto que funcionalismo e cognição coadunam-se: essas teorias “preconizam a instabilidade [e, portanto, o dinamismo] do significado atrelado à forma linguística. E ambas fazem dessa instabilidade a base para a construção do suporte teórico que as caracteriza” (MARTELOTTA & ALONSO, 2012, p. 93).

Nesse sentido, a Linguística Centrada no Uso possui um escopo constituído a partir da discussão dos seguintes pontos: a relação entre biologia e cultura; o papel da interação; o papel da cognição; teoria das construções gramaticais; e gramaticalização. Quanto à relação entre biologia e cultura, a linha em tela defende que os mecanismos mentais que temos para estruturar frases não são autônomos; esses mecanismos mantêm relação intrínseca com a cultura e o contexto de interação. Ou seja, cultura e contexto influenciam no modo como estruturamos frases. Assim, a Semântica e a Pragmática entram em cena com a finalidade de compor análises dessa natureza. E a gramática, a Sintaxe não são estanques. Ao contrário: são maleáveis, passam por adaptações contextuais conforme as intenções comunicativas dos falantes e estão a serviço do discurso. Isso justifica a grande quantidade de variação, no uso sincrônico, que as línguas possuem (MARTELOTTA & ALONSO, 2012).

O papel da interação é ponto crucial para a Linguística Centrada no Uso, pois prevê que “a gramática constitui um fenômeno sociocultural, o que sugere que sua estrutura e sua regularidade vêm do discurso, sendo moldadas em um processo contínuo” (MARTELOTTA & ALONSO, 2012, p. 98). O elemento sociocultural, portanto, garante a interação como princípio da Linguística Centrada no Uso. Já o papel da cognição tem uma posição de destaque, visto que possuímos mecanismos cognitivos que processam o discurso. Aqui, é relevante reconhecer e analisar processos como transferência entre domínios, simbolização, interpretação da informação, extensão de sentido, etc. A metáfora e a metonímia são de natureza cognitiva, envolvem os

processos mencionados e constituem a língua e a linguagem. Elas serão abordadas com maiores detalhes na seção sobre gramaticalização.

Por fim, a teoria das construções e a gramaticalização compõem o arcabouço da Linguística Centrada no Uso porque, juntas, mostram que a gramaticalização pode ir além dos limites do morfema ou da palavra, abrangendo a construção gramatical. Esta pode abarcar desde o morfema até sentenças e unidades maiores. E o discurso pode ser considerado nesse processo:

parte-se do princípio de que um item se gramaticaliza dentro de uma estrutura discursiva maior, que gera uma inferência tal que desencadeia uma nova possibilidade de interpretação da função do item na língua. Ao incorporar o conceito de construção nesses estudos, essa estrutura discursiva maior passa a poder ser vista como a própria unidade que se gramaticaliza.

(MARTELOTTA & ALONSO, 2012, p. 100)

Nós vislumbramos o fenômeno gramatical em análise, a transitividade, como além da sentença, como algo que revela e constitui discursos, práticas e interações sociais, letramentos. E, de modo geral, especialmente pelas bases gramaticais, conceptuais e cognitivas, podemos afirmar que a Linguística Centrada no Uso atende nossas necessidades analíticas como arcabouço principal desta tese.

1.1.1. LCU: o arcabouço principal

Givón (2001) aponta que a língua e a linguagem podem ser analisadas a partir de distintas perspectivas. Para comprovar esse pensamento, o autor elenca citações sobre língua e linguagem de Sapir, Jespersen, Zipf, Halliday, Dik e Bolinger. Esses diferentes teóricos auxiliaram Givón a reconhecer seu próprio recorte de análise dentro do funcionalismo, que é tecer as análises com bases gramaticais e cognitivas.

Nessa perspectiva, segundo o autor, representação e comunicação acerca das experiências humanas são duas importantes funções da linguagem. Nesse sentido, existem dois subsistemas básicos de comunicação: o sistema de representação cognitiva e o sistema de codificação comunicativa. Esses subsistemas constroem as relações conceptuais inerentes à linguagem desde o léxico até os universos físico-exterior, sociocultural e interno-mental. Isso significa que seres humanos possuem repositórios

linguísticos internos que são compartilhados socialmente para promover a comunicação via língua e linguagem.

Essa diversidade de interfaces, as quais envolvem gramática, cognição e interação social discutidas por Givón (2001), é a base da Linguística Centrada no Uso. Em outras palavras, a LCU é uma abordagem funcionalista que se ocupa dos usos linguísticos sem perder de vista suas imbricações cognitivistas e sociais. Nesse sentido, apresentaremos nossa abordagem à luz da LCU, partindo das concepções de prototipicidade e *continuum*, iconicidade, gramaticalização, tópico e foco, o fenômeno de análise transitividade, bem como suas interfaces com relações gramaticais, voz e valência. Cada uma dessas concepções será tratada no decorrer deste capítulo a fim de sedimentar a análise da transitividade em discursos sobre o parto da comunidade kalunga Vão de Almas-GO.

1.1.2. Protótipo e *Continuum*

Para Givón (2001), a ideia de protótipo encontra-se pautada na existência de um representante possuidor de características mais salientes de uma categoria. E a prototipicidade contribui na análise de categorias linguísticas à medida que observa suas características típicas e desviantes.

Taylor (1989) propôs uma categorização via protótipos, em que uma dada estrutura linguística pode ser mais ou menos prototípica conforme a categoria analisada. Os estudos de Hopper & Thompson (1980) exemplificam essa proposta de Taylor (1989), pois os autores tratam a transitividade também a partir dos protótipos, com uma perspectiva gradiente do fenômeno: orações transitivas prototípicas são as que possuem um verbo de ação, com sujeito agentivo, intencional e objeto afetado, como em “João chutou a bola”. Já “João viu a bola” é uma oração menos prototípica do que a anterior, visto que o verbo “ver” é de percepção, não de ação.

A prototipicidade contribui na construção de categorias linguísticas sedimentadas nos processos cognitivos constitutivos da linguagem. Faz-se necessário elucidar que a noção de *continuum* apresenta-se como fundamental para a compreensão dos protótipos. Para Givón (2001), o *continuum* prevê as mudanças de um processo linguístico a partir de sua frequência e movimentação. Essa perspectiva de categorização não visa codificar usos e estruturas de maneira isolada e estanque. As

categorias prototípicas servem de parâmetros na verificação dos diversos usos linguísticos, sendo eles típicos ou não.

É importante dizer que Givón (2001) fornece um enfoque mais psicológico à abordagem de protótipos, citando os princípios postulados por Rosch (1973, 1975), sustentados nas categorizações humanas: **recursos criteriais múltiplos**, em que vários espectros de critérios podem determinar as características dos membros de uma categoria; **protótipos e membros mais típicos**: o membro que apresentar mais recursos criteriais de uma dada categoria é considerado o mais prototípico. Mas outros membros podem apresentar menos recursos e, ainda sim, pertencerem à mesma categoria; **associação característica forte**: os recursos criteriais de uma categoria tendem a ser bastante associados. E, na maioria das vezes, possuir uma característica implica ter outras; e **agrupamento em torno de categorias de significado (protótipo)**: o protótipo orienta a categorização em torno de significados semelhantes.

Desse modo, os protótipos, metodologicamente, orientam análises de categorias gramaticais. A prototipicidade cumpre o papel de mostrar, via usos, aquilo que configura uma caracterização marcada (ou não) da língua. É válido dizer que essa caracterização não se resume a uma simples classificação. A caracterização é um modo de se perceber e de se observar as posturas possíveis de um protótipo.

Outra concepção interessante acerca da prototipicidade está associada à ideia de “semelhanças de família” ou “ar de família”. Duque (s.d.a) assinala que Wittgenstein, em uma perspectiva filosófica, cunhou a expressão “semelhanças de família” para designar uma rede entrecruzada de semelhanças. Para ilustrar essa ideia, Wittgenstein lista distintos jogos (jogos de cartas, de tabuleiro, etc.) e aponta que nenhum deles tem conjunto de traços em comum, mas sim uma rede entrecruzada de semelhanças, parentescos. Nesse sentido, as categorias são difusas.

As “semelhanças de família”, com seus questionamentos a respeito dos traços em comum e, conseqüentemente, da existência de um exemplar prototípico seminal de uma dada categorização, contribuíram para uma construção da Teoria dos Protótipos, de caráter cognitivista. A Teoria dos Protótipos aponta que as categorias são heterogêneas, dinâmicas e não binárias. Um estudo experimental sobre as cores básicas feito por Berlin & Kay na década de 1960 mostra que o *continuum* com as categorias de cor gira em torno de entidades focais, e sua generalização encontra-se articulada a fatores biológicos, cognitivos e ambientais. “Assim, as categorias de cor têm centro e periferia

e seus membros, em consequência, não têm todos o mesmo *status* (existem roxos melhores, verdes melhores, amarelos melhores etc.)” (DUQUE, s.d.a, p. 10).

A Teoria dos Protótipos, portanto, lida com a acepção de atributos, e os falantes possuem um centro cognitivo, de percepção ou conceptual, que norteia a estruturação das categorias. E isso permite que membros mais distantes do centro cognitivo façam parte de novas categorias. Essa característica deixa a prototipicidade mais maleável e leva em conta mais possibilidades de usos linguísticos, sem descartar aquilo que seria um “mau exemplo”:

A Teoria dos Protótipos introduz, assim, uma metodologia alternativa de análise e apresentação da estrutura do significado. Uma descrição categorial deve considerar, como fonte dos atributos a incluir, tanto os bons e os maus exemplos, quanto os membros marginais (de pertinência duvidosa). Com esta informação é possível construir o mapa categorial, que deve apresentar os atributos em ordem de representatividade.

(DUQUE, s.d.a, p. 10-11)

Essa maleabilidade permite uma nova visão acerca dos protótipos, conforme o esquema a seguir:

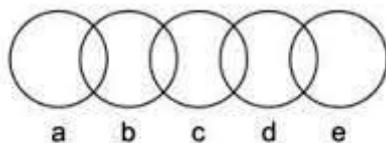


Figura 1 - Esquema de Givón (1986 *apud* Duque, s.d.b, p. 6).

O esquema acima aponta uma relação colateral entre os membros de uma categoria e seus atributos, sem centralizar a prototipicidade em torno de um membro com traços mais salientes. A relação colateral, em cadeia, em que cada membro se aproxima um a um, promove uma visualização do todo de uma categoria e, ao mesmo tempo, a possibilidade de criação de novas categorias. Cumpre dizer que a noção de categoria, aqui, também foi ampliada, já que na Teoria dos Protótipos é possível estabelecer maiores relações entre diferentes categorias, e não descrever uma apenas. Duque (s.d.b, p. 8) assinala as contribuições dessa nova maneira de olhar os protótipos:

- a) O protótipo se reduziu a um fenômeno de superfície;
- b) O protótipo toma diferentes formas, de acordo com o modelo da categoria que a cria, daí a denominação de efeitos prototípicos;

c) Sua extensão, no campo da polissemia, através da noção de semelhança de família, favorece o surgimento de uma flexibilidade que lhe priva, do elemento definidor essencial da versão padrão, o protótipo. Ainda que apenas seja considerado como efeito, já não é, obrigatoriamente, o exemplar reconhecido como o mais idôneo pelos indivíduos.

Para discutirmos a importância dos protótipos, sua relação com a transitividade e o discurso, a seguir um excerto que faz parte da coleta-piloto de dados que realizamos em um de nossos trabalhos de campo junto às/aos kalunga:

Excerto 1

M01:CP: 95. Aí eu casei setembro de 95, aí mais ou mês de outubro foi uns pai lá em casa. Meu tio, que é o pai da E., foi lá falou: “M., vamos ver se você arruma uma escola aqui pra você dar”, porque tem tantos meninos aqui que estão sem estudar, porque na época só tinha duas escolas lá, duas municipal e uma estadual. Mas mesmo com as dificuldade, rio encheno, muitos menino na época não estudava; **aí tá bom, aí a gente fomos lá em Cavalcante, aí conversou, mas “ah não, já tava chegando o final do ano” aí eles pegou deixou pra gente voltar mês de fevereiro[...]**

Cumprir dizer que esse instante foi o início da conversa com a colaboradora. Antes de dialogarmos sobre o parto, temática de cunho íntimo, que merece todo o cuidado e respeito, primeiro abordamos as vivências de um modo geral. No caso, essa colaboradora é kalunga do Vão de Almas-GO e professora da escola que também faz parte do universo de pesquisa. Por isso, aqui, o surgimento da escola entra em cena.

Depois dessa contextualização, vamos observar a construção que possui o verbo “conversar” como núcleo do evento transitivo. Nota-se, no contexto, que após o verbo “conversar” não há um complemento do tipo [com alguém]. Houve aí uma ausência do complemento. Mas, pelo contexto, deduzimos que M:CP e seu tio conversaram com autoridades. “lá em Cavalcante” (cidade goiana da qual a comunidade kalunga Vão de Almas faz parte considerando-se a noção de município) e “eles pegou deixou pra gente voltar mês de fevereiro” são as estruturas as quais permitem o reconhecimento semântico e discursivo do que seria um complemento se o uso do verbo em tela fosse prototípico.

Sobre protótipo e afastamento do protótipo, podemos dizer que o discurso motivou essa relação: o verbo “conversar” implica um complemento em sua versão prototípica. No contexto, não aparece esse complemento, e esse vazio não é automático ou do tipo objeto nulo ou zero. Esse apagamento do complemento pode ter sido causado

pela necessidade de não querer/poder explicitar a entidade que aí apareceria: o prefeito, a prefeitura, o secretário de Educação, a secretaria de Educação, ou seja, o poder público instituído. Justamente, essa omissão pode ter sido feita para evitar colocar esse poder como problemático.

Em nossas análises, usamos as concepções de protótipo para tentar justamente entender os usos linguísticos típicos e/ou atípicos da transitividade nos discursos sobre o parto. Depois dessas considerações sobre o protótipo, faz-se necessário apresentar as concepções de iconicidade que também orientam o presente trabalho.

1.1.3. Iconicidade

A iconicidade compõe as bases conceptuais da LCU, justamente por estar relacionada à ideia de motivação linguística. Logo, nesta tese, em linhas gerais, a iconicidade auxiliou na análise das motivações para as configurações transitivas existentes no português kalunga do Vão de Almas-GO.

Sobre a iconicidade, Croft (1990, p. 164) afirma que “a estrutura da linguagem reflete, de certo modo, a estrutura da experiência”. Nesse sentido, no momento da interação, a opção por determinadas estruturas linguísticas de uma dada língua é motivada externamente pelas vivências de seus usuários. Givón (2001), por sua vez, lembra que a noção de iconicidade nos estudos linguísticos começou a ganhar força na década de 1980 a partir das concepções do filósofo norte-americano Pierce. Este afirma que “na sintaxe de cada língua há ícones lógicos que são auxiliados por regras convencionais” (PIERCE, 1940, p. 106, *apud* GIVÓN, 2001, p. 34). Essa ideia sustenta a noção givoniana de que a iconicidade da gramática não é absoluta, e pode ser observada de modo escalar. Na maioria das construções gramaticais, seus princípios estão mesclados com dispositivos mais arbitrários. A respeito das ideias de Pierce, Neves (1997, p. 106) acrescenta que foi esse autor quem distinguiu a noção de iconicidade imagética e iconicidade diagramática:

a primeira constitui uma semelhança sistemática entre um item e seu referente, com respeito a uma determinada característica, enquanto a segunda se refere a um arranjo icônico de signos, nenhum deles se assemelhando necessariamente a seu referente, sob qualquer aspecto.

É importante dizer que, no presente trabalho, não adotamos a concepção de iconicidade imagética por considerarmos a semelhança entre item e seu referente como algo relacionado à extensão metafórica. Segundo Taylor (1989), extensão metafórica é um processo em que a extensão semântica de uma construção sintática é motivada pela metáfora. Logo, a sintaxe traz consigo os reflexos dessa extensão. Cumpre ressaltar que a extensão metafórica também ocorre no âmbito lexical.

Em contrapartida, nesta tese, adotamos a iconicidade diagramática, pois esta concentra-se no jogo sintático, sem associações literais aos referentes externos. Portanto, a iconicidade diagramática assume uma visão mais conceptual e cognitiva das línguas. Haspelmath (2008, p. 1-2) elenca os subtipos de iconicidade diagramática mais desenvolvidos pelos estudiosos do assunto:

i) Iconicidade de quantidade: grandes quantidades de significado são expressas por maiores quantidades de forma. Um exemplo disso é a flexão de adjetivo do Latim. Aqui, comparativo e superlativo denotam graus cada vez mais elevados e são codificados por sufixos cada vez mais extensos: *long(-us)* ‘longo’, *long-ior* ‘mais longo’, *long-issim(-us)* ‘longuíssimo’;

ii) Iconicidade de complexidade: significados mais complexos são expressos por formas mais complexas. Em Turco, por exemplo, as causativas são mais complexas semanticamente do que as não-causativas correspondentes. Esse viés faz as causativas serem codificadas por formas mais complexas: *düş(-mek)* ‘cair’, causativa *düş-ür(-mek)* ‘fazer cair’; e

iii) Iconicidade de coesão: significados que semanticamente devem estar mais juntos são expressos por formas mais coesas. Em sintagmas nominais possessivos com a relação entre os termos parte-corpo, o possuído e o possuidor são conceitualmente inseparáveis. Isso se reflete em uma maior coesão em várias línguas, como em Maltês: *id* ‘mão’, *id-i* ‘minha mão’, contrastando com *sigġu* ‘cadeira’, *is-sigġu tiegħ-i* [a cadeira de mim] ‘minha cadeira’ (**sigġ(u)-i*).

Haspelmath (2008) afirma que as iconicidades de complexidade e de coesão são mais discutidas em estudos sobre iconicidade diagramática. Já a iconicidade de quantidade é raramente tratada. Os jogos de motivação icônica, na perspectiva diagramática, estão associados à visão da não-arbitrariedade das estruturas apresentadas por Givón (2001). Conforme o autor, a iconicidade deve ser compreendida em uma acepção cognitiva da linguagem com o intuito de se analisar a motivação e a não-arbitrariedade da interface entre forma e função. Podemos dizer, então, que a

iconicidade motiva, a partir da extensão da natureza conceptual, a constituição das categorias linguísticas. Isso demonstra que as estruturas não são constituídas arbitrariamente.

Givón (2001, p. 38) aponta que a marcação pode ser analisada como “meta-princípio” que orienta a iconicidade. As imbricações entre marcação e iconicidade exprimem justamente a correlação entre estrutura e complexidade funcional. O autor lembra que a correlação em tela nem sempre é exata. Tais concepções pautam o seguinte princípio: “as categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser também substancialmente mais marcadas” (GIVÓN, 2001, p. 38).

Outra observação relevante acerca da marcação é a sua relação de dependência com o contexto. Segundo o autor, a mesma estrutura pode ser marcada em um contexto e não marcada em outro. A comparação entre “She cut the meat with a knife” (ela cortou a carne com a faca) e “A woman cut the meat with it” (uma mulher cortou a carne com isso) (GIVÓN, 2001, p. 38) ilustra a mencionada dependência de contexto. Para sabermos exatamente o referente de “she” no primeiro dado e o referente de “it” no segundo, é preciso conhecer seus contextos de uso.

Nessa perspectiva, cumpre elucidar que a frequência é um espectro importante na análise da marcação. Givón (2001, p. 39) destaca que, em dados orais sobre assuntos do dia a dia, a voz ativa, como “She wrote the book last year” (ela escreveu o livro no ano passado) é predominante no quesito frequência. Já a voz passiva, como “The book was written last year” (o livro foi escrito no ano passado) e as orações com sujeito impessoal, como “One writes books (all the time)” (Escrevem-se livros (todo o tempo)) são predominantes em discursos acadêmicos que abordam temáticas mais abstratas. A justificativa das diferentes frequências das marcações supracitadas pode ser tecida a partir das articulações entre cognição, comunicação, domínios funcionais, espectros socioculturais, correlatos biológicos presentes nas línguas.

Todas essas considerações acerca da iconicidade, que é “um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não arbitrária entre forma e função” (NEVES, 1997, p. 103), mostram sua natureza conceptual. E isso será extremamente útil na análise da transitividade do português kalunga no sentido de investigar as motivações dos eventos transitivos. Tais motivações podem ter relações com mudanças inerentes à gramaticalização, tema da próxima subseção.

1.1.4. Gramaticalização

A gramaticalização é, em termos gerais, reconhecida como um mecanismo de mudança de funções, em que um elemento lexical torna-se gramatical (HEINE, s.d.) ou um elemento gramatical torna-se mais gramatical ainda. Traugott (1997) também apresenta essa concepção, acrescentando que a mudança de material lexical para gramatical ocorre em contextos pragmáticos e morfossintáticos restritos. Nesse sentido, Gonçalves *et al* (2007, p.15) destacam que a gramaticalização ocupa-se, sobretudo, das mudanças referentes à relação entre forma/função, visto que a gramaticalização analisa “o surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes”.

Nesta tese, apresentamos a gramaticalização a fim de registrarmos este mecanismo conceptual de suporte, dentro da LCU, para a análise da transitividade do português kalunga em discursos sobre o parto no âmbito da camada de análise do Protocolo-Mãe metáfora e metonímia (cf. capítulo analítico). Por isso, citaremos brevemente os seguintes vieses: início dos estudos de gramaticalização no século XX; conceitos, mecanismos e princípios; e metáfora e metonímia como *modus operandi* conceptual/cognitivo da gramaticalização.

O começo das pesquisas acerca da gramaticalização teve em Meillet um de seus principais expoentes no século XX. Esse autor foi um dos pioneiros ao adotar a gramaticalização como perspectiva de análise. Para Meillet (1912, p. 131 *apud* TRAUGOTT, 1997, p. 2), a gramaticalização prevê que uma palavra autônoma pode assumir função de elemento gramatical.

Givón (2012, p. 273), na década de 1970, impulsionou um novo olhar a respeito da gramática e, conseqüentemente, da gramaticalização:

(1) Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero.

Essa sequência processual mostra que há uma gramaticalização unidirecional no sentido de constituição linguística, mas os elementos encontram-se inter-relacionados e cada um pode influenciar o processo de gramaticalização. Furtado da Cunha; Costa; Cezario (2003) comentam essa proposta givoniana, indicando que as funções gramaticais são assumidas pelos itens lexicais de modo fluido. A repetição torna seu uso regular, com novas composições sintáticas, morfológicas e com possíveis adaptações

fonológicas. Nesse contexto, a crescente frequência de uso favorece o desgaste da forma e da função dos elementos em mudança. Isso pode gerar seu desuso e, ao mesmo tempo, uma nova sequência de usos linguísticos. A partir desse processo, Givón (1971, p. 413 *apud* TRAUGOTT, 1997, p. 2) enuncia uma máxima que é muito citada quando se estuda gramaticalização: “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”.

Neste instante, cumpre salientar que o termo “gramaticalização” é alvo de discussões entre seus estudiosos justamente pela ampliação (ou não) da concepção de base [léxico] > [gramática]. Conforme Gonçalves *et al* (2007), o termo “gramaticalização” é o mais utilizado na literatura especializada. Porém, “gramaticização” aparece na mesma perspectiva ou para servir de distinção entre estudos sincrônicos e diacrônicos do fenômeno. Nessa linha, “gramaticalização” se refere à perspectiva diacrônica, e “gramaticização”, às investigações sincrônicas. Muitas vezes, “gramaticalização” recebe sinônimos como reanálise, redução, sintatização, entre outros. Para os autores em tela, o emprego desses sinônimos é inadequado, pois contempla um dos espectros do mecanismo (semântico e/ou sintático) e não a gramaticalização como processo unidirecional que pode envolver todos os espectros juntos. Nós concordamos com essa ideia e adotamos o termo “gramaticalização” justamente por não restringir características, recortes de análise e tampouco o sentido de processo. A Gramática das Construções chama de construcionalização.

Segundo Barðdal & Gildea (s.d.), a construcionalização, dentro da Gramática de Construções, está relacionada com a frequência de uso de uma dada construção, observando como uma construção pode se tornar mais lexicalizada, mais esquemática ou as duas formas ao mesmo tempo. E esse olhar coaduna-se com a semântica, a pragmática e as mudanças em âmbito histórico.

Ainda sobre a questão terminológica, é importante destacar que Givón, na década de 1970, trata a gramaticalização como sintatização com o objetivo de considerar a sintaxe diacrônica e, ao mesmo tempo, abrir caminhos ao enfoque sincrônico em análises sintáticas. Assim, não só o léxico passa pela gramaticalização:

Sugerirei que todos eles [temas recorrentes na sintaxe diacrônica] representam processos pelos quais estruturas discursivas “pragmáticas” frouxas, paratáticas se desenvolvem – ao longo do tempo – em estruturas sintáticas rígidas, “gramaticalizadas”. Para cada um deles pode-se preparar um balancete de *ganhos* comunicativos e *perdas* comunicativas.

(GIVÓN, 2012, p. 272; grifos do autor)

Para comprovar isso, o autor trata dos seguintes temas em diferentes línguas: de tópico a sujeito; de topicalização para passivização; de sentenças de tópico para orações relativas; de conjunção para subordinação no sintagma verbal, etc. A concepção de sintatização de Givón (2012) auxiliou no reconhecimento de que não somente formas lexicais encontram-se no bojo dos processos que envolvem o mecanismo gramaticalização. Heine (s.d.) corrobora essa concepção, afirmando que as formas gramaticais também podem passar por gramaticalização – e isso Givón (2012) demonstrou, como apontamos acima.

Pinto; Alonso; Cezario (2013) indicam que o trabalho de Lehmann, da década de 1980, acerca dos tipos de ligações entre cláusulas favoreceu a utilização da unidirecionalidade e gramaticalização no nível das orações.

Outras perspectivas que Heine (s.d.) ressalta a respeito da gramaticalização são o contexto e os recortes sincrônico e diacrônico. Segundo o autor, construções que sofreram gramaticalização precisam de contextos pragmáticos e morfossintáticos específicos, que favoreçam seu processo. E esses contextos podem ser analisados em uma perspectiva diacrônica e/ou sincrônica. Gonçalves *et al* (2007) afirmam que a gramaticalização pode ser investigada sob a égide da diacronia quando o objetivo é observar nas línguas o surgimento e desenvolvimento de elementos gramaticais. A sincronia, por sua vez, entra em cena quando o objetivo é analisar uma dada forma gramatical no âmbito de seus graus de gramaticalidade em usos linguísticos.

Nesse sentido, a associação entre sincronia e diacronia, a pancronia, também é possível em estudos de gramaticalização. Vale ressaltar que a opção entre recorte sincrônico ou diacrônico também influencia na maneira de visualizar a gramaticalização. Esta pode ser considerada paradigma se o seu estudo concentrar-se no surgimento e uso das construções. A gramaticalização pode ser considerada processo se o seu estudo ocupar-se de formas que se tornam mais gramaticais. (GONÇALVES *et al*, 2007).

Nesse ponto, compreendemos a gramaticalização como processo não só pelas considerações do âmbito sincrônico, mas porque alterações, independentemente de tempo e uso, precisam de um ou mais processos que envolvem propriedades sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas. Em outras palavras, alterações linguísticas

ocorrem via processo, no dinamismo das interações sociais, de modo fluido, não estanque.

Para a gramaticalização ser observada, faz-se necessário reconhecer sua motivação maior e os conceitos de ser lexical e ser gramatical. Heine (s.d.) assegura que a motivação maior da ocorrência da gramaticalização é a comunicação com sucesso. Isso significa que formas linguísticas que assumem novos significados ou o contrário, se forem aceitas na interação social e no uso, constituem a existência e o processo do mecanismo. O autor, aqui, mostra a estratégia humana mais comum e típica de uso das formas linguísticas: essas são utilizadas para significar o que é mais concreto, acessível e/ou perceptível no mundo. Mas, ao mesmo tempo, isso serve de referência para expressar sentidos menos concretos, menos acessíveis, menos perceptíveis.

Heine (1993) ratifica essa ideia, atestando que conceitos gramaticais são muito abstratos, pois são definidos de acordo com as referências de suas funções discursivas. Entretanto, expressões e construções gramaticais derivam quase sempre de domínios conceptuais concretos. Essa concepção coaduna-se com os protótipos, já tratados nesta tese, no tocante às representações do que é mais ou menos saliente, perceptível.

Os conceitos de *ser lexical* e *ser gramatical* são fundamentais haja vista que a passagem do componente lexical para gramatical é o centro da concepção de gramaticalização. Segundo Gonçalves *et al* (2007, p. 17), *ser lexical* refere-se prototipicamente a “entidades, ações, processos, estados e qualidades”, enquanto que o *ser gramatical* significa codificar formas prototípicas que organizam,

no discurso, os elementos de conteúdo, por ligarem palavras, orações e partes do texto, marcando estratégias interativas na codificação de noções como tempo, aspecto, modo, modalidade etc.

O mecanismo processual gramaticalização envolve ainda quatro mecanismos inter-relacionados em seu interior: i) desemantização: perda de significado; ii) extensão: uso da forma em contextos distintos; iii) descategorização: perda de características morfossintáticas específicas de uma dada categoria; e iv) erosão: perda de substância fonética (HEINE, s.d., p. 578-579). Esses quatro mecanismos são orientados por um princípio maior: a unidirecionalidade.

De acordo com Neves (1997, p. 121), a unidirecionalidade ocorre quando “uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida”. Em outras palavras, a unidirecionalidade garante que a gramaticalização seja regida pelo postulado

de que unidade lexical se torne unidade gramatical ou unidade gramatical se torne mais gramatical ainda – e nunca o contrário. Essa concepção pode ser representada por um *continuum* unidirecional, que deve ser interpretado da esquerda para a direita:

Figura 2 – *Continuum* de unidirecionalidade da gramaticalização



É importante dizer que o contrário não pode ser considerado gramaticalização. Uma possibilidade de inversão pode ser discutida à luz de outro processo, a lexicalização, que tem como premissa básica o fato de um item gramatical se tornar lexical. A respeito da lexicalização, Brinton & Traugott (2005) afirmam que esse processo se trata de uma mudança em que falantes, em certos contextos, utilizam formação de palavra ou construção sintática como novo uso, partindo dos padrões de formação de palavra ou dos constituintes da construção. Assim, esse novo uso pode perder constituintes internos e, por isso, se tornar mais lexical.

Hopper & Traugott (1993 *apud* GONÇALVES *et al*, 2007, p. 41) em sua definição de unidirecionalidade asseguram que o movimento de [lexical] > [gramatical] não acontece de maneira direta. A gramaticalização de unidades lexicais passa por funções discursivas, depois por fixação sintática para, enfim, compor um morfema.

Após esse panorama sobre gramaticalização, é preciso apresentar um dos seus mecanismos principais: a metáfora. Segundo Lakoff & Johnson (2002), a metáfora ancora nossa visão de mundo, nossos relacionamentos, nossas vivências. Portanto, utilizamos metáforas em nosso cotidiano frequentemente e, por isso, ela não deve ser vista apenas como ornamento literário. Nesse sentido, nosso sistema conceitual ordinário é de natureza metafórica em boa parte, e “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 47-48).

Os autores elencaram os seguintes tipos de metáfora: conceptual, estrutural, orientacional e ontológica. A conceptual relaciona e transpõe um campo cultural específico em diferentes contextos. Um exemplo disso é utilizar o espectro bélico em discussões verbais, como em “Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação”. Já na metáfora estrutural, um conceito é estruturado, via metáfora, em

outro. A metáfora orientacional está bastante ligada à orientação espacial, pois abrange conceitos em relação a outro, como nas relações entre dentro-fora, fundo-raso, etc. Por fim, a metáfora ontológica expressa as relações entre objetos físicos e experiências humanas, como em “A ideia fica martelando na minha cabeça”.

Outro mecanismo muito importante é a metonímia. De acordo com Duque & Costa (2012), a metonímia encontra-se articulada ao sistema conceptual humano, como a metáfora. Mas a metonímia atua em projeção conceptual em um mesmo domínio, isto é, as entidades envolvidas em processo metonímico compartilham um mesmo domínio conceptual. Lakoff & Johnson (2002) tratam da metonímia a partir das seguintes relações: parte pelo todo; produtor e produto; objeto e usuário; controlador e controlado; instituição e responsáveis; lugar e instituição; e lugar e evento. Cumpre dizer que Lakoff & Johnson (2002) levam em conta a experiência humana para discutir essas relações.

Todos os conceitos e princípios aqui arrolados acerca da gramaticalização serão úteis para a análise da transitividade do português kalunga em discursos sobre o parto especialmente no quesito cognitivo/conceptual relativo aos mecanismos metáfora e metonímia. Isso significa que reconhecer a metáfora e a metonímia nas orações transitivas, bem como observar mudanças de formas e de sentidos, principalmente dos verbos do português kalunga, ajudam na compreensão dos eventos transitivo-discursivos. Na próxima subseção, trataremos a respeito das funções pragmáticas tópico e foco para, enfim, apresentarmos as noções básicas de transitividade que norteiam este trabalho.

1.1.5. Tópico e foco

Em estudos de orientação funcionalista, a interação verbal entre falantes das línguas apresenta propriedades no nível informacional que permeiam o contexto e os conhecimentos dos interlocutores na situação de interação. Nesse sentido, a estrutura gramatical pode assumir distinções correspondentes às suas funções pragmáticas. Estas, por sua vez, constituem “o conjunto completo de conhecimento, crença, suposições, opiniões e sentimentos disponíveis aos falantes no momento da interação” (PEZATTI, 1998, p. 134).

Isso implica dizer que as funções pragmáticas refletem o espectro informacional que as estruturas gramaticais podem revelar, conforme as intenções e necessidades dos interlocutores. Por isso, a “atribuição de funções pragmáticas é o mecanismo linguístico

que define a característica mais identificadora da linguagem, a de uma atividade cooperativa entre interlocutores socialmente organizados” (PEZATTI, 1998, p. 134).

De modo geral, as funções pragmáticas são reconhecidas de acordo com sua estrutura. A respeito disso, Pezatti (1998) aponta que textos, nas línguas, podem conter funções pragmáticas intra-oracionais e extra-oracionais. As primeiras referem-se às relações entre estatuto informacional dos constituintes e contexto da oração. Tópico e foco são funções pragmáticas intra-oracionais. Já as funções pragmáticas extra-oracionais correspondem aos constituintes que estão “de fora” da predicação *per se*, com uma funcionalidade mais pragmática e informacional. Vocativos, modais, iniciadores da enunciação, etc. são alguns exemplos de elementos que assumem funções pragmáticas extra-oracionais. E suas propriedades, segundo Pezatti (1998, p. 137):

1. Podem preceder, interromper ou seguir a oração;
2. São tipicamente separados da oração por uma pausa entonacional própria;
3. Não são sensíveis a regras gramaticais da oração, embora possam estabelecer relações de co-referência, paralelismo (mesma marcação de caso) ou metátese com a oração à qual estão associados; e
4. Não são essenciais à integridade interna da estrutura da oração, isto é, quando são subtraídos, a oração conserva a sua integridade estrutural e gramatical.

Sobre tópico ser intra-oracional, Givón (2001) tem uma postura diferente. Ele afirma que tópico é função extra-oracional, pois se trata de um discurso-relatado, em que a oração está presente em contexto discursivo. Para Pezatti (1998, p. 137), tópico “apresenta a entidade sobre a qual a predicação predica alguma coisa numa dada situação; em outras palavras, na predicação nós dizemos alguma coisa sobre o Tópico”. Mais adiante, a autora destaca que tópico, nos termos de Dik (1989), é um conceito discursivo, no sentido de que discurso trata de entidades de modo geral. Assim, Dik refere-se a essas entidades como tópicos-discursivos.

Um discurso pode apresentar diferentes tópicos-discursivos, organizados hierarquicamente. O tópico-novo ocorre quando o tópico é dito pela primeira vez no discurso. Depois dessa introdução, o tópico, dito mais vezes, passa a ser tópico-dado. Pezatti (1998) lembra que, de certo tópico, é possível enunciar outros relacionados, como se já tivessem sido ditos; estes são os subtópicos. E se um tópico for retomado depois de seu esquecimento por algum tempo, há o tópico-retomado.

Após essa explanação acerca do tópico, reconhecemos que esta entidade pragmática pode sim constar em diferentes elementos da predicação e da estrutura

argumental. Contudo, como nosso intuito é promover as relações entre transitividade e discurso, buscaremos tratar o tópico aqui à luz do contexto discursivo, além da oração que Givón (2001) e Dik (1989 *apud* Pezatti, 1998) apontam. Assim, quando o tópico surgir em nossos dados, buscaremos discutir como ele influencia na transitividade do discurso do parto da comunidade kalunga Vão de Almas-GO. Mas antes de tratar de topicalidade, cabe ressaltar o conceito de foco e focalização.

Pezatti (1998) mostra o foco como uma função pragmática que revela a informação mais importante em um contexto. Com a função foco, o jogo pragmático entre informação do falante sobre o conhecimento do seu interlocutor fica mais evidente. Assim, como o foco apresenta a informação mais importante do discurso, a focalização é um fenômeno “discursivo-pragmático, visto estar vinculada às estratégias argumentativas e ao conteúdo informacional do enunciado (isto é, à embalagem da informação)” (GONÇALVES, 1998, p. 34). A focalização pode ser realizada via morfossintaxe e/ou prosódica. Verificar a focalização em nossa análise significa reconhecer, em níveis pragmáticos, na transitividade, quais são as informações mais relevantes, segundo nossos/as colaboradores/as kalunga, sobre os conhecimentos do parto. E essas informações mais relevantes também podem influenciar na composição transitiva, especialmente em níveis morfossintáticos associados às imbricações discursivas.

Diante dessa explanação, até aqui, notamos que tópico e foco são funções pragmáticas que constituem o discurso e demonstram as relações interacionais entre os interlocutores. E reconhecer esses componentes é altamente produtivo para tecermos as relações entre transitividade e discurso, destacando os propósitos comunicativos dos falantes. Dessa forma, a topicalidade deve ser compreendida também em uma dimensão cognitiva, “tendo a ver com o foco de atenção em um ou dois importantes participantes de eventos-ou-estados durante o processamento de orações com vários participantes”. (GIVÓN, 2001, p. 198). Nesse instante, o autor retoma as relações gramaticais, RGs, (cf. subseção 1.1.6.3) como ponto de partida, afirmando que a topicalidade pode ser codificada pelo sujeito ou objeto direto das RGs.

Givón (2001, p. 198) aponta duas propriedades de topicalidade no discurso:

a) persistência catafórica: argumentos marcados como mais tópico; por qualquer meio gramatical, tendem a persistir por muito mais tempo no discurso subsequente.

b) acessibilidade anafórica: para pelo menos alguns dispositivos gramaticais de tópico-codificado, argumentos marcados por eles tendem a ter já sido tópico no discurso anterior.

O contraste entre sujeito e objeto direto, e entre objeto direto e objeto indireto em algum discurso pode mostrar esses espectros de topicalidade ligados à catáfora e à anáfora.

Por fim, o autor apresenta a hierarquia de topicalidade dos argumentos da oração. Antes, ele cita o mapeamento de papéis semânticos para o sujeito e objeto das RGs. Givón (2001, p. 199-200) aponta as seguintes restrições universais:

Restrições sobre mapeamento de papéis semânticos às relações gramaticais em orações simples [orações tipicamente transitivas, com dois argumentos: sujeito e objeto direto]

- a. Um agente pode ser apenas o sujeito.
- b. Um paciente pode ser sujeito ou objeto direto.
- c. Um dativo pode ser sujeito, objeto direto ou objeto indireto.
- d. Todos os outros papéis semânticos só podem ser objeto indireto.

É importante dizer que, nas orações passivas, o papel semântico agente pode estar no adjunto (que não é argumento). Sobre mapeamento prototípico entre transitividade semântica e sintática: considerando uma oração simples, em um evento semanticamente transitivo, o agente do evento será sujeito da oração, e o paciente do evento será o objeto direto da oração.

Outra questão que merece destaque é que, considerando o protótipo, papéis semânticos associados ao tópico e ao foco podem estar desalinhados. No português brasileiro, por exemplo, o agente é prototipicamente tópico. Mas, na passiva, esse tópico se torna um paciente.

As restrições supracitadas são pautadas na definição de oração declarativa, afirmativa, ativa, sem marcação na sintaxe. E Givón (2001, p. 200) generaliza mais sobre essas restrições, no tocante à hierarquia de topicalidade de papéis semânticos:

Hierarquia de topicalidade de papéis semânticos
(Hawkinson and Hyman 1974; Givon 1976)
Agt > Dat/Ben > Pat > Loc > outros

Essa hierarquia é compreendida considerando acessibilidade preferida do sujeito e do objeto direto nas RGs da oração simples:

a. O acesso para sujeito da Relação Gramatical

Se a oração simples tem um argumento agente, este tem a maior possibilidade de ser sujeito da RG. Caso contrário, o argumento em tela passa para baixo da hierarquia de topicalidade de papéis semânticos em ordem.

b. O acesso para objeto da Relação Gramatical

Se a oração simples tem um argumento dativo/benefactivo, este tem a maior possibilidade de ser objeto direto da RG. Caso contrário, o argumento em tela passa para baixo da hierarquia de topicalidade de papéis semânticos em ordem.

Tal hierarquia proposta por Givón (2001) demonstra que a topicalidade, de natureza pragmática, é revelada no discurso via interface entre sintaxe e papéis semânticos.

1.1.6. A transitividade: o fenômeno de estudo

Em estudos funcionalistas acerca da transitividade, as discussões de Hopper & Thompson (1980) são vistas como fundamentais, pois os autores construíram a proposta de análise escalar, por meio de dez parâmetros sintático-semânticos, da transitividade. Givón (1984, 1993a, 2001), por sua vez, considera a escalaridade de Hopper & Thompson (1980) e contribui nos estudos da transitividade a partir do viés semântico. Realizamos também, em Ribeiro (2009), um percurso teórico sobre o fenômeno em tela e são essas concepções que serão apresentadas a seguir.

1.1.6.1. A concepção de transitividade escalar de Hopper & Thompson (1980)

A composição básica da transitividade é representada pela estrutura SN1 Vtrans SN2. Nessa composição, SN1 é sujeito, Vtrans é verbo transitivo e SN2 remete ao objeto direto. Considerando as noções semânticas de cada elemento dessa estrutura básica, prototipicamente, o sujeito é agente, o verbo expressa ação e o objeto direto sofre afetamento devido à ação exercida pelo sujeito.

Nesse sentido, para Hopper & Thompson (1980), a transitividade prototípica é compreendida, de maneira geral, pela ação de transferência que um agente realiza para um paciente. Por isso, os autores ressaltam que “a transitividade é tradicionalmente entendida como uma propriedade global da oração, em que a atividade é transferida de um agente para um paciente” (HOPPER & THOMPSON, 1980, p. 251).

Ainda na perspectiva da transitividade prototípica, esta funciona como orientação analítica, mas não representa a única possibilidade de uso/estrutura no âmbito da transitividade. Por isso mesmo, como já discutimos sobre a concepção de protótipo nesta tese, faz-se necessário considerar características típicas e desviantes. De acordo com Furtado da Cunha & Souza (2007), a transitividade não precisa ser constituída de todos os elementos do evento transitivo prototípico juntos (sujeito, verbo e objeto). Porém, uma alteração em um dado protótipo pode ser associada a instâncias pragmático-discursivas, e essa é nossa principal tese aqui.

Os objetivos mais importantes da proposta embasada no protótipo da transitividade, os quais passam a ser nossos também, são:

1. mostrar que a transitividade é uma relação crucial da linguagem, e isso tem diversas consequências no que tange à construção gramatical (e, para nós, discursiva); e
2. mostrar que as definições das propriedades da transitividade são discursivamente determinadas (HOPPER & THOMPSON, 1980, p. 251).

O primeiro objetivo está relacionado ao fato de que a transitividade organiza a oração e alcança, por isso, a organização do texto e do discurso. Em seguida, o segundo objetivo aponta a relevância do discurso como motivador da constituição do evento transitivo e vice-versa: como o estabelecimento dessas propriedades reforça, formula, dá o contorno do discurso (pro)posto.

O viés discursivo reconhecido pelos autores relaciona-se tanto com as intenções de quem fala a língua, de seus conhecimentos de mundo quanto com as funções pragmáticas. Nesse sentido, os objetivos de comunicação de quem fala, bem como sua percepção das necessidades de compreensão do interlocutor são fatores determinantes na organização do texto enunciado pelo falante (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003). Esse será um forte ponto no qual se ancorarão nossas análises.

Hopper & Thompson (1980), partindo da ideia de gradiência, constroem dez parâmetros sintático-semânticos para mensurar as escalas do evento transitivo:

Quadro 1 - Parâmetros sintático-semânticos de Hopper & Thompson (1980, p. 252)

Parâmetros	Transitividade alta	Transitividade baixa
1. Participantes	dois ou mais	um
2. Cinese	Ação	não-ação
3. Aspecto do verbo	Perfectivo	não-perfectivo
4. Pontualidade do verbo	Pontual	não-pontual
5. Intencionalidade do sujeito	intencional	não-intencional
6. Polaridade da oração	afirmativa	negativa
7. Modalidade da oração	modo <i>realis</i>	modo <i>irrealis</i>
8. Agentividade do sujeito	Agentivo	não-agentivo
9. Afetamento do objeto	Afetado	não-afetado
10. Individuação do objeto	individuado	não-individuado

Os parâmetros do quadro acima apresentam a transitividade em abrangência oracional e em um *continuum* dinâmico, que mostra diferentes possibilidades de configuração do fenômeno. Pezatti (2004) lembra que orações sem a presença de um objeto não são apenas intransitivas; essas orações podem constar em algum ponto do *continuum* transitivo. Nós acrescentamos que um O [objeto] pode ter sido omitido ou por questões automáticas (puramente sintáticas), ou por escolha do falante para produzir efeito diverso do que se produz ao usar o O [objeto], o que identificamos como sendo uma escolha de natureza pragmático-discursiva.

O quadro também demonstra que o protótipo da transitividade alcança graus altos e as características desviantes, ou menos prototípicas, revelam transitividade de graus baixos. Nessa perspectiva, Furtado da Cunha; Costa; Cezario (2003) destacam que a escala da transitividade considera toda a sentença como transitiva. E o nosso trabalho quer levar essa perspectiva de análise para o texto, o discurso e tentar mostrar a associação entre graus de transitividade e escolhas discursivas. Vale registrar aqui que a concepção de transitividade gradiente, em toda a oração (e não apenas concentrada no verbo) é a grande singularidade e contribuição de Hopper & Thompson (1980) no tocante às análises do fenômeno.

Quanto aos parâmetros sintático-semânticos, explicaremos cada um segundo as funcionalidades registradas por Hopper & Thompson (1980). O primeiro, que corresponde aos participantes, trata dos envolvidos no evento transitivo. Considerando este parâmetro de transitividade, a presença de dois ou mais participantes no evento expressam grau alto; já um participante caracteriza grau baixo:

Jerry nocauteou Sam

Susan partiu

(HOPPER & THOMPSON, 1980, p. 253-254).

O contraste dos dados em tela mostra que, no parâmetro participantes, a primeira sentença apresenta transitividade de grau alto e, a segunda, detém grau baixo. Isso se justifica pelo fato de *Jerry nocauteou Sam* possuir dois participantes humanos (Jerry e Sam). E em *Susan partiu* há somente um participante (Susan).

A cinesa é um parâmetro que se ocupa de verificar a ação, ou não, dos verbos. Hopper & Thompson (1980, p. 252) destacam a questão da transferência de ação inerente a este parâmetro: “ações podem ser transferidas de um participante para outro; estados não”:

Eu abracei Sally

Eu gosto de Sally

Em *Eu abracei Sally*, a ação de abraçar é transferida do sujeito “Eu” para o objeto “Sally”. Portanto, a cinesa tem gradiência alta. No segundo exemplo, a cinesa é de grau baixo porque, com o uso do verbo “gostar”, de natureza afetiva, não ocorreu transferência do sujeito para o objeto.

O terceiro parâmetro, aspecto do verbo, diz respeito à análise do viés télico do verbo. Isso significa observar se a transferência da ação foi completa ou parcial. Sobre isso, Furtado da Cunha & Souza (2007, p. 37) afirmam que “uma ação vista do seu ponto final, isto é, uma ação perfectiva ou télica, é mais eficazmente transferida para um participante do que uma ação que não tenha término”. A transferência completa e parcial de uma ação podem ser conferidas, respectivamente, nos dois dados abaixo registrados por Hopper & Thompson (1980, p. 252):

Eu comi algo

Eu estou comendo algo

A pontualidade do verbo, segundo Pezatti (2004, p. 192), “diz respeito ao inesperado de uma ação ou à ausência de uma clara fase transicional entre início e completude”. Em outras palavras, o quarto parâmetro observa se a ação possui etapa de

transição no processo, ou não, para, em seguida, analisar como a ação afetou o paciente. Para ilustrar a pontualidade, Hopper & Thompson (1980, p. 252) contrastam *chutar* (pontual) e *carregar* (não-pontual).

A intencionalidade do sujeito, quinto parâmetro da escala de Hopper & Thompson (1980), está relacionado com a volição. Logo, seu objetivo é verificar se a ação do sujeito foi intencional ou não:

Eu escrevi o seu nome

Eu esqueci o seu nome

Hopper & Thompson (1980, p. 252) afirmam que *escrevi* expressa ação intencional, volitiva do sujeito. Em *esqueci*, a ação não expressa a volição do sujeito, isto é, não foi intencional.

A polaridade da oração é um parâmetro que observa se a oração é afirmativa ou negativa. O sexto parâmetro, então, auxilia na análise da transferência da ação, visto que em orações afirmativas há transferência de ação e, em negativas, não. Furtado da Cunha & Souza (2007, p. 38) exemplificam essa questão:

O menino comeu o sanduíche

O menino não comeu o sanduíche

Hopper & Thompson (1980) propõem com o sétimo parâmetro, modalidade da oração, registrar a ocorrência do modo *realis* (eventos reais) e do modo *irrealis* (eventos hipotéticos ou que não aconteceram). Nesse sentido, eventos reais, com ações concluídas, remetem à transitividade de grau alto. Já eventos hipotéticos ou não realizados expressam transitividade de grau baixo. A oração *Maria vai comprar um vestido novo* (FURTADO DA CUNHA & SOUZA, 2007, p. 38) é um exemplo de modo *irrealis*, pois o futuro indica que o evento ainda não aconteceu.

A agentividade do sujeito discute o seu grau de ação, ou seja, se a ação do sujeito é algo perceptível em evento real ou não. Conforme Hopper & Thompson (1980, p. 252), sujeitos humanos (como *George*) são mais agentivos do que não-humanos (como *O quadro*):

George me assustou

O quadro me assustou

Os dois últimos parâmetros de Hopper & Thompson (1980) tratam do objeto na escala transitiva. Nesse sentido, o afetamento do objeto verifica a relação de transferência da ação ao objeto:

Eu bebi em um gole o leite

Eu bebi um pouco de leite

Comparando os dois exemplos acima de Hopper & Thompson (1980, p. 253), notamos que transferência total da ação ocorre apenas na primeira oração. Já o segundo exemplo apresenta transferência parcial e, portanto, um afetamento de objeto parcial. Por fim, o parâmetro individuação do objeto refere-se ao paciente considerando seu comportamento.

Um objeto individuado apresenta as seguintes propriedades: próprio, humano, animado, concreto, singular, contável, referencial, definido. A não-individuação, por sua vez, contém as propriedades: comum, inanimado, abstrato, plural, incontável, não-referencial. O quadro 2 explicita a constituição do parâmetro individuação do objeto:

Quadro 2 - Individuação do objeto (HOPPER & THOMPSON, 1980, p. 253)

Individuado	Não-individuado
Próprio	Comum
humano, animado	Inanimado
Concreto	abstrato
Singular	plural
contável	incontável
referencial, definido	não-referencial

Taylor (1989) afirma, pautado nas concepções de Hopper & Thompson (1980), que o evento transitivo pode codificar estados de coisas distintos. Essa afirmação está de acordo com a ideia de que o estudo da transitividade deve considerar a escalaridade, o protótipo e o que se desvia da construção prototípica.

1.1.6.2. A transitividade e a semântica dos verbos

Givón (1993a, p. 100) sedimenta sua discussão acerca das relações entre transitividade e semântica dos verbos a partir dos conceitos de três traços semânticos presentes em um protótipo de evento transitivo:

- (a) **Agentividade:** o sujeito da oração transitiva prototípica é deliberadamente um agente. Ele realiza uma ação.
- (b) **Afetamento:** o objeto direto de uma oração transitiva prototípica é concreto e é um paciente indiscutivelmente afetado pela ação do agente.
- (c) **Perfectividade:** o verbo transitivo prototípico é télico, indica evento acabado, rápido, suscetível a mudanças e que aconteceu em tempo real.

Os conceitos apresentados, acima, pelo autor são pautados na proposta escalar de transitividade de Hopper & Thompson (1980). E esta relação com a escalaridade do fenômeno em questão auxilia Givón na construção de sua contribuição semântica. “A formulação de Givón identifica o essencial nos dez fatores arrolados por aqueles autores para identificar a transitividade mais em termos semânticos que morfossintáticos” (CAMACHO, 2002, p. 229). Assim, percebe-se que as propriedades semânticas do agente, paciente e verbo constituem o evento transitivo prototípico e, por isso, a gradiência da transitividade pode ser utilizada na análise da agentividade, do afetamento e da perfectividade.

O autor, mesmo concentrado no viés semântico, preocupa-se em mostrar a transitividade por meio, também, de conceito sintático: “Verbos (e orações) que possuem um objeto direto serão considerados *transitivos*; verbos (e orações) que não possuem um objeto direto serão considerados *intransitivos*” (GIVÓN, 1993a, p. 100; grifos do autor). Portanto, o protótipo sintático da oração transitiva encontra-se na definição de orações e verbos com objeto direto.

Givón (2001) sinaliza também uma restrição no mapeamento entre transitividade semântica e sintática, nas línguas em geral, em orações simples. Em um evento semanticamente transitivo constituído de uma oração simples, com os traços de agentividade, afetamento e perfectividade, o agente, prototipicamente, será o sujeito da oração. E o objeto direto será o paciente. Tais protótipos são válidos nas línguas, inclusive com a restrição de mapeamento supracitada. Entretanto, as diferenças estão na

forma como as línguas aderem à restrição de mapeamento. Em outras palavras, as distinções que alteram os protótipos em tela estão no fato de que as línguas podem permitir que verbos transitivos, do ponto de vista sintático, possuam sujeitos não-agentes e objetos diretos não-pacientes. Sobre essa questão, Givón (2001) aponta que entre as línguas nominativas, o inglês permite amplamente outras funções semânticas, além de agente e paciente, constituir, respectivamente, as funções sintáticas sujeito e objeto direto.

Cumpra salientar aqui a definição de Givón (2001, p. 107) para papéis semânticos. Segundo o autor, os papéis semânticos dos participantes de uma oração orientam os tipos semânticos dos verbos, que são núcleos sintáticos e semânticos da oração. Nesse sentido, as definições dos papéis semânticos são:

- agente = o participante, tipicamente animado, que age deliberadamente para iniciar o evento, e, portanto, tem a responsabilidade por ele (Agt).
- paciente = o participante, seja animado ou inanimado, que ou está em um estado ou registra uma mudança de estado, como resultado de um evento (Pat).
- dativo = um participante consciente no evento, tipicamente animado, mas não o iniciador deliberado (Dat).
- instrumento = um participante, tipicamente inanimado, usado pelo agente para executar a ação (Instr).
- benefactivo = o participante, tipicamente animado, beneficiado por quem a ação é executada (Ben).
- locativo = o local, geralmente concreto e inanimado, onde o estado se encontra, onde o evento ocorre, ou para o qual algum participante está se movendo (Loc).
- associativo = um associado ao agente, paciente ou dativo do evento, cujo papel no evento é semelhante, mas não é tão importante (Assoc).
- modo = o modo pelo qual um evento ocorre ou um agente realiza a ação (Mann).

Essas definições estão presentes nas oito subclassificações de protótipos de verbos transitivos relacionados com pacientes que sofrem mudança física propostas por Givón (1984, p. 96-97):

(i) Objeto criado:

a. *Ele construiu uma casa*

b. *Ele pintou um quadro*

c. *Ela fez um vestido*

d. Ela desenhou um diagrama

e. Ele construiu uma ponte

(ii) Objeto totalmente destruído:

a. Eles demoliram a casa

b. Ela despedaçou o copo

c. Eles evaporaram a água

(iii) Mudança física no objeto:

a. Ela rachou a panela

b. Ele ampliou a cama

c. Eles cortaram o milho

d. Ela fatiou o salame

e. Eles clarearam seu cabelo

(iv) Mudança de lugar do paciente:

a. Ele moveu o celeiro

b. Eles conduziram o carrinho de mão

(v) Mudança com um instrumento implicado:

a. Ele martelou a unha (martelo)

b. Ela chutou o muro (pé)

c. Ele deu palmadas no cachorrinho (palma)

d. Eles o esfaquearam (faca)

e. Ela prendeu os coiotes (armadilha)

(vi) Mudança superficial:

a. Ela lavou a camisa dele

b. Eles pintaram o celeiro

c. Ele deu banho no bebê

(vii) Mudança interna:

a. Eles aqueceram a solução

b. Ele resfriou o gazpacho

(viii) Mudança com modo implicado:

- a. *Eles a mataram (matar com intenção)*
- b. *Ela despedaçou a xícara (quebrar completamente)*
- c. *Eles o surraram (bater forte e repetidamente)*
- d. *Ela rasgou o livro (rasgar completamente, em pequenos pedaços)*

Givón (2001, p. 128) acrescenta que alguns verbos prototipicamente transitivos podem denotar um sentido de localização incorporada:

- a. *Ela os abrigou durante todo o inverno (manter em casa)*
- b. *Ele ensacou a maçã (colocar em um saco)*
- c. *Eles os aprisionaram (colocá-los em uma prisão)*

As mudanças físicas perceptíveis no objeto-paciente encontram-se relacionadas aos verbos transitivos prototípicos, conforme as subclassificações citadas. Desse modo, Givón (1984, 2001) utiliza a gradiência da transitividade proposta por Hopper & Thompson (1980) a fim de reconhecer que outros verbos podem alcançar graus altos no âmbito sintático. Todavia, a escala de transitividade deve ser analisada também considerando o sujeito-agente: “o sujeito-agente do verbo transitivo prototípico é *consciente* (tem volição) e *ativo* (inicia o evento)” (GIVÓN, 1993a, p. 109; grifos do autor).

Vale destacar que Givón (1984, 1993a, 2001) também discute a transitividade desviante do protótipo. As categorias elencadas pelo autor aqui são: verbos com objeto direto locativo; verbos com objeto direto recipiente ou locativo e com paciente implicado; verbos com parte do sujeito em movimento; verbos com sujeito dativo-experienciador; verbos com objeto recíproco/associativo; o verbo *ter*; e verbos com objetos cognatos.

Nesse contexto analítico, o autor aponta que, pelo fato da transitividade ser escalar, os parâmetros gradientes do fenômeno mostram as variações de sua classificação sintática. Em Ribeiro (2009), ressaltamos que a extensão metafórica auxilia na compreensão dessas concepções givonianas.

Givón (1984) reconhece, no grupo de classificação de verbos prototípicos, identificação e articulação de verbos transitivos mais distantes do protótipo. Essa questão se justifica pelo fato das motivações pragmáticas possibilitarem articulações

entre usos prototípicos e não-prototípicos durante a interação dos/as falantes. Isso configura-se como um caso de extensão metafórica, no sentido de, cognitivamente, durante a interação entre usuários de uma língua natural, ocorrer a equiparação entre verbos prototípicos e não-prototípicos.

De acordo com Lakoff & Johnson (2002), a metáfora constitui a língua, é motivadora das inúmeras possibilidades de construções, combinações sintáticas e semânticas. Logo, “entendemos que a extensão metafórica consiste na transferência de sentido de um conceito fonte de algum elemento para outros construtos” (RIBEIRO, 2009, p. 33). Taylor (1989) embasa essa ideia à medida que considera a extensão metafórica atrelada à metáfora como elemento motivador da extensão semântica em estrutura sintática. Sobre metáfora, tratamos com maiores detalhes na subseção sobre gramaticalização.

No âmbito do discurso, essas questões podem ser analisadas no escopo de como a transitividade com verbos prototípicos e não-prototípicos constituem as estruturas do discurso ideológico, nos termos de van Dijk (2000), como: tópicos, implicações e pressuposições, coerência local, sinonímia e paráfrase, contraste, exemplos e ilustrações, estruturas proposicionais, atores, modalidade, evidencialidade, cobertura e imprecisão, *topoi*. (cf. subseção 1.2.1.1). Nesse sentido, em nossas análises, observamos as estruturas ideológicas que circundam o evento transitivo de um determinado enunciado discursivo (cf. capítulo analítico).

Cumpramos ressaltar aqui que Givón (2001) trata de outros fenômenos ligados à transitividade, no que concerne à classificação de verbos e de orações simples, como intransitividade e verbos bi-transitivos. A semântica da transitividade aqui levantada foi considerada no momento de reconhecimento dos verbos que aparecem nos dados analisados referentes ao discurso do parto do Vão de Almas-GO. A semântica dos verbos proposta por Givón auxilia também no reconhecimento da estrutura do discurso nos moldes de van Dijk (2000). Isso garantiu a ida da transitividade para o campo do discurso, do texto em contexto real; isso implicou análises dos enunciados/orações sim, mas de demonstrações dessas orações em cada discurso analisado; ou seja, não ficamos apenas no microcosmo do verbo e do estudo da oração clássica.

1.1.6.3. As interfaces entre transitividade, relações gramaticais, voz e valência

Para tratarmos sobre voz e valência e suas relações com a transitividade, é preciso antes reconhecer as relações gramaticais (RGs), uma vez que estas apresentam estruturalmente as relações entre as palavras nas frases e orações (PAYNE, 2006). E nessas relações é que a voz verbal é codificada e, conseqüentemente, a valência também, como veremos mais adiante.

As relações gramaticais ocorrem entre os termos sintáticos sujeito, objeto direto, objeto indireto, ergativo, absolutivo, predicado. E, como outras noções estruturais, RGs são discutidas no âmbito sintático estritamente, sem considerar o viés semântico. Outro ponto fundamental sobre as RGs é que são essencialmente conceitos relacionais. Logo, para analisar as RGs é preciso haver, no mínimo, dois elementos relacionados. Um elemento nominal único não promove relações no nível sintático. Assim, as propriedades gramaticais que identificam RGs são determinadas por construções sintáticas, e não simplesmente por propriedades semânticas individuais de substantivos ou verbos *a priori* (PAYNE, 2006).

Quando se discutem RGs, inevitavelmente o termo argumento entra em cena, para se referir a qualquer elemento nominal que tenha uma relação gramatical com um verbo, ou com outro substantivo. Essas relações entre argumentos não são estanques; elas variam conforme as tendências estruturais das línguas. Cumpre dizer que há também o não-argumento, ou oblíquo, que é algo que não tem uma relação gramatical. De acordo com Payne (2006), a identificação das RGs pode se dar por: marcação de caso nos nomes, marcação morfológica em verbos e/ou ordem dos constituintes.

Mesmo as RGs sendo estritamente sintáticas, elas têm relações com os papéis semânticos, partindo de protótipos. O sujeito, por exemplo, é prototipicamente agente; e o objeto é paciente. Mas a quebra desse protótipo é justamente o que mais interessa em nossa análise, uma vez que ela, via de regra, é motivada pragmático-discursivamente.

Aqui chegamos ao espectro da voz verbal, em que motivações pragmático-discursivas geram formas morfológicas e sintáticas específicas para comunicar de uma dada forma, com um dado propósito. Neste trabalho, nos detemos nas relações entre voz, valência e transitividade. No capítulo analítico, as vozes verbais foram consideradas no Protocolo-Mãe. Antes de adentrarmos no assunto “voz verbal”, falemos de valência.

Segundo Payne (2006, p. 237), valência pode ser discutida sob a égide da semântica, da sintaxe, ou em uma combinação das duas. Assim, a valência semântica refere-se ao número de participantes na cena previsto por um verbo. Um verbo prototipicamente transitivo pede um agente e um paciente. Mesmo na voz passiva, essa valência semântica continua viva. Em Português, podemos ver isso em “Monalisa foi roubada (por ladrões italianos)”. Mesmo sendo passiva, prevemos a existência de dois participantes na cena, mesmo que um deles (o agente no caso) não seja explicitado por alguma razão. Já a valência sintática refere-se ao número de argumentos exigidos pelo verbo. Tomando por base o exemplo anterior, vemos que a passiva apresentada só tem um argumento obrigatório (“por ladrões italianos” não é um argumento; é um tipo de adjunto). Enquanto a forma ativa dela (“Ladrões italianos roubaram a Monalisa”) tem necessariamente dois.

Vejamos outro exemplo em português. Dependendo de como o verbo “comer” é utilizado, é possível reconhecê-lo com valência sintática 1 ou 2. Em “Meu filho não comeu hoje”, não há objeto direto, por isso, “comer” aqui tem valência 1. Isso porque não há tanta importância na comunicação em expressar o que foi comido. Há, portanto, um novo sentido associado a esse “comer” intransitivo. Sua valência sintática é um.

Assim, os verbos das línguas podem ser monovalentes (valência 1), no caso do verbo expressar apenas 1 argumento; bivalentes (valência 2), quando o verbo expressa 2 argumentos – os verbos transitivos são exemplos disso – e trivalentes, quando o verbo envolve 3 argumentos. Payne (2006) afirma que os trivalentes, muitas vezes, são chamados de bitransitivos. Esses termos são baseados no fato de que verbos como “dar” podem ter dois objetos: a coisa dada e o destinatário. A valência é mais geral, pois considera todas as possibilidades de argumentos, e não apenas os objetos. Aqui cumpre registrar que, em Português, podemos pensar em verbos sem valência, ou melhor, aivalentes. Isso significa que esses verbos não possuem nenhum argumento. Exemplos disso são os verbos que denotam fenômenos da natureza, como “chover”, “amanhecer”, “nevar”, “trovejar”, etc.

Payne (2006), a partir da valência, tece relações com a transitividade, uma vez que a presença ou não de argumentos influencia estruturalmente na organização transitiva. Uma valência 1, por exemplo, expressa intransitividade, enquanto valência 2 aponta transitividade. O autor considera essa visão como bastante atrelada à ideia tradicional de transitividade e cita os estudos de Hopper & Thompson (1980) como importantes, pois os autores em tela ampliaram a concepção tradicional de

transitividade, referindo-se ao grau em que um agente volitivo ativo transfere uma ação para um paciente (cf. subseção 1.1.6.1). Mas, vale registrar, que os graus de transitividade podem variar consideravelmente, independentemente do número de argumentos que um verbo tenha. E é disso que tratam Hopper & Thompson em seu clássico artigo de 1980.

Diante do exposto até aqui, podemos ainda verificar que a voz verbal influencia no ajuste da valência verbal e esses dois mecanismos, por sua vez, interferem no esquema transitivo de uma oração como um todo, chegando a afetar todo um dado discurso. A voz verbal ocupa-se de reger a interação entre papéis semânticos, papéis pragmáticos, relações gramaticais e os processos morfológicos que mostram especificidades de voz. A relação entre voz verbal e discurso ainda precisa ser mais amplamente investigada. Estudos funcionalistas têm essa preocupação, e nós buscamos discuti-la considerando a voz verbal no âmbito do Protocolo-Mãe (cf. capítulo analítico).

Payne (2006) propõe uma tipologia funcional das construções de ajuste de valência, partindo do conceito de voz:

Quadro 3 - Construções com diminuição da valência

- reflexivas, recíprocas e médias: combinam controle e afetamento em um único participante;
- omissão de sujeito e passiva: desconsideram um participante de controle;
- omissão de objeto, antipassiva, rebaixamento de objeto, incorporação de objeto: desconsideram participante afetado.

Quadro 4 - Construções com aumento de valência

- Causativas: adicionam um participante de controle;
- aplicativas, deslocamento dativo, alçamento de possuidor, dativo de interesse: destacam um participante periférico.

As definições acima são generalizações propostas pelo autor e que podem ser analisadas em trabalhos que se ocupam, de modo central, nessas questões. Após essas considerações acerca dos pressupostos que circundam a transitividade e a LCU, fenômeno e arcabouço teórico principal deste trabalho, respectivamente, faz-se necessário apresentar dois eixos teóricos que auxiliarão nossa análise: os Estudos

Críticos do Discurso (ECD), conforme van Dijk (1999, 2000, 2010), que amparam nossa concepção de discurso e fomenta nossa ampliação da transitividade como mecanismo além da oração; e, por fim, os Letramentos, que constituem práticas sociais situadas, os conhecimentos internos e externos relativos aos cuidados antes, durante e depois do parto das kalunga do Vão de Almas-GO, bem como sedimentam as oficinas sobre esse eixo como contribuição social para a comunidade pesquisada.

1.2. Estudos Críticos do Discurso (ECD): concepções gerais

Ao longo do tempo de sua atuação nas pesquisas linguísticas, van Dijk (2010) propõe os Estudos Críticos do Discurso (ECD). Nesse enquadre teórico, o autor sugere uma relação mais estreita entre micronível das estruturas linguísticas e macronível social. Nessa linha, há uma preocupação em investigar de modo mais profundo as relações entre discurso, poder, racismo. É importante dizer que o poder é visto aqui nas sobreposições discursivas do abuso. Por isso, o autor assume que seu objeto de estudo é a “reprodução discursiva de abuso de poder e desigualdade social” (VAN DIJK, 2010, p. 09). E o racismo tem, em si, abuso de poder via discursos, ideologias, crenças, valores.

A respeito do micronível das estruturas e do macronível social, o autor aponta que, em um discurso, é possível analisar como um tópico, um léxico, uma metáfora, um pronome, uma entonação, etc., que são microníveis estruturais, refletem as relações de poder sociais – que estão em um macronível.

Tal tônica coaduna-se com nosso objetivo de investigar as nuances discursivas que envolvem as estruturas transitivas do discurso do parto das mulheres kalunga do Vão de Almas-GO. Em outras palavras, queremos analisar as imbricações discursivas e sociais reveladas e sustentadas nas estruturas transitivas enunciadas pelas colaboradoras. O que essas estruturas refletem acerca das vivências das mulheres kalungas no tocante ao parto e aos cuidados kalunga? Esse tipo de reflexão registramos em nossas análises com o apoio dos ECD.

No que concerne aos percursos metodológicos, os ECD apresentam certa liberdade de escolha, desde que haja coerência com os objetivos da pesquisa e, especialmente, respeito aos direitos dos estudados. Por isso, van Dijk (2010, p. 11) elenca modos distintos de análise da fala e da escrita, os quais podem se combinar à luz de diferentes abordagens, como análise formal, funcional, entre outras:

- Análise gramatical (fonológica, sintática, lexical, semântica);
- Análise pragmática dos atos de fala e dos atos comunicativos;
- Análise retórica;
- Análise estilística;
- A análise de estruturas específicas (gênero, etc.): narrativa, argumentação, notícias jornalísticas, livros didáticos etc.;
- Análise conversacional da fala em interação;
- Análise semiótica de sons, imagens e outras propriedades multimodais do discurso e da interação.

Como nossa análise é, essencialmente, centrada no uso, multidisciplinar e com o intuito de, além da descrição da transitividade, contribuir socialmente com a comunidade estudada, a análise sintática se casa com a análise de estruturas específicas (narrativas sobre conhecimentos e experiências do parto e dos cuidados kalunga obtidas por meio de entrevistas). Essas análises consideram a interação, a vivência e as percepções kalunga sobre a temática de discurso que escolhemos observar. Nesse instante, é válido destacar que van Dijk (2010, p. 12) reconhece que pesquisas em estudos do discurso podem utilizar métodos das ciências sociais, como “observação participante, métodos etnográficos e experimentos”. No nosso caso, optamos pela etnografia, ou melhor, Ecoetnografia, que será detalhada no capítulo metodológico.

Ainda sobre metodologia, os ECD analisam o discurso “como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política” (VAN DIJK, 2010, p. 12). Esses princípios são fundamentais para nossa pesquisa, visto que os dados foram obtidos via trabalho de campo, com convivência e imersão na comunidade Vão de Almas-GO, com o intuito de compreender as visões de mundo, as ideologias, os modos de vida, o viés cultural dos/as colaboradores/as. Isso auxilia no entendimento das estruturas transitivas que materializam os discursos sobre parto no Vão de Almas-GO.

O autor ressalta que há sim uma metodologia plural nos ECD, mas seu foco é, em primeira instância, “contribuir para a apoderação social de grupos dominados, especialmente no domínio do discurso e da comunicação” (VAN DIJK, 2010, p. 13). Esse é o caso da comunidade kalunga Vão de Almas-GO, formada por negros/as que, durante muito tempo, tiveram seus direitos básicos negligenciados. Agora, em uma história recente, esses/as negros/as kalunga começam a ter atenção do Estado, das

mídias, das pesquisas, das universidades justamente porque sua história, cultura e, principalmente, seu território foram reconhecidos. Nosso trabalho, em certo grau, também tem o objetivo de fomentar o empoderamento³ deste grupo social, seja por meio do reconhecimento do seu discurso e da sua língua, seja por meio do cultivo do letramento em sua escola sem perder a interface com a realidade da comunidade (cf. seção 1.3).

Outro ponto salientado pelo autor é a variação das estruturas discursivas conforme a estrutura social. Aqui, ele destaca que a gramática de uma língua é utilizada por todos que a falam e escrevem, independentemente de suas posições políticas e ideológicas. Por isso, muitas estruturas sintáticas são obrigatórias em discursos que podem, por exemplo, ser racistas ou não. Mas nosso trabalho mostra, na análise de dados, que os eventos transitivos e seus discursos podem sim apontar ideologias, crenças, valores calcados nas práticas sociais dos falantes – no nosso caso, o discurso das mulheres kalunga sobre o parto e seus cuidados.

Os ECD, portanto, constituem uma análise de discurso que se ocupa em observar as variações da fala e da escrita de acordo com as situações sociais em que o discurso, materializado por essas estruturas, é enunciado, reproduzido. E, conseqüentemente, esse discurso é um agente de propagação/influência das ideologias e ações sociais. Estudar o micronível linguístico com o intuito de discutir como tal micronível é um espelho das relações de poder nos discursos, em um macronível social, a partir de abordagens multidisciplinares, demonstra o cunho crítico dos ECD. Assim, segundo van Dijk (2010, p. 15), os ECD podem ser realmente críticos se abarcarem pelo menos um dos critérios a seguir:

- a) Relações de dominação são estudadas principalmente da perspectiva do grupo dominado e do seu interesse;
- b) As experiências dos (membros de) grupos dominados são também usadas como evidências para avaliar o discurso dominante;
- c) Pode ser mostrado que as ações discursivas do grupo dominante são ilegítimas;

³ O termo “empoderamento” faz parte das Ciências Sociais, sobretudo do movimento feminista: “[o termo empoderamento faz] referência ao processo de conquista da autonomia das mulheres sob a ótica do projeto político feminista” (SCHEFLER, 2013, p. 1). Nesta tese, utilizamos empoderamento estendido aos/às kalungas. Isso significa que desejamos contribuir com a conquista da autonomia dessa comunidade.

- d) Podem ser formuladas alternativas viáveis aos discursos dominantes que são compatíveis com os interesses dos grupos dominados.

Nossa pesquisa contempla os critérios acima à medida que consideramos a resistência do povo kalunga em seus conhecimentos sobre o parto, bem como reconhecemos a distância não só física, mas ideológica das concepções de parto entre colaboradoras kalunga e profissionais da área de saúde do SUS (cf. capítulo analítico).

O autor diz que dominação, nos critérios acima, ocorre quando um grupo social realiza abuso de poder em relação a outro grupo. Tais concepções auxiliam na percepção das ideias e ações dos grupos dominantes e dominados de uma sociedade e, também, no combate ao abuso de poder. Esse viés, conforme van Dijk (2010), deve ser uma preocupação consciente do/a pesquisador/a que opta pelos ECD em suas pesquisas. Ou seja, o/a pesquisador/a em ECD tem, ou pelo menos deveria ter, consciência social e política, bem como vontade de contribuir na mudança social em prol da sociedade como um todo, sem desigualdades sociais, sem separações racistas, elitistas, sexistas, etc. Assim, diante dessas concepções gerais sobre os ECD, faz-se necessário definir, de fato, o conceito de ideologia e discurso dessa abordagem, tão discutidos por van Dijk em suas obras.

1.2.1. Discurso e ideologia conforme os ECD: conceitos e estruturas

Van Dijk (1999) afirma que seu enfoque no conceito de discurso é multidisciplinar, visto que o discurso contempla análises linguísticas, cognitivas, sociais e culturais do texto oral e escrito. Essas análises encontram-se situadas em um contexto e são feitas partindo de um viés sociopolítico e crítico. Nesse sentido, o conceito de discurso da abordagem em tela não é estanque, inflexível. Assim como aponta o autor, o conceito de discurso é “tão difuso como o de linguagem, comunicação, sociedade” (VAN DIJK, 1999, p. 246). Mas é possível sim estabelecer recortes dessa terminologia, para a análise pretendida sob a égide dos ECD.

O discurso pode ser compreendido como evento comunicativo e também como produtos verbais. O discurso como evento comunicativo pode ser oral ou escrito e comporta dimensões verbais e não-verbais (expressões faciais, gestos, etc.). É também complexo e abarca um número de atores sociais (falante/escritor e ouvinte/leitor) que participam ativamente no ato comunicativo, em situações específicas de tempo, lugar e circunstâncias. Esse é um conceito, segundo van Dijk (1999), mais estendido do termo

discurso. Em contrapartida, há um significado mais restrito de discurso. Nesse espectro, discurso se refere ao produto do ato comunicativo, isto é, o material linguístico pronto, já processado e que está disponível para a interpretação dos receptores.

Já a ideologia, para van Dijk (1999), encontra-se em interface com a estrutura social e a cognição social. Assim, a ideologia pode ser vista como “a base das representações sociais compartilhadas por membros de um grupo” (VAN DIJK, 1999, p. 21). Nessa perspectiva, a ideologia move os membros do grupo a se organizarem conforme suas próprias noções do que é bom ou mau, verdadeiro ou falso, etc. Isso constitui as crenças e os valores do grupo. Logo, a ideologia opera na estrutura social, na cognição, compartilhando socialmente ideias de conflito, luta, desigualdade social no nível das práticas sociais situadas no cotidiano.

Dentro dessa concepção, é válido destacar o triângulo discurso-cognição-sociedade. Nesse triângulo, a cognição detém os modelos mentais de eventos específicos e, por isso, subjetiva representações de mundo. Desse modo, a cognição influencia a existência do discurso e das práticas sociais. Assim, o discurso se mostra como elemento enunciativo da sociedade. Esta, por sua vez, abarca práticas sociais, conhecimentos, ideologias e letramentos. Van Dijk (1999, 2010) não nega o caráter da cognição mais próximo da abordagem biológica. Porém o enfoque do autor é justamente na cognição social; em outras palavras, a cognição social é o recorte adotado aqui por causa da necessidade de visualizar como as interações das pessoas com o mundo, com a sociedade são processadas.

Nesse campo, podemos afirmar, então, que a transitividade, via cognição, promove a materialização linguística dos discursos e das relações sociais. Podemos fazer um paralelo entre a cognição social de van Dijk e a cognição linguística, que identificamos em uma língua. Modelos mentais sociais estão associados com modelos mentais linguísticos. Na medida em que desvendamos os modelos linguísticos, também podemos estar desvendando os modelos cognitivos sociais. Temas como metáfora são comuns ao lado da (análise) Linguística que propomos aqui constituir.

Atualmente, os estudos de discurso consideram, em geral, os discursos como formas de uso de uma língua. Isso implica descrever e analisar usos linguísticos que estruturam discursos, considerando práticas sociais e as ideologias compartilhadas nessas práticas. E é aqui que as relações entre microanálise e macroanálise supracitadas se encaixam na construção dos discursos e suas imbricações sociais.

Nossa proposta de análise nesta tese é justamente demonstrar que é possível fazer análise de um mecanismo gramatical – a transitividade – levando em conta, sobretudo, o invólucro discursivo que constitui o todo linguístico. Na verdade, nossa proposta é considerar a transitividade mais que um mecanismo gramatical, elevando-a também ao nível discursivo. O próprio van Dijk (1999, p. 247) aproxima e reflete sobre o labor do linguista clássico/tradicional e do analista do discurso, muitas vezes separados por tradições teóricas:

concentrar-se em uso concreto, em desenvolvimento da linguagem não significa que a explicação teórica em si mesma seja menos abstrata. Do mesmo modo que os linguistas abstraem as propriedades gramaticais dos atos verbais reais, os analistas do discurso também o fazem quando descrevem, por exemplo, gestos, entonações, pausas, alterações, desenho gráfico, estruturas narrativas, metáforas, movimentos conversacionais, sequências de fechamento, etc.

Logo, ampliar o discurso para as dimensões ideológicas, mas sem perder de vista as estruturas que o materializam, em um evento comunicativo com práticas sociais situadas e relações de poder estabelecidas foram nossas metas na análise da transitividade do discurso do parto das mulheres kalunga do Vão de Almas-GO. A seguir, mostraremos as estruturas do discurso ideológico de van Dijk (2000) que usaremos em nossas análises.

1.2.1.1. Estruturas do discurso ideológico

Cumprir dizer que o discurso é muito complexo, com muitos níveis de estruturas, cada uma com suas categorias que podem ser combinadas de variadas maneiras. Para van Dijk (2000), os discursos têm estruturas que podem apresentar ideologias, mas isso pode ser mais típico em algumas estruturas. Assim, em tese, o significado semântico e estilo apresentarão mais ideologia do que a morfologia e muitos aspectos da sintaxe porque estes são menos dependentes do contexto. Mas isso não significa que a morfologia e a sintaxe não possam apresentar/representar ideologias. Para tratar das estruturas do discurso, destacaremos estruturas relacionadas ao significado e, depois, ao espectro sintático.

As estruturas relacionadas ao significado têm conteúdo ideológico mais diretamente exposto no discurso. Van Dijk (2000) elenca as seguintes estruturas de significado: tópicos, implicações e pressuposições, coerência local, sinonímia e

paráfrase, contraste, exemplos e ilustrações, estruturas proposicionais, atores, modalidade, evidencialidade, cobertura e imprecisão, *topoi*.

Os tópicos são significados globais do discurso e mostram as suas informações mais importantes. Eles podem ser construídos com proposições e aparecem com maior recorrência em manchetes de jornais. Mas outros gêneros apresentam tópicos, como sumários, resumos. É importante dizer que há diferença entre tópicos e temas. Os primeiros, em geral, são constituídos de proposições, e os segundos, mais abstratos, podem ser formados por uma única palavra. Nesse sentido, os "tópicos representam a essência ou a informação mais importante de um discurso e nos conta sobre o que é o discurso, globalmente falando" (VAN DIJK, 2000, p. 45). O autor aponta também que "o tópico é tipicamente a informação que é melhor lembrada de um discurso" (VAN DIJK, 2000, p. 45). No dado a seguir, gerado no processo de coleta-piloto, há um tópico:

Excerto 2

M02:CP: É na época eu tava aqui em Brasília, aí fui embora no mês de julho, **setembro eu casei...**

Nesse dado, o tópico mostra uma informação importante do discurso: o casamento da colaboradora. Assim, aqui, temos um conteúdo relevante do discurso enunciado.

As implicações e pressuposições estão calcadas em modelos mentais, os quais contêm informações já conhecidas que são acionadas em determinadas práticas sociais para constituir um discurso. Isso pode ser melhor visualizado quando proferimos algo a alguém e, nessa interação, já conhecemos algumas maneiras de pensar do nosso interlocutor. Um exemplo disso ocorre com o dado a seguir:

Excerto 3

- (1) M03:CP: Aí uns cozinha assim um tanto pra mim tomar né, e outro tanto era pra tomar banho, porque disse que a mulher quando ganha neném disse que tem que tomar banho com esses remédio porque senão fica...
- (2) Pesquisadora: E como é que é esse banho? Corpo todo ou só as partes?
- (3) M03:CP: Não, só mais ou menos daqui assim
- (4) Pesquisadora: A parte de baixo?
- (5) M03:CP: Da barriga pra baixo, Hum rum.

Nesse contexto, a colaboradora estava explicando os banhos medicinais kalunga nas partes íntimas da mulher. Como ela não quis, em primeira instância, denominar o órgão genital feminino, ela utilizou a orientação corporal para que a pesquisadora compreendesse a forma de banho medicinal.

A coerência local é uma das características típicas do significado do discurso. Os significados das proposições de um discurso devem ser relacionados de alguma forma, para haver sentido. Essa coerência pode ser global ou local. No dado 2 da coleta piloto, podemos considerar todas as proposições como sequências de coerência local. Da forma como a colaboradora narrou, notamos a plausibilidade do que foi enunciado (estava em Brasília, foi embora de volta ao Vão de Almas-GO em julho e em setembro se casou).

A sinonímia e a paráfrase são também propriedades semânticas do discurso que tratam das relações entre as proposições. A sinonímia estrita não existe, pois cada palavra tem sua nuance de significado. E esse mesmo princípio rege a paráfrase. Por mais que queremos dizer “a mesma coisa”, uma reescrita ou uma nova fala não é exatamente igual ao texto original. Um exemplo disso em dados da coleta-piloto aparece quando duas colaboradoras enunciam o mesmo conteúdo, mas com usos diferentes:

Excerto 4

M04:CP: [...] tinha um outro prefeito lá só que o outro prefeito tinha [tentando lembrar]

H01:CP: Se suicidado

M04:CP: é tinha se matado ele mesmo

M04:CP realiza uma paráfrase da fala de H01:CP, optando por uma estrutura redundantemente mais transitiva, com o intuito de garantir entendimento (“tinha se matado ele mesmo”).

Já o contraste é uma forma de polarização de ideias que mostram a ideologia por meio da estrutura linguística. Um exemplo disso, conforme van Dijk (2000, p. 49), é a polarização que se pode realizar com os pronomes “nós” e “eles” (nós trabalhamos duro, e eles são preguiçosos). Nas ocorrências da coleta-piloto, encontramos o contraste entre os advérbios “aqui” e “lá”:

Excerto 5

M05:CP: 95. Aí eu casei setembro de 95, aí mais ou mês de outubro foi uns pai **lá** em casa. Meu tio, que é o pai da E., foi lá falou: “M., vamos ver se você arruma uma escola **aqui** pra você dar”, porque tem tantos meninos **aqui** que tão sem estudar, porque na época só tinha duas escolas **lá**, duas municipal e uma estadual. Mas mesmo com as dificuldade, rio encheno, muitos menino na época não estudava; aí tá bom, aí a gente fomos **lá** em Cavalcante, aí conversou, mas “ah não, já tava chegando o final do ano” aí eles pegou deixou pra gente voltar mês de fevereiro[...]

Como a colaboradora estava em Brasília no momento da coleta, ela utilizou “lá” para referir-se à casa dela no Vão de Almas-GO e à própria região kalunga. Mas quando ela reproduz a fala do tio, usa o “aqui”, reproduzindo a situação no Vão de Almas-GO. Ao final, a colaboradora utiliza “lá” para acompanhar “em Cavalcante”, demarcando que essa cidade é um *locus* distante (apesar de Cavalcante ser uma das cidades mais próximas do Vão de Almas-GO). Discursivamente, o “lá” indica o lugar que não me pertence. Por isso, o contraste entre lá e aqui.

Os exemplos e as ilustrações são relações discursivas que mostram relações por analogia. Se usamos exemplos atrelados ao “nós” e ao “eles” como comprovação de ideias, é um método de apresentar ideologias. Na ocorrência acima, temos exemplos e ilustrações: “rio encheno, muitos menino na época não estudava” são exemplos das dificuldades relatadas pela colaboradora.

As estruturas proposicionais demonstram que o discurso é organizado em proposições. Uma frase ou uma sequência de frases podem expressar uma ou mais proposições, com sentidos variados. Cumpre dizer que a análise filosófica e a lógica tradicional de proposições atribuíram-lhes a noção de predicado; este contém argumentos em sua constituição. No predicado, há a presença dos atores. Estes podem assumir vários papéis semânticos, como agente, paciente ou beneficiário de uma ação (cf. subseção 1.1.6.2). Assim, reconhecer ideologicamente os atores de determinados argumentos torna-se atividade essencial para analisar detalhadamente as práticas sociais envolvidas.

A modalidade tem a função de modificar proposições conforme nossas representações de mundo, nossas ideologias, nossas crenças. Estruturas como “É necessário que”, “É possível que” ou “Sabe-se que” são exemplos de modalidade.

Por sua vez, a evidencialidade é a “prova”/fonte do que se enuncia. Os evidenciais expressam crenças e ideologias também, pois cada gênero, contexto e cultura têm seus próprios critérios de avaliação para o que é boa evidência, ou o que

seriam evidências aceitáveis ou ruins. Exemplos: “eu já vi com meus próprios olhos”, “eu li no jornal”, “o médico disse que”, etc. A colaboradora do Vão de Almas-GO utilizou a evidencialidade para manter os conhecimentos tradicionais acerca dos cuidados pós-parto, apontando as orientações de sua mãe sobre o que comer ou não após o parto:

Excerto 6

M01:CP: Aí quando eu ganhei a menina aí tô lá né, vai a bandeja, quando eu olho só verdura, falei “vixi, agora”; aí eu falei logo: “não vou comer não”. Aí como eu ficava mais uma mulher lá, que é enfermeira né, aí ela: “não M., pode comer, não faz mal não, aonde é que você já viu” Aí eu disse: “**não, mas mãe disse que essas comida aí faz mal, não vou comer não**”.

A cobertura e a imprecisão são instrumentos linguísticos políticos e ideológicos. É possível cobrir ou ser vago quando não sabemos uma informação ou quando não queremos parecer “politicamente incorretos”. Eufemismos e negações indiretas são exemplos de cobertura e imprecisão. No caso do verbo “conversar” do exemplo M01:CP, a ausência do “com quem conversou” demonstra essa imprecisão para proteger a própria face:

Excerto 7

M01:CP: [...] aí tá bom, aí a gente fomos lá em Cavalcante, **aí conversou**, mas “ah não, já tava chegando o final do ano” aí eles pegou deixou pra gente voltar mês de fevereiro[...]

A colaboradora não revela com quem conversou, nem no sentido institucional (conversar com prefeito, com prefeitura). Essa é uma maneira de proteção de face da própria colaboradora talvez por medo de uma possível represália por parte do poder constituído e que está sendo exposto aí.

Por fim, o *topoi* (um tipo de *lugar-comum*) se define como tópicos padronizados e divulgados. Ideologicamente, os *topoi* são utilizados para disseminar ideias dominantes, mas com carapaça de tolerância. Exemplo de *topoi*: “os refugiados e outros imigrantes são recomendados para ficar em seu próprio país, para ajudar a construí-lo”. (VAN DIJK, 2000, p. 53).

No que tange ao espectro sintático, van Dijk (2010, 2000) ressalta que o uso de uma oração passiva no lugar de uma ativa, ou vice-versa, é uma forma de enfatizar, ou não, a responsabilidade pela ação. E a topicalização ou rebaixamento de elementos de

uma oração são mecanismos para que isso ocorra sintaticamente. A consequência desse rebaixamento ou topicalização nas orações passiva ou ativa é a representação ideológica, via sintaxe, do conteúdo a ser destacado ou não. Sem dúvidas, ao observarmos as vozes verbais e valências, no âmbito do Protocolo-Mãe (cf. capítulo analítico), com diferentes camadas, nossas análises alcançaram relações diferenciadas, foram além do espectro da forma ou da função isoladas em uma sentença, uma vez que o nosso olhar se direciona para além da sentença, em direção ao discurso.

Assim, sedimentados nesses princípios discursivos de van Dijk (1999, 2010), buscamos construir uma tese linguística orientada pelas relações entre análise do micronível das estruturas e análise do macronível social com a intenção de alcançarmos uma cosmovisão sociopolítica crítica. Isso foi possível porque fizemos a análise da transitividade do português kalunga em discursos do parto, combinando microanálise linguística e reflexões discursivas acerca do que essa microanálise apontou. E, enfim, em uma postura de contribuição social, mostramos que o povo kalunga constrói e mantém, via língua, via discurso, via vivência, via escola, seus letramentos, suas identidades, seus conhecimentos. A partir da LCU, a microanálise linguística estará presente, pois registraremos os usos da transitividade encontrados no Vão de Almas-GO.

1.3. Os Letramentos: concepções gerais, definições e aplicações para esta pesquisa

Segundo Rios (2002), o Letramento é uma área que abrange os limites de variadas disciplinas sociais, como Educação, Psicologia e Antropologia. E, no âmbito da Linguística, foi ocupando espaço com as Políticas de Letramento, associadas intrinsecamente com o desenvolvimento da língua escrita. Assim, de forma geral, para Rojo (2009), Letramento já é em si uma área multidisciplinar, bastante ligada à Linguística e à Educação, justamente por relacionar práticas sociais da linguagem, contextos, leitura, escrita à luz de um viés sociológico, antropológico e sociocultural.

A partir desse viés, inúmeros estudos a respeito da oposição língua oral e língua escrita tomaram força durante a década de 1970, como análises de comunidades com longa tradição escrita e de comunidades mais pautadas na oralidade. Goody (1968, *apud* RIOS, 2002), por exemplo, aponta que a escrita, em algumas culturas do norte de Gana, foi usada de modo mais estrito, em situações de rituais religiosos, e defende que a escrita é uma via pertinente para repassar pensamentos especializados, conceitos

abstratos. Essa linha analítica defende também que a escrita promove o desenvolvimento da história, da filosofia e de espectros sociais complexos, como a burocracia.

Estudos os quais contemplam escrita e oralidade no tocante à organização lógica do pensamento começaram a ser questionados na década de 1980. De acordo com Rios (2002), a concepção de letramento como prática iniciou-se com o trabalho acerca de Vai, na África (SCRIBNER & COLE, 1981, *apud* RIOS, 2002). Os autores analisam que as práticas reais, vivenciadas por uma sociedade, demonstram letramento. No caso do Vai, a sociedade estava se relacionando com tipos distintos de escrita, a Vai, uma indígena, Árabe e Inglês. Essas escritas se articulavam a variadas situações de vivência e a escola foi importante nisso. Contudo, o desenvolvimento de raciocínio lógico não ocorreu, considerando os moldes de tradições ocidentais.

Nessa perspectiva, Street (2014) aponta que, nos anos 1980, surgiram análises de letramento e oralidade à luz da ideia de contínuo, refutando a divisão, a oposição, tão discutidas na década anterior. Todavia, para o autor, essa mudança de paradigma da divisão para contínuo não ocorreu de fato, pelos seguintes motivos:

definição restrita de contexto social, relacionada com a divisão, na linguística, entre pragmática e semântica; a reificação do letramento em si mesmo em detrimento do reconhecimento de sua localização em estruturas de poder e ideologia, também relacionada a pressupostos linguísticos gerais sobre a 'neutralidade' de seu objeto de estudo; e a restrição de 'significado' dentro da linguística tradicional no nível da sintaxe.

(STREET, 2014, p. 171)

É nesse contexto que o autor, ainda nos anos 1980, propõe o modelo ideológico de letramento⁴, em distinção do modelo autônomo de letramento. Para Street (2014), o modelo autônomo preocupa-se com as variáveis técnicas e individuais do letramento, sem considerar contexto social. Rojo (2009) destaca que o enfoque autônomo prevê que o indivíduo desenvolve habilidades de leitura e escrita conforme seu contato com esses elementos em ambiente escolar. Já o modelo ideológico, conforme Street (2014), vê o letramento de modo diversificado, em que leitura e escrita não são vistas apenas em ambiente escolar. Os letramentos estão articulados com as práticas sociais, contextos sociais/culturais e com as relações de poder.

⁴ Street (2014, p. 173) afirma que o termo "ideológico" não se refere ao marxismo e ao antimarxismo, mas sim à ideologia como "lugar de tensão entre autoridade e poder, de um lado, e resistência e criatividade individual, do outro [...] Essa tensão opera por meio de uma variedade de práticas culturais, incluindo particularmente a língua e, claro, o letramento".

Street (2014, p. 172) diz que a distinção entre modelo autônomo e ideológico foi criticada por alguns estudiosos, que a consideraram como "uma polarização desnecessária e prefeririam uma síntese". Mas, para o autor, quem faz a polarização mencionada são os pesquisadores que utilizam a concepção autônoma, a partir do momento em que polarizam elementos técnicos e culturais do letramento. A respeito do modelo ideológico, o autor ressalta que

[...] não tenta negar a habilidade técnica ou os aspectos cognitivos da leitura e da escrita, mas sim entendê-los como encapsulados em todos culturais e em estruturas de poder. Nesse sentido, o modelo ideológico subsume, mais do que exclui, o trabalho empreendido dentro do modelo autônomo.

(STREET, 2014, p. 172)

Da crítica ao modelo autônomo e da adoção do modelo ideológico, surgem os Novos Estudos do Letramento. Gee (2008, p. 67) é quem cunha a expressão Novos Estudos do Letramento, abordando espectros socioculturais:

Os Novos Estudos do Letramento têm suas origens no colapso do velho contraste "cultura oral – cultura letrada". Fora da desconstrução desse contraste, virão abordagens mais contemporâneas para o letramento não como algo singular, mas como um conjunto plural de práticas sociais: letramentos. Tradução nossa⁵

Gee (2008) contribui bastante para a discussão das abordagens dos Novos Estudos do Letramento. O autor retoma o modelo ideológico, discute as concepções de primitivo e civilizado, e questiona o contraste oralidade-letramento, propondo a perspectiva de diferentes visões de mundo. Partindo dos Novos Estudos do Letramento, o grupo de Lancaster, liderado por Barton & Hamilton (2000), desenvolve a Teoria Social do Letramento, calcada nas práticas e nos eventos de letramento. Segundo os autores, o Letramento como prática social possui as seguintes características:

- letramento é melhor entendido como conjunto de práticas sociais; estas podem ser inferidas a partir de eventos que são mediados por textos escritos;
- existem diferentes letramentos associados a diferentes domínios da vida;
- práticas de letramento são padronizadas por instituições sociais e relações de poder, e alguns letramentos são mais dominantes, visíveis e influentes do que outros;
- práticas de letramento são propositais e encaixadas em objetivos sociais mais amplos e práticas culturais;
- letramento é historicamente situado;

⁵ the New Literacy Studies has its origins in the collapse of the old “oral culture–literate culture” contrast. Out of the deconstruction of this contrast come more contemporary approaches to literacy not as a singular thing but as a plural set of social practices: literacies.

- práticas de letramento mudam e as novas são frequentemente adquiridas através de processos de aprendizagem informais e de produção de sentido. (BARTON & HAMILTON, 2000, p. 8)

Os eventos de letramento, por sua vez, são atividades em que o letramento tem uma função social. Os autores ressaltam que os eventos estão em consonância com a natureza situada do letramento. Nessa linha, uma importante contribuição de Barton & Hamilton (1998) encontra-se sedimentada na concepção de letramentos dominantes e letramentos vernaculares. "Práticas de letramento vernaculares são essencialmente aquelas que não são regidas por regras e procedimentos das instituições sociais dominantes formais; são as que têm suas origens na vida cotidiana" (BARTON & HAMILTON, 1998, p. 247). Já os letramentos dominantes, por sua vez, fazem parte das instituições formais, em que a escrita se sobrepõe, soberanamente, à oralidade. Tais visões, especialmente a de letramentos vernaculares, são fundamentais para o presente trabalho porque o eixo temático dos dados orais e escritos gerados está ancorado no cotidiano: o nascer, o parto, os cuidados com a mãe e o bebê kalungas.

É importante ressaltar que, neste trabalho de tese, assumimos o modelo ideológico, as práticas e eventos de letramentos, bem como a concepção de letramentos vernaculares como espectros teóricos e de análise dos letramentos, pois coadunam-se com um caminho de visualização da transitividade dos discursos do parto a partir do prisma das práticas, vivências e conhecimentos que o/a kalunga tem dessa temática. Isso implica afirmar que os cuidados típicos kalunga acerca do antes e depois do parto são sim conhecimentos científicos internos, práticas e eventos que devem ser reconhecidos e valorizados. E essas concepções permitem realizar análises de textos orais, que foram gerados por meio de entrevistas com as mulheres kalunga do Vão de Almas-GO. No tocante aos textos escritos (que foram arrolados durante as oficinas no nono ano da Escola Santo Antônio), registramos, neste estudo, no âmbito de nossa contribuição social (cf. capítulo metodológico).

Nessa seara, o enfoque ideológico – pautado nas práticas sociais, culturais e nos contextos – nos auxilia na análise da transitividade, bem como na contribuição social que realizamos com a comunidade. Após esse reconhecimento do enfoque ideológico como eixo norteador da nossa concepção de letramentos, cabe destacarmos que os múltiplos letramentos e o letramento crítico também contribuirão nesta tese.

Os múltiplos letramentos, de acordo com Street (2012), estão pautados em práticas sociais multifacetadas e situadas, desafiam o letramento singular e autônomo

supracitado, remetem à relação entre letramentos e culturas, e variam no tempo e no espaço. A concepção de múltiplos letramentos, por abarcar o letramento ideológico, contesta as relações de poder. E isso coaduna-se com um dos princípios dos Estudos Críticos do Discurso, de justamente questionar relações de poder e buscar contribuições sociais para a comunidade pesquisada. E, certamente, esse é um aspecto de nossa pesquisa.

Nesse sentido, os múltiplos letramentos abarcam diferentes saberes e conhecimentos em práticas sociais cotidianas e situadas. Existem diferentes agências de letramentos, não só a escola (STREET, 2012). Assim, no decorrer deste trabalho, essencialmente nos capítulos metodológico e analítico, destacamos a coexistência dos conhecimentos da comunidade kalunga de Vão de Almas-GO e os conhecimentos externos (que envolvem a medicina ocidental); valorizamos os letramentos vernaculares (da comunidade), imateriais no sentido de não ser escrito, ser oral – para promover seu reconhecimento e empoderamento – por meio de um letramento dominante, de escrita formal e acadêmica, em que a própria tese se constitui. Além disso, como contribuição social, a pedido das/os kalunga, promovemos letramentos nos âmbitos escolares e da escrita partindo de práticas sociais situadas (cf. capítulo metodológico).

Ideologicamente, os múltiplos letramentos relacionam-se com a abordagem ecológica discutida por Barton (1994) e com os letramentos críticos apontados por Luke (2000). Uma abordagem ecológica de letramentos não está restrita à escola; as diversas práticas sociais de uma sociedade constituem os letramentos, de modo orgânico e situado na vida cotidiana. E os espectros sociais, históricos e psicológicos devem ser levados em conta na análise das práticas de letramentos.

A abordagem ecológica contribui significativamente neste trabalho por considerar a sociedade como um todo, como possibilidades de ambientes para as vivências de letramentos, e não apenas o “ecossistema” escola. E essa visão (re)significa as práticas de letramentos, contemplando a oralidade, a leitura de mundo, e não supervalorizando a escrita e a leitura de decodificação, por exemplo. A abordagem ecológica do Letramento é uma concepção que se aproxima da Ecolinguística (cf. capítulo metodológico) por considerar a noção do ambiente, do ecossistema como algo que está intrinsecamente relacionado às práticas sociais de linguagem. E, no caso da abordagem ecológica do Letramento, sua grande contribuição é reconhecer outros ambientes de letramentos além do escolar.

Já os letramentos críticos têm relação intrínseca com a pesquisa-ação que vivenciamos no contexto escolar com a comunidade, que será tratada no capítulo metodológico. Segundo Luke (2000), o letramento crítico não prevê uma fórmula pronta e infalível para a sala de aula. O lado crítico privilegia justamente diferentes vivências de letramentos, em práticas sociais situadas na comunidade. É certo que o letramento crítico tem o objetivo geral de alcançar melhorias nos processos de leitura e escrita dos estudantes em ambiente escolar. Todavia, cada realidade deve ter uma proposta de letramentos compatível com suas pessoas e identidades. E, para nós, compatível com o ambiente físico e social dos indivíduos.

Portanto, nosso objetivo aqui é mostrar que a transitividade, fenômeno além da sentença e que constitui discursos, também revela enquadre de letramentos quando consideramos as práticas sociais. Estas estão articuladas às diversas culturas e conseguem ultrapassar as barreiras hegemônicas da cosmovisão tradicional de leitura e escrita ligadas apenas a alfabetização e decodificação. E, no caso do conhecimento, apontar que o enfoque ideológico é mais condizente com a realidade kalunga. Logo, a junção entre múltiplos letramentos, abordagem ecológica e letramentos críticos e transitividade culmina em uma postura ideológica dos letramentos: legitimar saberes e práticas sociais contra-hegemônicas por meio das estruturas transitivas, dos enunciados discursivos produzidos pelos falantes.

1.4. Considerações finais do capítulo

Este capítulo teórico teve como finalidade mostrar, além das concepções teóricas *per se* que adotamos, as relações possíveis entre paradigmas linguísticos tradicionalmente separados. Defendemos aqui que é possível almejar/tecer uma descrição de um fenômeno gramatical, a transitividade, combinando funcionalismo, discurso e letramentos. E também é possível que um trabalho sintático dialogue com diferentes perspectivas linguísticas e sociais.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA: o itinerário de construção da pesquisa

2.0. Introdução

Neste capítulo, mostraremos nosso percurso metodológico, desde suas bases conceituais até as suas práticas. Aqui merecem destaque a pesquisa qualitativa, a perspectiva etnográfica com o olhar da Ecolinguística (que, neste trabalho, denominamos como uma postura de Ecoetnografia), a pesquisa-ação, as entrevistas, as oficinas de Letramentos e os trabalhos de campo. O capítulo é composto de três macroseções: i) os pressupostos metodológicos, ii) vivenciando e construindo a pesquisa qualitativa e de postura ecoetnográfica com movimentos da pesquisa-ação e iii) considerações finais; as duas primeiras seções são compostas de subseções.

Nos pressupostos metodológicos, apresentaremos nossas concepções acerca da metodologia: 2.1.1. Pesquisa qualitativa; 2.1.2. Etnografia; 2.1.3. Ecolinguística; 2.1.4. A postura de Ecoetnografia e 2.1.5. Pesquisa-ação. A seguir, na seção 2.2, delinearemos os procedimentos de geração de dados, bem como o que de fato ocorreu em campo, com as seguintes subseções: 2.2.1. A LEdoC/FUP/UnB: o ponto de partida; 2.2.2. O Vão de Almas-GO: a comunidade quilombola/kalunga pesquisada; 2.2.3. As entrevistas; 2.2.4. Oficinas de Letramentos para o nono ano da Escola Santo Antônio/Comunidade Kalunga Vão de Almas-GO e 2.2.5. Outras interações com o povo kalunga do Vão de Almas-GO. Por fim, as considerações finais contêm uma síntese acerca dos pontos principais deste capítulo.

2.1. Os pressupostos metodológicos

Objetivamos realizar um trabalho linguístico orgânico, com contribuição social e análises interpretativistas. Por isso, optamos pela Pesquisa Qualitativa, pela Etnografia, pela Ecolinguística, pela postura de Ecoetnografia e pela Pesquisa-ação. Esses arcabouços coadunam-se com a nossa proposta, fomentam a articulação inovadora que buscamos entre Funcionalismo, Estudos Críticos do Discurso, Ecolinguística e Letramentos. Vale ressaltar que o escopo acerca da Ecolinguística foi desenvolvido na subseção 2.1.3 do presente capítulo pelo fato desta área da Linguística ter nos sedimentado na postura ecoetnográfica adotada nesta tese. A Ecolinguística, portanto, perpassa o arcabouço metodológico, teórico e o espectro analítico deste estudo.

2.1.1. Pesquisa qualitativa

Um estudo que pretende analisar a transitividade do português kalunga em discursos sobre o parto presentes na comunidade remanescente quilombola/kalunga Vão de Almas-GO à luz da Linguística Centrada no Uso e com relações teóricas inovadoras requer uma metodologia calcada em espectros sociais e orgânicos. Isso porque colaboradoras/es kalunga participam literal e socialmente com suas vozes no decorrer de toda a pesquisa. E nossas análises linguísticas dessas vozes, muitas vezes esquecidas – conforme muitas/os kalunga dizem –, serão sedimentadas na interação/vivência entre as/os kalunga, a pesquisadora e os territórios internos e externos (esses territórios serão discutidos na subseção 2.1.3. Ecolinguística).

Nesse sentido, a abordagem qualitativa foi selecionada como âncora de toda nossa engrenagem metodológica por considerar as seguintes dimensões:

a diversidade das práticas sociais, a mobilidade das fronteiras entre as etapas do ciclo de vida de acordo com as culturas ou segundo as gerações, os mecanismos estratégicos das relações de poder ou de cooperação entre atores, a dinâmica social da construção identitária [...] Elas revelam dinâmicas, ambivalências e diversidades, permanências e dinâmicas, detalhes e sinais tênues.

(ALAMI; DESJEUX; GARABUAU-MOUSSAOUI, 2010, p. 19)

Tais dimensões apontam para um olhar dinâmico e, ao mesmo tempo, sensível, direcionado às nuances sociais presentes na comunidade pesquisada. Esse olhar é o nosso ponto de partida no processo de produção de toda a tese.

Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa é ampla e, por isso, os focos de interesse se consolidam no decorrer da pesquisa. Além disso, os dados descritivos acerca de pessoas, locais e interações são arrolados por um/a pesquisador/a que interage diretamente no contexto de estudo e que se preocupa em compreender os fenômenos a partir das perspectivas de seus/suas colaboradores/as.

Essas prerrogativas também fazem parte das nossas concepções metodológicas, visto que o contato direto com as/os colaboradoras/es e a busca por entender suas perspectivas são espectros fundamentais para compreender e analisar a transitividade do português kalunga no discurso do parto, essencialmente, a partir da Linguística Centrada no Uso (eixo teórico principal o qual analisa os usos linguísticos em situações reais de interação). Vale ressaltar que o contato direto da pesquisadora com o povo

kalunga ocorreu graças à intermediação propiciada pela área de Linguagens da LEdoC/FUP/UnB, que explicaremos mais adiante.

A utilização da pesquisa qualitativa como eixo metodológico em estudos sociais é, historicamente, recente. Isso por que o paradigma positivista, que privilegia pesquisas quantitativas, vivenciou (ou ainda vivencia) uma supremacia em relação a outros tipos de pesquisa. Quantificar e verificar causas e soluções, principalmente em estudos das áreas de Exatas e Biológicas, sempre foram procedimentos metodológicos considerados mais científicos do que outros.⁶

Diante desse espectro, a pesquisa qualitativa aproxima-se mais de outro paradigma: o interpretativista. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), o paradigma interpretativista lançou-se partindo das críticas ao positivismo clássico de Comte e ao neopositivismo, críticas essas tecidas pela Escola de Frankfurt no início dos anos 1920. Para Comte, as Ciências Sociais e Humanas deveriam desenvolver os mesmos métodos e princípios das áreas de Exatas. Os críticos dessas concepções, como Adorno e Habermas, afirmavam que o contexto sócio-histórico deveria ser considerado em pesquisas sociais.

Assim, o paradigma interpretativista busca a razão dialética, a interpretação de significados culturais, a observação das práticas sociais e seus significados. O/a pesquisador/a, nesse paradigma, é um/a observador/a ativo/a, uma vez que, em suas análises, constam suas próprias percepções e interpretações da realidade pesquisada. Tais percepções podem ser construídas, no interpretativismo, por meio de práticas pertencentes à pesquisa qualitativa, como observação participante, estudo de caso, pesquisa etnográfica, pesquisa-ação, etc. Mais adiante trataremos da pesquisa-ação em uma subseção específica.

Conforme Godoy (1995), a abordagem qualitativa nas Ciências Sociais iniciou seu processo de surgimento na segunda metade do século XIX, com os trabalhos de Frédéric Le Play sobre as famílias de classe trabalhadora da Europa e de Henry Mayhew, com a publicação de quatro volumes a respeito das condições de pobreza em Londres.

⁶ O paradigma positivista surgiu no século XIX, influenciou a ciência de um modo geral no decorrer do século XX pelas ideias de Auguste Comte e é calcado na certeza sensível, na certeza metódica e na antinomia entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível. Nesse sentido, nota-se que o paradigma positivista ocupa-se em promover a razão analítica engendrada às causas e às relações lineares entre fenômenos (BORTONI-RICARDO, 2008).

Já no século XX, a primeira obra sobre metodologia em uma abordagem qualitativa, com descrição, análise e observações pessoais de entrevistas, documentos foi feita por Sidney e Beatrice Webb (1932). Nos EUA, entre 1910 e 1940, o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago começou a desenvolver estudos de natureza qualitativa. E, na Antropologia, Franz Boas (1858-1942) e Bronislaw Malinowski (1884-1942) contribuíram veementemente com seus trabalhos de campo qualitativos. Boas investiu no espectro indutivo e na perspectiva dos membros de cada cultura pesquisada. Malinowski, por sua vez, dedicou-se mais às longas permanências em campo como observador participante (GODOY, 1995), como etnógrafo.

Entre as décadas de 1930 e 1960, houve diminuição do uso da abordagem qualitativa. Mas o interacionismo simbólico de Herbert Blumer e a etnometodologia de Harold Garfinkel, de acordo com Godoy (1995), são considerados grandes contribuições para os estudos qualitativos durante esse período. A partir dos anos 1960, a pesquisa qualitativa alcança outras áreas do conhecimento – além da Sociologia e da Antropologia. Segundo Bortoni-Ricardo (2008), um exemplo disso ocorreu na Linguística, com os trabalhos do sociolinguista Dell Hymes a partir de 1962. Hymes desenvolveu as bases da etnografia da comunicação, uma via da pesquisa qualitativa, “voltada para a análise dos padrões do comportamento comunicativo em uma cultura” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 39).

Com a etnografia da comunicação, Hymes (1972, p. 282) desenvolveu o conceito de competência comunicativa.

Eu deveria conceber *competência* como o termo mais geral para as capacidades de uma pessoa [...] A competência depende do *conhecimento* (tácito) e da (capacidade de) *uso*. O *conhecimento* é distinto, então, tanto da competência (como parte) quanto da possibilidade sistêmica (para a qual sua relação é uma questão empírica). Tradução nossa⁷

O autor afirma que o termo competência encontra-se relacionado à capacidade de um ser humano interagir com o outro, considerando o seu próprio conhecimento e o do interlocutor. Nesse prisma, esta competência oferece “ao falante saber o que falar e

⁷ I should take *competence* as the most general term for the capabilities of a person [...] Competence is dependent upon both (tacit) *knowledge* and (ability for) *use*. *Knowledge* is distinct, then, both from competence (as its part) and from systemic possibility (to which its relation is an empirical matter).

como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias” (BORTONIRICARDO, 2008, p. 39).

Ao longo de sua discussão, Hymes (1972) aponta que o sistema linguístico, imbuído de estruturas gramaticais e da materialidade *per si*, é um dos componentes dessa rede em prol da comunicação humana. Logo, o sistema linguístico deve ser analisado, nessa concepção, como um elemento seminal para a comunicação, porém não como o único. E sem supremacia. A competência comunicativa é, sobretudo, constituída de capacidades de uso, conhecimento e sistema linguístico, em coexistência, para que a comunicação entre os usuários das línguas [seres sociais] ocorra com êxito, isto é, para que a comunicação seja compreendida/vivenciada pelos envolvidos em uma interação social via língua(gem).

O conceito de competência comunicativa (HYMES, 1972) em uma pesquisa qualitativa e linguística como esta é fundamental, pois sedimenta nossa postura metodológica em analisar a transitividade em coexistência com outros fatores analíticos, sempre em busca de compreender como o fenômeno linguístico em tela se comporta em um determinado contexto social (no caso, a Comunidade quilombola/kalunga Vão de Almas-GO). Com todo esse processo de construção da pesquisa qualitativa, atualmente ela conta com escolas e princípios consolidados no sentido da utilização em pesquisas sociais, mais dinâmicos, amplos e flexíveis no que tange à adequação aos contextos e dados de estudo.

Flick (2009) apresenta as escolas da pesquisa qualitativa: teoria fundamentada (*grounded-theory*); etnometodologia, análise de conversação do discurso e de gênero; análise narrativa e pesquisa biográfica; etnografia; estudos culturais; estudos de gênero. Em nossa proposta metodológica, adotamos a Etnografia, que será tratada com maiores detalhes na próxima subseção.

Quanto aos princípios essenciais da pesquisa qualitativa, Flick (2009, p. 23-25) elenca quatro: i) *a apropriabilidade de métodos e teorias*, que se encontram intrinsecamente ligadas ao objeto de estudo e suas imbricações no contexto real e cotidiano de análise; ii) *as perspectivas dos participantes e sua diversidade*, pelas quais é imprescindível demonstrar na análise as visões de mundo diversificadas de todos/as colaboradores/as acerca do objeto e da realidade subjacente a ele; iii) *a reflexividade do pesquisador e da pesquisa*, que abrangem a subjetividade do/a pesquisador/a, dos/as colaboradores/as e consideram a vivência, o diálogo do/a pesquisador/a em campo como elemento da construção do conhecimento. Na prática desta pesquisa, tal princípio se

revela essencialmente na análise de dados, pois a compreensão dos dados foi possível graças à vivência constante da pesquisadora na comunidade quilombola/kalunga e, em especial, graças à disponibilidade e à vontade de interação que o povo kalunga estabeleceu com a pesquisadora; iv) *a variedade de abordagens e métodos na pesquisa qualitativa*, que apontam a não uniformidade da pesquisa qualitativa, isto é, a abordagem qualitativa permite o diálogo entre diferentes métodos e concepções. Tudo depende do objeto e de suas relações com o mundo real.

Cada um desses quatro princípios elencados por Flick (2009) encontra-se nesta tese, da seguinte forma: os métodos e teorias selecionados, em suas variedades na pesquisa qualitativa, se justificam porque tratamos de um fenômeno linguístico, a transitividade, numa perspectiva centrada no uso (além da sentença), ancorada no discurso do parto em uma comunidade tradicional brasileira (quilombolas/kalunga do nordeste goiano). Por isso, também consideramos o território da comunidade pesquisada à luz da Ecolinguística, e a contribuição social deste trabalho está nas aplicações das oficinas de Letramentos, bem como nas análises do letramento no próprio discurso do parto. Logo, as perspectivas dos participantes e sua diversidade e a reflexividade da pesquisadora e da pesquisa se coadunam em todo o processo de confecção da tese.

Após a apresentação dos conceitos, do percurso histórico e, principalmente, dos pressupostos qualitativos adotados no presente trabalho, a subseção a seguir tratará da Etnografia, nosso recorte qualitativo de concepções e ações nos trabalhos de campo.

2.1.2. Etnografia

Para que a nossa proposta de pesquisa qualitativa seja concretizada de maneira orgânica, considerando a perspectiva das/os colaboradoras/es – no caso as/os kalungas da comunidade Vão de Almas-GO –, optamos por utilizar princípios e ações da Etnografia. Essa abordagem é uma das escolas da pesquisa qualitativa e visa compreender processos de eventos sociais, culturais e linguísticos com participação e vivência na comunidade durante toda a pesquisa (FLICK, 2009).

Erickson (2004, p. 03) afirma que o termo Etnografia “deriva do verbo grego para escrita e do substantivo grego (ethnos) que se refere a grupos de pessoas que não foram gregos; por exemplo: társios, persas e egípcios”. Logo, Etnografia remete a “escrever sobre os outros”, observar/analisar outros povos, outras comunidades. Essa

palavra foi criada com o intuito de cunhar relatos a respeito dos modos de vida dos não ocidentais ao final do século XIX (ERICKSON, 2004).

O início da Etnografia foi no início do século XIX, com a monografia de Malinowski intitulada “Argonautas do Pacífico Ocidental” (1922). A partir dessa obra, considerar os pontos de vista dos/as colaboradores/as da pesquisa tornou-se critério da descrição etnográfica (ERICKSON, 2004). A Linguística começa a fazer uso, de fato, da Etnografia em meados dos anos 1960, com trabalhos sociolinguísticos de Hymes, Labov, entre outros.

Segundo Zaharlick & Green (1991, p. 205), a Etnografia, em suas bases conceituais, é

mais do que um conjunto de métodos de campo, de coleta de dados, de técnicas (ferramentas), de procedimentos de análise, ou de descrição narrativa. É uma abordagem sistemática, teoricamente orientada para o estudo da vida cotidiana de um grupo social que inclui um planejamento fase a fase de descoberta e uma apresentação dos resultados.

Essas concepções acerca da Etnografia demonstram que essa vertente metodológica preocupa-se com percepções e análises que partem da convivência interna, isto é, com o grupo social estudado, vivência entre pesquisador/a e colaboradores/as. E tal processo de convivência é fundamental na apresentação dos resultados, visto que a Etnografia, assim como a pesquisa qualitativa, é interpretativista.

Nesse espectro, Zaharlick & Green (1991) elencam alguns princípios da Etnografia: etnografia é uma abordagem culturalmente orientada; etnografia envolve uma perspectiva comparativa; pesquisa etnográfica envolve uma abordagem interativa-reativa; e etnografia é a base para a etnologia.

É importante ressaltar que a Etnografia possui um viés conhecido como convencional e outro como crítico. Segundo Thomas (1999), a etnografia convencional, em termos gerais, é conhecida como uma linha que “fala” dos sujeitos de pesquisa. Já a etnografia crítica propicia que os sujeitos de pesquisa tenham suas vozes reveladas, que eles mesmos “falem” de suas realidades sociais. Isso gera empoderamento para, por exemplo, minorias via etnografia. Neste ponto, cabe justificarmos nossa opção por utilizar, em referência ao nosso trabalho, a palavra “colaborador/a” ao invés de “sujeito”. “Colaborador/a” ressalta que quem participou da nossa pesquisa construiu, junto com a pesquisadora, no sentido de revelar seus discursos, toda a engrenagem da

tese. Portanto, nossas/nossos participantes são ativas/os e não somente “sujeitos” em observação; elas/eles constroem junto, colaboram.

Sousa (2006) destaca que a etnografia convencional está em processo de atualização de acordo com as perspectivas analíticas das variadas áreas do conhecimento. Outro ponto destacado pela autora é o fato da permanência em campo, atualmente, ser realizada de modo mais compactado. Em pesquisas mais antigas da Antropologia, por exemplo, o/a pesquisador/a ficava em campo bastante tempo, até por anos consecutivos. Hoje, por razões de prazos exíguos de término das pesquisas entre outros fatores, o/a pesquisador/a realiza, em geral, visitas/estadias periódicas em campo.

No caso desta tese, após a aprovação do Comitê de Ética em Ciências Humanas da UnB, a pesquisadora vivenciou quatro trabalhos de campo na comunidade quilombola/kalunga Vão de Almas-GO. Faz-se necessário destacar que o Comitê de Ética em Ciências Humanas da UnB realiza um trabalho relevante, pois orienta o/a pesquisador/a em como proceder, eticamente, suas pesquisas e prioriza o respeito, o bem-estar das pessoas envolvidas nos estudos. Nos Apêndices, constam o documento de aprovação deste trabalho emitido pelo Comitê de Ética em Ciências Humanas da UnB e o documento de autorização/anuência para o desenvolvimento desta pesquisa emitido pela comunidade quilombola/kalunga Vão de Almas-GO por meio de uma liderança local, a kalunga do Vão de Almas-GO, licenciada em Educação do Campo pela FUP/UnB e presidente da Associação de Educação do Campo do Território Kalunga e Comunidades Rurais/EPOTECAMPO, Wanderléia dos Santos Rosa.

Nós assumimos a abordagem crítica da etnografia – sem desconsiderarmos as contribuições da etnografia convencional e também com a visão de que a abordagem crítica complementa e expande a convencional – justamente porque, em nossa geração de dados e em nossa análise, mostraremos em primeiro plano as vozes das colaboradoras, privilegiando suas opiniões, pensamentos e comentários, seus discursos, suas realizações linguísticas naturais. Nessa linha, cumpre salientar que as gravações buscam retratar com o máximo de precisão possível exatamente o que nossas/os colaboradoras/es enunciaram. Realizamos as gravações da seguinte forma: ouvimos todos os áudios das entrevistas feitas com as colaboradoras e escrevemos, em arquivos, exatamente o que ouvimos e compreendemos, sendo fiel o máximo possível à fala das/os colaboradoras/es. As gravações foram feitas de modo artesanal, ouvindo e anotando as falas. Os instrumentos tecnológicos empregados neste instante foram gravador para ouvir as entrevistas e notebook para anotá-las e arquivá-las.

Especificamente sobre o respeito à integridade *ipsis litteris* das falas de nossas/os colaboradoras/es, em uma dada interação, elas/es nos pediram para **não** mudar o seu jeito de falar em nossa tese. Reclamaram de pesquisas anteriores, que coletaram suas falas, seus dizeres e os mudaram ao fazer adequações ao português culto. Mais um importante motivo para respeitarmos os discursos que ora analisamos.

Isso estará refletido nas entrevistas (cf. subseção 2.2.3) e nas oficinas de Letramentos (cf. subseção 2.2.4). As entrevistas são momentos em que as colaboradoras terão liberdade de expressar seus conhecimentos e opiniões acerca do parto no contexto kalunga. E isso gerará os discursos do parto, escopo de análise da transitividade do português kalunga.

As oficinas de Letramentos na escola da comunidade são, especialmente, uma maneira de contribuir socialmente com a comunidade durante o processo de confecção da tese. A finalidade maior das referidas oficinas é promover a inserção e a vivência de alunos/as do nono ano da Escola Santo Antônio, do Vão de Almas-GO, e suas/seus respectivos docentes no universo dos Letramentos. Mas de Letramentos os quais abarcam os conhecimentos escolares em consonância com a cultura e as práticas sociais kalunga.

Essas oficinas são demandas sugeridas por membros kalunga do Vão de Almas-GO. Tais demandas são dialogadas com a pesquisadora desde os seus primeiros contatos com o povo kalunga na LEdoC/FUP/UnB. Esta instituição, inclusive, apoiou no âmbito logístico e financeiro idas a campo que culminaram em oficinas de Letramentos. Cumpre dizer que as referidas oficinas foram sedimentadas nos princípios da pesquisa-ação e dos Letramentos.

A Etnografia se revela como um referencial metodológico dialético, que se encontra em constante construção. Neste trabalho de tese, esse caráter dialético envolve a intrínseca relação entre a pesquisa qualitativa e nosso objetivo geral, que é analisar a transitividade do português kalunga em discursos sobre o parto. A Etnografia é *modus operandi* no que concerne ao trabalho de campo no *locus* de pesquisa, e também é arcabouço de nossa abordagem qualitativa e, claro, de nossa proposta de pesquisa centrada no uso.

Um estudo da Linguística Centrada no Uso tem como princípio básico analisar a língua em contexto de interação social. Logo, acreditamos que devemos interagir com nossas/os colaboradoras/es, bem como devemos observar a interação entre elas/es de modo crítico e emancipatório. E a presença no *locus* de pesquisa, com a

responsabilidade de uma análise linguística, requer a compreensão das relações entre língua, povo e territórios. Por isso, na próxima subseção, apresentamos os pressupostos da Ecolinguística, como mencionamos no início deste capítulo.

2.1.3. Ecolinguística

Segundo Couto (2007, p. 39), a Ecolinguística analisa as “relações entre língua e meio ambiente”. Isso significa que a Ecolinguística utiliza conhecimentos ecológicos justamente por preocupar-se, em linhas gerais, com as nuances de interação viabilizadas pela língua e pela linguagem entre seres humanos que vivem em um determinado território.

Optamos por adotar a Ecolinguística como um dos suportes metodológicos/teóricos deste trabalho porque essa área da Linguística percebe a língua e a linguagem, utilizadas por seres humanos de uma dada comunidade, como inter-relacionadas ao meio ambiente físico e social. Essa concepção coaduna-se com o olhar etnográfico que também assumimos em nossa metodologia. E a contribuição maior da Ecolinguística é deixar a Etnografia cada vez mais próxima dos objetivos da análise linguística pretendida.

Traçando um breve histórico acerca dessa área da Linguística, cumpre ressaltar que Edward Sapir, provavelmente, foi o primeiro linguista a discutir sobre as relações entre língua e meio ambiente. O autor, em 1911, realizou a conferência *Language and environment* (língua e meio ambiente). Tal conferência culminou em publicações posteriores sobre o tema (ARAÚJO, 2014). Contudo, de acordo com Couto (2007, p. 39), Einair Haugen é “o pai da ecolinguística”. Haugen cunhou as expressões *ecology of language* e *language ecology* sem diferenciá-las; ambas em português significam “ecologia da língua”.

Nesse contexto, na década de 1970, Haugen afirmou que a ecologia da língua analisa as interações entre língua e meio ambiente. Araújo (2014) aponta que, no Brasil, Hildo Honório do Couto, da Universidade de Brasília, foi o primeiro linguista a desenvolver pesquisas sobre Ecolinguística, a partir de 1999. E nesta tese utilizaremos suas contribuições teóricas acerca da representação de língua, povo e território, que serão tratadas ainda nesta subseção.

Os estudos ecolinguísticos encontram-se divididos da seguinte maneira:

1. **Ecolinguística**: termo geral para designar o estudo das relações entre língua, povo e meio ambiente.
2. **Ecologia linguística**: estudo das relações entre língua e questões ‘ecológicas’, tais como diversidade, problemas ambientais. Designação alternativa: linguística ambiental.
3. **Ecologia da língua**: estudo das relações entre língua e meio ambiente (social, mental e físico).
4. **Ecologia das línguas**: estudo das inter-relações entre as línguas, tais como pidginização, crioulização, obsolescência e morte de língua, empréstimo e outras. (COUTO, 2007, p. 42).

Entre essas divisões, trabalharemos especificamente com os princípios da Ecolinguística (de maneira geral, considerando língua, povo e meio ambiente) e da Ecologia da língua. A língua é nosso enfoque na análise da transitividade do português kalunga em discursos do parto. Na perspectiva da ecologia da língua, Couto (2007) trata de um conceito muito importante para a compreensão da supracitada relação entre língua, povo e território: ecologia fundamental da língua ou ecossistema fundamental da língua (EFL). Isso fundamentará um contraste entre espectro rural e urbano: maior contato com o ambiente kalunga e sua expressão na língua comparada aos usos linguísticos do ambiente urbano; estes parecem abstratos e distantes da vivência kalunga.

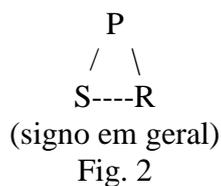
Nesse instante, a ecologia *per se* entra em cena para contribuir com as noções de ecossistema e inter-relações, no sentido de constituir diálogos entre seres vivos e meio ambiente. Faz-se necessário ressaltar que EFL também pode ser entendido como Comunidade porque, para existir ecologia fundamental da língua, é preciso haver uma comunidade com pessoas falantes de uma língua.

No ecossistema da língua, esta se relaciona intrinsecamente tanto com povo quanto com território. Couto (2007) afirma que povo é o primeiro suporte da língua e território representa as bases físicas, centradas na ideia de *locus*. Assim, a língua possui três tipos de meio ambiente: social, mental e natural. O meio ambiente social da língua reside no conjunto de pessoas interagindo socialmente via língua; o meio ambiente mental da língua encontra-se na capacidade cognitiva de cada ser humano em utilizar a língua; o meio ambiente natural da língua corresponde ao território físico de convivência dos membros de um povo. Tais concepções configuram-se como holísticas, visto que as inter-relações entre língua, povo e território podem ser delineadas de modo global.

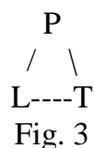
A partir dessas visões, a Ecolinguística trabalha com representações interessantes que revelam as relações entre língua, povo e território em um dado EFL. A inter-relação básica entre L, P e T consiste na língua ser utilizada por um povo em um dado T, segundo Couto (2007, p. 90):



Mas Couto (2007, p. 90) reorganizou o modelo, pautado na representação geral do signo proposta por Pierce, conforme a interpretação feita por Ogden & Richards (cf. figura 2):



Na Figura 2, o S é o signo, P é o pensamento, e R representa o referente. Sobre isso, Couto (2007, p. 90) destaca que “essa representação mostra que entre o signo e o referente não há uma relação direta e imediata, fato representado pela linha pontilhada que está entre os dois”. Logo, P é o mediador dessa relação. A seguir, o modelo da EFL reorganizado por Couto (2007, p. 91):



A inter-relação básica continua presente nessa proposta de representação do EFL. Sobre L, P e T, ainda há considerações importantes. Em primeira instância, L é “o modo de se comunicar de um povo” (COUTO, 2007, p. 97). E T, além de representar o meio ambiente territorial físico, pode se estender ao espectro da territorialidade (cf.

seção 2.2.1). Territorialidade é uma concepção muito discutida na LEdoC/FUP/UnB, um dos nossos *loci* de pesquisa. Nesse sentido, territorialidade é uma concepção a qual alia e expande o território físico com a construção de uma consciência de cunho coletivo, humano e social (ANTUNES-ROCHA & MARTINS, 2012).

Essa visão nos auxiliou no momento de perceber como território e territorialidade contribuem na compreensão do português kalunga e sua transitividade nos discursos do parto. Portanto, o T de território, em nosso trabalho, também significa territorialidade.

A reorganização do modelo da EFL mostra as seguintes diferenças entre o modelo da figura 1 e da figura 3: se antes L que mediava as relações entre P e T, agora, na figura 3, P (Povo) quem realiza essa mediação. Assim, L se transforma em expressão linguística usada por P. Outra mudança significativa presente na figura 3 é a linha pontilhada entre L e T. Isso significa que as relações entre L e T não são diretas, visto que para L existir, é necessário um P em um dado território.

Após essa explanação acerca dos pressupostos básicos da Ecolinguística, apresentaremos nossa proposta de articulação entre Ecolinguística e Etnografia: a postura de Ecoetnografia.

2.1.4. Postura ecoetnográfica

A Ecoetnografia, uma postura nossa de paradigma metodológico, é, basicamente, inspirada em pressupostos da Etnografia e em pressupostos da Ecolinguística. Adotamos a postura ecoetnográfica por considerarmos que a concepção de território, ecossistema da língua e suas relações com as/os falantes auxiliam no reconhecimento etnográfico da comunidade Vão de Almas-GO e contribuem para uma visão mais próxima da análise linguística que desenvolvemos aqui, aliando sintaxe, discurso e letramentos. Em outras palavras, o nosso olhar etnográfico encontrou suporte na Ecolinguística para o desenvolvimento tanto metodológico (da geração de dados) quanto analítico (na percepção e compreensão da transitividade e seus contextos discursivos).

Nesse sentido, a nossa Ecoetnografia possui os seguintes procedimentos: i) reconhecimento ético da comunidade pesquisada; ii) idas periódicas a campo; iii) convivência integrada entre pesquisador/a e colaboradores/as [até aqui, os procedimentos são inerentes à Etnografia]; iv) reconhecimento dos espectros sociais,

históricos, culturais, territoriais e linguísticos da comunidade; e v) registro das possíveis influências que o meio ambiente tem nos falantes [já os procedimentos iv e v apresentam o suporte que a Ecolinguística nos propicia na construção de todo o arquétipo de tese]. Vale ressaltar que tais procedimentos nortearam todo o percurso analítico desta pesquisa, para que teoria, metodologia e análise fossem construídas de modo fluido, dinâmico e articulado.

O reconhecimento ético da comunidade pesquisada, inerente à Etnografia, consiste na realização dos primeiros contatos entre pesquisador/a e comunidade. Esses primeiros contatos são essenciais para a identificação do espaço, do território e, em especial, das partes envolvidas na pesquisa. Isso propicia que o respeito e a contribuição social da pesquisa ocorram de modo adequado. Nesse viés, o/a pesquisador/a não é um/a mero/a observador/a; é uma pessoa atuante, mas que, ao mesmo tempo, sabe respeitar povo e território em suas diversidades e culturas. Mais uma vez, é importante mencionarmos o Comitê de Ética em Ciências Humanas da UnB. Todo o aparato fornecido pelo referido comitê ratificou nossa postura de respeito ao povo e ao território em toda a pesquisa.

As idas periódicas a campo, o contato constante entre pesquisadora e colaboradores/as e a sensibilidade, nesse momento, no tocante às relações entre Língua, Povo e Território são fundamentais para a nossa postura ecoetnográfica. Isso implica convivência, diálogo, saber ouvir o/a colaborador/a, observações relativas ao contexto territorial e linguístico do povo kalunga, bem como contribuir com a comunidade no momento propício, sempre de forma respeitosa. A mera aplicação de questionário ou entrevistas, sem a convivência, com certeza não fomenta a pesquisa holisticamente. Por isso, a palavra-chave aqui é convivência.

Neste trabalho, a convivência foi bastante intensa, consistente, amistosa e respeitosa. Houve grande receptividade concernente à pesquisadora e à pesquisa por parte do povo kalunga do Vão de Almas-GO, especialmente por parte das mulheres, protagonistas do parto. As mulheres, no início das entrevistas, naturalmente estavam tímidas. No entanto, em geral, após alguns minutos de interação com a pesquisadora, as colaboradoras sentiram vontade de falar a respeito de um tema tão íntimo e seminal para a manutenção da vida, o parto. Elas expuseram seus conhecimentos, suas opiniões, suas intimidades, suas alegrias, suas tristezas, suas lutas e as contradições da vida. Por um lado, o cerrado do território Kalunga é cenário, é personagem com seus ritos, remédios naturais, culturas no âmbito do parto da mulher kalunga. Ao mesmo tempo, este mesmo

cenário/personagem distancia-se, na atualidade, do parto da mulher kalunga realizado nos hospitais do SUS. Mas essa distância não é total e definitiva: a mulher kalunga é kalunga e carrega consigo, seja onde for, todo o cerrado, o conhecimento, as interações com as pessoas de sua comunidade, os ritos, os remédios naturais, o seu direito de viver e ser kalunga em qualquer lugar, em seu território, e também em um território externo.

Nesse sentido, essa convivência intensa aliada ao reconhecimento territorial, cultural, histórico e linguístico da comunidade [a nossa postura ecoetnográfica], constituiu todo o tecer desta tese. E esse reconhecimento não mascaramos pelo viés “falar sobre a comunidade”. Com os instrumentos de pesquisa, como entrevistas e questionários, e também com a postura da pesquisadora frente ao/à colaborador/a e ao território, registramos e revelamos as vozes integralmente dos/das colaboradores/as. Aí sim fugimos da mera aplicação e convergimos com o registro de dados e suas análises conforme a voz do/a colaborador/a. Isso evita confirmação de estigmas, bem como o/a colaborador/a dizer “esse trabalho não condiz com a minha realidade”. Nesse instante, é necessário também compreender e respeitar o tempo da comunidade, das pessoas, do território e do falar dos/as colaboradores/as. Isso é postura ecoetnográfica.

Por fim, a Ecoetnografia a qual assumimos exigiu da pesquisadora sensibilidade de perceber as interferências do ambiente na interação linguística entre os/as colaboradores/as e também com a pesquisadora. Usos de advérbios de lugar, expressões locativas, ou até mesmo metáforas espaciais/orientacionais são pontos de partida para que o/a pesquisador/a em linguística que esteja realizando etnografia perceba como o território e a orientação espacial influenciam no constructo linguístico do/a falante. Este/a parte de suas experiências espaciais para expressar suas ideias e interagir com as pessoas e o ambiente. Aliás, todos nós, seres humanos, tecemos esse tipo de relação. E reconhecê-la é uma postura sociopolítica de registro e de análise linguística e social.

2.1.5. Pesquisa-ação

A pesquisa-ação, em termos gerais, é um procedimento metodológico que busca unir teoria, prática, contribuição social, mudança de paradigmas e contextos, via ações da pesquisa, e participação integral tanto do/a pesquisador/a quanto dos/as colaboradores/as durante todo o trabalho. Optamos pela pesquisa-ação justamente no

âmbito da oficina de letramentos⁸, pois tais oficinas foram solicitadas pelas/os professoras/es kalunga do Vão de Almas-GO, colaboradoras/es do presente estudo, e contaram com a sua efetiva participação, na Escola Santo Antônio, do Vão de Almas-GO, ao lado da pesquisadora.

Tal participação foi extremamente ativa: docentes da escola relataram à pesquisadora suas dificuldades no tocante à interface entre letramentos escolares e letramentos orais típicos da comunidade. Depois disso, planejaram e ministraram aulas, no âmbito das oficinas, ao lado da pesquisadora à luz de uma perspectiva que une conhecimento escolar e práticas sociais da comunidade [os Letramentos]. As/os discentes do nono ano, da turma na qual atuamos, se apropriaram dos conhecimentos discutidos, bem como revelaram o que já sabiam acerca do parto, utilizando, mesmo com dificuldades, recursos dos letramentos escolares. Contamos também com a fundamental colaboração de D. D⁹, idosa e liderança da comunidade. Ela ministrou/compartilhou conosco, na Escola, seu conhecimento a respeito dos temas em desenvolvimento das atividades. Nesse cenário, portanto, a pesquisa-ação aponta para ações diferenciadas no contexto de pesquisa: docentes, estudantes, a colaboradora D. D e pesquisadora construíram, juntas/os, momentos de reflexão da interface entre letramentos escolares e conhecimentos kalunga sobre o que circunda a temática parto.

Além disso, nosso trabalho, pela discussão da transitividade no discurso do parto, eixo central de análise, registrou e revelou conhecimentos das mulheres kalunga do Vão de Almas-GO concernentes ao tema em tela por meio das entrevistas e das análises posteriores. Nesse sentido, a pesquisa-ação inspirou, também, a postura da pesquisadora no instante da geração de dados nas entrevistas. A postura da pesquisadora, que já denominamos de ecoetnográfica, na realidade, coaduna-se aqui com a pesquisa-ação: a pesquisadora fez as perguntas relativas ao parto, porém deixando as colaboradoras à vontade para enunciarem o que desejassem, sem julgamentos. Houve empatia entre as envolvidas, colaboradoras e pesquisadora.

A postura ecoetnográfica articulada com a pesquisa-ação está ancorada no espectro da escuta sensível (BARBIER, 2007). Para o autor, a escuta sensível está amparada na empatia entre as/os envolvidas/os na pesquisa. Nesse prisma, a/o pesquisador/a precisa estar atenta/o aos valores, comportamentos, afetividade etc. da/o

⁸ Detalharemos mais adiante como as oficinas de Letramentos ocorreram.

⁹ Por questões éticas, utilizamos a inicial do nome com o intuito de manter a privacidade e o sigilo relacionado à colaboradora.

colaborador/a, “com aceitação incondicional do outro” (BARBIER, 2007, p. 94). O autor destaca que a escuta sensível requer uma interação holística, com os cinco sentidos abertos para a experiência com o outro e uma presença meditativa, no sentido de estar consciente na vivência com o outro, no instante da interação, nos gestos e atitudes cotidianos. Ou seja, a escuta sensível abarca a experiência, de forma orgânica, e expressa a disponibilidade das/os envolvidas/os na pesquisa de vivenciarem, juntas/os, momentos em comum.

A escuta sensível, a postura etnográfica e, conseqüentemente, a pesquisa-ação possibilitaram experiências de empatia/proximidade entre pesquisadora e colaboradoras. Nas entrevistas, sempre houve fluidez e naturalidade entre nós. As mulheres falaram o que queriam, a pesquisadora entregou-se ao momento de interação, de maneira meditativa, com elas com todos os seus sentidos abertos: o tato em um abraço espontâneo, em simulações de como as mulheres têm seus bebês na comunidade, no hospital, bem como do trabalho das parteiras; a visão em olhares cúmplices e receptivos acerca de um tema íntimo da mulher como o parto [afinal, a pesquisadora também é mulher], a visão de cada casa em que a pesquisadora foi recebida, a visão do território kalunga de maneira ampla, pelas caminhadas nas trilhas kalungueiras, sem juízos de valor; o paladar e o gosto em cada café, biju, bolo que foram oferecidos pelas colaboradoras. Elas desejaram receber bem a pesquisadora e também queriam que ela provasse os sabores kalunga; a audição, principal sentido aqui, para a geração de dados. Depois, percebemos que a audição é muito além. A audição propiciou o destaque da voz da mulher kalunga. Em suma, a pesquisa-ação, em nossa perspectiva metodológica, integra práxis, geração de dados sem perder de vista a análise da transitividade que realizamos e, principalmente, garante a participação efetiva das/os envolvidas/os na pesquisa.

Retornando aos conceitos e estratégias metodológicas da pesquisa-ação, Thiollent (2011, p. 22-23) aponta os seguintes aspectos:

a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;

b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;

c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação;

d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;

e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;

f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o "nível de consciência" das pessoas e grupos considerados.

Estas considerações de Thiollent (2011) apresentam os vieses de pesquisa-ação vivenciados por nós. A interação entre pesquisadora e colaboradoras/es de pesquisa foi ampla e explícita; nas oficinas de Letramentos, discutimos problemas, ações e perspectivas a respeito das relações entre letramentos escolar e conhecimentos da comunidade a partir do tema ligado à tese [o discurso do parto]. Porém, não listamos ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas em formas de ação porque nosso planejamento não abarcou tal quesito. O que nós nos propomos e realizamos, na seara de contribuição social, foram as oficinas de Letramentos mencionadas.

Na análise da transitividade no discurso do parto, em si, nosso eixo central analítico, consideramos o discurso em tela pelo reconhecimento social em campo: a relação entre parto, manutenção da vida em um território de difícil acesso e com características culturais/sociais próprias, a comunidade quilombola/kalunga Vão de Almas-GO.

Quanto à resolução ou esclarecimentos de problemas, às intenções e o aumento de consciência e conhecimento das/os envolvidas/os em nosso trabalho de tese, contribuições sociais foram feitas no decorrer da pesquisa com as oficinas de Letramentos. Vale destacar que os dados gerados nas entrevistas sobre o discurso do parto para a análise da transitividade também são relevantes para o contexto social do Vão de Almas-GO: as mulheres registraram seus conhecimentos e vivências acerca de algo fulcral para a comunidade, a manutenção da vida. E essas questões registradas em uma tese de doutorado podem colaborar com a memória dos conhecimentos kalunga sobre o parto, em uma localidade em que há a escrita, mas a oralidade apresenta predominância. A escrita é um registro que pode alcançar diversas gerações.

Engel (2000), acerca da pesquisa-ação, apresenta seu cunho de engajamento e sua oposição com abordagens de pesquisa tradicionais: “a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada

como ‘independente’, ‘não-reativa’ e ‘objetiva’” (ENGEL, 2000, p. 182). Isso significa dizer que a pesquisa-ação tem preocupação com a contribuição social, com a mudança de paradigmas e também compromisso com as práticas sociais. Cumpre dizer que a pesquisa-ação tem sido muito utilizada na área educacional e contribuído veementemente nas práticas docentes.

Após essa explanação acerca das características gerais da pesquisa-ação, percebe-se que esta se coaduna com nossos objetivos de pesquisa, que são analisar a transitividade do português kalunga em discursos do parto e promover contribuições sociais no âmbito deste trabalho para a comunidade. Como professora de língua portuguesa que sou, escolhi realizar, em conjunto com as/os kalungas, as oficinas de letramentos com a temática transversal *parto e seus cuidados*, via pesquisa-ação, para legitimar nossa postura sociopolítica frente à pesquisa, discutida por van Dijk (2010).

2.2. Vivenciando e construindo a pesquisa qualitativa e etnográfica com movimentos da pesquisa-ação

A presente seção mostra os passos de reconhecimento do campo de pesquisa, geração-piloto de dados, planejamentos das entrevistas, planejamento e relatos das oficinas de Letramentos, relatos sobre os trabalhos de campo e outras interações com o povo kalunga. Mas, antes dessas questões, faz-se necessário apresentar os dois territórios e contextos de pesquisa: a LEdoC/FUP/UnB e a comunidade quilombola/kalunga Vão de Almas-GO.

2.2.1. A LEdoC/FUP/UnB: o ponto de partida

A Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília – LEdoC/FUP/UnB – foi o espaço em que a pesquisadora e as/os kalunga se conheceram e estreitaram seus laços de aprendizagem mútua, trabalho, respeito e, sobretudo, amizade. Essa relação ocorreu por meio do convite da Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa, docente da área de Linguagens do curso em tela, para a pesquisadora conhecer e participar das ações da área de Linguagens.

A pesquisadora aceitou o convite e ministrou na LEdoC/FUP/UnB, em Planaltina (DF), desde o segundo semestre de 2012, como docente colaboradora, oficinas de Letramentos para as turmas 2, 3 e 4. E, na turma 5, a pesquisadora ministrou uma

oficina de Morfologia. Além disso, como será tratado mais adiante, a pesquisadora ministrou oficinas de Letramentos na Escola Santo Antônio, no Vão de Almas-GO, no ano de 2013, a convite da professora Rosineide e da comunidade. Outro ponto alto dessa aproximação foi a orientação de duas monografias, no âmbito da LEdoC/FUP/UnB, das estudantes kalunga do Vão de Almas-GO Alexandrina Ferreira da Silva e Maria Pereira dos Santos. Alexandrina me convidou a ir até o Vão de Almas-GO, me recebeu e me apresentou a várias pessoas da comunidade. Maria, por sua vez, me recebeu em sua casa nas minhas idas a campo.

É importante dizer que a LEdoC/FUP/UnB é uma licenciatura voltada para os povos campestres e, atualmente, atende muitos/as educandos/as kalunga, do nordeste goiano. Assim, durante as oficinas ministradas aqui em Brasília, a pesquisadora conheceu de perto as/os kalunga e estas/es passaram a convidá-la a visitar as escolas e comunidades kalunga. Esse foi o ponto de partida da relação entre pesquisadora e kalunga. Por isso, a LEdoC/FUP/UnB é um território e contexto de pesquisa importante, visto que propiciou a nossa proximidade.

A Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília – LEdoC/FUP/UnB – encontra-se em constante elaboração a fim de atender à população campestre. O ano de início do curso é 2007 e

pretende formar e habilitar profissionais que ainda não possuam a titulação mínima exigida pela legislação educacional em vigor, quer estejam em exercício das funções docentes, ou atuando em outras atividades educativas não escolares junto às populações do campo.

(MOLINA & SÁ, 2011, p. 36)

Nesse sentido, a LEdoC/FUP/UnB abrange a docência por área de conhecimento: Linguagens (Linguística, Artes e Literatura) e Ciências da Natureza e Matemática. Assim, após cursarem o núcleo de estudos básicos, pautado em disciplinas da Sociologia e da Educação, os/as licenciandos/as podem escolher por concentrar seus estudos em Linguagens ou Ciências da Natureza e Matemática. É importante frisar aqui que quem opta por Linguagens poderá dar aulas de português na Educação Básica do Campo, nos níveis Fundamental II e Médio.

Molina & Sá (2011) ressaltam também que o Projeto Político Pedagógico da LEdoC/FUP/UnB foi construído a partir de uma parceria com o Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (Itterra). Essa instituição já teve parcerias com a UnB em ofertas de cursos de capacitação vinculados ao campo e é ligada ao

Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). Isso significa que a LEdoC/FUP/UnB surgiu de uma demanda social da população do campo que deseja se estabelecer na terra, mas com as devidas condições de trabalho, educação, saúde, entre outras necessidades básicas para uma vida digna.

Assim, a LEdoC/FUP/UnB surgiu a partir das lutas dos movimentos sociais do campo por uma Educação condizente às realidades camponesas e cumpre lembrar que as possibilidades de atuação dos egressos não estão restritas à sala de aula. Além da docência, os/as licenciados/as podem atuar na gestão escolar e na gestão comunitária. Os seus princípios são calcados em uma pedagogia libertadora: Educação Popular, Territorialidade e sustentabilidade socioambiental.

A Educação Popular trabalha com heterogeneidade cultural, (re)significa vivências, é orgânica e coletiva (PAIVA, 2010). Já a Territorialidade parte da consciência de coletividade na formação de um território. E isso implica interação entre o físico, o humano e o social. Essas implicações mostram que a Educação do Campo se constitui como território (ANTUNES-ROCHA; MARTINS, 2012). A sustentabilidade socioambiental, por sua vez, encontra-se sedimentada na concepção de cultivar com menor impacto ambiental possível, via agroecologia – um modo de produção camponês que prioriza a relação do homem com a terra, a sustentabilidade, e não a produção em larga escala que favorece o capital dos grandes grupos de empresários.

As práticas da LEdoC/FUP/UnB são pautadas na pedagogia da alternância (tempo universidade e tempo comunidade); transdisciplinaridade (os conhecimentos dialogam entre si, com as pessoas na territorialidade); memória (técnica de cunho narrativo que traça *continuum* entre individual e coletivo, em uma postura de resistência); organicidade (reflexões acerca dos processos formativos do/a Educador/a do Campo em grupos com um/a coordenador/a). Nesse caso, a grande questão é aprender a dialogar e formar a coletividade. Essas práticas formam um/a educador/a sensível às realidades camponesas e com letramentos diversos (camponeses, acadêmicos, escolares, sociais de maneira geral).

2.2.2. O Vão de Almas-GO: a comunidade kalunga pesquisada

A comunidade kalunga/quilombola Vão de Almas faz parte do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, demarcado pelo governo do Estado de Goiás no início dos anos 1990. O sítio em questão está localizado na região da Chapada dos Veadeiros,

nordeste goiano, entre as cidades de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás (ARAÚJO, 2014). Cumpre ressaltar que essa região encontra-se na divisa com o Estado do Tocantins.

O sítio quilombola, em si, abrange cinco núcleos principais: “Contenda, Kalunga, Vão de Almas, Vão do Muleque e Ribeirão dos Bois” (BAIOCCHI, 1999, p. 20). Faz-se necessário dizer que “Muleque” é a grafia utilizada pela autora em questão. Mas esses núcleos estão subdivididos em várias comunidades, como Tinguizal, Saco Grande, Ema, Limoeiro, Riachão, etc.

Baiocchi (1999) defende que a origem de formação das referidas comunidades kalungas se dá a partir da fuga da escravidão no período de exploração das minas de ouro no nordeste goiano associada às migrações posteriores, com a ruralização a partir das posses de terras nos tempos dos arraiais. Contudo, há outras discussões acerca da origem dessas comunidades constituídas por negros/as. Para Brito Neto (2002), os/as moradores/as da localidade em tela seriam de momentos subsequentes à escravidão. Mas Baiocchi (1999) defende sua posição a partir da concepção de quilombo como resistência. Essas divergências no tocante à origem de formação das comunidades kalungas não são o foco deste trabalho, uma vez que nosso recorte é analisar a transitividade do português kalunga do Vão de Almas-GO na atualidade. Porém, é importante apontar tais hipóteses para registro.

Esse breve panorama a respeito da localização e formação do território quilombola do nordeste de Goiás serviu para introduzir a contextualização da comunidade pesquisada, o Vão de Almas-GO, bem como para mostrar algumas contribuições de outros estudos sobre os quilombos goianos. Aqui merece destaque Baiocchi (1999), pois esta foi a primeira pesquisadora a realizar trabalho de campo na região, com o apoio da Universidade Federal de Goiás, em 1982. E, nas décadas de 1980 e 1990, a autora liderou o Projeto Kalunga – Povo da Terra (1981-1996), com importantes ações e discussões de cunho antropológico, histórico e social.

Mas desejo, no decorrer desta tese, registrar as minhas vivências com o povo do Vão de Almas-GO por dois motivos: pelo fato de esta pesquisa ser de postura etnohistórica e com a finalidade de construir as minhas próprias contribuições para os estudos sobre povo kalunga e sua língua portuguesa. Por isso, a partir da próxima subseção, apresentaremos os planos e realizações relativos às entrevistas e às oficinas de letramentos, bem como teceremos, em concomitância, narrativas baseadas em diários de

campo, memórias e, principalmente, na minha relação com o povo kalunga do Vão de Almas-GO.

2.2.3. As entrevistas

Nesta pesquisa, como dissemos, foi realizada uma pesquisa qualitativa e ecoetnográfica. Para tanto, nos pautamos nos seguintes instrumentos de geração de dados: entrevista semiestruturada, entrevista estruturada/questionário, grupo focal e oficinas de Letramentos. Aqui trataremos das entrevistas e, na próxima subseção, falaremos das oficinas. Vale destacar que, no decorrer do capítulo metodológico, as entrevistas e oficinas são apresentadas a partir de registros presentes no diário de bordo (ou diário de campo). Em cada ida ao Vão de Almas-GO, eu, como pesquisadora, e com o olhar ecoetnográfico, anotei contextos, situações e vivências diversas para sedimentar a proposta desta tese.

Cumpra ressaltar aqui também os conceitos relativos à entrevista adotados em nosso trabalho. Segundo Boni & Quaresma (2005), entrevista é uma interação social entre pesquisador/a e colaborador/a que objetiva coletar dados para uma pesquisa. Essa interação é bastante utilizada em estudos das Ciências Sociais, uma vez que a entrevista possibilita a obtenção de informações objetivas e subjetivas, garantindo tanto análises quantitativas quanto qualitativas. Neste trabalho, visamos, qualitativamente, analisar a transitividade do discurso do parto, sem perder de vista questões subjetivas, e a entrevista é o instrumento que viabiliza essa prática metodológica, pois “[os dados] se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados”. (BONI & QUARESMA, 2005, p. 72).

Dentro dessa esfera, temos tipos de entrevistas, que utilizamos em nossa geração de dados: estruturada/questionário, semiestruturada e grupo focal. Boni & Quaresma (2005) afirmam que a entrevista estruturada segue perguntas formuladas pelo/a pesquisador/a por meio de um questionário. Este, por sua vez, pode ser realizado oralmente ou por escrito, com perguntas fechadas. Nesse tipo de entrevista, há uma preocupação em não fugir das perguntas elaboradas para que contrastes posteriores entre as respostas dadas pelos/as entrevistados/as sejam feitos de forma consistente.

Já a entrevista semiestruturada consiste em associar perguntas formuladas previamente pelo/a pesquisador/a com a liberdade de enunciação do/a colaborador/a:

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (BONI & QUARESMA, 2005, p.75).

Por fim, o grupo focal é um tipo de entrevista que visa promover um debate, com um grupo de colaboradores/as, a respeito de um determinado tema. Esses/as colaboradores/as são selecionados conforme o interesse comum entre eles/as no tema a ser discutido. O debate ocorre com um grupo pequeno de informantes, de quatro a oito pessoas. “Geralmente conta com a presença de um moderador que intervém sempre que achar necessário, tentando focalizar e aprofundar a discussão”. (BONI & QUARESMA, 2005, p.73).

Outro ponto que merece destaque é a questão relativa à ética na pesquisa. Nós submetemos o projeto ao Comitê de Ética em Ciências Humanas da UnB e esta instituição aprovou a nossa pesquisa. Seguimos as recomendações de respeito aos/às colaboradores/as nos seguintes espectros: manter sigilo do nome do/a colaborador/a; usar o gravador apenas com autorização; respeitar a vontade e o tempo do/a colaborador/a em relação à entrevista; ir até a comunidade a partir do convite de algum/a morador/a. Diante disso, para respeitar o anonimato, denominaremos cada participante da pesquisa com a inicial maiúscula do primeiro nome, seguido das iniciais do tipo de geração de dados e do número do discurso degravado. Exemplo: M:CP:01, em que CP significa coleta-piloto.

Depois dessa apresentação teórico-metodológica dos conceitos relacionados às entrevistas, mostraremos nossas ações e trabalhos de campo com esses instrumentos de geração de dados.

2.2.3.1. Entrevista semiestruturada para parteiras: planejamento e registros de vivências em campo

Em primeiro lugar, é preciso contextualizar que, durante muitos anos, até as décadas de 1980 e 1990, no território kalunga, as parteiras – mulheres kalunga que

fazem partos e cuidam da mulher kalunga durante e depois da gestação – eram praticamente as únicas responsáveis pelo nascimento de bebês e manutenção da vida no território em tela.

Atualmente, as parteiras têm perdido espaço frente à medicina ocidental no momento do parto. A maioria das mulheres, hoje, faz pré-natal e ganha seus bebês por meio de parto normal ou cesariana nos hospitais públicos das cidades vizinhas ao território quilombola. Entre as colaboradoras desta pesquisa, as mais idosas (incluindo as parteiras) relataram que tiveram seus filhos e filhas na comunidade. Já entre as colaboradoras adultas e jovens, apenas três disseram que tiveram um dos bebês no Vão de Almas-GO. E no grupo das gestantes, todas estavam se preparando para terem seus bebês em alguma cidade próxima da comunidade.

Em conversas espontâneas/informais, durante o tempo em que estive no Vão de Almas-GO, alguns moradores/as afirmaram, sem precisão ou certeza, que, nos últimos dois anos, cerca de vinte partos ocorreram na comunidade, uma vez que não houve tempo de a parturiente ir até o hospital de uma das cidades da região.

Geralmente, as parteiras são idosas que sabem desse ofício com maestria. Mesmo com a perda de espaço citada, pode haver casos de partos naturais na região e, mais ainda, há espaço para o conhecimento dos remédios tradicionais, hábitos e posturas kalunga nesse momento tão especial, que é o antes, durante e depois do parto. Durante a pesquisa, não tive notícias de partos feitos no Vão de Almas-GO. A maioria das mulheres kalunga de hoje até tem seus filhos na cidade, mas não abandona por completo os conhecimentos tradicionais. Esse é um terceiro elemento. O primeiro é a mulher que segue tudo de acordo com o padrão externo; o segundo é que tem o parto natural, e o terceiro seria esse, que tem filho no hospital, fez pré-natal, mas segue a tradição de alguma forma antes, durante e depois. Isso justifica a escolha de entrevistar as parteiras por meio de um roteiro semiestruturado, para que suas narrativas tenham fluência, liberdade e sirvam de memória acerca dos conhecimentos tradicionais que circundam o parto.

Como as parteiras, infelizmente, são, cada vez mais, figuras remanescentes, em pequeno número na comunidade, consegui entrevistar quatro parteiras e duas ajudantes (mulheres que auxiliam o trabalho da parteira). É importante frisar que todas as parteiras e ajudantes que entrevistei são idosas, com mais de 60 anos.

A primeira interação que vivenciei com elas foi um grupo focal formado por uma parteira (E) e duas ajudantes (J e A), em um trabalho de campo que coincidiu com

a maior festa religiosa do Vão de Almas-GO: o Festejo de Nossa Senhora da Abadia¹⁰. A vontade de falar em grupo partiu das ajudantes. Elas queriam conversar com a pesquisadora com a presença de pelo menos uma parteira reconhecida na região. Assim, chamaram E e iniciaram a interação comigo. Interpretei isso como uma forma de compartilhar, coletivamente e comigo, conhecimentos e situações referentes a um tema íntimo e relevante para elas. Assim, após apresentação da pesquisa e consentimento das colaboradoras, utilizei o seguinte roteiro semiestruturado, em grupo focal:

Quadro 5 – Roteiro de entrevista semiestruturada para parteiras

Identificação da colaboradora
1. Qual é a sua idade?
2. Desde quando a senhora é parteira aqui no Vão de Almas-GO?
3. Quem ensinou o ofício à senhora?
Reconhecimento do ofício da parteira e dos cuidados do hospital
4. A senhora atende quantas mulheres em média atualmente? E antigamente?
5. Por favor, conte-me em detalhes como é o teu trabalho quando a mulher descobre que está grávida até o momento do parto.
6. Por favor, conte-me em detalhes sobre os cuidados com a mulher e o bebê após o parto.
Opinião da colaboradora sobre o parto e a parteira hoje
7. A senhora acha que a mulher kalunga deve ter o filho no hospital ou com a parteira? Por quê?
8. O trabalho da senhora ainda é valorizado? Como a comunidade vê o seu trabalho? Há mulheres jovens desejando ser parteiras?

No roteiro acima, as perguntas contemplam os seguintes espectros, respectivamente: identificação da colaboradora, reconhecimento do ofício de parteira e opiniões dessas mulheres sobre o parto e a parteira hoje. Nesse primeiro contato, o roteiro não foi seguido com rigor, mas as parteiras comentaram, à vontade, sobre remédios, garrafadas, partos difíceis, e uma delas até relatou certo alívio (e as outras concordaram) de não realizarem mais partos com frequência por medo da morte da mãe e do bebê. Isso significa que as parteiras temem as condições adversas do parto em si, como a criança não estar encaixada ou a mãe apresentar dificuldades extremas no momento de saída do bebê. No entanto, se as condições estão favoráveis, as parteiras demonstram segurança em seu ofício. Ao mesmo tempo, relataram que as mulheres de

¹⁰ O Festejo de Nossa Senhora da Abadia é realizado no Vão de Almas-GO, onde está situada a capela da comunidade. Sempre acontece em agosto, durante uma semana. E cada família do Vão de Almas tem uma casa de palha próxima à capela para que todos fiquem hospedados durante todo o festejo. Tais informações foram registradas em diário de bordo dos meus trabalhos de campo, visto que vivenciei este festejo com a comunidade em agosto de 2015.

hoje não seguem à risca os cuidados tradicionais, e isso, segundo elas, tem dificultado a recuperação da mulher após o parto.

Nesse contexto, fui recebida numa casa de palha da família de J nas proximidades da capela do Vão de Almas, e as senhoras pediram para o esposo de uma delas se retirar, já que iríamos conversar assuntos mais íntimos e “de mulher”. A conversa foi com a porta fechada e fluiu muito bem.

Outra entrevista com parteira que aconteceu no âmbito do festejo foi com a colaboradora T. Ela também é uma parteira reconhecida na região e me recebeu muito bem em sua casa de palha do festejo. O mesmo roteiro de perguntas apresentado aqui foi utilizado. As outras duas parteiras, A e Z, foram entrevistadas em suas casas em um trabalho de campo realizado em junho de 2015. Da mesma maneira, a receptividade foi ótima e elas responderam as perguntas aqui mencionadas.

Todas as entrevistas foram vivenciadas de modo que as colaboradoras ficassem bastante à vontade para responderem ou não as perguntas. As parteiras ficaram tão à vontade que uma delas, por exemplo, demonstrou em meu corpo (apontando as ações e partes corporais) como se tira uma criança que está com dificuldade de sair do canal vaginal. Ela também demonstrou como uma parteira consegue virar a criança ainda na barriga da mãe.

Dessas experiências, arrolamos, qualitativamente, três enunciados discursivos, representando o segmento das parteiras, para serem analisados no capítulo 3. Em cada um desses enunciados, destacamos duas orações para análise da transitividade e demais camadas gramaticais-cognitivas. Depois, analisamos o todo desses enunciados discursivos à luz dos Estudos Críticos do Discurso, da Ecolinguística e dos Letramentos.

2.2.3.2. Entrevista semiestruturada para gestantes: planejamentos e registros de vivências em campo

As gestantes também foram fundamentais nesta pesquisa para sabermos como, na atualidade, elas se cuidam, são cuidadas e quais são as suas expectativas para a hora do parto. Conversei com sete gestantes e, de forma geral, elas demonstraram conhecer e seguir os conhecimentos kalunga a respeito do parto e seus cuidados inerentes. Vale ressaltar que, durante minhas idas a campo, entrevistar este grupo de colaboradoras

configurou-se como desafiador. Entre as sete gestantes kalunga do Vão de Almas-GO entrevistadas, duas residem em Cavalcante-GO e, por isso, as entrevistas ocorreram em suas casas nesta cidade, mediante prévio agendamento. As demais colaboradoras estavam morando na comunidade e encontrá-las em casa foi um desafio maior.

Além da dificuldade de comunicação na localidade para agendamento prévio, nas minhas idas à comunidade, foi difícil encontrá-las em casa pelo fato de muitas delas estarem fora do Vão de Almas-GO com a finalidade de resolver assuntos pessoais. Mesmo assim, após agendamentos, até a finalização do trabalho de campo, consegui dialogar com essas mulheres. Abaixo há o roteiro aplicado para o perfil em tela:

Quadro 6 – Roteiro de entrevista semiestruturada para gestantes

Identificação da colaboradora
1. Qual é a sua idade?
2. Esta gravidez é do primeiro filho? Se não, como foram as gestações e os partos dos outros filhos?
Reconhecimento do ofício da parteira e dos cuidados do hospital
3. O que você sabe sobre parto com parteiras?
4. O que você segue dos ensinamentos das parteiras?
5. Quando descobriu que estava grávida agora, você procurou uma parteira ou só se cuida no hospital?
Opinião da colaboradora a respeito do parto
6. Você prefere ter o bebê aqui no Vão de Almas-GO ou no hospital? Por quê?
7. Você gostaria de receber cuidados da parteira após o parto? Por quê?

O objetivo das perguntas de reconhecimento do ofício da parteira e dos cuidados do hospital foi saber das gestantes experiências e conhecimentos internos e externos ao território kalunga relativos ao parto. Já as perguntas de opinião das colaboradoras sobre o parto teve como objetivo observar a opinião das gestantes sobre os conflitos entre parto no hospital e parto natural, no território quilombola/kalunga.

O diálogo com as grávidas kalunga ocorreu de forma fluida, em que estas colaboradoras revelaram seus anseios e expectativas para a hora do parto. Elas também revelaram conhecimento e ações típicas kalunga relacionadas ao parto e seus cuidados antes e depois do nascimento da criança. Todas as gestantes afirmaram que realizam pré-natal em unidade pública de saúde e que sentem vontade de terem seus bebês em um hospital. Porém, elas reconheceram o valor das parteiras e das orientações típicas kalunga de cuidados antes, durante e depois do parto. E mais: as gestantes afirmaram seguir muitos cuidados típicos da cultura kalunga. Isso será mostrado, qualitativamente,

no instante da análise de dados em que discutimos um enunciado discursivo representativo desse grupo de colaboradoras. A seguir, delineamos as entrevistas e vivências com os demais grupos participantes desta pesquisa.

2.2.3.3. Entrevista semiestruturada para mulheres jovens (entre 18 e 30 anos), adultas (entre 31 e 59 anos) e idosas (acima de 60 anos) do Vão de Almas-GO que já vivenciaram o parto: planejamentos e registros de viências em campo

No primeiro semestre de 2015, depois da aprovação desta pesquisa no âmbito do Comitê de Ética em Ciências Humanas da UnB, realizei a coleta-piloto com quatro mulheres do Vão de Almas-GO e uma da comunidade kalunga Tinguizal, vizinha ao Vão de Almas. Essas mulheres são alunas da LEdoC/FUP/UnB e estavam em Tempo Universidade (cf. subseção 2.2.1). Por isso, essa coleta foi realizada aqui no Distrito Federal, em Planaltina. Três delas são jovens, com idades entre 18 e 30 anos. E as outras duas têm acima de 31 anos. É importante lembrar que uma das jovens estava grávida do primeiro filho.

A coleta-piloto ocorreu em grupo focal, e eu organizei os turnos de fala por meio de uma metodologia da brincadeira “verdade ou consequência”: eu peguei uma caneta e a girei para saber a ordem de quem seria entrevistada. Isso deixou as colaboradoras mais à vontade e dispostas a dialogar comigo. Esse momento ocorreu fora das dependências da UnB, em um domingo, na casa em que elas ficavam hospedadas para estudar em Planaltina-DF.

Foram duas horas e trinta minutos de conversa com essas colaboradoras, com o seguinte roteiro:

Quadro 7 – Roteiro de entrevista semiestruturada para mulheres jovens (entre 18 e 30 anos), adultas (entre 31 e 59 anos) e idosas (acima de 60 anos) do Vão de Almas-GO que já vivenciaram o parto¹¹

Identificação da colaboradora
1. Qual é a sua idade?
2. Quantos filhos você tem?
3. Como foram as tuas gestações e partos?
Reconhecimento do ofício da parteira e dos cuidados do hospital
4. O que você sabe sobre parto com parteiras?
5. O que você seguiu dos ensinamentos das parteiras?
6. Quando descobriu que estava grávida, você procurou uma parteira ou só se cuidou no hospital?
Opinião da colaboradora a respeito do parto
7. Você preferiu ter o bebê no Vão de Almas-GO ou no hospital? Por quê?
8. Você preferiu receber cuidados da parteira após o parto? Por quê?

Esse questionário foi aplicado após a apresentação da pesquisa e com consentimento das colaboradoras. É importante dizer que a coleta-piloto foi fundamental para o meu preparo em como interagir, de forma ética e com a finalidade de gerar dados, no decorrer de toda a pesquisa. Nesse estágio, a postura etnográfica estava em início de seu desenvolvimento.

Após essa fase preliminar, vivenciei quatro idas ao Vão de Almas-GO: em maio de 2015, em junho de 2015, em julho de 2015 e, por fim, em agosto de 2015. Logo, durante esse período, realizei as entrevistas com mulheres idosas, adultas e jovens (além das parteiras e gestantes mencionadas nas subseções anteriores). Entrevistei cinco mulheres idosas, oito mulheres adultas e quatro mulheres jovens.

As entrevistas ocorreram da seguinte forma: em cada presença minha na comunidade, fiquei hospedada na casa de uma orientanda de monografia pela LEdoC/FUP/UnB. Ela, outros três alunos da LEdoC/FUP/UnB e a mãe de um estudante da LEdoC/FUP/UnB se revezaram para me acompanhar até as casas das possíveis colaboradoras e me apresentaram para essas pessoas. Depois desse contato inicial, eu, conforme as orientações do Comitê de Ética em Ciências Humanas da UnB, expliquei a pesquisa, perguntei se havia interesse em participar e me coloquei à disposição para quaisquer esclarecimentos. Assim, as colaboradoras aceitaram participar do trabalho e me receberam muito bem em seus lares, relatando suas experiências de maneira detalhada.

¹¹ O roteiro em questão foi utilizado na coleta-piloto.

Cumpra dizer que o fato de eu, pesquisadora, ser mulher contribuiu muito para a realização desta pesquisa. As colaboradoras se sentiram à vontade para narrar elementos íntimos da experiência física e emocional de se ter um bebê. Nesses instantes, quando um aluno do sexo masculino da LEdoC/FUP/UnB me acompanhou até as casas das colaboradoras, este se afastava no instante das entrevistas para que nós, mulheres, tivéssemos privacidade nessa interação.

2.2.3.4. Entrevista estruturada/questionário para profissionais da área de saúde do município de Cavalcante-GO

No decorrer de produção desta tese, também foram aplicadas entrevistas estruturadas/questionários aos/às profissionais de saúde que trabalham na rede pública de atendimento do SUS em Cavalcante-GO, buscando identificar a visão que tais profissionais têm do conhecimento calunga relacionado ao parto.

O questionário possui perguntas previamente elaboradas, impressas e foi aplicado por meio de interação face a face entre pesquisadora e entrevistado/a. Antes da aplicação do questionário, a pesquisadora explicou seu trabalho, solicitou aos/às colaboradores/as o consentimento de participação na pesquisa e se colocou à disposição para quaisquer esclarecimentos conforme as orientações do Comitê de Ética em Ciências Humanas da UnB. Ao todo, cinco profissionais do SUS de Cavalcante-GO participaram desta etapa do presente estudo, sendo um/a médico/a, dois enfermeiros/as e dois técnicos/as em enfermagem. É relevante destacar que o modelo do questionário encontra-se no Apêndice desta tese.

Com o questionário, foi possível obter dados como os demonstrados a seguir:

Quadro 8 – Registro do questionário aplicado aos/às profissionais da área de saúde de Cavalcante-GO.

Reconhecimento do próprio ofício			
3. O atendimento da equipe de saúde de Cavalcante-GO em relação ao pré-natal e ao parto no âmbito hospitalar, bem como no posto de saúde de gestantes kalunga é:		4. O interesse das gestantes kalunga pelo pré-natal e pelo parto no hospital é:*	
muito frequente	4	muito frequente	1
pouco frequente	1	pouco frequente	3
não há procura	---	não há procura	---
5. As gestantes kalunga preferem:*		6. A equipe de saúde prefere realizar com a gestante kalunga:	
parto normal	4	parto normal	3
Cesariana	---	cesariana	---
parto natural	---	parto natural	---
depende. Motivo:	---	depende. Motivo:	2
		Motivo 1 – “Quando elas fazem o pre natal as 9 consultas fica bem melhor o parto normal, mas como isso e muito pouco podem corre risco e as vezes por serem muito jovem mas quando tem um acompanhamento e bem melhor o parto normal.” Motivo 2 – “Depende da situação que chega na unidade”.	
Opinião do/a colaborador/a a respeito das práticas kalunga no que tange aos cuidados e ao parto com parteiras			
7. Você já ouviu falar dos cuidados que as/os kalunga têm com gestantes e bebês?		8. Os cuidados realizados pelas parteiras na comunidade kalunga são:	
Sim	4	importantes, pois auxiliam no tratamento da mãe e do bebê	2
Não	1	não são mais necessários, visto que o hospital oferece todos os suprimentos para mãe e bebê	---
		depende. Motivo: Motivo 1 – “Por a distância muito grande do centro de atenção se concordaria e se apresenta o parto com urgência.” Motivo 2 – “É bom porque não precisam ir até a cidade porque como a cidade fica longe a mãe acaba sofrendo d+. Mas as vezes acaba complicando a vida de uma gestante por elas não fazer as consultas todo mes e as vezes por não ter condições de ter um parto normal.” Motivo 3 – “As vezes elas induzem o parto quando chega na unidade ja é tarde.”	3
9. As práticas das parteiras kalunga durante o período do pré-natal:*		10. A equipe de saúde incentiva as práticas de cuidados típicos kalunga no que tange à alimentação, banhos, chás medicinais, entre outras, antes e após o parto para mãe e bebê? **	
favorecem as condições ideais para o parto	1	Sim	1
atrapalham as condições ideais para o parto	3	Não	2
depende. Motivo:	---	depende. Motivo:	---

* Um profissional de saúde não respondeu ao item questionado

** Dois profissionais de saúde não responderam ao item questionado

Nesse instante, faz-se necessário dizer, primeiro, que as questões 1 e 2 referem-se à identificação das/os colaboradores/as. Assim, com o intuito de manter o sigilo, não registramos no Quadro 8 essa parte. Em segundo lugar, os motivos registrados no quadro em tela foram transcritos exatamente como o/a colaborador/a escreveu no campo destinado a essa finalidade no questionário. Outro ponto que precisa ser explicado é a distinção entre parto normal e natural. Parto natural se difere de parto normal porque o natural ocorre sem interferências típicas da medicina alopata; é um parto que segue o tempo em consonância com os sinais naturais emitidos pela parturiente e bebê. Já o parto normal ocorre sumariamente em hospital, sob a égide de médicos/as, enfermeiros/as e, muitas vezes, é induzido com medicamentos e não segue vários aspectos do parto natural, como deixar a parturiente sentir todas as dores inerentes ao evento. No parto normal, em vários casos, há a analgesia, processo que visa eliminar e/ou diminuir bastante as dores do parto (CRUZ, 2009).

Esse quadro contemplando os dados gerados perante os/as profissionais de saúde possibilita observar um recorte importante da realidade dos cuidados práticos direcionados à saúde das gestantes kalunga. É possível verificar que as grávidas kalunga, na atualidade, buscam assistência médica nos hospitais de Cavalcante-GO e região para realização de parto e pré-natal. Entretanto, a distância e o difícil acesso são reconhecidos por parte dos/as profissionais de saúde como fatores que justificam a necessidade dos cuidados das parteiras kalunga como forma de amenizar, em alguns casos, o sofrimento das gestantes e possíveis riscos no momento do parto.

Cumprе ressaltar que tal necessidade, segundo os/as profissionais de saúde entrevistados/as, está calcada nas dificuldades de locomoção das gestantes e não propriamente na validade dos conhecimentos empregados pelas parteiras. Fato este comprovado pelas respostas mencionadas na questão 9 do questionário.

Os dados gerados aqui explicitados apontam uma demanda relevante a qual o SUS precisa se atentar: além da conhecida falta de estrutura física de atendimento digno a todos/as brasileiros/as, o SUS deveria promover/incentivar capacitação constante aos/às seus/suas profissionais de saúde que trabalham com comunidades tradicionais, como o caso das comunidades quilombolas, indígenas, de ciganos etc. Certamente, o conhecimento da cultura e do contexto social das referidas comunidades resultaria em parcerias contundentes entre comunidades tradicionais e SUS em prol da promoção da saúde e da cidadania.

O questionário em tela complementou nossa contextualização de pesquisa e nossa compreensão holística para a interpretação dos dados analisados no capítulo 3. A seguir, trataremos das oficinas de Letramentos que realizamos objetivando contribuir socialmente com a comunidade kalunga Vão de Almas-GO [à pedido das/os próprias/os colaboradoras/es kalunga].

2.2.4. Oficinas de Letramentos para o nono ano da Escola Santo Antônio/Comunidade kalunga Vão de Almas-GO: o planejamento

As oficinas de Letramentos para o nono ano da Escola Santo Antônio, na comunidade kalunga Vão de Almas-GO, constam neste trabalho a partir do eixo dos Letramentos pela seguinte razão: para deixar uma contribuição social na escola da comunidade por meio das oficinas. Estas foram solicitadas pelas/os licenciandas/os kalunga em Educação do Campo da UnB, pois, ao mesmo tempo em que estão na formação inicial docente, muitas/os já são professoras/es da escola em tela.

Realizamos três rodadas de oficinas. A primeira, em maio de 2015, teve duração de três dias envolvendo estudantes do nono ano, docentes kalunga, D. D. [uma das lideranças da comunidade] e pesquisadora. A segunda, por sua vez, em junho de 2015, contou com a participação dos/das discentes do nono ano, das/dos professoras/es kalunga e pesquisadora. A última etapa aconteceu em julho de 2015 com a participação apenas das/dos docentes kalunga e da pesquisadora. Todas as rodadas ocorreram após aprovação deste trabalho pelo Comitê de Ética em Ciências Humanas da UnB.

Nós, licenciandas/os-docentes kalungas da Escola Santo Antônio e pesquisadora, elaboramos as oficinas de modo multidisciplinar e partindo dos conhecimentos típicos e orais kalunga, nos momentos de estudo do calendário da LEdoC/FUP/UnB, em Brasília, antes da ida da pesquisadora até o Vão de Almas-GO. Apresentaremos aqui nosso planejamento para, em seguida, mostrarmos como as oficinas aconteceram na Escola Santo Antônio do Vão de Almas-GO.

Em primeiro lugar, participaram dos encontros de elaboração da oficina sete docentes kalungas. Entre elas/eles, três são professoras/es contratadas/os e os outros quatro realizam as atividades de estágio docente da LEdoC/FUP/UnB na Escola Santo Antônio. O primeiro encontro ocorreu com o intuito de apresentar a proposta da temática “parto” para as oficinas. Relatei que seria possível e interessante trabalhar com

nono ano e falei sobre meu projeto de tese. As/os professoras/es kalunga demonstraram interesse em participar com essa temática, e cada um expressou sua opinião e suas expectativas. A questão de como ensinar em uma abordagem multidisciplinar, como a LEdoC/FUP/UnB sugere, foi a grande tônica dessa conversa inicial. Ao final, passei algumas perguntas de reflexão escrita acerca da temática “Que professor/a desejo ser?”. Essa reflexão motivou as/os professoras/es a reservar um tempo de estudo para, por meio da oficina, cada um buscar melhorar suas práticas pedagógicas.

No encontro subsequente, discutimos o plano de aula. Eles queriam aprender a fazer plano de aula, pois relataram muitas dificuldades nessa atividade. Apresentei a elas/es o seguinte modelo de plano:

Quadro 9 – Modelo de Plano de Aula desenvolvido com as/os professoras/es kalungas

Escola Estadual Calunga I/Extensão Escola Santo Antônio				
Vão de Almas-GO				
Professor/a:				
Tema das aulas:				
Série:				
Turma:				
Disciplina:				
Data:				
Objetivos	Conteúdos	Metodologia	Avaliação	Recursos

Utilizamos este modelo sintético pela dificuldade de se fazer um plano de aula relatada pelas/os estudantes. Desse modo, tal modelo funcionou como uma ferramenta introdutória, prática, para que as/os licenciandas/os sanassem suas dúvidas iniciais relacionadas ao fazer um plano de aula. Cada um/a recebeu uma cópia desse modelo de plano e, após a apresentação, expliquei cada uma das partes do plano de aula e começamos a discutir qual seria o tema geral das aulas.

Chegamos ao seguinte tema transversal: “os cuidados típicos kalunga antes e depois do parto (abordagem multidisciplinar)”. Eu reproduzi no quadro o plano e fui preenchendo os campos junto com as/os estudantes-docentes kalunga, no instante em que chegávamos a um consenso sobre determinada parte do plano. Quanto às datas das aulas, decidimos que duas tardes seriam mais relacionadas às disciplinas de ciências e matemática e duas de língua portuguesa, sendo realizadas conforme agendamento de ida da pesquisadora. E, sempre após as aulas, tínhamos um momento dedicado à

autoavaliação da oficina, com as/os professoras/es e comigo, a pesquisadora. Os objetivos foram elencados da seguinte forma:

Quadro 10 – Propostas de objetivos das Oficinas de Letramentos

Ciências e Matemática:

- melhorar os conhecimentos sobre as quatro operações matemáticas;
- inserir os conhecimentos relacionados à medição de temperaturas;
- conhecimento das plantas kalunga para produção dos remédios tradicionais.

Língua Portuguesa:

- discussão da temática parto e seus cuidados partindo dos conhecimentos orais do povo kalunga;
- registrar os conhecimentos sobre as plantas medicinais do território kalunga Vão de Almas-GO;
- articular os conhecimentos supracitados com atividades de leitura e escrita à luz dos gêneros textuais receita e relato.

Nessa etapa, as/os estudantes-docentes kalunga estavam ainda mais dependentes das minhas orientações; elas/eles ainda não tinham compreendido plenamente o que são os objetivos. Mas, na escolha dos conteúdos, elas/eles avançaram bastante. Ficou claro para mim que os objetivos delas/es eram, com a contribuição social das oficinas de Letramentos solicitadas, melhorar leitura, escrita e conhecimentos básicos de Matemática dos alunos do nono ano. Os professores dessa área relataram que os discentes de nono ano têm dificuldades com as quatro operações, e não conseguem entender a medição em graus, por exemplo. Eles também sugeriram ensinar dosagem de remédios. Assim, os conteúdos foram decididos coletivamente e ficaram organizados da seguinte forma:

Quadro 11 – Propostas de conteúdos de Ciências e Matemática para as oficinas de Letramentos

Ciências e Matemática:

- as quatro operações;
- conhecimento das ervas kalunga relacionadas ao parto;
- produção de um remédio ou chá kalunga;
- uso de termômetro e medição de graus.

As/os docentes em questão, no tocante aos gêneros textuais, se manifestaram a favor do trabalho com o gênero receita. Elas/eles mencionaram a dificuldade de se

trabalhar os conteúdos de Língua Portuguesa, na escola, na perspectiva dos gêneros textuais. Por isso e pelo tema geral das oficinas, as/os docentes pediram que trabalhássemos juntas/os o gênero textual receita.

Quadro 12 – Propostas de conteúdos de Língua Portuguesa para as oficinas de Letramentos

Língua Portuguesa:

- discussão em sala de aula sobre a temática parto e cuidados kalunga com o intuito de motivar reflexões e, depois, esse momento servir de apoio na produção de receitas;
- leitura e interpretação coletiva de uma receita para que as/os estudantes do nono ano conheçam o gênero;
- produção do gênero receita e os conhecimentos dos remédios da comunidade.

Quanto à metodologia, o nosso planejamento ficou da seguinte maneira:

Quadro 13 – Planejamento de ministração das aulas da Oficina de Letramentos

Primeiro dia: os professores de Matemática e Ciências, juntos, discutirão com as/os estudantes de nono ano a importância de saber a respeito das ervas típicas do território kalunga, do quanto elas podem ser úteis para a saúde de uma gestante e de uma mulher que acabou de ter filho e para a saúde do povo kalunga de modo geral.

Segundo dia: a convite dos/as professores/as, D D, senhora da comunidade, irá até a escola ensinar o alunado de nono ano a fazer um chá relacionado aos cuidados da mulher gestante e do parto. E, nesse instante, a cada explicação de D D, os professores de Matemática ensinarão a registrar a dosagem por meio das quatro operações. E, no momento de ferver/esfriar o chá, os professores de Ciências ensinarão a medir o grau por meio de um termômetro. Ao final, os docentes solicitarão atividades relacionadas a esse momento construídas por eles mesmos.

Terceiro dia: Os professores de Matemática e Ciências discutirão em classe a atividade solicitada. Depois, dois professores de Língua Portuguesa utilizarão o contexto vivenciado no dia anterior para introduzir o gênero receita. Na segunda parte da aula, uma professora ensinará as características básicas do gênero receita e vai propor a escrita, em caráter introdutório, de alguma receita de remédio tradicional que auxilia gestantes ou no pós-parto. Essas receitas serão transcritas em cartolinas.

Quarto dia: Dois professores de Língua Portuguesa utilizarão os conhecimentos discutidos para desenvolverem escrita individual e coletiva do gênero receita, tendo como tema os ensinamentos de D D, realizando interfaces com os conteúdos de Ciências e Matemática. Haverá também o instante de reescrita, para melhoria da escrita, conforme orientação em sala.

Quinto dia: A pesquisadora e uma das professoras trabalharão o gênero relato sobre a temática em tela com o objetivo de melhorar leitura e produção escrita do alunado. Ao final, as/os professoras/es e a pesquisadora conversarão com as/os discentes para fazer a autoavaliação das oficinas. OBS: sempre depois de todas as etapas, as/os professoras/es e a pesquisadora se autoavaliarão.

A avaliação das/os alunas/os ocorreu em todo o processo, com as produções escritas e orais desenvolvidas nas oficinas. Os recursos foram quadro, giz, caderno, lápis, folhas brancas/coloridas, cartolinas, lápis de cor, termômetro e ervas da

comunidade para a produção do chá ensinado por D D. E, certamente, podemos falar também em recurso humano: as ideias e iniciativas das/dos professoras/es, de D D, do alunado e da pesquisadora.

Esse primeiro planejamento serviu para colocar em prática, com as/os professoras/es kalunga, um princípio que aprendemos quando estudamos os Letramentos: não existe um caminho pronto para o processo de aprendizagem. Cada realidade deve ser observada, e o letramento no âmbito da escola deve sim estar em consonância com o letramento oral, vivenciado pela comunidade. Esse viés foi fundamental para a contribuição social que fizemos junto com a comunidade kalunga no âmbito escolar. Outro ponto é que todo o material escrito das/dos estudantes de nono ano e as aulas foram gravados e arquivados pela pesquisadora, mediante autorização dos pais. E esse material serviu, nesta tese, de registro e comprovações da contribuição social que delinearemos na próxima subseção. Vale ressaltar que, metodologicamente, as oficinas também funcionaram como ponto de aproximação ética entre pesquisadora e comunidade; as idas da pesquisadora não foram somente para gerar entrevistas. A pesquisadora, em campo, fez as parcerias solicitadas pelas/os kalunga no contexto escolar.

2.2.5. Oficinas de Letramentos para o nono ano da Escola Santo Antônio/Comunidade kalunga Vão de Almas-GO: as ações vivenciadas

Neste instante do trabalho, descreveremos como aconteceram as oficinas de Letramentos propostas por nós, estudantes-docentes kalunga e pesquisadora, com o intuito de contribuirmos socialmente na comunidade durante o processo de produção da tese. Acreditamos que estudos, pesquisas e trabalhos os quais abordem comunidades minoritárias, como a comunidade quilombola/kalunga Vão de Almas-GO, precisam propiciar uma devolutiva às pessoas envolvidas. Tal devolutiva não é um pagamento ou congênere. É deixar um pouco de si com a comunidade, sempre com muito respeito e conforme as especificidades/necessidades existentes e apresentadas pelos/as colaboradores/as.

No caso desta tese, os/as licenciandos/as em Educação do Campo da LEdoC/FUP/UnB, que já são ou serão docentes na comunidade kalunga, solicitaram à pesquisadora a realização de oficinas de Letramentos em uma escola da comunidade. Isso por três motivos. Primeiro, pela necessidade relatada por eles/as desse tipo de

interação. Em segundo lugar, pelo fato da pesquisadora ser professora de Língua Portuguesa e docente colaboradora da área de Linguagens da LEdoC/FUP/UnB e, por fim, pelo fato deles/as entenderem que um/a pesquisador/a precisa deixar uma colaboração. O povo kalunga está incomodado de somente receber visitas de pesquisadores/as e não ter um retorno contundente do trabalho e, principalmente, um retorno social.

Diante disso, a pesquisadora aceitou o pedido dos/as professores/as kalunga e propôs que pensassem juntos as oficinas de Letramentos. E isso foi feito (cf. 2.2.4). A partir de agora, descreveremos o que ocorreu no âmbito das oficinas. Faz-se necessário elucidar que algumas ações vivenciadas de fato sofreram modificações se comparadas ao planejamento descrito na subseção anterior. Porém, as alterações foram feitas conforme as demandas da realidade da sala de aula e em comum acordo entre as/os envolvidas/os nesse processo.

2.2.5.1. Primeira rodada das oficinas de Letramentos

A primeira oficina foi vivenciada em maio de 2015 com a realização de três encontros vespertinos a fim de trabalhar com os/as alunos/as do nono ano o gênero textual “receita” na perspectiva multidisciplinar apresentada na subseção anterior [temática parto/cuidados com mãe e bebê kalunga com conteúdos relativos às disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências]. Nessa oportunidade, a interação em sala de aula, no âmbito da oficina de Letramentos, contou com a participação, além dos/as discentes do nono ano, de D. D., uma das lideranças da comunidade e que, gentilmente, se dispôs a nos ensinar a respeito da temática em voga, dos/as professores/as kalunga da Escola Santo Antônio e da pesquisadora.

No primeiro encontro, os/as professores/as kalunga foram essenciais para o processo de interação com os/as estudantes e promoção de discussões sobre: a importância das plantas medicinais; qual a origem do tipo de medicamento é utilizado pelo kalunga quando está doente (farmácia ou planta medicinal); qual tipo de planta medicinal foi ou poderá ser utilizada como profilaxia para um tipo de doença; e qual seria a atitude se tivessem de auxiliar uma gestante que precisasse ser medicada para tratar algum problema de saúde.

A utilização dessas discussões funcionou para instigar os/as alunos/as a refletirem sobre a importância de se ter conhecimento sobre o saber dos kalunga

relacionado com o uso das plantas medicinais. Nesse momento, D. D. foi fundamental em repassar sua experiência no uso de tais plantas e destacar para os/as participantes da oficina a respeito da partilha do conhecimento dos idosos para a nova geração. Isso poderá assegurar a permanência das práticas sociais tradicionais relativas ao povo kalunga.

Nesse contexto, após as interações mencionadas, a pesquisadora introduziu em sala de aula o gênero textual receita, com a participação das/os docentes kalunga, de maneira prática e com o intuito de incluir o conhecimento prévio de todas/os participantes. A partir da discussão das plantas medicinais, a pesquisadora teceu explicações do gênero receita e, depois, solicitou que os/as estudantes escrevessem em seus cadernos nomes de plantas medicinais que conhecem e descrevessem suas funcionalidades e o passo a passo da produção de um remédio ou chá dessas plantas medicinais. Tal etapa foi fundamental para que os/as alunos/as começassem a se familiarizar com o gênero textual receita, ao mesmo tempo em que relacionavam este conhecimento de registro escrito com seus conhecimentos tradicionais. Todos/as discentes realizaram esta atividade. Dessa forma, nossa primeira tarde se encerra com êxito, visto que funcionou como prelúdio das atividades que planejamos desenvolver durante os três dias de interação entre nós.

No segundo encontro, trabalhamos três atividades envolvendo: melhoria da escrita dos/as alunos/as a partir da atividade escrita feita no dia anterior; produção de remédio caseiro com plantas medicinais sob orientação da D. D. para gestante kalunga que está sob ameaça de perder a criança; e conceitos de Ciências e Matemática ministrados pelo Prof. A., a partir da temática desenvolvida pela D. D. na elaboração do remédio em questão.

A atividade de melhoria da escrita dos/as discentes foi cumprida de forma colaborativa entre os/as estudantes, a pesquisadora, D. D. e docentes kalunga com base em um texto produzido pela aluna C. (cf. Apêndices) no encontro anterior. Em comum acordo com a turma, arrolamos o texto de C., o transcrevemos na lousa e, coletivamente, melhoramos o texto em tela de acordo com as contribuições dos/as participantes. Alcançamos o objetivo da atividade, pois os/as alunos/as, em sua maioria, perceberam os elementos que contribuíram para melhoria da versão inicial. Os/as estudantes, assim como os/as demais participantes, notaram o resultado da reescrita: um texto melhor redigido e de fácil compreensão para o/a leitor/a. Esta atividade serviu

também para colaborar com os/as docentes kalunga. Eles/elas perceberam que podem utilizar tal metodologia em suas práticas de sala de aula.

Após o término dessa etapa, os/as alunos/as, a pesquisadora e os/as professores/as acompanharam D. D. até a cozinha da escola para sua demonstração de como produzir um chá que evita aborto espontâneo. Ela mostrou os ingredientes necessários explicando o modo de fazer o chá e enfatizando que deve tomá-lo em temperatura de água morna. Aproveitando o ensejo, o Prof. A. ensinou aos/às alunos/as como manusear o termômetro e identificar a temperatura da água utilizada para fazer o chá. Esta interação foi fulcral para o que defendemos aqui: articular práticas sociais da comunidade kalunga com os conhecimentos inerentes ao universo escolar. Aqui foi o ápice desta concepção que adquirimos via estudos dos Letramentos (cf. capítulo teórico). Cumpre ressaltar que D. D., infelizmente, não teve acesso à educação escolar formal. Mesmo assim, colaborou imensamente com seu conhecimento tradicional na escola, em parceria com os/as estudantes, os/as professores/as e com a pesquisadora.

Após os ensinamentos de D. D., na condução da terceira atividade, o Prof. A. abordou o conceito de temperatura para resolução de problemas matemáticos e de ciências (cf. Apêndices), ressaltando que a resolução desses tipos de problemas exige também conhecimentos de leitura/língua portuguesa para possibilitar a correta interpretação. Segundo o professor kalunga, mesmo sabendo matemática e ciências pode-se errar a resolução de um problema devido à interpretação equivocada de alguma palavra cujo significado não se conhece. Nesse sentido, o Prof. A. elaborou problemas de ciências e matemática a partir da aula de D. D. e os aplicou em sala de aula, abordando a atenção na interpretação dos problemas a serem resolvidos. Os/as estudantes puderam concluir os exercícios em casa devido ao término deste período de aula na escola.

No terceiro e último dia dessa rodada das oficinas de Letramentos, o Prof. A. finalizou a explicação da resolução de problemas de matemática e ciências, expondo que existe mais de uma forma para resolvê-los.

Logo após essa atividade, o Prof. R. lembrou aos/às alunos/as a receita de chá ensinada por D. D. e a importância desse chá para as grávidas kalunga. Nesse momento, o Prof. R solicitou aos/às estudantes que falassem sobre a relevância do chá para a comunidade kalunga. Logo em seguida, o aluno E. expressou que “Foi importante pra nós guardar na cabeça até para se tiver uma mulher grávida, aí se ela pode colocar o

bebê fora”, assim, ratificando a compreensão da aplicabilidade da receita de chá que pode evitar uma mulher grávida sofrer um aborto espontâneo.

Após o Prof. R. relembrar a receita ensinada por D. D., a Profa. M. aproveitou esse momento para explicar como escrever a receita de um remédio caseiro com base na receita lembrada, estimulando a participação dos/das alunos/as na produção do texto. Os elementos do gênero textual “receita” foram trabalhados gradativamente, despertando nos/nas estudantes o entendimento da organização, coerência, coesão, semântica e conjugação verbal à medida que a receita era redigida de forma colaborativa entre professora e alunos/as. Ao final, os/as discentes registraram a receita de D. D. em cartolinas (cf. Apêndices), com o texto produzido coletivamente e desenhos os quais remetem à receita.

Assim o primeiro ciclo de oficinas de Letramentos foi concluído. Faz-se necessário destacar que, ao final dos três encontros, as/os discentes registraram, a nosso pedido, por escrito, suas opiniões e impressões das atividades realizadas. E docentes kalunga, D. D. e a pesquisadora ficavam na escola, após a saída dos/as discentes de nono ano, com o intuito de avaliar as ações realizadas no dia. Esses momentos foram também de muita aprendizagem mútua, pois cada um/a de nós demonstrou o que pensa tanto no âmbito das estratégias já exitosas quanto na esfera de nossas dificuldades. De modo geral, no tocante às/aos estudantes, percebemos envolvimento e vontade de aprender na perspectiva que adotamos. No entanto, temos consciência de que os/as estudantes detêm muito conhecimento tradicional, mas o conhecimento escolar precisa continuar avançando, especialmente no espectro da escrita. Os textos dos/as alunos/as ainda apresentam muitas marcas de oralidade. Por isso, um trabalho como o que fizemos se justifica: interfaces entre conhecimentos tradicionais e escolares, de forma multidisciplinar, com o processo gradativo de inserção no universo da escrita, em parceria com a oralidade.

Nós, docentes kalunga e pesquisadora, destacamos a necessidade de continuar os estudos sobre Letramentos, Gêneros Textuais e suas aplicações em sala de aula. Os/as professores/as relataram que trabalharam tais conteúdos na LEdoC/FUP/UnB. Porém dúvidas sempre existem no momento de aplicação em classe. Por isso, ressaltaram a importância da oficina, bem como da necessidade de estudarem mais acerca do tema. Como pesquisadora, senti, de fato, a importância dessa reflexão dos/as próprios/as docentes. Por isso, combinamos de, mais adiante, desenvolvermos, somente com os/as professores/as, uma oficina específica de Gêneros Textuais [que foi nossa última

rodada]. Vale ressaltar que D. D., nossa convidada ilustre, nos avaliou muito bem, solicitou que continuemos com ações dessa natureza na escola e se sentiu acolhida por todos/as. E nós agradecemos imensamente a disponibilidade dela em colaborar conosco. Dessa forma, a seguir, registraremos a segunda rodada das oficinas de Letramentos propostas nesta tese.

2.2.5.2. Segunda rodada das oficinas de Letramentos

A segunda rodada da oficina foi vivenciada em junho de 2015. Conforme combinado na finalização da oficina anterior, esse encontro apresentou como objetivo principal a continuação do trabalho a partir do gênero textual relato, sob a égide conceitual de Bakhtin (2000) e Marcuschi (2005). Nesse contexto, a pesquisadora, sentindo as dificuldades das/dos docentes kalunga com esse viés, e em comum acordo com todas/os, iniciou a discussão, demonstrando que os gêneros textuais estão presentes em ações cotidianas como: envio de um bilhete; a emissão de um extrato bancário; as folias do festejo kalunga; as conversas com colegas de sala de aula, amigos e parentes; e até mesmo uma mensagem enviada via celular. Ela ressaltou que os gêneros textuais podem ser expressos tanto de forma oral quanto escrita e que eles estão articulados com o momento em que vivemos. As/os professoras/es acompanharam, atentas/os, pois, segundo elas/eles, aquela aula não era somente para o nono ano; era para elas/eles mesmos.

Em continuidade à oficina, a pesquisadora apresentou os conceitos de função social, tipos textuais e sua relação com os gêneros textuais. No decorrer da aula, as/os professoras/es kalunga participaram ativamente das discussões e exposições, com muita vontade de aprender a trabalhar com os gêneros textuais. Após esses momentos iniciais, mais conceituais (porém a pesquisadora se esforçou na explicação mais didática), a fim de preparar a turma do nono ano para a elaboração de um relato, a pesquisadora discutiu com eles o texto “Eu era um homem morto”. Durante a discussão, observamos, além da interpretação do texto, a sua constituição enquanto gênero.

O momento subsequente desta etapa da oficina foi a produção escrita do gênero relato. Inicialmente, a pesquisadora explicou os elementos básicos da narrativa: tema, personagens, tempo, espaço e sequência dos atos, construindo um breve exemplo de narrativa na lousa, de forma coletiva, com a participação de todas/os.

Concluídas as explicações, os/as alunos/as começaram a elaboração do relato, que poderia ser a respeito do nascimento dele/a mesmo ou de uma pessoa conhecida, sob a supervisão dos/as professores/as e pesquisadora. Estimulados pelo ambiente inspirador existente na sala de aula, o Prof. A. e a Prof. M., espontaneamente, decidiram participar da atividade elaborando seus próprios relatos, junto com as/os estudantes. O tema nascimento foi inspirado no tema geral da oficina, o parto kalunga e seus cuidados. No instante de explicação do tema, rememoramos essa questão junto com as/os discentes.

Ao final do encontro, no instante da autoavaliação, os/as professores/as kalunga manifestaram sua satisfação com os resultados alcançados com a oficina tanto para o desenvolvimento dos/das estudantes quanto dos/das professores/as. O Prof. A. fez questão de expressar a vivência resultante das oficinas e de outras ações semelhantes:

Mas, pra dizer a verdade, o que você tem feito aqui na comunidade, tem feito aqui com a gente, o que a LEdoC tem feito também com a gente, por a gente, ninguém tem como agradecer, mas a contribuição de vocês tem mudado muito a vida da gente aqui na comunidade, a nossa escola, enquanto cidadãos mesmo.

A pesquisadora agradeceu a presença e o empenho de todas/os, reforçando que nossas ações são frutos de uma coletividade. Reconhecemos, em coletivo, que essas oficinas são, na verdade, o prelúdio de um trabalho que pretendemos continuar depois desta pesquisa, com a finalidade de contribuir socialmente com o Vão de Almas-GO.

2.2.5.3. Terceira rodada das oficinas de Letramentos

A terceira rodada das oficinas foi vivenciada em julho de 2015 com o objetivo de a pesquisadora reforçar os conceitos fundamentais necessários para os/as professores/as kalungas trabalharem os gêneros textuais em sala de aula. Inclusive, em nossas autoavaliações, reconhecemos que as/os docentes kalunga ainda sentem dificuldades de trabalhar na perspectiva em tela.

Esse encontro debateu os aspectos teóricos do tema em estudo em uma “roda” de discussão entre pesquisadora e professores/as. A teoria foi apresentada com uma introdução sobre os gêneros do discurso, de Bakhtin (2000), e de gêneros textuais, de Marcuschi (2005). Inclusive, o texto base utilizado na oficina é de autoria de Marcuschi.

Com esse texto, discutimos a definição, a funcionalidade e as práticas sociohistóricas dos gêneros textuais.

A pesquisadora ressaltou a importância da compreensão dos gêneros textuais, pois tal compreensão possibilita aos/às professores/as desenvolver com os/as alunos/as o texto, a leitura, a escrita, a interpretação, as interfaces com a Sociolinguística (linha teórica amplamente discutida na LEdoC/FUP/UnB), e toda uma variedade de possibilidades linguísticas, porque todos os textos são gêneros.

Finalizada a oficina, os/as professoras/as consideraram o encontro muito produtivo, agregando maior conhecimento e proporcionando maior segurança no momento de ensinar os/as alunos/as nessa perspectiva. Nós também conversamos a respeito das possibilidades futuras de continuidade desse trabalho coletivo de contribuição social no âmbito da escola da comunidade.

2.2.6. Outras interações com o povo kalunga do Vão de Almas-GO

Os trabalhos de campo são os momentos de ida ao Vão de Almas-GO vivenciados pela pesquisadora. Visitei a comunidade, para fins de trabalhos de campo, com a aprovação do Comitê de Ética em Ciências Humanas da UnB, nos meses de maio, junho, julho e agosto de 2015, conforme relatamos no decorrer deste capítulo. A seguir, apresentaremos registros de outras interações com o Sítio Histórico Kalunga, as quais auxiliaram na compreensão do contexto cultural do povo kalunga e na escolha por desenvolver a pesquisa no Vão de Almas-GO.

O meu primeiro contato com o povo do Vão de Almas-GO ocorreu em 2012, em uma Oficina de Letramentos Acadêmicos que ministrei, como docente colaboradora, para a Turma 3 da Licenciatura em Educação do Campo da UnB. Nessa ocasião, que coincidiu com meu primeiro ano de doutoramento, eu ainda estava em busca de uma comunidade quilombola para desenvolver minha tese.

No decorrer das aulas, tive a oportunidade de conhecer licenciandos/as em Educação do Campo oriundos/as de diferentes comunidades kalunga de Goiás, como Vão do Moleque, Engenho II, Vão de Almas, entre outras. Nossa interação aconteceu de forma natural – considerando o ambiente acadêmico. Enquanto eu me desdobrava para ensiná-los/las a escrever e ler resumos, resenhas, artigos, monografias, etc., os/as kalunga se desdobravam em aprender (assim como todos/as licenciandos/as que

estavam ali, de diversas origens campestres) para adentrar ao universo grafocêntrico inerente à universidade.

Nesse processo de ensino-aprendizagem, nossa convivência foi intensa e a empatia mútua foi crescendo. Em cada intervalo, horário de almoço e momentos após as aulas, nós, especialmente licenciandos/as kalunga e eu, dialogávamos sobre a região quilombola, as vivências nas comunidades. Conversei com kalunga do Engenho II, Vão do Moleque, etc. Mas as vivências de quem reside no Vão de Almas me chamaram mais a atenção devido ao fato de essa comunidade ser considerada a de mais difícil acesso.

Linguisticamente, o difícil acesso e a identidade kalunga revelaram dados, especialmente gerados com colaboradoras idosas, em que estruturas transitivas mostram essa questão, como o dado com o verbo “parir” analisado no capítulo 3. As colaboradoras mais jovens que, em geral, mantêm mais contato com o mundo externo ao território kalunga, por exemplo, optaram pelo uso do verbo “ganhar”, também analisado no capítulo 3.

A partir das Oficinas na LEdoC/FUP/UnB, os/as próprios/as kalunga me convidaram diversas vezes para visitar suas respectivas comunidades. E esses sucessivos convites coincidiram com o convite da Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa, docente da área de Linguagens da LEdoC/FUP/UnB, para integrar a equipe de docentes que elaboram e ministram Oficinas de Letramentos Múltiplos nas escolas das comunidades atendidas pelo curso, com recurso do PIBID¹² Diversidade. Essas oficinas em campo acontecem durante o tempo comunidade e têm o intuito de fortalecer a formação inicial dos/as licenciandos/as em Educação do Campo.

Nesse contexto, em setembro de 2012, fiz uma visita *in loco*, com alguns integrantes da LEdoC/FUP/UnB, e participei do festejo religioso na Capela do Vão do Moleque, que inclui o Império de São Gonçalo. Essa visita foi de caráter ético, para conhecimento do território, e com recursos do PIBID Diversidade, pois faço parte desse projeto como professora colaboradora. Uma das impressões que tive sobre o festejo do Vão do Moleque é que as tradições culturais e religiosas convivem com as barracas e os barulhos dos seus geradores oriundos da cidade. Portanto, essa visita me apresentou ao território kalunga, com suas estradas de terra, mata típica do Cerrado, tradições religiosas e vivências socioculturais. Porém, nesse momento, o que mais me despertou a atenção é que, em um território considerado longínquo, quase isolado, as relações entre

¹² PIBID = Programa Institucional de Bolsas de Inicial à Docência (CAPES).

mundo interno (kalunga) e mundo externo (elementos e sujeitos urbanos) encontram-se cada vez mais entrelaçadas. Esse viés, em certa medida, foi abordado no estudo da transitividade do português kalunga em discursos do parto no capítulo de análise.

No primeiro semestre de 2013, ao lado do também docente colaborador da LEdoC/FUP/UnB Gilberto Paulino de Araújo, fiz minha primeira visita ao Vão de Almas – mais uma vez, com recursos do PIBID Diversidade. Nessa ocasião, fomos ministrar duas Oficinas de Múltiplos Letramentos para professoras/es das escolas da região e para licenciandas/os em Educação do Campo residentes nas proximidades. A primeira oficina ocorreu na Escola Calunga II, e a segunda, na Escola Santo Antônio. Em ambas as oficinas, discutimos a importância do uso dos gêneros textuais em sala de aula e as possibilidades de integração entre conhecimentos escolares e conhecimentos/realidades kalungas. Ao final, fizemos prática de produção textual com os/as professores/as, utilizando o gênero jornalístico carta do leitor.

Com essa ida ao Vão de Almas, pude constatar sua formação geográfica de cerrado ainda preservado, a importância das escolas para a comunidade, perceber algumas relações de convivência entre os/as kalungas, suas identidades, sempre com as minhas indagações iniciais: relações entre mundo interno e externo e o peso do difícil acesso, isto é, as dificuldades vivenciadas pelos/as kalungas de ir e vir da sua comunidade. Todas essas impressões me conduziram ao recorte discursivo para a análise da transitividade do português kalunga: o discurso do parto. Optamos por esse discurso porque o parto é algo extremamente importante e tocante em uma comunidade tradicional remanescente, em que o próprio nascer é a certeza de sua sobrevivência. E a transitividade constitui e revela esses discursos, como mencionamos na introdução deste trabalho.

Após esse momento, voltei ao Vão de Almas-GO, a convite das/os licenciandas/os kalungas da LEdoC/UnB, em agosto de 2013, para conhecer o festejo de Nossa Senhora D'Abadia. Assim como no Vão do Moleque, o festejo é o momento da comunidade se encontrar, visto que suas casas não são próximas umas das outras. O local do festejo, na Capelinha, há uma capela e as choupanas, todas juntas, das famílias do Vão de Almas. Essas choupanas tão próximas são habitadas apenas nos 5 dias de festejo. O evento tem rezas, missa com um padre, coroação do Rei e da Rainha da romaria, assim como som mecânico com forró durante a noite. A religiosidade e a festa em si se misturam, à beira do rio. Neste, as/os kalunga tomam banho, se refrescam do calor, cozinham, lavam vasilhas, entre outras atividades.

Alguns kalunga também montam barracas com restaurantes e outros comércios. O festejo conta com gerador. Outro ponto importante é a alta presença da/do não kalunga nesse evento. Pesquisadoras/es da UnB e da UFG e a presença do Estado, por meio da polícia militar, dos bombeiros, da secretaria de saúde, etc. são frequentes. E, nesse contexto, os/as kalungas festejam durante dias. A ida ao festejo foi muito importante para a compreensão, especialmente, das ocupações do território kalunga. Um festejo anual é a grande oportunidade de reunião do povo da localidade, que vive sem ver a poucos metros a casa do vizinho, ainda nos dias de hoje. E, ao mesmo tempo, com difícil acesso, com estradas de chão precárias e a serra, as idas e vindas do território ocorrem com bastante frequência.

Após essas interações, optamos por desenvolver a pesquisa no Vão de Almas-GO, submetemos nosso projeto de tese ao Comitê de Ética em Ciências Humanas da UnB e, depois da aprovação, realizamos quatro trabalhos de campo, já registrados neste capítulo nas subseções referentes às entrevistas e às oficinas de Letramentos.

2.3. Considerações finais do capítulo

Este capítulo delineou dois espectros importantes da metodologia: nossas concepções metodológicas e nossas ações de pesquisa. A pesquisa qualitativa, a Etnografia e a Ecolinguística são conhecimentos que fomentam nossa proposta de exercer em todo o trabalho uma postura Ecoetnográfica, para construirmos uma metodologia inovadora e condizente com os nossos objetivos e análises.

Já a Pesquisa-ação, os contextos de pesquisa, as entrevistas, as oficinas de letramentos e seus respectivos registros da vivência em campo e demais interações sinalizam nossas propostas de ação no decorrer de toda a pesquisa. Essas ações são pautadas em gerações de dados que respeitam a comunidade kalunga Vão de Almas-GO no sentido ético e também apontam nosso anseio de contribuir socialmente com a comunidade, assim como prevê van Dijk (2010) acerca das pesquisas sociais da atualidade.

Portanto, o capítulo metodológico se constitui nesta tese como registro de concepções, percursos experienciados pela pesquisadora ao lado do povo kalunga, contextualizações, contribuições sociais que fomentaram nossa geração de dados. Cumpre ressaltar que o capítulo analítico a seguir tratará da análise da transitividade e demais camadas analíticas, a partir do Protocolo-Mãe (cf. capítulo 3), de discursos do

parto gerados por meio das entrevistas semiestruturadas. No capítulo analítico, o nosso objetivo será apresentar e discutir, qualitativamente, os discursos proferidos pelas mulheres kalunga do Vão de Almas-GO. Isso também é uma forma de registrar o protagonismo dessas mulheres.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS: o Protocolo-Mãe

3.0. Introdução

Nesta etapa do trabalho de tese, apresentamos análises qualitativas (cf. capítulo 2 – Metodologia) do fenômeno central deste estudo, a transitividade, considerando os espectros sintáticos, semânticos e pragmáticos os quais constituem a transitividade. Além disso, utilizamos a perspectiva das estruturas do discurso ideológico de van Dijk (2000), as concepções do Ecosistema da Língua (COUTO, 2007) e, por fim, relacionaremos essas questões com os letramentos emergentes da comunidade que as/os colaboradoras/es vivenciam e compartilham em seu território e fora dele.

Para tanto, faz-se necessária uma organização dessas concepções, que são, na realidade, eixos analíticos. Contudo, tal organização não pode ser apenas categórica e sistemática; os dados nessa fase de análise qualitativa precisam ser compreendidos e explicitados com relações entre cada interface teórica que optamos por adotar em toda a tese. E todo esse processo precisa estar em consonância com a forma que realizamos nosso trabalho de campo e, conseqüentemente, a geração dos dados: a postura etnoográfica qualitativa com movimentos da pesquisa-ação (cf. capítulo 2 – Metodologia).

Nesse sentido, construímos um protocolo analítico denominado “Protocolo-Mãe”. O nome desse protocolo se justifica pela natureza temática desta pesquisa [a transitividade em discurso sobre o parto], em que a figura da mulher, como mãe, é fulcral, fundamental na manutenção da vida da comunidade quilombola/kalunga Vão de Almas-GO. Cumpre dizer que “mãe”, em uma extensão semântica e metafórica, remete à “origem”, “início”, “começo”. Logo, o Protocolo-Mãe significa também “a nossa origem analítica”. Segue, então, a representação do nosso Protocolo-Mãe, bem como a explicação das relações entre cada eixo de análise:

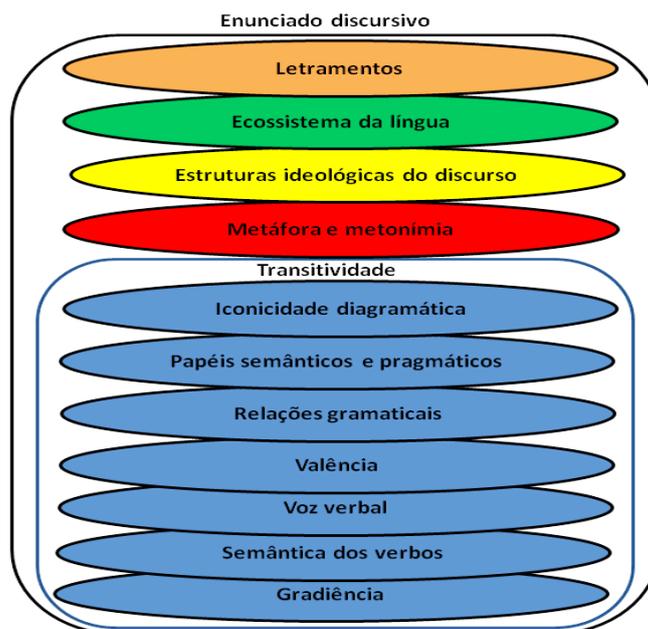


Figura 3 – Representação do Protocolo-Mãe

Antes de iniciar a análise *per se*, arrolamos, qualitativamente, excertos presentes nas entrevistas e interações que vivenciamos na comunidade quilombola/kalunga Vão de Almas-GO. Tais excertos são, na realidade, enunciados discursivos completos de sentido, função social, historicidade (BAKHTIN, 2000). É importante ratificar aqui que vemos a transitividade não somente como um fenômeno de abrangência frasal, oracional, com seus limites apenas no âmbito da sentença. A transitividade ultrapassa esses limites e cada elemento do enunciado auxilia na constituição do evento transitivo. Assim, a sentença não é o fim analítico, mas sim o início da investigação da transitividade, em que o enunciado todo influencia e reflete os espectros linguísticos, dos mais estruturais aos mais discursivos ao mesmo tempo. Tudo isso está em conformidade com o dinamismo da língua discutido pela Linguística Centrada no Uso (cf. capítulo teórico).

Ainda sobre a seleção de enunciados, esta seleção ocorre, de modo qualitativo, conforme o roteiro de perguntas, a faixa etária e de experiência [parteiras, mulheres idosas, adultas, jovens e gestantes] das entrevistas semiestruturadas. Cumpre ressaltar que arrolamos, para a análise qualitativa, sob a perspectiva do Protocolo-Mãe, enunciados discursivos representativos de cada perfil das entrevistas, sendo três ligados às parteiras, um relacionado às mães idosas, um às mães adultas, um às mães jovens e um às gestantes. Em cada enunciado das parteiras, destacamos dois eventos transitivos

como eixo das análises e, nos demais, arrolamos um evento transitivo como eixo das análises.

Optamos por destacar mais às parteiras, no quesito quantidade de enunciados arrolados para a análise qualitativa, pelo fato de serem mulheres de ofício menos usual na atualidade em comparação com gerações anteriores, uma vez que as mulheres kalunga cada vez mais procuraram hospitais para terem seus filhos. Mas isso não significa que as parteiras ainda não exerçam seu papel na comunidade. Assim, nesse contexto, escolhemos por propiciar um registro maior relativo às parteiras, mulheres que por anos e anos garantiram, sem hospitais, a manutenção da vida kalunga na comunidade.

Nos referidos enunciados discursivos, os eventos transitivos os quais impulsionam nossas análises contêm os seguintes verbos: parteiras (aprender, ensinar, fazer, ganhar, pegar e apanhar); mãe idosa (parir); mãe adulta (fazer); mãe jovem (ganhar) e gestante (seguir). E a escolha desses verbos não foi a esmo. Aprender e ensinar se referem a como as parteiras conheceram e iniciaram seu ofício. O fazer, no perfil parteiras, remete a um cuidado realizado na hora do parto. Ganhar, ainda com as parteiras, está relacionado com o trabalho delas (fazer partos para a mulher ganhar a criança). Por fim, pegar e apanhar representam o ápice do ofício dessas colaboradoras.

Já o parir, com a mãe idosa, sintetiza todo o parto na perspectiva da parturiente. O fazer, discutido no perfil das mães adultas, denota ação física realizada pela parturiente na hora do parto. O ganhar volta à análise na perspectiva da mãe jovem e, ao final, o verbo seguir, com as gestantes, demonstra que, na atualidade, a mulher kalunga ainda se dispõe a seguir, a vivenciar os ensinamentos típicos da comunidade kalunga em relação ao parto, à gestação e seus cuidados. Nessa organização dos enunciados discursivos para o presente capítulo analítico, tecemos a ordem parteiras-mães idosas-mães adultas-mães jovens-gestantes a fim de apresentarmos uma sequência temporal que se inicia com as mais velhas (parteiras e mães idosas) e se encerra com o hoje, as colaboradoras grávidas.

Diante dessa organização, iniciamos a análise com o primeiro eixo analítico, que corresponde à transitividade do discurso do parto. Nessa fase, aplicamos as sentenças com os verbos supracitados nos consagrados parâmetros de Hopper & Thompson (1980). Todavia, na interpretação de cada parâmetro, levamos em conta o todo do enunciado no qual a sentença está presente.

Os próximos passos analíticos são verificar nessas mesmas sentenças a semântica dos verbos que fazem parte do evento transitivo nos termos de Givón (2001), observar em qual voz verbal a sentença em análise foi construída, bem como conferir qual a situação das valências sintáticas e semânticas da sentença que estiver em questão. Outros pontos relevantes são os reconhecimentos das relações gramaticais, adjuntos em geral, dos papéis semânticos e pragmáticos. Todas essas camadas após os parâmetros de Hopper & Thompson (1980) – da semântica do verbo givoniana ao reconhecimento dos papéis semânticos e pragmáticos – são fundamentais para a justificativa da gradiência da transitividade apresentada no primeiro passo do Protocolo-Mãe. Em outras palavras, cada valência, cada semântica do verbo, cada uso de voz, cada relação gramatical, cada papel semântico e pragmático influenciam diretamente no grau que a transitividade pode alcançar.

Depois, a iconicidade diagramática aparece como camada com a finalidade de observarmos as extensões físicas, isto é, a materialidade linguística e as imbricações de sentido da transitividade de cada dado analisado. Por fim, como intersecção entre a análise da transitividade a partir da Linguística Centrada no Uso e as contribuições do Ecosistema da Língua e das Estruturas Ideológicas do Discurso, registramos os usos de metáfora e metonímia. Estes elementos constituem a estrutura e os sentidos de uma língua. Portanto, também revelam o porquê de determinados eventos transitivos terem sido utilizados pelas nossas colaboradoras.

O segundo eixo analítico atende justamente a camada de análise no tocante aos Estudos Críticos do Discurso de van Dijk (2000) e ao Ecosistema da Língua (COUTO, 2007). Este segundo eixo se faz necessário para observarmos quais espectros discursivos que a transitividade incorpora e revela. Assim, nos enunciados em que selecionamos orações com a finalidade de analisar o construto transitivo como um todo, nós também verificaremos as nuances discursivas observando se há as seguintes estruturas ideológicas do discurso destacadas por van Dijk (2000): tópico, implicações e pressuposições, coerência local, sinonímia e paráfrase, contraste, exemplos e ilustrações, atores, modalidade, evidencialidade, cobertura e imprecisão, topoi e estruturas proposicionais. O Ecosistema da Língua, por sua vez, nos auxiliará a compreender as influências da relação língua, povo e território, no âmbito das escolhas lexicais, sob o discurso do parto.

O terceiro e último eixo analítico abrange a questão dos Letramentos no seguinte prisma: o reconhecimento nas entrevistas, por meio da escrita acadêmica que esta tese

representa, dos letramentos emergentes do povo kalunga considerando-se sua imaterialidade e seu conhecimento. As/os kalunga utilizam sim a escrita, mas muitas interações ocorrem na oralidade devido aos fatores expostos no capítulo metodológico. Neste ponto das análises, denominamos de letramentos internos os dados relacionados aos conhecimentos típicos kalunga sobre o parto. Já os letramentos externos são dados que se referem aos conhecimentos do parto na perspectiva da medicina alopata, praticada em hospitais. Tal constituição analítica não é polarizada, e, sim, constitutiva para observarmos os letramentos conforme nossa proposta.

Diante do exposto, seguiremos com a análise. O capítulo está assim organizado: seção 3.1. O protocolo-mãe: com a palavra, as parteiras; seção 3.2. O protocolo-mãe: com a palavra, as mães idosas, adultas, jovens e gestantes (esta seção possui quatro subseções). Na última seção, tecemos as considerações finais do capítulo.

3.1. O protocolo-mãe: com a palavra, as parteiras

As parteiras constituem um segmento de colaboradoras que simbolizam as percepções do que é o parto para as mulheres kalungas no âmbito da memória, ou seja, das práxis de outrora para se ter filhos/as em um território próprio, com ações, materiais e conhecimentos tradicionais pertencentes ao Vão de Almas-GO. Mas as visões das parteiras também alcançam o hoje. Entre nossas colaboradoras, as parteiras e idosas afirmaram que tiveram seus/suas filhos/as no Vão de Almas-GO. Já entre as colaboradoras adultas e jovens, apenas três relataram ter tido bebês na comunidade. E quanto ao grupo das gestantes, todas estavam se preparando para o parto no hospital.

Nesse cenário, notamos que, apesar da atualidade apontar mais e mais partos na cidade, é necessário destacar que ainda há mulheres dando à luz no território por razões distintas. Preferência em ter o bebê na comunidade quilombola [atualmente, este motivo é em menor escala pelo medo da morte de parturiente/bebê e, por isso, as kalungas creem que no hospital há mais recursos para evitar tais falecimentos], a falta de tempo para chegar até o hospital mais próximo, a falta de condições financeiras para custos de ida e permanência na cidade são alguns motivos percebidos pela pesquisadora em sua vivência em campo.

Atualmente, as mulheres kalunga têm acesso ao SUS nas cidades circunvizinhas e, mesmo assim, seguem ensinamentos de cuidados advindos das experiências de parteiras e mulheres mais velhas da comunidade. Conforme as entrevistas, isso significa

dizer que, de tempos mais antigos até hoje, o jeito da mulher kalunga ter filhas/os mudou sim [as mulheres mais velhas da comunidade, em geral, destacam isso e gostariam de ser mais ouvidas e valorizadas pelas mães mais jovens]. No entanto, não podemos afirmar que as mulheres kalunga mais jovens não seguem nada do que lhes é ensinado no território. Existe uma simbiose entre cuidados hospitalares e cuidados tradicionais quilombolas: quando a kalunga tem o bebê no hospital, no instante do parto, principalmente, os cuidados hospitalares são predominantes, assim como no momento do pré-natal ou de uso de algum medicamento alopata. Mas em relação à alimentação, aos cuidados e ações antes e depois do parto tanto com a mãe quanto com o bebê e ao uso de remédios tradicionais kalungas (ou do mato, como as próprias kalunga dizem), os conhecimentos do Vão de Almas-GO ainda são válidos e experienciados.

No instante das entrevistas, buscamos interagir com as parteiras sempre respeitando o tempo e o ritmo delas. Inicialmente, perguntamos a idade, para fins de catalogação dos dados, conversamos sobre o tempo em que cada parteira atua na comunidade Vão de Almas-GO e também acerca de quem lhes ensinou o ofício. Obtivemos respostas que abrangem um tempo longo de atuação – até mesmo porque, em geral, as parteiras são idosas e este ofício está sendo cada vez menos utilizado devido ao acesso das mulheres aos cuidados do SUS, nas cidades próximas. Contudo, o papel das parteiras ainda continua presente, como veremos em toda a análise.

Acerca da questão da quantidade de mulheres atendidas tanto no momento atual quanto no passado, as respostas têm um provável número de crianças aparadas pelas parteiras - provável porque as colaboradoras parteiras são idosas e podem se esquecer das quantidades exatas. Todavia, as explicações contidas nos enunciados discursivos apontam para uma quantidade elevada de partos feitos por parteiras no passado e queda nesse número na atualidade devido ao fato da mulher kalunga, hoje, ter a possibilidade de acesso aos hospitais do SUS nas cidades próximas à comunidade quilombola. Mas isso também não significa que não aconteça partos, com parteiras, no território.

(1) Com o auxílio de minha mãe, **minha mãe eu aprendi com ela**. Aí quando eu tinha 18 ano, aí ela foi e **me ensinou**. Ela as vez fala, “Ou minha fia, eu já tô assim, mais de idade”. Mas o que eu sober entrego procê. Só não de reza. Só o saber mermo pra pegar pras criança. Aí toda vez que chamava, ela só ia comigo. Só ia comigo. Era mãe de três fia muié, mas só que ela, confiança só em mim. Eu ia mais ela, chegava lá. Não teve um

parto errado. Toda vez era feliz no parto. Era. Não perdeu nenhuma criança. Nem nova, nem ganhada de tempo, nunca perdeu nenhuma. Eu também, graças a Deus (T:P:01).

Para a análise do primeiro eixo analítico, selecionamos as duas frases **1. minha mãe eu aprendi com ela** e **2. me ensinou**. A primeira se justifica por ser cerne de todo o desdobramento discursivo: a partir do aprendizado com a mãe, a colaboradora T:P vivenciou todas as suas experiências referentes ao parto. A segunda frase remete à relação de origem do aprendizado de ser parteira: a mãe passou, ensinou seus conhecimentos à T:P por meio das vivências reais de partos, sem manuais ou congêneres escritos; os conhecimentos do parto, aqui, pulsam nas situações compartilhadas entre mãe e filha. E, por isso, merecem registro de letramentos por meio desta tese.

A - Primeiro eixo analítico: a transitividade do discurso do parto

A.1. A escala de transitividade conforme Hopper & Thompson (1980)

Dado	Participantes	Cinese	Aspecto	Pontualidade	Intencionalidade do sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade do sujeito	Afetamento do O	Individuação do O	TOTAL	ANÁLISE
1. minha mãe, eu aprendi com ela	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+	9	Transitividade de grau alto.
2. me ensinou	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	10	

O primeiro dado é constituído de um sujeito (“eu”), um verbo bitransitivo comumente compreendido a partir dos espectros mais cognitivos do que de ações concretas (“aprendi”), um objeto direto não explícito, mas que está no contexto enunciativo (“o ofício de ser parteira”) e há também um objeto indireto (“com ela”). Cumpre ressaltar que a oração em análise é introduzida pela topicalização da expressão “minha mãe”, o que marca, discursivamente, quem ensinou a colaboradora a ser parteira, bem como a relevância deste “quem” – não foi qualquer pessoa, foi a própria mãe quem ensinou o ofício.

A segunda oração possui sujeito (“Ela”), o objeto indireto (“me”), o verbo cognitivo, mas também de ação (“ensinou”) e o objeto direto não explícito entendido por meio do enunciado discursivo (“fazer parto” ou “o ofício de ser parteira”). Diante disso, temos, em **1. minha mãe, eu aprendi com ela**, uma oração de alta transitividade, com nove parâmetros positivos, como podemos verificar na escala de Hopper & Thompson (1980) acima. A outra oração [**2. me ensinou**] é, igualmente, de transitividade alta, com 10 parâmetros positivos. Quanto aos participantes, a gradiência é elevada porque existem dois nos eventos transitivos: em **1**, há o sujeito “eu” e o elemento topicalizado “minha mãe”, o qual é recuperado no objeto indireto “com ela”; **2** apresenta sujeito “ela”, a mãe, e objeto indireto “me”, a parteira T:P. A cinesa também indica um grau alto de transitividade porque os verbos “aprendi” e “ensinou”, neste caso, não simbolizam apenas um processo de cognição, em que algo é ensinado de modo abstrato para alguém aprender. Os verbos “aprendi” e “ensinou”, neste sentido, é resultado da interação entre mãe e filha, por meio da transferência de conhecimento acerca das ações referentes ao parto e suas demandas em situações práticas.

O verbo “aprendi” é télico, pontual, demonstra uma ação acabada: a colaboradora aprendeu o ofício de ser parteira com a sua mãe. Logo, o aspecto e a pontualidade do verbo possuem gradiência elevada. No entanto, é importante lembrarmos que esta ação é acabada atualmente. Isso significa que o “aprender” aqui foi um processo de vivência entre mãe e filha, em variados momentos cujo conhecimento de se fazer um parto precisava ser acionado, via cognição, e, principalmente, aplicado na realidade. E este processo, terminado, continua presente nas ações desta colaboradora. O verbo “ensinou” também mostra telicidade, pontualidade e têm grau alto de transitividade. Cumpre ressaltar que este ensino ocorreu em inúmeras situações, com ações de parto experienciadas, visto que a mãe da colaboradora T:P sempre ia acompanhada desta filha quando seu ofício de parteira era solicitado.

No que concerne à intencionalidade do sujeito, em **1**, podemos visualizar o “eu”, além de humano, como volitivo e intencional: o “eu” realizou o percurso necessário para aprender as ações das parteiras, conforme os ensinamentos e a interação prática com sua mãe. Em relação ao sujeito de **2**, também há sujeito humano, volitivo e intencional. “Ela”, a mãe de T:P, passou seus conhecimentos à filha na medida em que realizavam partos. As orações **1** e **2** são afirmativas e pertencentes ao modo *realis*; os eventos transitivos ocorreram em situações concretas e palpáveis – entre os afazeres

tanto de quem ensina (mãe) quanto de quem aprende (filha). Por isso, a polaridade e a modalidade dessas orações apresentam graus altos na escala transitiva.

Ainda na tendência elevada de transitividade, podemos tratar do parâmetro Agentividade do sujeito. Neste quesito, o grau é alto no dado **1** porque o sujeito “eu” apresenta agência no evento transitivo: além da volição, há também ações em todo o processo de aprender a ser parteira a partir da interação com a sua mãe. Já em **2**, o sujeito “Ela” é agentivo, pois realiza as ações mencionadas com o intuito de ensinar T:P, na prática, a fazer partos.

Em relação ao afetamento do objeto, ocorre queda na escala no dado **1**. Na primeira oração, não há uma transferência da ação para o objeto direto não explícito “o ofício de ser parteira”, nem para o objeto indireto “com ela”. Na realidade, o sujeito “eu” recebe ensinamentos e vive experiências do parto em interação com a mãe. Por essas razões, não é possível afirmar que há o afetamento de objeto prototípico. Na segunda oração, é plausível considerar afetamento do objeto indireto no sentido de que o “me”, que se refere à colaboradora T:P, foi afetada à medida que aprende o ofício de ser parteira acompanhando a mãe. O objeto direto não explícito, mas perceptível pelo todo enunciativo “fazer parto” ou “o ofício de ser parteira” é, em alguma medida, afetado considerando a transferência de conhecimento do sujeito ao objeto indireto indicada pelo verbo “ensinou”.

No tocante à individuação do objeto, há graus elevados. Em **1. minha mãe, eu aprendi com ela**, o objeto direto não explícito tende a ser individuado: “o ofício de ser parteira” é comum; inanimado; abstrato no sentido mais cognitivo de “aprender”, porém concreto por ter ações em seu espectro; singular; contável e referencial. Já o objeto indireto “com ela” é individuado porque possui, em quase totalidade, propriedades inerentes à individuação (humano/animado, concreto, singular, contável e referencial/definido). Por fim, em **2. me ensinou**, temos objeto direto e indireto individuados – “fazer parto” é objeto direto não explícito comum, inanimado, concreto, singular, contável e referencial. E o objeto indireto “me” é próprio, animado, concreto, singular, contável e referencial. Depois dessas análises, passemos para a segunda camada do primeiro eixo analítico: a semântica dos verbos de Givón (2001).

A.2. A semântica dos verbos que fazem parte do evento transitivo conforme Givón (2001)

Dado	A semântica do verbo	Análise
minha mãe, eu aprendi com ela	Verbo com sujeito dativo-experienciador e objetos sem mudanças discerníveis.	O verbo aprender é prototipicamente de cognição. Mas aqui há uma aprendizagem associada à interação nas ações. É o “aprender fazendo”. Os objetos não sofrem impacto de mudanças. Na realidade é o sujeito quem sofre.
me ensinou	Verbo com sujeito agente e objetos com mudanças discerníveis.	O verbo ensinar tem propriedades cognitivas e de ação no contexto em análise. E o sujeito age e vivencia com o objeto indireto. Porém, há algo relevante: os objetos, pelo afetamento, sofrem mudanças discerníveis.

Givón (2001), em seus estudos de transitividade das línguas, parte dos pressupostos de Hopper & Thompson (1980), considerando a transitividade prototípica. No entanto, com a semântica dos verbos, Givón (2001) discute categorias que se afastam do protótipo sujeito agente, verbo de ação e objeto afetado. Tais considerações contribuem, sobretudo, para propostas como a deste trabalho, que observa a transitividade no contexto enunciativo e em diferentes perspectivas.

Em **minha mãe, eu aprendi com ela**, o verbo está acompanhado de sujeito dativo-experienciador. Em **me ensinou**, o verbo apresenta sujeito agente. De acordo com o autor, verbos com sujeito dativo-experienciador tendem à cognição, geralmente não exprimem ação e, sim, estado. Na primeira oração, os objetos não apresentam modificações perceptíveis. Logo, quem sofre essas modificações é o sujeito. Um fato relevante destacado por Givón (2001) é que verbos com sujeito dativo-experienciador podem ser de ação à medida que abrangem a volição, como o verbo *aprender*. O verbo *ensinar*, por sua vez, assume o caráter de agência em si; o processo de ensinar ocorre na prática de partos entre mãe e filha kalunga.

Todos esses pontos estão em consonância com a análise em curso de **minha mãe, eu aprendi com ela**. O sujeito dativo-experienciador “eu” sofre as mudanças acarretadas pelo verbo: o aprender com a mãe o ofício de ser parteira provocou mudanças no sujeito. O verbo possui carga de volição, pois o sujeito quis aprender. Mais que isso: como explicitamos, o aprender ocorreu com ações em interação com a mãe e com situações reais de parto. Quanto aos objetos direto e indireto, não há

impactos tão discerníveis como no sujeito. Assim percebemos que, apesar de não retratar uma transitividade prototípica, a semântica do verbo em tela, com sua volição e interação na concretude da situação, propiciou a gradiência elevada da transitividade de **minha mãe, eu aprendi com ela**.

O verbo ensinar também não representa protótipo de verbo de ação no PB. Entretanto, em **me ensinou** há agência e, conseqüentemente, o sujeito é agente à medida que expressa a interação de conhecimentos das ações referentes ao parto por parte da mãe em direção à T:P. O objeto indireto “me” é afetado pelos ensinamentos sobre o parto da mãe. Dessa forma, há transferência do objeto direto não explícito [fazer parto] da mãe para a filha. Por isso, os objetos, aqui, sofrem mudanças discerníveis e a transitividade deste dado continua alta. A seguir, vejamos as observações em relação à voz e valência desses dados.

A.3. Voz e Valência

Dado	Voz	Valência sintática	Valência semântica	Análise
minha mãe, eu aprendi com ela	Voz ativa	3 argumentos	3 argumentos	A voz ativa ocorre pela interface entre cognição, volição e ação do verbo. Quanto à valência, temos 3 argumentos sintáticos e semânticos.
me ensinou	Voz ativa	3 argumentos	3 argumentos	A voz ativa também expressa a associação entre cognição, volição e ação do verbo. A valência é semelhante ao dado anterior.

O dado **minha mãe, eu aprendi com ela** apresenta voz ativa, visto que o verbo denota ação [mesmo não prototípica] do sujeito, associada à sua volição. Além disso, em termos morfológicos do Português Brasileiro (PB), não detém uma marcação específica. Esta voz verbal, muito comum no PB, favorece o grau alto de transitividade por duas razões: sintaticamente, propicia a existência de dois argumentos ou mais e, semanticamente, encontra-se articulada à ideia de ação e de apresentar dois ou mais participantes.

Desse modo, a voz verbal influencia a valência justamente por conter a propriedade de expandir ou não as informações do núcleo verbal em direção ao todo frasal. Em outras palavras, as necessidades sintáticas e semânticas do verbo, com sua

voz, são sanadas pelos argumentos (valência sintática) e pelos participantes (valência semântica), segundo Payne (2006). Neste caso, temos um verbo trivalente no que concerne à valência sintática (“X aprende Y com Z”). Ou melhor:

Eu [argumento] aprendi [verbo] objeto direto não explícito, mas compreendido pelo todo enunciativo “o ofício de ser parteira” [argumento] com ela [argumento].

O fato do objeto direto não estar explícito neste dado não impede de reconhecermos que o verbo aprender, quando acompanhado de objeto indireto (com quem se aprende), exige a compreensão também do que se é aprendido. Por isso, o consideramos trivalente ou bitransitivo (PAYNE, 2006). Sobre a valência semântica, os participantes previstos no dado em tela são três: sujeito “eu”, objeto indireto “com ela (minha mãe)” e objeto direto não explícito “o ofício de ser parteira”. Logo, existe aqui um verbo de valência semântica 3. Estas configurações apontam as razões sintático-semânticas desta frase ter transitividade alta.

A oração **me ensinou** contém voz ativa porque o sujeito é agentivo, mesmo com a cognição, ao passar os conhecimentos de realizar partos ao objeto indireto “me” em situações reais. Além disso, o verbo ensinou não possui marca morfológica de distinção de voz. Tal configuração favorece a valência sintática de três argumentos [X ensinou Y à Z]. Quanto à valência semântica, temos três participantes no evento transitivo (**ela, me e o que foi ensinado na prática, o parto**). A seguir, há o registro das Relações Gramaticais e outros elementos sintáticos.

A.4. Relações Gramaticais e adjuntos em geral

Dado	RG	Adjuntos e outros	Análise
minha mãe, eu aprendi com ela	Sujeito: eu; OD não explícito: “o ofício de ser parteira”; OI: com ela.	Minha mãe (topicalização)	As RG seguem a valência sintática esperada por este verbo. A topicalização de “minha mãe”, além do peso discursivo, garante a referência ao OI “com ela”
me ensinou	Sujeito: Ela; OD não explícito: “fazer parto”; OI: me.	–	As RG apresentam também valência sintática em consonância com o verbo.

A respeito das Relações Gramaticais (RG), o primeiro dado contém três elementos sintáticos relacionados: sujeito, objeto direto e objeto indireto. Nesse sentido, a RG neste caso abarca a valência sintática prevista para o verbo aprender: 3 argumentos. Mais uma vez, é importante dizer que o objeto direto é possível de ser recuperado pelo contexto do enunciado.

Nesta camada de análise, a topicalização de “minha mãe” merece destaque. No âmbito sintático, essa topicalização ocorreu pelo posicionamento, em primeiro plano, de um elemento que faz referência ao objeto indireto, último elemento deste dado. Esse jogo sintático possui consequências semânticas e, em especial, discursivas; a colaboradora teve a intenção comunicativa de enfatizar e valorizar quem a ensinou a ser parteira, sua mãe.

A oração **me ensinou** possui três argumentos relacionados, assim como o primeiro dado. Outra semelhança entre as orações **me ensinou** e **minha mãe, eu aprendi com ela** é a presença de objeto direto não explícito, mas reconhecidos pelo todo enunciativo e atendendo a valência sintática e semântica dos verbos “aprender” e “ensinar”. Cumpre destacar que a segunda oração não possui adjuntos e outros elementos sintáticos. As RGs propiciam também as relações constitutivas com os papéis semânticos e pragmáticos dos eventos transitivos. É isso que veremos na próxima camada.

A.5. Papéis semânticos

Dado	Papéis semânticos	Análise
minha mãe, eu aprendi com ela	Sujeito: dativo; Objeto Indireto: com traço de associativo.	O sujeito é dativo por ser animado, volitivo e motivado pelo outro participante. Já o objeto indireto possui traço de associativo.
me ensinou	Sujeito: agente; Objeto Indireto: com traço de associativo.	O sujeito é agente porque transfere teu saber ao OI. O objeto indireto, por sua vez, realiza ações do parto com a mãe, algo notável pelo todo enunciativo. Por isso, o OI tem traço de associativo.

Os papéis semânticos, conforme Givón (2001), são fundamentais para a compreensão da semântica dos verbos. O autor elenca definições de papéis semânticos partindo de cada participante do evento transitivo. Na oração **minha mãe eu aprendi com ela**, o sujeito dativo “eu” é motivado a agir de acordo com os sintomas da

parturiente. O objeto indireto contém traço de associativo, pois as ações que circundam o *aprender* são compartilhadas entre mãe (parteira) e filha (aprendiz de parteira).

Na oração **me ensinou**, o sujeito agente [que tem a volição ao ensinar] mais uma vez vivencia, em conjunto com o objeto indireto associativo, as ações relativas ao parto, uma vez que as “aulas” foram práticas. Essas noções são relevantes para compreendermos como os participantes se posicionam no evento transitivo. Além dessas questões, tópico e foco também auxiliam na compreensão da composição transitiva desses dados. Veremos abaixo esse ponto por meio dos papéis pragmáticos.

A.6. Papéis pragmáticos

Dado	Papéis pragmáticos	Análise
minha mãe, eu aprendi com ela	Tópico: eu. Foco: objeto direto e com ela. Topicalização: minha mãe	O tópico "eu" aparece pela primeira vez nesse enunciado discursivo. Depois, o foco representa o que se quer falar sobre o tópico.
me ensinou	Tópico: [ela]. Foco: me.	O tópico "ela" representa e faz referência à mãe, quem ensinou à colaboradora a realizar partos. Assim, o objeto indireto "me" se porta aqui como foco.

Os papéis pragmáticos são importantes no estudo da transitividade das línguas, de modo geral, por demonstrarem a relevância, a posição dos conteúdos expressos em orações e, conseqüentemente, em enunciados e discursos. No dado **minha mãe, eu aprendi com ela**, o tópico "eu" aponta a importância desse participante no evento transitivo em análise [é o sujeito do verbo aprender e de quem o foco tratará em seguida]. O foco objeto direto não explícito ["o ofício de ser parteira"] e “com ela” expressam o conteúdo informado pela colaboradora, neste momento da entrevista, sobre quem a ensinou a realizar partos.

Em **me ensinou**, o sujeito está explícito na oração coordenada anterior “ela foi”. E, obviamente, a marcação morfológica de número e pessoa no verbo “ensinou” auxilia no reconhecimento do sujeito da oração em análise. Desse modo, o sujeito "ela", a mãe de nossa colaboradora, é o tópico desta oração. O foco "me" retrata a informação nova que a colaboradora deseja expressar neste instante da interação, que é mostrar quem foi afetada pelos ensinamentos da mãe [a própria colaboradora]. A próxima camada de análise do Protocolo-Mãe aborda a composição diagramática da transitividade: a iconicidade.

A.7. Iconicidade Diagramática

Dado	Tipo de Iconicidade: Quantidade Complexidade Coesão	Análise
minha mãe, eu aprendi com ela	“minha mãe” e “com ela” expressam iconicidade de coesão.	A iconicidade de coesão aqui garante a lógica das RG.
me ensinou	“me ensinou” retrata iconicidade de coesão.	A iconicidade aqui representa a lógica das RG e a organização provocada pelo uso do pronome pessoal em posição de objeto indireto.

A iconicidade, de acordo com Haspelmath (2008), constitui a estrutura das línguas pelo viés diagramático. Dessa forma, a iconicidade pode ser de quantidade, de complexidade e de coesão. No primeiro dado, “minha mãe” e “com ela” remetem às RG que organizam o evento transitivo e indicam as relações dos seus participantes. Pelo uso do pronome possessivo e da preposição, é possível garantir a coesão e, conseqüentemente, garantir o entendimento do enunciado (nessa configuração, fica explícito que a parteira fazia ações em conjunto com sua filha).

O segundo dado, **me ensinou**, remete à coesão deste evento transitivo; o pronome oblíquo, que sempre é objeto, está anteposto ao verbo. Essa configuração é a mais comum no uso do PB. Cumpre ressaltar que seria aceitável, no PB, a formação ensinou-me, com o pronome oblíquo posposto ao verbo. Contudo, este uso é considerado formal e aparece mais em contextos escritos. Tais configurações de iconicidade diagramática interferiram na transitividade, conforme vimos nos parâmetros de Hopper & Thompson (1980).

A iconicidade de coesão, nos termos de Haspelmath (2008), trata de sintagmas que são expressos juntos e de modo mais coeso, com a finalidade de diagramar as Relações Gramaticais e, como consequência, para que o entendimento do que se enuncia ocorra com êxito. Logo, a iconicidade diagramática, por lidar com a materialidade linguística, também pode revelar pontos de cognição e discursivos relativos a diferentes línguas e culturas. Como já citamos no capítulo teórico, o autor utiliza exemplos de sintagmas nominais possessivos de relação entre parte-corpo a fim de discutir este conceito: *id* ‘mão’, *id-i* ‘minha mão’ apresenta mais coesão do que *siggu* ‘cadeira’, *is-siggu tiegh-i* [a cadeira de mim] ‘minha cadeira’ (**sigg(u)-i*).

Nesse sentido, o uso "minha mãe", com a configuração pronome + substantivo materializa a relação de parentesco que a colaboradora quis ressaltar em seu discurso. Contudo, o PB admite o inverso ["mãe minha"], porém não é o uso mais prototípico para esse tipo de constituição, bem como pode alcançar outros significados discursivos. Em contrapartida, "com ela" permite somente esta relação de coesão no PB [preposição + pronome pessoal do caso reto] expressando a ideia de companhia e, no caso, mais ainda: a relação afetiva e de ensinamentos entre mãe e filha no contexto do parto kalunga. Por fim, em "me ensinou", há uma sequência coesiva mais recorrente do PB [como mencionamos acima].

Para o/a falante do PB e de suas variantes, como o português kalunga, a coesão construída por meio do pronome oblíquo anteposto ao verbo significa mais proximidade entre os elementos, isto é, "me ensinou" representa o elo mãe-filha de maneira mais real, mais fluida e orgânica, no contexto em que analisamos, do que "ensinou-me" típico dos compêndios gramaticais normativistas.

A iconicidade é o eixo analítico que encerra o lado mais cognitivo-gramatical de nosso Protocolo-Mãe. Todavia, em toda a análise buscamos interfaces com um viés mais discursivo. A LCU permite tais interfaces. Por isso, a partir da próxima subseção, a metáfora e a metonímia entram em cena. Elas constituem um eixo de intersecção para as camadas discursivas, ecolinguísticas e de letramentos desta tese.

A.8. Metáfora e Metonímia

Dado	Metáfora ou metonímia	Análise
minha mãe, eu aprendi com ela	Metonímia.	A relação entre os participantes ocorre em um mesmo domínio, em que o evento "fazer partos" relaciona-se intrinsecamente com o lugar e as experiências humanas envolvidas.
me ensinou	Metonímia.	Da mesma forma, a relação entre os participantes ocorre em um mesmo domínio, em que o evento "fazer partos" relaciona-se intrinsecamente com o lugar e as experiências humanas envolvidas.

Segundo Lakoff & Johnson (2002), a metonímia demonstra que entidades de um processo partilham um mesmo domínio conceptual em experiências humanas. Os autores listam alguns tipos de metonímia, como a de lugar e evento aqui identificadas. Assim, em **minha mãe, eu aprendi com ela** e **me ensinou** existem participantes que

partilham de um mesmo domínio conceptual [fazer partos na comunidade kalunga Vão de Almas-GO], em uma experiência humana na qual o evento exprime seus significados e lugar. Logo, o aprender e o ensinar a fazer partos, entre mãe e filha, ocorrem em um mesmo domínio conceptual em consonância com a concretude das vivências referentes ao parto. O aprender e o ensinar aconteceram na práxis à medida que um parto era realizado por essas mulheres kalunga em seu território. Dessa forma, trazer à baila elementos discursivos e ecolinguísticos nesta análise se faz oportuno e necessário. Vamos ao segundo eixo analítico.

B - Segundo eixo analítico: ECD e Ecosistema da Língua

B.1. As estruturas do discurso ideológico

Fenômeno	Dado	Análise
Tópico	minha mãe eu aprendi com ela; me ensinou; mas o que eu sober entrego procê.	Informações essenciais do discurso em tela.
Implicações e pressuposições	Eu aprendi com ela; aí ela foi e me ensinou; mas o que eu sober entrego procê; só o saber mermo pra pegar pras criança.	Ações do parto não explícitas, mas possíveis de serem reconhecidas no discurso. As implicações e pressuposições revelam o ensinar e o aprender a fazer parto entre mãe parteira e filha; é a representação do letramento oral.
Exemplos e ilustrações	Não perdeu nenhuma criança. Nem nova, nem ganhada de tempo, nunca perdeu nenhuma.	Sequência de exemplos de como uma criança pode morrer em relação ao parto.
Atores	A própria colaboradora e sua mãe parteira.	Participantes do todo enunciativo.
Evidencialidade	Como o auxílio da minha mãe; ela as veis fala; aí todo vez que chamava; Era mãe de 3 fia muié, mas só que ela, confiança só em mim.	Fonte das informações.

As estruturas ideológicas do discurso propostas por van Dijk (2000) representam, neste trabalho, uma configuração do que o enunciado, em sua constituição discursiva, significa e simboliza, via linguagem, as concepções e os anseios de cada colaboradora que participou desta pesquisa. A ideologia do discurso do parto influencia no contexto de transitividade o qual constitui a estrutura do próprio enunciado. Nesse sentido, a constatação das estruturas ideológicas nos auxilia na compreensão da transitividade do discurso do parto.

Os tópicos **minha mãe eu aprendi com ela; me ensinou e mas o que eu sober entrego procê** destacam, em todo enunciado, a figura de quem ensinou o ofício de ser

parteira para nossa colaboradora, que é a sua mãe parteira. Esse destaque aponta a origem do conhecimento que a colaboradora tem no tocante a fazer partos. Logo, esses tópicos são informações de destaque desse enunciado, bem como são, nos termos de van Dijk (2000), as informações mais lembradas do discurso.

Quanto às implicações e pressuposições, temos **Eu aprendi com ela; aí ela foi e me ensinou; mas o que eu sober entrego procê; só o saber mermo pra pegar pras criança**. Nesses dados, as ações referentes ao parto vivenciadas pela colaboradora com a sua mãe estão pressupostas. Isto é, o que foi aprendido, ensinado, entregue, “o saber mermo” se referem ao ofício de ser parteira. Vale ressaltar aqui o peso discursivo do verbo entregar: em uma extensão metafórica, ele alcança o campo semântico de ensinar e aprender que estamos discutindo neste ponto analítico; o verbo entregar consegue deixar o ensinar e o aprender [mais ainda o ensinar] em um viés mais concreto das ações. Tais questões reforçam a nossa concepção de letramento oral: partindo de vivências, experiências e, sobretudo, da oralidade, a mãe parteira passou seus conhecimentos para a filha.

A colaboradora, em relação aos exemplos e ilustrações, elenca alguns modos em que crianças podem morrer ligados ao parto: **Não perdeu nenhuma criança. Nem nova, nem ganhada de tempo, nunca perdeu nenhuma**. Tais exemplos reforçam a competência da parteira no ofício. Esse enunciado discursivo possui como atores a própria colaboradora e sua mãe parteira. Elas, ao lado das parturientes pressupostas, são agentes em todo o processo do parto. Por fim, a evidencialidade aponta a fonte, a referência de todo conhecimento que T:P tem em relação ao parto, a figura de sua própria mãe. Os dados **Como o auxílio da minha mãe; ela as veis fala; aí todo vez que chamava e Era mãe de 3 fia muié, mas só que ela, confiança só em mim** comprovam isso.

As relações entre língua, povo e território são partes desse eixo analítico para a compreensão do todo discursivo que envolve a transitividade. A seguir, o registro das influências do Ecossistema da Língua sobre o discurso do parto.

B. 2. As influências do Ecossistema da Língua sobre o discurso do parto

Dado	Povo, Território ou Língua no âmbito das escolhas lexicais	Análise
Toda vez que chamava, ela só ia comigo. Só ia comigo	Chamava, ia, lá.	Deslocamento no território para realização de partos.
Eu ia mais ela, chegava lá.		

As relações entre língua, povo e território, tão discutidas pela Ecolinguística (COUTO, 2007), aparecem nos dados em questão. O deslocamento da parteira com sua filha para fazer partos mostra a interação entre povo (parteiras, parturientes, crianças, quem chama as parteiras), língua (o que é falado antes, durante e depois do parto) e território (onde acontece o parto, que é a comunidade kalunga Vão de Almas-GO). Essa tríade demonstra que o ecossistema da língua encontra-se em consonância com as necessidades de quem a utiliza e com as possibilidades que o território oferece.

C - Terceiro eixo analítico: Letramentos

C. Os Letramentos Emergentes da Comunidade: imaterialidade e conhecimento

Letramentos internos	Letramentos externos	Análise
Com o auxílio da minha mãe, minha mãe eu aprendi com ela.	Não tem neste enunciado.	A relação de aprendizado entre mãe e filha a partir dos conhecimentos típicos do povo kalunga.
Aí ela foi e me ensinou.		
Mas o que eu sober entrego pro cê. Só não de reza. Só o saber mermo pra pegar pras criança.		

Os letramentos como práticas sociais ressaltam as relações de aprendizagem vivenciadas em ambiente escolar, considerando suas interfaces com a sociedade. Todavia, as relações de aprendizagem podem ocorrer em ambientes além dos muros de uma escola, especialmente em contextos em que a oralidade se sobrepõe ao universo grafocêntrico. Isso significa dizer que, na comunidade kalunga Vão de Almas-GO, existem sim escola e escrita. Mas o mundo oral, com suas vivências e ensinamentos, ainda é uma realidade contundente nessa localidade.

Assim, os letramentos (cf. capítulo teórico), no sentido de não constituir apenas a escrita, nos moldes escolares, são realidades. Na interação entre mãe parteira e filha, podemos vislumbrar a grandeza e a complexidade de um conhecimento tradicional, o ofício de ser parteira, garantir a vida de toda uma comunidade minoritária em nosso país. A mãe ensina e realiza partos junto com a filha. Nesse processo, em constantes práticas sociais, conhecimentos relativos ao parto resultam em algo benéfico para a comunidade kalunga: “toda vez era feliz no parto”. Esse registro que estamos fazendo ao final de cada análise de dados, no tocante aos letramentos, é também uma forma de contribuição social da tese. Isso significa que, em uma postura de respeito e reconhecimento desses saberes tradicionais, por meio da escrita desta tese, do universo

da escrita acadêmica a qual temos acesso, desejamos registrar os conhecimentos dessas parteiras, que garantem a manutenção da vida no território kalunga.

O dado seguinte, que também possui orações com os verbos “ensinar” e “aprender” (Isso eu aprendi / ele me ensinou), com características morfossintáticas semelhantes ao primeiro dado, apresenta uma informação interessante: quem ensinou a parteira a seguir o ofício em tela foi o seu pai. Nesse contexto, a colaboradora elenca algumas ações de seu pai quando era solicitado a fazer partos. Assim, nesta etapa, analisaremos a transitividade e suas imbricações partindo dos verbos *fazer* e *ganhar*. Isto representa o campo das ações atreladas ao *ensinar* e ao *aprender*.

(2) Ele sempre partejava, né? Quando tinha uma muié ingestante, tava cum dô, que tava atrapaiada, mandava atrais dele. Aí ele ia, **fazia aquelas oração, ganhava**. Aí eu fui um dia, precurei ele: “pai, cumu é que é...” eu tava assim cum idade de deiz ano, precurei ele: “pai, cumu é que cê faiz que muié pari?”. Aí foi ele me insinou. Eu tinha memo [trecho incompreensível]. Isso eu aprendi. Eu demorei. (E:P:02).

Esse enunciado discursivo, introduzido pela oração intransitiva “Ele sempre partejava, né?”, nos pareceu inusitado, visto que temos uma ideia pré-concebida de que, no rol de parteiras, não é provável encontrar parteiros. Diante disso, no momento da entrevista, indaguei a colaboradora a respeito disso. E:P respondeu que homem pode sim realizar partos na comunidade kalunga e que foi criada com seu pai, até mesmo porque sua mãe faleceu quando tinha cinco anos de idade. Nesse contexto, as orações arroladas para análise no primeiro eixo do protocolo-mãe são relacionadas às atividades que o homem parteiro realizava [**3. fazia aquelas oração** e **4. ganhava**].

A - Primeiro eixo analítico: a transitividade do discurso do parto

A.1. A escala de transitividade conforme Hopper & Thompson (1980)

Dado	Participantes	Cítese	Aspecto	Pontualidade	Intencionalidade do sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade do sujeito	Afetamento do O	Individuação do O	TOTAL	ANÁLISE
3.fazia aquelas oração	+	-	-	-	+	+	+	+	-	-	5	Oração 3 com transitividade de grau baixo. Oração 4 com grau alto.
4.ganhava	+	+	-	-	+	+	+	+	+	+	8	

O evento transitivo 3 apresenta o sujeito (“ele”, o parteiro), um verbo essencialmente de ação (“fazia”) e o objeto direto (“aquelas oração”). Este objeto direto remete às rezas e benzimentos típicos do parto feito por parteiras/os kalunga. E tais rezas são evocadas no momento do parto em si. A oração 4 é iniciada pelo sujeito (“ela”, a parturiente, o verbo (“ganhava”) e o objeto direto não explícito (“o bebê”). Vale ressaltar que “ganhava”, no discurso do parto, tem sim ação. Para ganhar um bebê, tanto a/o parteira/o quanto a parturiente precisam efetuar ações, físicas, com a finalidade de retirar a criança do ambiente uterino.

Seguindo a escala de transitividade de Hopper & Thompson (1980), os dados em tela possuem diferentes configurações de gradiência. Em **3.fazia aquelas oração**, a transitividade é de grau baixo. Já o dado **4. ganhava** apresenta transitividade com grau alto. O evento transitivo **3** possui dois participantes, o sujeito "ele" e o objeto "aquelas oração". O dado **4** detém dois participantes, o sujeito "ela" e o objeto "o bebê".

No tocante à cinesia, os dois verbos apresentam comportamentos distintos. No dado **3**, o verbo “fazia”, apesar de exprimir a ideia do fazer concreto, neste caso, não indica tal concretude; é um uso de ordem psicológica, não envolvendo ações discerníveis no plano físico. No dado **4**, como mencionamos, a ação gira em torno da ideia das ações que parturiente e parteira/o necessitam efetuar com a intenção de serem bem-sucedidas/os no processo do parto. Por isso, “ganhar” tem sim espectro de ação.

Os verbos “fazia” e “ganhava” são imperfectivos, indicando, portanto, processo e ação em curso (não acabadas), respectivamente. A iteratividade inerente ao pretérito imperfeito constitutivo desses verbos aponta que, no passado, em variadas situações de parto, o sujeito "ele" realizava orações (evento transitivo 3) e o sujeito "ela", do dado 4, dava à luz ao bebê.

O parâmetro intencionalidade do sujeito é representado, nos dois usos em tela, com o sujeito intencional. Em **3**, o sujeito “ele” apresenta volição. “Ele”, conscientemente, fez orações em sua função de parteiro. Na oração **4**, o sujeito "ela", a parturiente, tem volição e realiza ações e movimentos para ganhar, ter a criança.

As orações em análise do enunciado discursivo (2) são afirmativas e *realis*. As orações (rezas/benzimentos) evocadas pelo parteiro e as ações que giram em torno de ganhar bebê ocorreram em um plano físico, no território kalunga Vão de Almas-GO. Quanto à agentividade do sujeito, nos dois eventos transitivos, os sujeitos são agentes. Isso significa dizer que os sujeitos, em situações concretas, efetuaram ações. Cumpre lembrar que, no dado 3, a agentividade do sujeito não é prototípica, uma vez que "fazer

orações" é de natureza psicológica. Todavia, consideramos a agentividade do sujeito nesse dado pelo fato do sujeito fazer orações, volitivamente, em uma situação de ação [fazer parto].

A respeito do afetamento do objeto, a escala de transitividade expressa queda em **3**. O objeto "fazia aquelas oração" não é afetado, uma vez que são as orações, ou rezas/benzimentos, que afetam, psicologicamente, o processo do parto. Somente em **4** há afetamento de objeto. O objeto direto "bebê" é afetado à medida que sofre retirada do ambiente uterino.

Por fim, o parâmetro individuação do objeto aponta transitividade baixa no dado **3**. O objeto de **3** "aquelas oração" é comum, inanimado, abstrato, plural, contável e não referencial. O objeto direto não explícito "o bebê", do dado **4**, utilizado de maneira genérica, já que o parteiro participou de inúmeros partos, é comum; animado; concreto; plural (mesmo sem o sufixo -s, mas pelo viés genérico mencionado); contável e não referencial. Continuando a análise da transitividade, observemos as contribuições da semântica dos verbos de Givón (2001).

A.2. A semântica dos verbos que fazem parte do evento transitivo conforme Givón (2001)

Dado	A semântica do verbo	Análise
3. fazia aquelas oração	Verbo com objeto criado	O verbo fazer é prototipicamente de ação, mas é utilizado aqui em caráter psicológico por se referir a fazer orações (rezas/benzimentos). E há um objeto direto criado, oralmente, para a situação de parto.
4. ganhava	Verbo com mudança de lugar do paciente	O verbo ganhar neste contexto tem espectro de ação porque ganhar a criança retrata o sucesso do parto, que possui ações físicas embutidas. E o objeto direto muda de lugar, sai da vida uterina para a vida fora do corpo da mãe.

Mais uma vez, à luz de Givón (2001), percebemos que seus estudos sobre transitividade são fundamentais para a compreensão do fenômeno. No caso do protótipo transitivo de verbos com objeto criado, o autor destaca orações como *Ele construiu a casa*, em que um objeto direto físico surge devido à ação do sujeito. A nossa oração de verbo com objeto criado, **fazia aquelas oração**, segue este mesmo princípio, um sujeito agente cria algo. O verbo fazer é altamente agentivo e expressa a criação de algo.

Contudo, o objeto direto *aquelas oração* não é palpável como *a casa* citada por Givón (2001). O objeto *aquelas oração* é criado no sentido de que é entoado, pelo sujeito parteiro, como um dos processos inerentes ao parto kalunga. E se este objeto foi entoado, enunciado, ele foi também criado no âmbito da materialidade oral.

Quanto à oração transitiva **ganhava**, o seu sujeito, a parturiente, ganha a criança [objeto direto] no sentido de ter, dar à luz ao bebê. E este ganhar possui ações físicas do parto tanto da mãe quanto do parteiro embutidas; em um cenário totalmente físico de saída da criança do corpo da mãe com o auxílio de ações de um parteiro e da própria parturiente, ganhar denota o fecho de ações. O fecho é justamente a mudança de lugar do objeto: a criança sai do útero materno em direção à vida externa.

A.3. Voz e Valência

Dado	Voz	Valência sintática	Valência semântica	Análise
fazia aquelas oração	Voz ativa	2 argumentos	2 argumentos	A voz ativa aqui é representada por um verbo de ação por natureza, o fazer.
ganhava	Voz ativa	2 argumentos	2 argumentos	Mais uma vez, verbo configurado na voz ativa. As valências, no que tange à quantidade de argumentos, se equivalem.

Em **fazia aquelas oração**, há um uso prototípico da voz ativa: o verbo fazer, essencialmente de ação, com sujeito agente e objeto direto paciente. Aqui ocorre a representação típica da ideia de ação [X fazia Y]. Tal configuração de voz aumenta o grau de transitividade desta oração. Nessa perspectiva, a valência sintática registra a estrutura linguística da voz; isso significa que os argumentos do verbo estão devidamente preenchidos e alcançam a expectativa da voz no todo oracional [X fazia Y]. Por fim, a valência semântica mantém a mesma quantidade de argumentos da valência sintática: apresenta dois participantes nesta oração, "ele" (o parteiro) e "aquelas oração". Vale ressaltar que as configurações de voz e valências exprimem aqui as nuances mais prototípicas do verbo "fazer". Contudo, por se referir a "fazer orações", o verbo é de ordem psicológica.

A oração **ganhava**, na constituição morfossintática típica do PB, é voz ativa por ser não marcada e seu sentido, de forma geral, não é essencialmente de ação. Semanticamente, o verbo ganhar, no sentido de "ganhar o bebê", expressa ações relativas aos movimentos do parto; neste caso, o sujeito "ela" (a parturiente) ganhava bebê no sentido de praticar ações físicas para que o bebê saia da vida uterina em direção ao mundo externo. Por isso, o verbo ganhar em nossa análise recebe um novo status, o de ação. As valências sintática e semântica acompanham, respectivamente, esta configuração: dois argumentos não explícitos (sujeito e objeto) e dois participantes no evento transitivo (sujeito agente e objeto paciente). A próxima camada de análise registrará como esses dados se comportam no âmbito das Relações Gramaticais.

A.4. Relações Gramaticais e adjuntos em geral

Dado	RG	ADJUNTOS E OUTROS	Análise
fazia aquelas oração	Sujeito: ele (o parteiro); OD: aquelas oração.	–	As RG atendem à valência sintática prototípica deste verbo.
ganhava	Sujeito: ela (a parturiente); OD não explícito: “o bebê”.	–	As RG são reconhecidas pelo todo do enunciado discursivo.

As duas orações em tela, no que concerne às Relações Gramaticais, possuem a mesma composição, visto que os verbos estão relacionados ao sujeito e ao objeto direto. E estes dados não apresentam adjuntos e outras estruturas morfossintáticas. Outro viés relevante a ser destacado aqui é o fato dos verbos fazer e ganhar terem dois argumentos no ponto de vista sintático, abrangendo o protótipo destes verbos quanto à valência. Isso propicia a devida articulação entre as Relações Gramaticais e, conseqüentemente, a constituição linguística do enunciado discursivo.

Desse modo, a compreensão das RGs nos auxilia a verificar os usos linguísticos, em sua materialidade [mesmo que não seja explícito, como no caso do sujeito e objeto acima, mas que estão presentes por serem recuperáveis no discurso] selecionados pela/o falante. Tal seleção aponta o que a/o falante desejou destacar, exemplificar, omitir etc. Daí a relevância de realizarmos esta análise por meio do

Protocolo-Mãe, em camadas gramaticais, discursivas, ecolinguísticas e de letramentos.

Ainda tratando das Relações Gramaticais, e no que concerne às relações com o discurso, cumpre dizer que a existência de sujeito e objeto não explícitos é algo completamente aceitável nessas orações, pois estes dados são orações coordenadas com outra anterior cujo sujeito é “ele” (o parteiro). E em **ganhava**, o todo do enunciado discursivo prevê quem ganha o bebê é a mãe kalunga. Nesse sentido, podemos afirmar que o todo do enunciado discursivo recupera estes elementos da estrutura dos eventos transitivos em análise. Nesse ponto analítico, cabe, agora registrarmos os papéis semânticos e pragmáticos a fim de seguirmos a análise gramatical até chegarmos nas instâncias discursivas.

A.5. Papéis semânticos

Dado	Papéis semânticos	Análise
fazia aquelas oração	Sujeito: agente; Objeto direto: paciente.	O sujeito é agente por ser animado, volitivo e motivado a agir devido aos partos que surgem para ele fazer.
ganhava	Sujeito: agente; Objeto direto: paciente.	O sujeito é agente por razões semelhantes à oração 3: animado, volitivo e motivado a partir do momento que a hora do parto acontece. O objeto direto muda de lugar, conforme ações inerentes ao parto.

Em “fazia aquelas oração”, o sujeito “ele”, o parteiro, é agente: a oração, ou benzimento, é uma das ações do parteiro, mesmo em âmbito psicológico, motivada pela mulher em trabalho de parto. O objeto "aquelas oração" é paciente do sujeito agente. A oração ou reza/benzimento, na hora do parto, é um dos elementos evocados/utilizados pelo/a parteiro/a.

Na oração “ganhava”, existem dois participantes: o sujeito agente “ela” (a parturiente) e o objeto paciente “o bebê”. O objeto "o bebê", por sua vez, configura-se como resultado do parto, sai da vida uterina rumo à vida externa. .

A.6. Papéis pragmáticos

Dado	Papéis pragmáticos	Análise
fazia aquelas oração	Tópico: "ele" (o parteiro); Foco: aquelas oração.	"ele" (o parteiro) é tópico, pois é o elemento sobre o qual a colaboradora deseja comentar. Já "aquelas oração" é o conteúdo sobre o sujeito tópico (ele, o parteiro). Por isso, é foco.
ganhava	Tópico: "ela" (a parturiente) e Foco: "o bebê".	O tópico e o foco desta oração não estão explícitos, mas são recuperáveis pelo todo discursivo.

Os papéis pragmáticos, aqui, possuem composições prototípicas do PB: os tópicos são os sujeitos, e os focos são os objetos. Em **fazia aquelas oração**, o tópico "ele" (o parteiro) remete sobre o quê ou quem a/o falante deseja enunciar. E o foco aquelas oração é a informação nova a respeito do tópico. Já em **ganhava**, tópico e foco não estão explícitos, mas são facilmente recuperáveis pelo todo do enunciado discursivo: "ela" (a parturiente) é o tópico e "o bebê" é foco, a informação oferecida sobre o tópico.

O reconhecimento dos papéis semânticos e pragmáticos propicia a compreensão acerca das funções exercidas pelo sujeito e pelo objeto nos eventos transitivos. Além disso, já indicam a relevância discursiva desses elementos em relação ao enunciado em que estão inseridas. Mais adiante, no eixo analítico ECD e Ecosystema da Língua, tais questões serão melhor discutidas. Ainda continuaremos na parte mais gramatical da análise, com a iconicidade diagramática.

A.7. Iconicidade Diagramática

Dado	Tipo de Iconicidade: Quantidade Complexidade Coesão	Análise
3. fazia aquelas oração	Iconicidade de quantidade.	Queda na quantidade de material linguístico.
4. ganhava	Iconicidade de quantidade.	Queda na quantidade de material linguístico.

Quanto à iconicidade diagramática, destacamos aqui a queda de material linguístico enunciado pela colaboradora. Neste instante da interação, ao invés de dizer "ele" ou "o parteiro" fazia aquelas oração, a falante optou por expressar "fazia aquelas oração". Isso se justifica pelo fato de, no contexto da oração, a colaboradora ter feito remissão ao sujeito. E isso é recuperável e discernível no enunciado discursivo.

Algo semelhante ocorreu com a oração **ganhava**. O sujeito e o objeto não foram explicitados aqui. Porém são também recuperáveis e discerníveis no enunciado discursivo pelo fato do verbo "ganhar" deter sujeito humano (a mulher kalunga parturiente) e o objeto ser também humano e resultado do processo de um parto ("o bebê"). Nessa perspectiva, seguimos adiante com a nossa análise com o intuito de contemplar discussões desses dados à luz das concepções de metáfora e metonímia.

A.8. Metáfora e Metonímia

Dado	Metáfora ou metonímia	Análise
fazia aquelas oração	Metáfora conceptual.	Em "aquelas oração", o espectro conceptual foi utilizado em outro domínio e contexto.
ganhava	Metáfora estrutural.	Conceito estruturado e utilizado em outro domínio.

Na oração “fazia aquelas oração”, o objeto "aquelas oração" expressa a metáfora conceptual: as orações, típicas do espectro conceptual de atividades religiosas, são empregadas em um outro domínio, o parto. O pronome demonstrativo “aquelas” mostra a transferência de um campo específico para outro; a oração mencionada é referente ao parto, não ao rito de uma missa, por exemplo. Sobre essa questão, Lakoff & Johnson (2002) apontam que a metáfora conceptual articula, desloca um espectro cultural em outros contextos. E é exatamente isso que ocorre nesse dado: o pronome aquelas e o contexto do parto mostram que as orações do parteiro não são a de uma missa ou de um benzimento para dor na coluna. "Aquelas oração" é um contexto distinto e específico, o parto.

Já em “ganhava”, há metáfora estrutural. O verbo “ganhar”, em primeira instância, remete a um beneficiário que não realizou uma ação [X ganhou Y de Z]. Em “ganhava”, no nosso contexto de análise, o conceito se estendeu e foi para outro domínio. Ou seja, para a criança nascer, para a mãe ganhar o bebê, a parturiente foi agentiva. Lakoff & Johnson (2002) afirmam que a metáfora estrutural remete a um

conceito estruturado, a partir da metáfora, mas aplicado em outro domínio. No caso, a ideia de ganhar algo, como um beneficiário, foi estruturada para outro domínio, em que ganhar um bebê requer prática de ações físicas. Tais discussões sobre metáfora suscitam novas reflexões e camadas analíticas, como o segundo eixo analítico: ECD e Ecossistema da Língua.

B - Segundo eixo analítico: ECD e Ecossistema da Língua

B.1. As estruturas do discurso ideológico

Fenômeno	Dado	Análise
Tópico	Ele sempre partejava, né?; precurei ele; Aí foi ele me insinou.	Os tópicos em tela demonstram as informações principais do discurso enunciado pela colaboradora.
Implicações e pressuposições	fazia aquelas oração; ganhava.	"aquelas oração" implica rezas ou benzimentos inerentes ao parto; "ganhava" apresenta duas pressuposições: trabalho do parteiro e da parturiente.
Atores	pai parteiro, gestante, bebê e a própria colaboradora parteira.	Participantes do todo enunciativo.
Evidencialidade	Ele sempre partejava; mandava atrais dele; pai, cumu é que cê faz que muié pari?; Aí foi ele me insinou.	Fonte das informações.

Os tópicos são estruturas ideológicas do discurso, segundo van Dijk (2000), à medida que representam suas informações essenciais, que nos conte sobre o que o discurso trata, de maneira global. “Ele sempre partejava, né?” introduz uma sequência de informações acerca das ações do parteiro, pai da colaboradora e quem a ensina o ofício. Depois, o tópico “precurei ele” já direciona o discurso para a colaboradora e ressalta a sua vontade de aprender a ser parteira. Por fim, “Aí foi ele me insinou” aponta a relação entre pai e filha, do conhecimento acerca de se fazer partos sendo compartilhado via experiências reais, oralidade. Logo, esses três tópicos, de fato, são informações cruciais deste enunciado discursivo e constituem o seu sentido central: a colaboradora, para ser parteira, procurou os ensinamentos do seu pai, que já atuava como parteiro na comunidade. E este a ensinou o ofício.

Os dados “fazia aquelas oração” e “ganhava” contêm implicações e pressuposições em sua constituição. O pronome demonstrativo “aquelas” remete a orações especiais, que são rezas ou benzimentos específicos para o momento do parto. Já em “ganhava”, temos duas pressuposições: o parteiro fazia o seu trabalho e a

parturiente realizava suas ações para ter o bebê. Os atores, os participantes envolvidos nesse enunciado discursivo são o pai parteiro, gestante, bebê e a colaboradora.

Por fim, a evidencialidade aparece na fonte, isto é, na autoridade do pai parteiro, o detentor do conhecimento e que ensinou o ofício a nossa colaboradora, sua filha. Os dados que subsidiam a evidencialidade são: “Ele sempre partejava”; “mandava atrais dele”; “pai, cumu é que cê faiz que muié pari?”; “Aí foi ele me insinou”. Tais dados de evidencialidade também remetem às influências do Ecosystema da Língua sob o discurso do parto, como observaremos abaixo.

B. 2. As influências do Ecosystema da Língua sob o discurso do parto

Dado	Povo, Território ou Língua no âmbito das escolhas lexicais	Análise
Ele sempre partejava; ganhava; mandava atrais dele; Aí ele ia (...) ganhava; fazia aquelas oração.	partejava; aquelas oração.	Deslocamento no território para realização de partos e conhecimento próprio do assunto.

As relações entre língua, povo e território presentes nesse enunciado discursivo configuram-se no âmbito do fazer o parto em si [Ele sempre partejava; ganhava], bem como na noção de trajeto relatada pela colaboradora [mandava atrais dele; Aí ele ia (...) ganhava]. Outro ponto relevante é o conhecimento típico quilombola para a realização de partos [fazia aquelas oração]. Tais dados retratam as vivências do povo kalunga, em seu território, com a língua sendo estrutura que perpassa essas vivências e que apontam ensinamentos, trocas de experiências, como veremos na camada analítica a seguir.

C - Terceiro eixo analítico: Letramentos

C. Os Letramentos Emergentes da Comunidade: imaterialidade e conhecimento

Letramentos internos	Letramentos externos	Análise
Ele sempre partejava	Não tem neste enunciado.	A relação de aprendizado entre pai e filha a partir dos conhecimentos típicos do povo kalunga.
Aí eu fui um dia, precurei ele: “pai, cumu é que ...” Eu tava assim com idade de deiz ano, precurei ele “pai cumu é que cê faiz que muié pari?”		
Aí foi ele me insinou		

Nesse enunciado discursivo, os letramentos estão representados na relação de ensino e aprendizagem entre pai parteiro e sua filha. Esta colaboradora sentiu vontade de aprender o ofício e, por isso, procurou o pai. E ele a ensinou. Mais uma vez, o ensino e aprendizagem não ocorreu em uma escola, com manuais escritos. O processo ocorreu via oralidade e por meio das experiências no território, em situações reais de partos. O dado “Ele sempre partejava” explicita a autoridade e o conhecimento tradicional do parteiro; ele está apto a ensinar sua filha, que busca tal conhecimento [“Aí eu fui um dia, precurei ele: “pai, cumu é que ...” Eu tava assim com idade de deiz ano, precurei ele “pai cumu é que cê faiz que muié pari?” Aí foi ele me insinou”]. O processo de ensino e aprendizagem aqui mencionado é o letramento nas práticas sociais, que ultrapassa os muros da escola (BARTON & HAMILTON, 2000; STREET, 2014).

O dado subsequente, que finaliza a seção analítica com a voz das parteiras, também registra o verbo aprender com as mesmas configurações morfossintáticas dos dados anteriores (Eu aprendi). No entanto, este dado traz novas circunstâncias de ensino e aprendizagem no tocante ao ofício de fazer partos: esta colaboradora, em sua primeira experiência no assunto, substituiu a parteira no parto de sua própria mãe. A colaboradora, mesmo muito jovem, já havia visto como funcionava o processo da retirada do bebê e dos demais cuidados típicos kalungas. Porém ela não escolheu ser parteira; a necessidade de auxiliar a mãe foi o estopim para este caminho. Depois disso, outras mulheres da redondeza começaram a solicitar o auxílio desta colaboradora. Assim surgiu a parteira em questão.

(3) Eu aprendi porque foi u jeitu, depois disso, mi chamava né T, aí agora eu tinha qui chegá, dessi dia veiz im quandu vinha mi buscá. Vi im quandu vinha mi buscá i **eu pegava**, vinha i eu pegava. A coragi qui eu tinha, a coragi. [...] Uai eu já tinha vistu rumá né, dus otro i eu aprendi. Aí **eu mesmu panhei da minha mãe tudu**, rumei tudu tudu i rumei pra ela certim (A:P:03).

Os verbos escolhidos como núcleos geradores da análise da transitividade, nesse enunciado discursivo, foram *pegar* e *apanhar*. Isso se justifica pelo fato de pegar e apanhar remeterem à função da parteira mais simbólica durante o parto: segurar ou, até mesmo, retirar o bebê com as próprias mãos.

A - Primeiro eixo analítico: transitividade do discurso do parto

A.1. A escala de transitividade conforme Hopper & Thompson (1980)

Dado	Participantes	Cinese	Aspecto	Pontualidade	Intencionalidade do sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade do sujeito	Afetamento do O	Individuação do O	TOTAL	ANÁLISE
5. eu pegava	+	+	-	-	+	+	+	+	+	+	8	Transitividade com tendência a grau alto.
6. eu mesma panhei da minha mãe tudu	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	10	

A oração transitiva **eu pegava** possui sujeito humano "eu" (a própria parteira), o verbo pegar flexionado no pretérito imperfeito, e, portanto, imperfectivo indicando ação de se fazer partos ocorrida inúmeras vezes e, conseqüentemente, a vasta experiência da parteira em questão e o objeto direto não explícito "o bebê" [a parteira amparava o bebê assim que este saía de dentro do ventre materno]. A sexta oração, por sua vez, é composta pelo sujeito "eu" (a parteira), o verbo apanhar no pretérito perfeito e os objetos direto "tudu" e indireto "da minha mãe". Vale ressaltar que o pretérito perfeito aqui denota partos específicos, referentes aos da mãe da colaboradora e o objeto direto "tudu" remete aos filhos de sua mãe.

A transitividade desses dados aponta, mais uma vez, para uma gradiência de tendência mais alta conforme os parâmetros propostos por Hopper & Thompson (1980). O evento transitivo 5 detém dois participantes humanos (sujeito "eu" e objeto direto não explícito "o bebê"). Na oração 6, os participantes também são humanos e aparecem em maior quantidade, três: sujeito "eu", objeto direto "tudu" (os filhos) e objeto indireto "da minha mãe".

A respeito da cinese, os verbos pegar e apanhar exprimem ação e remetem, de maneira geral, à ação mais simbólica do ofício da parteira em si: fazer o parto, aparar, segurar a criança no momento em que sai do ventre materno. Porém há nuances de ações distintas. O verbo pegar pode se referir a uma ação mais contundente da parteira na hora do parto [pegar a criança pode significar, por exemplo, o fato da parteira precisar retirar o bebê com as mãos do colo uterino. Ou simplesmente segurar a criança para a mãe no instante de saída do ventre, que é o significado do nosso dado]. Já o

verbo apanhar denota, em primeira instância, a ação de segurar, amparar o bebê no momento do nascimento, após a parturiente realizar seus esforços em prol da saída da criança. Em outras palavras, os verbos em questão são de ação, mas seus sentidos possuem diferenças.

Sobre o aspecto e a pontualidade, o verbo "pegava" sofre queda na gradiência proposta por Hopper & Thompson (1980) por ser imperfectivo; a ação não foi concluída, expressa ideia de processo e, por isso, não há pontualidade nesse evento transitivo. Em **eu mesma panhei da minha mãe tudo**, o verbo "panhei" é télico e sua ação é acabada, concluída e pontual, atingindo graus altos nessas categorias.

Os sujeitos dos dois dados em discussão são intencionais: o sujeito "eu", a parteira, é humana e realizou os partos volitivamente. A transitividade continua alta em relação à polaridade e à modalidade. Os eventos transitivos 5 e 6 são afirmativos, *realis* e os partos aconteceram com a colaboração e o trabalho da parteira. Isso também demonstra a agentividade do sujeito nas duas orações.

O afetamento do objeto ocorre nos dois dados, pois o bebê é transferido do útero até o mundo externo ao corpo materno; houve mudança de lugar do paciente. Já o objeto indireto "da minha mãe" possui espectro de afetamento: o parto foi feito. Logo, a mãe tem seu status de gestante modificado para parturiente e, em seguida, para mãe de um recém-nascido. Por fim, os objetos diretos das duas orações e o objeto indireto do dado 6 são humanos, contáveis, definidos, concretos e singulares, uma vez que são relativos aos participantes "o bebê" (objetos diretos) e à mãe (objeto indireto da oração 6). Por isso, os objetos são individuados. A próxima subseção continuará tratando da transitividade desses dados sob a perspectiva givoniana da semântica dos verbos.

A.2. A semântica dos verbos que fazem parte do evento transitivo conforme Givón (2001)

Dado	A semântica do verbo	Análise
5. eu pegava	Verbo com mudança de lugar do paciente	O verbo pegar é prototipicamente de ação. E aqui há um objeto direto que muda de lugar.
6. eu mesma panhei da minha mãe tudo	Verbo com mudança de lugar do paciente	O verbo apanhar neste contexto tem espectro de ação porque corresponde à ideia de se fazer partos. O OD "a criança ou o bebê" muda de lugar com essa ação e o OI "da minha mãe" é o locativo de origem do bebê.

Givón (2001), no viés prototípico da transitividade, menciona os verbos com mudança de lugar do paciente, como em *Ele moveu o celeiro*. O dado citado pelo autor mostra um sujeito agentivo que provoca uma mudança física no objeto, no caso a mudança de lugar. Em nossos dados, o princípio da mudança de lugar do objeto, ocasionada pelo sujeito, se mantém. Mas ocorre de forma distinta.

Em **eu pegava**, temos a noção completa de mudança de lugar do objeto direto *a criança*; a parteira [sujeito], ao pegar o bebê, o tira de um determinado lugar e o coloca em outro. Mas aqui o sentido de pegar pode alcançar outras extensões, como de aparar, apanhar o bebê na hora em que sai do ventre da mãe. O verbo pegar pode também assumir um sentido mais agentivo ainda, conforme relatos das mulheres kalungas: uma mãe, com dificuldades de força ou outra questão na hora do parto, pode ter seu bebê retirado pela parteira, com a introdução de uma de suas mãos no canal vaginal. Ou seja, a parteira pegou a criança. Em quaisquer desses contextos de uso e de sentido, o verbo pegar tem a mudança de lugar do objeto.

Já em **eu mesmu panhei da minha mãe tudo**, há um uso semelhante ao de pegar, significando aparar, receber a criança que sai do corpo da mãe. Mas, como mencionado, não é algo passivo. O sujeito "eu", que é a parteira, nesta oração, utiliza o verbo apanhar em espectro parecido ao de fazer parto; isso implica todas as ações inerentes ao parto, inclusive a mudança de lugar do objeto direto "tudo" [que representa crianças]. Continuaremos a análise dessas orações quanto à voz e à valência na próxima camada de análise.

A.3. Voz e Valência

Dado	Voz	Valência sintática	Valência semântica	Análise
eu pegava	Voz ativa	2 argumentos	2 argumentos	O verbo pegar é de ação e tem valências com o mesmo quantitativo de argumentos.
eu mesmu panhei da minha mãe tudo	Voz ativa	3 argumentos	3 argumentos	O verbo apanhar mostra a mesma configuração de pegar quanto à voz. Porém apresenta 3 argumentos no que se refere às valências.

Os verbos *pegar* e *apanhar*, presentes nos dados 5 e 6, respectivamente, demonstram comportamento semelhante no que concerne à voz. As duas orações possuem verbos sem marcação morfossintática específica de voz, algo comum no PB, bem como os verbos expressam ações no plano físico [X pegava/apanhava Y]. Logo, as orações em tela expressam a voz ativa.

Em relação às valências, as orações 5 e 6 apontam composições distintas. Em **eu pegava**, o verbo apresenta dois argumentos [sujeito "eu" e objeto direto não explícito "a criança"]. Por isso, sintaticamente, "pegava" é bivalente. Do ponto de vista da valência semântica, o verbo em questão continua bivalente porque a oração contém dois participantes ("eu" e "a criança"). Já em **eu mesmu panhei da minha mãe tudo**, existe trivalência nos espectros sintático e semântico. Isso porque o verbo *apanhar* possui três argumentos: sujeito "eu mesmu", objeto direto "tudo" (representando a ideia de crianças) e objeto indireto (da minha mãe). E na valência semântica, o verbo *apanhar* é trivalente devido ao fato de estar relacionado a três participantes (eu mesmu, a parteira; tudo, representando as crianças apanhadas pela parteira; e minha mãe, a parturiente). Tais composições de voz e valência também refletem na constituição de suas Relações Gramaticais, que analisaremos na próxima camada do Protocolo-Mãe.

A.4. Relações Gramaticais e adjuntos em geral

Dado	RG	ADJUNTOS E OUTROS	Análise
eu pegava	Sujeito: eu (a parteira); OD não explícito: a criança.	–	RGs dentro da expectativa do protótipo do verbo pegar.
eu mesmu panhei da minha mãe tudo	Sujeito: eu mesmu (a parteira); OD: tudo (representando crianças) e OI: da minha mãe.	–	RGs também cumprem a necessidade sintática prototípica do verbo apanhar.

As relações gramaticais em torno dos verbos *pegar* e *apanhar* estão em consonância com as suas expectativas sintáticas prototípicas. Em outras palavras, *pegar* e *apanhar* pedem sujeito e objeto direto [X pegava/apanhei Y]. Tais verbos

originam eventos transitivos de gradiência alta, considerando os parâmetros de transitividade de Hopper & Thompson (1980).

Todavia, em **eu mesmu panhei da minha mãe tudo**, a presença do objeto indireto "da minha mãe" favorece uma discussão interessante. Este objeto indireto poderia ser interpretado como adjunto adverbial de lugar, uma vez que o corpo materno é o lugar onde a criança se encontra antes de ser apanhada pela parteira. A mãe, neste contexto, poderia ser vista, semanticamente, nos termos de Givón (2001), como uma participante locativa ou recipiente.

Nesta análise, consideramos "da minha mãe" como objeto indireto por ser uma RG extremamente necessária e contundente no evento transitivo; a figura da mãe, no parto, não é de mero recipiente ou locativo. A mãe, com todos os seus esforços físicos durante a gravidez e, essencialmente, no parto, não pode ser um mero adjunto "dispensável". É participante fulcral do parto. Depois dessas considerações, vejamos como os papéis semânticos e pragmáticos se portam nos dados em análise.

A.5. Papéis semânticos

Dado	Papéis semânticos	Análise
eu pegava	Sujeito: agente; Objeto direto: paciente.	O sujeito é agente por ser animado e volitivo. O objeto é paciente e sofre mudança de lugar.
eu mesmu panhei da minha mãe tudo	Sujeito: agente; Objeto direto: paciente; Objeto indireto: locativo.	Dado semelhante ao anterior: o sujeito é agente, animado, volitivo, consciente de suas ações para fazer partos. O objeto direto muda de lugar e o objeto indireto é o local onde o bebê estava.

Os dados **eu pegava** e **eu mesmu panhei da minha mãe tudo** expressam as mesmas características em relação aos papéis semânticos: os sujeitos "eu", que em ambas as orações remetem à parteira, são agentes. O "eu" parteira, de modo intencional, realiza partos e vivencia seu ofício. Já os objetos diretos são pacientes porque se referem às crianças as quais saíram do corpo materno, via parto, para a vida exterior. Cumpre destacar aqui que o objeto indireto "da minha mãe", apesar de nesse ponto se portar como um locativo (local onde o bebê estava, em vida uterina), detém também espectro de agência, visto que, ao parir, a mulher faz ações em todo o processo do parto. Mas como nesse dado a ação está voltada para o fazer da parteira,

consideramos a noção de locativo aqui. A próxima camada analítica discutirá os papéis pragmáticos.

A.6. Papéis pragmáticos

Dado	Papéis pragmáticos	Análise
eu pegava	Tópico: eu (a parteira); Foco: "as crianças"	Tópico é sobre o que se informa. E o foco é a informação nova. Aqui o foco é reconhecido pelo enunciado discursivo como um todo.
eu mesmu panhei da minha mãe tudu	Tópico: eu mesmu (a parteira); Foco: da minha mãe tudu	O tópico também é sobre o que se trata. E o foco, nesse caso, é composto por informação sobre o que e de quem o "eu" apanhou.

Mais uma vez, registramos, na camada analítica papéis pragmáticos, constituições as quais fazem parte do protótipo do Português Brasileiro: os sujeitos estão na posição de tópicos, e os objetos se apresentam como focos. Os tópicos "eu" e "eu mesmu", que se referem à parteira, são, de fato, o tema da interação nesses dados. Os focos, por sua vez, são as informações oferecidas a respeito dos tópicos. Vale ressaltar que o foco "da minha mãe tudu" é formado por objeto indireto e direto, respectivamente. E esse foco expressa uma informação muito importante deste enunciado discursivo: a parteira fez os partos da própria mãe. Na próxima subseção trataremos de um outro viés significativo desses dados, a iconicidade diagramática.

A.7. Iconicidade Diagramática

Dado	Tipo de Iconicidade: Quantidade Complexidade Coesão	Análise
5. eu pegava	Iconicidade de quantidade.	Queda na quantidade de material linguístico.
6. eu mesmu panhei da minha mãe tudu	Iconicidade de coesão.	Complexidade e coesão possíveis no PB.

Em **eu pegava**, a iconicidade de quantidade é perceptível no que concerne à queda na quantidade de material linguístico da oração. Ao invés de enunciar "eu pegava o bebê", a colaboradora não explicita o objeto, mas este elemento é recuperável no todo discursivo. Já em **eu mesma panhei da minha mãe tudo** existe uma iconicidade de coesão.

Segundo Haspelmath (2008, p. 2), na iconicidade de coesão, "significados que semanticamente devem estar mais juntos são expressos por formas mais coesas". O autor cita exemplos de nominais possessivos em Maltês a fim de ilustrar esse tipo de iconicidade diagramática. No dado em análise, temos um objeto indireto ("da minha mãe" mais próximo do verbo do que o objeto direto ("tudu"). Tal configuração se justifica devido ao fato da relação afetiva expressa pelo possessivo (mãe e filha) ser constituída de forma mais coesa pela relação semântica supracitada.

A.8. Metáfora e Metonímia

Dado	Metáfora ou metonímia	Análise
eu pegava	Metonímia.	A nuance conceptual continua no mesmo domínio.
Eu mesmu panhei da minha mãe tudo	Metonímia.	O uso também continua no mesmo domínio.

Em **eu pegava** e **Eu mesmu panhei da minha mãe tudo**, temos uma constituição conceptual metonímica. O verbo "pegar", em primeira instância, remete a retirar algo inanimado de algum lugar e segurá-lo. Já o verbo "apanhar" se refere a pegar algo com auxílio de um objeto ou amparar, até agarrar. Nesse contexto, nas duas orações, mesmo com nuances diferentes de significado, o domínio conceptual de base se manteve, com a diferença do que se é "pego" ou "apanhado" ser humano, uma criança. A parteira pega, segura, apanha, ampara, apara a criança. Ela pode pegar ou apanhar do corpo da mulher quando esta se encontra sem forças para retirar a criança de dentro de si, como também pode pegar no sentido de amparar o bebê quando sai do ventre da mãe apenas pelo seu esforço físico.

B - Segundo eixo analítico: ECD e Ecossistema da Língua

B.1. As estruturas do discurso ideológico

Fenômeno	Dado	Análise
Tópico	Eu aprendi; mi chamava né T; vinha mi buscá; eu pegava; Aí eu mesmu panhei da minha mãe tudu.	Conteúdos importantes, de destaque do enunciado discursivo.
Implicações e pressuposições	mi chamava né T; Uai eu já tinha vistu rumá né.	Pressuposições de conhecimento das interlocutoras.
Atores	colaboradora A:P; colaboradora T; mãe da parteira; mulheres kalunga que estavam nos partos mencionados no discurso e relacionados à A:P.	Participantes do todo enunciativo.

As estruturas ideológicas do discurso, nos termos de van Dijk (2000), revelam as nuances do discurso que propiciam as configurações transitivas presentes nos enunciados em análise. No caso do dado (3), os tópicos "Eu aprendi", "mi chamava né T", "vinha mi buscá", "eu pegava" e "Aí eu mesmu panhei da minha mãe tudu" apontam a sequência da historicidade desta parteira em relação à origem e desenvolvimento de seu ofício. "Eu aprendi" refere-se ao conhecimento que adquiriu via experiência do observar e do fazer à medida que partos aconteciam na comunidade. Os tópicos "mi chamava né", "vinha mi buscá" e "eu pegava" demonstram o reconhecimento da comunidade em relação à parteira e o fazer parto em si, respectivamente.

E o tópico "Aí eu mesmu panhei da minha mãe tudu" demonstra a importância do sujeito "eu" [a parteira que enuncia] e de uma experiência sua bastante particular: participação no papel de parteira nos partos da própria mãe. A colaboradora "mesmo" [não outra pessoa] quem "apanhou" tudo [sem auxílio de outrem] no processo de parto da própria mãe e irmãos. Tal fato a credencia como mulher entendida do ofício. Esses tópicos constituem o significado global deste enunciado discursivo: a colaboradora aprendeu o ofício de ser parteira na prática e, por isso, ficou reconhecida na comunidade, fazendo partos até mesmo de sua mãe.

As estruturas ideológicas implicações e pressuposições estão representadas em (3) pelos dados "mi chamava né T" e "Uai eu já tinha vistu rumá né". Em "mi chamava né T", a colaboradora inclui em sua fala, no instante da interação, uma outra colaboradora, a T, que estava conosco no momento da entrevista. Aqui quem enuncia pressupõe que T conhece o que foi relatado e isso serve de confirmação do dito. Já em

“Uai eu já tinha vistu rumá né” a colobarodora prevê que sua outra interlocutora [a pesquisadora] compreende o enquadre da expressão tinha visto arrumar, o que significa observar algo em acontecimento - no caso, o parto.

Quanto aos atores envolvidos nessa interação, há a própria colaboradora, a colaboradora T, a mãe da parteira e demais kalunga presentes nos partos que ela observou/participou. A seguir, discutiremos esse enunciado discursivo partindo das concepções de ecossistema da língua.

B. 2. As influências do Ecossistema da Língua sob o discurso do parto

Dado	Povo, Território ou Língua no âmbito das escolhas lexicais	Análise
depois disso, mi chamava né T, aí agora eu tinha qui chegá, dessi dia veiz im quandu vinha mi buscá. Vi im quandu vinha mi buscá i eu pegava.	Não há dados no âmbito lexical, e, sim, no contexto territorial.	Com o reconhecimento do ofício, esta parteira passou a ser requisitada. E isso se traduz também na ideia de deslocamento pelo território para fazer partos.

O dado acima aponta o deslocamento no território desta parteira. As expressões "mi chamava", "eu tinha qui chegá" e "veiz em quando vinha me buscá" revelam a sequência de deslocamentos dessa parteira. No entanto, não é apenas um deslocamento territorial para fazer partos. Este dado confirma a legitimidade e a credibilidade que esta parteira tem em seu território com seus pares. Ou seja, para alguém chamá-la e até buscá-la para a realização de partos, nesse contexto territorial e de interação, é porque há confiança em seus conhecimentos tradicionais.

C - Terceiro eixo analítico: Letramentos

C. Os Letramentos Emergentes da Comunidade: imaterialidade e conhecimento

Letramentos internos	Letramentos externos	Análise
Eu aprendi	Não tem neste enunciado.	Destaque ao aprendizado do ofício de ser parteira pela observação e pela vivência. A coragem é vista como requisito para se fazer partos.
eu tinha qui chegá; i eu pegava. A coragi qui eu tinha, a coragi.		
Uai eu já tinha vistu rumá né, dus otro i eu aprendi.		

Os dados em tela apontam o aprendizado do ofício de ser parteira via observação de outros partos ("Eu aprendi" e "Uai eu já tinha vistu rumá né, dus otro e eu aprendi"), em que a observação, a experiência e, certamente, a oralidade nesse contexto funcionaram como práticas pedagógicas em prol da formação desta colaboradora parteira. Mais uma vez, a perspectiva vernacular dos letramentos se realiza na comunidade e garante algo seminal: a manutenção da vida dessas pessoas.

Algo que merece registro aqui é a questão da coragem. Em "eu tinha qui chegá; i eu pegava. A coragi qui eu tinha, a coragi" demonstra que, após aprender a fazer partos, a colaboradora ficou reconhecida por essa característica e, assim, tinha o compromisso de "chegar e pegar a criança", isto é, de contribuir com a manutenção da vida no território kalunga. Neste ponto, a colaboradora destaca a coragem. Podemos considerar a coragem como um requisito dessas mulheres para aprenderem a ser parteiras porque, em todas as interações com esse grupo, isso foi mencionado. A coragem de assumir a responsabilidade de assegurar a vida de mães e bebês, o êxito do parto, e também de lidar com a possibilidade e/ou realidade de óbito é algo fulcral para ser parteira em uma comunidade minoritária e de difícil acesso como o Vão de Almas-GO. Logo, "a coragem" é sim um letramento imaterial desse contexto. Com a coragem das parteiras, encerramos esta etapa de análise para, a seguir, analisarmos os discursos sobre o parto de mães idosas, adultas e jovens.

3.2. O protocolo-mãe: com a palavra, as mães idosas, adultas, jovens e as gestantes

As mães idosas, adultas, jovens e as gestantes são colaboradoras as quais apresentam suas experiências com o parto, a maternidade, com o intuito de registrarmos como as mulheres kalunga do Vão de Almas-GO, de gerações distintas, concebem a perspectiva do que é ter um/a filho/a no contexto quilombola. Além disso, por meio das entrevistas semiestruturadas, as kalunga puderam expor suas concepções, preferências, conhecimentos e, essencialmente, suas experiências com o parto.

De modo geral, de acordo com suas memórias, as idosas e muitas adultas manifestaram a preferência por ter um bebê no território do Vão de Almas-GO; muitas dessas mulheres relataram que os conhecimentos tradicionais kalunga deixam as mães saudáveis, fortes, sem dores no decorrer de suas vidas após terem filhos/as. Ao passo que, na observação delas, as mães de hoje, jovens, pela influência da medicina ocidental, não possuem a mesma saúde das mais velhas. Todavia, também

reconheceram que o hospital tem um papel determinante: evita, com maiores recursos tecnológicos, a morte de parturientes e crianças. Esse discurso do medo da morte aparece nas entrevistas de todas as categorias por nós selecionadas (parteiras, gestantes e mães idosas, adultas e jovens).

Já as gestantes e mães mais jovens, em sua maioria, disseram que preferem o parto no hospital pelo medo da morte, por conforto, por ser o mais usual na atualidade, entre outras razões. Entretanto, não abandonaram por completo os conhecimentos tradicionais kalunga que as mulheres mais velhas ensinam, oralmente, de geração para geração. Este é o cerne da controvérsia do tema parto: as relações entre medo da morte, manutenção da vida, conhecimentos tradicionais kalunga e acesso ao hospital nos moldes da medicina ocidental alopata.

Nosso intuito, com este trabalho de tese, além da análise da transitividade por meio do protocolo-mãe, é registrar o que as mulheres kalungas vivenciaram, vivenciam e pensam sobre o parto; é valorizar a sabedoria de um povo que vive, como guerreiros, em uma comunidade quilombola com suas próprias concepções de mundo, mesmo em contato com sociedades urbanas. Tal registro e valorização, por meio da escrita acadêmica desta tese, propicia a oportunidade de compreensão e reconhecimento do fato dos quilombolas, em território do campo, conseguem se manter vivos/os até hoje.

Quanto às entrevistas semiestruturadas, de forma semelhante às parteiras, tivemos a sensibilidade de respeitar o tempo das colaboradoras em tela. Perguntamos a respeito de como foram ou como serão [no caso das gestantes] os partos, as memórias, os conhecimentos, as ações e opiniões acerca do tema. As kalunga responderam como quiseram, à vontade, e demonstraram sabedoria, força e muita coragem, como veremos nos dados desta seção. Cumpre ressaltar que, qualitativamente, optamos por analisar, aqui, um enunciado representante de cada categoria de colaboradoras: um de mãe idosa, um de mãe adulta, um de mãe jovem e, para finalizar, um de gestante. Tais dados mostram, em geral, as concepções das entrevistadas.

3.2.1. O protocolo-mãe: com a palavra, as mães idosas

Nesta categoria, arrolamos um dado bastante representativo sobre o conhecimento contundente das idosas de como acontece o parto em si no território Vão de Almas-GO em contraste com o novo que esta categoria não conheceu, na pele,

porque não teve acesso no passado: o parto no hospital. E como verbo gerador da transitividade, escolhemos para esta análise o *parir*.

A oração **paria o menino** talvez seja a mais emblemática no tocante ao tema parto. O verbo parir é físico, exprime a ideia exata de saída da criança do ventre da mãe em direção ao mundo externo. Vale ressaltar que, o verbo em questão, em contextos de uso urbanos, é mais utilizado para referência às fêmeas dos animais em geral do que em relação às fêmeas humanas. Ou seja, "quem pare é vaca, cadela, gata, coelha etc". A mulher em contextos urbanos, em situação de parto, é referida pela expressão "dar à luz", por exemplo. A mulher, por ser a humana no universo das fêmeas, culturalmente, recebe o *status* de divindade, quem concede a luz do mundo para o nascituro. Assim, a mãe é concebida como uma entidade especial por carregar no ventre um outro ser humano.

Contudo, em contexto kalunga, é natural o uso do verbo “parir” se referindo às mulheres. Principalmente as mais velhas falam “parir”. Porém, as mais jovens também utilizam esse verbo, bem como “ganhar” e “ter” (que possuem outras nuances semânticas, visto que “parir” é mais representativo em se tratando do parto em si).

Esse reconhecimento cultural acerca da figura materna e dos verbos que remetem ao instante do parto serve para situar nossa análise. Como mencionamos, houve mulheres kalunga, nas entrevistas, especialmente as mais idosas, que utilizaram o verbo parir relacionado à fêmea humana. E não como forma de depreciar a mulher. Ao contrário: o verbo parir expressa com exatidão o momento mais esperado de um parto, quando o bebê sai da vida uterina para a vida no mundo exterior. Se a mulher pare, as demais fêmeas da classe dos mamíferos também parem, sem desrespeito. É a expressão mor de um parto.

(4) Elas botava “Bota ela aí”. Pegava uma, elas sentava, a outra vinha e segurava ela, ela vinha e **paria o menino** “Aí, agora, deite ela”. Aí deitava ela, aí ia fazer os remeidinho pra elas beber, aí era o resguardo. Agora pra lá, aí a gente não sabe nem o que é que faz (M:MI:04).

Acima, há uma descrição de como a parturiente era orientada no momento de ter a criança. Com a ajuda da parteira ou outras pessoas que estivessem auxiliando no parto, a mãe se sentava, era segurada pela parteira ou ajudante até o instante de saída do bebê.

Depois, os cuidados e o resguardo surgiam. Ao final, a colaboradora relata que não sabe como no hospital este processo acontece.

A - Primeiro eixo analítico: transitividade do discurso do parto

A.1. A escala de transitividade conforme Hopper & Thompson (1980)

Dado	Participantes	Cinese	Aspecto	Pontualidade	Intencionalidade do sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade do sujeito	Afetamento do O	Individação do O	TOTAL	ANÁLISE
7. paria o menino	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	10	Transitividade de grau alto.

Em "paria o menino", os participantes são o sujeito que indica a parturiente e o menino; este representa qualquer criança nascida no contexto relatado pela colaboradora, e não uma em particular do sexo masculino. O verbo parir, no campo semântico do parto, é o que mais denota a ideia de ação [uma mulher age para que um bebê nasça]; por isso sua cinese é de grau alto da transitividade. O aspecto e a pontualidade desse verbo continuam indicando transitividade alta, pois há telicidade e pontualidade na experiência, concluída por várias mulheres, de parir no contexto da comunidade quilombola/kalunga Vão de Almas-GO - explicitada pela iteratividade do pretérito imperfeito.

O sujeito dessa oração é intencional e agentivo que, conscientemente, cumpre as etapas de um parto. No tocante à polaridade e à modalidade da oração, o dado em tela é afirmativo e *realis*. A vivência do parir ocorreu com as parturientes lembradas e suscitadas pelo relato da colaboradora no instante da entrevista semiestruturada concedida à pesquisadora. Sobre a transitividade nos parâmetros relativos ao objeto, "o menino" é afetado e individuado. Isso porque esse objeto direto sofreu transferência de lugar e é humano, concreto, singular e contável. Agora observemos a configuração desse dado sob a perspectiva givoniana da semântica dos verbos.

A.2. A semântica dos verbos que fazem parte do evento transitivo conforme Givón (2001)

Dado	A semântica do verbo	Análise
7. paria o menino	Verbo com mudança de lugar do paciente	O verbo parir é de ação. E aqui há um objeto direto que muda de lugar.

A oração **paria o menino** é o dado mais próximo do protótipo *Ele moveu o celeiro* destacado por Givón (2001). Na categoria verbo com mudança de lugar do paciente proposta pelo autor, o sujeito agente provoca, com suas ações, a mudança de lugar do objeto direto paciente. Em **paria o menino**, o sujeito agente mãe ou parturiente muda de lugar o objeto direto o menino; ela direciona o menino da vida uterina à vida fora de seu corpo.

A.3. Voz e Valência

Dado	Voz	Valência sintática	Valência semântica	Análise
paria o menino	Voz ativa	2 argumentos	2 argumentos	Voz ativa com um verbo que expressa a ação mor da parturiente, o parir. Quanto às valências, ambas apresentam o mesmo quantitativo.

O verbo “parir”, como explanado no início desta subseção, é totalmente de ação, físico, concreto; parir revela a saída do nascituro do corpo materno. Na oração em tela, é utilizado na voz ativa, conforme os usos comuns do PB nessa configuração morfossintática. No que tange às valências, o quantitativo de argumentos é igual (dois na sintática e dois na semântica). O verbo parir, transitivo, pede dois argumentos. E, semanticamente, pede dois participantes. Desse modo, **paria o menino** corresponde ao protótipo das valências e da voz verbal.

Discursivamente, essa oração concentra toda a essência do parto. Com o uso de “parir”, a colaboradora consegue expressar o sentido mais relevante de um parto, o instante de saída do bebê do corpo da mãe. Logo, “parir” não é somente prototípico em relação às valências e à voz verbal. “Parir” é o verbo, semântica e discursivamente, mais saliente, representativo entre os verbos que exprimem o ponto alto de um parto.

A.4. Relações Gramaticais e adjuntos em geral

Dado	RG	ADJUNTOS E OUTROS	Análise
paria o menino	Sujeito: ela (a parturiente); OD: o menino.	–	As RGs materializam este evento transitivo prototípico.

Em **paria o menino**, as relações gramaticais são as esperadas dentro do protótipo da transitividade da oração. Há um sujeito e um objeto direto ligados ao verbo de ação. Estes elementos sintáticos, ligados conforme o padrão usual do PB (sujeito-verbo-objeto), garantem a materialização do evento transitivo e, conseqüentemente, do enunciado discursivo.

A materialização do evento transitivo, nessa perspectiva, remete à realização, via fala da colaboradora, dessa oração de transitividade alta conforme os parâmetros de Hopper & Thompson (1980). Tal materialização viabiliza a existência do discurso do parto em questão. Nesse sentido, as relações gramaticais de “paria o menino”, com verbo de ação e transitividade alta, revelam o discurso e suas ideologias, como veremos na camada analítica das estruturas ideológicas do discurso (VAN DIJK, 2000). Essa é a tônica de toda a tese: a fala da colaboradora, com o evento transitivo e suas relações gramaticais, valências, vozes verbais etc., materializa o discurso. Este, por sua vez, revela ideologias, pensamentos, crenças, culturas etc. Essa interface entre elementos gramaticais e discurso são nossas bases para a análise da transitividade do discurso do parto enunciado pelas mulheres kalunga do Vão de Almas-GO.

A.5. Papéis semânticos

Dado	Papéis semânticos	Análise
paria o menino	Sujeito: agente; Objeto direto: paciente.	O sujeito é agente (animado, volitivo) e o objeto muda de lugar.

A oração "paria o menino", em consonância com sua gradiência de transitividade alta, possui sujeito agente e objeto paciente. O sujeito, que é a parturiente, agiu, fazendo forças em prol do nascimento da criança. E o paciente, o objeto "o menino", por sua

vez, muda de lugar, uma vez que sai do corpo da mãe. Esses papéis semânticos mostram a agência e o afetamento inerentes a esse evento transitivo.

A.6. Papéis pragmáticos

Dado	Papéis pragmáticos	Análise
paria o menino	Tópico: "ela" (a parturiente); Foco: o menino.	O tópico é sobre quem a colaboradora deseja enunciar, no caso a parturiente. Já o foco é a informação nova.

Mais uma vez, há uma composição prototípica de papéis pragmáticos: o sujeito é tópico, e o objeto é foco. A colaboradora idosa fala, de modo geral, sobre a mãe, a parturiente que vivencia o parto na comunidade kalunga (o tópico). E, em seguida, enuncia a informação a respeito desse tópico (o menino, a fim de explicitar que a mãe paria a criança). Esses papéis pragmáticos demonstram os participantes fundamentais do discurso do parto, a mãe e o bebê.

A.7. Iconicidade Diagramática

Dado	Tipo de Iconicidade: Quantidade Complexidade Coesão	Análise
7. paria o menino	Iconicidade de coesão.	Coesão típica do PB: SVO.

Esta frase, em relação a iconicidade diagramática de coesão, registra a estrutura de protótipo do PB: sujeito-verbo-objeto. Sobre a iconicidade diagramática de coesão, Haspelmath (2008) afirma que formas mais coesas são constituídas quando há significados que precisam estar mais próximos. Em outros termos, a necessidade semântica provoca configurações sintáticas. Nesse dado, em português brasileiro, a estrutura SVO, com os argumentos próximos ao verbo, garante a semântica pretendida. Quem pare o menino, a parturiente, é representado pelo sujeito "eu" anteposto ao verbo parir. Já o menino, que é o elemento que sofreu mudança pela ação exercida pelo

sujeito, aparece posposto ao verbo. Assim, a coesão discutida por Haspelmath (2008), considerando o âmbito semântico, é presente no dado em tela.

A.8. Metáfora e Metonímia

Dado	Metáfora ou metonímia	Análise
paria o menino	-	Por ser conceito fonte em seu contexto inerente, não constitui relações metafóricas e metonímicas.

Este dado não apresenta relações de metáfora e metonímia porque "parir" detém o conceito fonte (ter um filho, a saída do filho do corpo da mãe, com agência da parturiente) e é utilizado em seu próprio escopo, o parto. Logo, não há relações de metáfora e de metonímia.

B - Segundo eixo analítico: ECD e Ecossistema da Língua

B.1. As estruturas do discurso ideológico

Fenômeno	Dado	Análise
Tópico	Elas botava; Pegava uma; elas sentava; a outra vinha e segurava ela; ela vinha; paria o menino; Aí, agora deite ela; aí ia fazer os remeidinho; Agora pra lá.	Informações relevantes para a compreensão do enunciado discursivo.
Implicações e pressuposições	pronome ela(s); pra lá.	Pressuposições de conhecimento das interlocutoras e usos generalistas ("elas" representa as variadas mulheres kalunga que passaram pela experiência do parto [parteiras e parturientes]; é um uso geral).
Atores	colaboradora M:MI; parteiras e/ou ajudantes; parturiente e menino (quem nasce).	Participantes do todo enunciativo.

Os tópicos “Elas botava”, “Pegava uma”, “elas sentava”, “a outra vinha e segurava ela”, “ela vinha” e “paria o menino” mostram os procedimentos inerentes ao parto até chegar em seu ápice, que é saída da criança do corpo da mãe. Depois do ápice, é preciso cuidar da parturiente. Os tópicos “Aí, agora deite ela” e “aí ia fazer os remeidinho” comprovam tal ideia. Já o tópico “Agora pra lá” introduz uma constatação importante para esta colaboradora idosa. O “lá” significando mundo externo à

comunidade kalunga, o hospital, os médicos e as enfermeiras é o contexto desconhecido dela, em que não se sabe exatamente as ações realizadas com mulheres e bebês.

Neste ponto, notamos o confronto ideológico no que concerne ao discurso do parto: de um lado, a minoria kalunga com seus conhecimentos tradicionais e, de outro, o atual discurso dominante da medicina alopata. Observamos que a medicina do mundo exeterno à comunidade kalunga não dialoga com os conhecimentos das parteiras e/ou de outras/os kalunga. Isso se confirma também pelos dados gerados a partir dos questionários aplicados aos/às profissionais da saúde do SUS (cf. capítulo metodológico). De maneira geral, os dados do questionário em tela mostram desconhecimento e/ou reconhecimento dos saberes kalunga relativos ao parto e seus cuidados em situações de urgência pelo difícil acesso que o território se encontra em relação às cidades vizinhas. Tal confronto é denominado por van Dijk (2015) de *Nós e Eles* (us and them): há uma polarização entre quem domina e quem resiste.

Outro dado a ser discutido em 4 é o uso do pronome “ela(s)” em todo o enunciado discursivo. Isso indica a pressuposição de que o interlocutor sabe quem é ou são o(s) referente(s). No caso desse dado, o pronome “ela(s)” se refere às parteiras [“Elas botava”, “ela vinha”] e à parturiente [“Bota ela aí”, “elas sentava”, “segurava ela”, “deite ela”, “deitava ela”, “pra ela beber”]. A colaboradora idosa faz este uso também por tratar do parto de forma generalista (representando as variadas mulheres que viveram a experiência do parto), conforme seus conhecimentos e vivências. Outra pressuposição encontra-se em “pra lá”. Aqui, a colaboradora pressupõe que sua interlocutora sabia que “lá” representa o contexto externo à comunidade kalunga. Por fim, os atores desse dado são a colaboradora, as parteiras e suas ajudantes, parturiente e quem nasce (o menino).

B. 2. As influências do Ecossistema da Língua sobre o discurso do parto

Dado	Povo, Território ou Língua no âmbito das escolhas lexicais	Análise
Elas botava “Bota ela aí”. Pegava uma, elas sentava, a outra vinha e segurava ela, ela vinha e paria o menino. “Aí, agora, deite ela”. Aí deitava ela, aí ia fazer os remeidinho pra elas beber, aí era o resguardo.	O verbo parir.	O dado, holisticamente, sintetiza o que é um parto no território kalunga. E o verbo parir é uma escolha lexical utilizada de maneira natural pelo povo kalunga.

O enunciado discursivo, em toda sua extensão, revela as práticas de parto no âmbito do território kalunga: a parteira e/ou ajudante cuida, orienta as ações da parturiente nos momentos que antecedem a saída da criança do corpo da mãe (botava, pegava, sentava, segurava). Essa sequência de cuidados favorece o parto em si (paria o menino). Aqui está o centro da nossa discussão. O verbo “parir”, enunciado pela colaboradora idosa, consegue alcançar os sentidos mais exatos do parto; é a hora em que o bebê se desvincula do ventre materno. E tal uso, no território kalunga, como já discutimos a respeito deste dado, não é visto como algo pejorativo à mulher no tocante a compará-la com outros mamíferos. É uma referência à realização do parto. Por isso, nesse aspecto, o verbo “parir” é um uso inerente ao território kalunga, compartilhado e aceito entre as/os falantes.

Depois, a colaboradora elenca cuidados imediatos em relação à mulher que acabou de parir (*deite, fazer os remedinho*), bem como aponta o próximo estágio vivenciado pela mãe, o resguardo. Fazer *os remedinho* merece destaque nesse dado porque apresenta relação direta com o território. A parteira e/ou alguém da família vai até a mata pegar as plantas medicinais da região que são indicadas para ajudar a desinflamar o útero, o canal vaginal (há garrafadas para serem bebidas e também para banhos nas partes íntimas da mulher). Essas interações são compartilhadas e vivenciadas pelo povo kalunga, em suas práticas sociais e via oralidade. Esse viés será tratado na próxima camada de análise.

C - Terceiro eixo analítico: Letramentos

C. Os Letramentos Emergentes da Comunidade: imaterialidade e conhecimento

Letramentos internos	Letramentos externos	Análise
Elas botava “Bota ela aí”. Pegava uma, elas sentava, a outra vinha e segurava ela, ela vinha e paria o menino. “Aí, agora, deite ela”. Aí deitava ela, aí ia fazer os remedinho pra elas beber, aí era o resguardo.	Agora pra lá, aí a gente não sabe nem o que é que faz.	Sequência de procedimentos kalunga do parto e referência ao letramento dominante [partos nos hospitais].

Todo este enunciado discursivo se configura como letramentos de cunho vernacular, da vivência da comunidade kalunga. A colaboradora idosa rememora a sequência de procedimentos do parto: a parteira e/ou ajudante “botava” a parturiente em

alguma posição mais adequada, como sentada, para experienciar os momentos de contração. E o nascimento, em si, é retratado pelas ações de quem faz o parto ("outra vinha e segurava ela") para o objetivo ser alcançado ("paria o menino"). Em seguida, a colaboradora ressaltava os cuidados pós-parto e o resguardo ("Aí, agora, deite ela". "Aí deitava ela, aí ia fazer os remeidinho pra elas beber, aí era o resguardo").

Essa interação é uma síntese do momento do parto, de como se procede em situações dessa natureza. Por isso, se constitui como letramentos; é registro de práticas sociais situadas. Ao final, a colaboradora menciona que, sobre partos nos hospitais, ela não tem conhecimento ("Agora pra lá, aí a gente não sabe nem o que é que faz"). Aqui há referência ao letramento dominante: práticas dos hospitais, com seus prontuários escritos etc. A colaboradora não conhece as práticas desse letramento, mas sabe de sua existência pelo fato de, na atualidade, as mulheres kalunga buscarem atendimento nos hospitais do SUS nas cidades da região. Esse dado demonstra a necessidade de um diálogo entre conhecimentos internos e externos em prol da saúde e cidadania da comunidade kalunga (cf. capítulo metodológico). Seguiremos com a nossa análise a fim de verificarmos a transitividade e suas imbricações, por meio do Protocolo-Mãe, com a representação das mães adultas.

3.2.2. O protocolo-mãe: com a palavra, as mães adultas

Para representar as mães adultas, destacamos aqui o verbo *fazer*. Na seção das parteiras, discutimos este verbo a partir da perspectiva das ações de um parteiro. Aqui, o fazer é fundamental para registrarmos as ações e o protagonismo da parturiente.

(5) Da terceira eu num senti medu não, eu senti foi coragi, Deus deu aquela coragi pra mim mesmu. Eu fiquei pensandu assim "é pra ganhá", aí pensei nissu. Ajudava a fazê um esforcim pra isperá a partera chegá, mas eu pensei assim "vei ni mim, não vô esperá. **Eu também vô fazê a minha força pra minina nascê**". Porque a mãe mesmu, qui a genti vai pra ganhá no hospital, seja ondi for, tem qui tá cum dô, a genti tem qui tê, dá também a força, num ficá esperandu só a força vem a criança, mas a genti também tem qui fazê uma forcinha pra criança nascê (JP:MA:05).

O dado acima mostra a agência da mãe como centro da transitividade e, conseqüentemente, do discurso. Sua coragem em não esperar ajuda de alguém e,

sozinha, ter a criança aponta a força da mãe em prol da sua sobrevivência e, claro, da sobrevivência da bebê.

A - Primeiro eixo analítico: transitividade do discurso do parto

A.1. A escala de transitividade conforme Hopper & Thompson (1980)

Dado	Participantes	Cinese	Aspecto	Pontualidade	Intencionalidade do sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade do sujeito	Afetamento do O	Individuação do O	TOTAL	ANÁLISE
8. eu também vô fazê a minha força [pra minina nascê]	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-	7	Transitividade com tendência a grau alto.

No dado "eu também vô fazê a minha força pra minina nascê", há a oração principal "eu vô fazê a minha força" e a oração subordinada adverbial final "pra minina nascê". Acerca da transitividade, analisaremos a oração principal. Mas optamos por registrar a subordinada com a finalidade de demonstrar outra estrutura que auxilia na compreensão do dado.

A oração principal "eu vô fazê a minha força" possui dois participantes: o sujeito "eu" e o objeto direto "a minha força". Cumpre ressaltar que "a minha força" configura-se como um participante do evento transitivo por ser extensão da mãe e elemento fulcral no instante de um parto com dificuldades como o relatado no enunciado discursivo em análise.

A cinese do verbo fazer refere-se à ação - mais prototípica do PB, por sinal. E, aqui, expressa as ações da colaboradora durante o parto para ter sua filha. Há algo interessante quanto ao aspecto e à pontualidade deste verbo: o futuro do presente na perífrase "vou fazê" remete a graus mais baixos de transitividade porque a ação ainda não aconteceu nesse momento. Todavia, vale registrar que a perífrase verbal em questão remete a um passado. Aqui, a colaboradora, em momento de memória provocada pela entrevista semiestruturada, reproduziu o que pensou no instante do parto. A ação da força é uma sequência de ações do parto que a colaboradora vivenciou como parturiente. Mas consideramos, nos parâmetros, o tempo futuro enuciado pela colaboradora.

Quanto ao sujeito, o dado apresenta sujeito intencional e agentivo, que realiza ações volitivamente em todo o evento transitivo. A oração, em um todo, tem configuração de polaridade e modalidade afirmativa e *realis*, respectivamente. A colaboradora relata a força feita em prol do nascimento da filha.

Em relação ao afetamento e à individuação do objeto, o objeto direto "a minha força" é suscitado da mãe com a finalidade de ter a criança, bem como tal força é algo específico do parto (para ganhar o bebê). E a "minha força" é comum, inanimado, e referencial. Portanto, o objeto sofre afetamento, mas não é individuado.

A.2. A semântica dos verbos que fazem parte do evento transitivo conforme Givón (2001)

Dado	A semântica do verbo	Análise
8. Eu também vô fazê a minha força [pra minina nascê]	Verbo com objeto criado	O verbo fazer é de ação. E aqui há um objeto direto criado para alguém.

Givón (2001), acerca do verbo com objeto criado, parte do protótipo bem físico: sujeito agente cria algo físico, discernível no mundo, como em *Ele construiu uma casa*. No dado em análise, o objeto direto "a minha força" é criado pelo sujeito agente naquele instante, visto que o corpo da mãe expressa, fisicamente, movimentos em prol do nascimento da criança. Na camada analítica subsequente, veremos qual a configuração de voz e valência do dado em tela.

A.3. Voz e Valência

Dado	Voz	Valência sintática	Valência semântica	Análise
8. Eu também vô fazê a minha força [pra minina nascê]	Voz ativa	2 argumentos	2 argumentos	A voz ativa é expressa por um verbo de ação por natureza, o fazer.

A oração **Eu também vô fazê a minha força** encontra-se na voz ativa porque o verbo não tem marcações morfológicas específicas, como é de praxe nesse tipo de ocorrência no PB. Além disso, o verbo fazer é de ação por excelência. Em relação às

valências, a oração em análise é bivalente no âmbito sintático e no âmbito semântico. A valência sintática é realizada por meio dos argumentos: sujeito "Eu" e objeto direto "a minha força", atendendo às expectativas sintáticas típicas desse verbo (X vai fazer Y). E a valência semântica apresenta dois argumentos pelo motivo desse evento transitivo ter dois participantes, "eu" (a colaboradora) e "a minha força". Esses elementos sintáticos continuarão a ser discutidos na camada seguinte, sobre as relações gramaticais.

A.4. Relações Gramaticais e adjuntos em geral

Dado	RG	ADJUNTOS E OUTROS	Análise
8. Eu também vô fazê a minha força [pra minina nascê]	Sujeito: eu; Objeto direto: a minha força	Presença de oração subordinada adverbial final.	As RG mostram os elementos linguísticos essenciais ligados ao verbo.

A oração principal "Eu também vô fazê a minha força", no tocante às relações gramaticais, apresenta a configuração sintática prototípica: sujeito anteposto ao verbo e objeto posposto. Entretanto, por ser principal, esta oração possui uma subordinada que se encontra logo após o objeto "pra minina nascê". A subordinada em questão é adverbial final, denotando a finalidade relacionada à oração principal. Essas relações gramaticais e a presença de uma oração subordinada apontam uma constituição sintática comum no PB (SVO e relação de subordinação). Registramos essa configuração sintática para destacarmos os elementos os quais compõem a sintaxe do evento transitivo em análise.

A.5. Papéis semânticos

Dado	Papéis semânticos	Análise
eu também vou fazê a minha força [pra minina nascê]	Oração principal: sujeito agente e objeto direto paciente.	O sujeito é agente (humano, volitivo) e o objeto sofre, em certa medida, mudança de estado, da não existência à existência.

Quanto à oração principal "eu também vou fazê a minha força", os papéis semânticos que a constituem são sujeito agente ("eu", a colaboradora, com o intuito de fazer força para seu parto) e objeto paciente "a minha força". Tal objeto sofre, em certa medida, mudança de estado: passa a existir. Na oração subordinada, o papel semântico de "minina", sujeito da oração, pode ser considerado como benefactivo nos termos de

Givón (2001). Aqui "minina" se beneficia da força da mãe indicada na agência presente na oração principal. A seguir, vejamos como os papéis pragmáticos se apresentam nesse dado.

A.6. Papéis pragmáticos

Dado	Papéis pragmáticos	Análise
eu também vou fazê a minha força [pra minina nascê]	Oração principal: Tópico: "eu" (a parturiente); Foco: a minha força.	O tópico se refere ao que se quer informar. O foco é a informação nova.

Os papéis pragmáticos são constituídos, na oração principal, da seguinte forma: o tópico "eu", elemento a respeito do que ou de quem a colaboradora deseja informar (no caso, ela mesma é esse "eu") e o foco "a minha força", que é a informação destacada sobre o tópico. Esses papéis pragmáticos indicam o elemento em destaque e sua respectiva informação no contexto do enunciado discursivo. A oração subordinada, por sua vez, tem o tópico "minina", indicando sobre quem se enuncia. Esse registro de tópico e foco apontam como, pragmaticamente, componentes do evento transitivo são representados e como isso implica discursivamente. No enunciado discursivo em análise, tópico e foco (eu e a minha força, respectivamente) são elementos fulcrais do protagonismo da mulher kalunga em seu parto. Essas questões serão mais discutidas no segundo eixo analítico do Protocolo-Mãe.

A.7. Iconicidade Diagramática

Dado	Tipo de Iconicidade: Quantidade Complexidade Coesão	Análise
8. eu também vou fazê a minha força [pra minina nascê]	Iconicidade de complexidade e coesão.	Complexidade na relação entre as duas orações e coesão no nominal possessivo da oração principal.

O dado acima, considerando as duas orações juntas, possui iconicidade de complexidade à medida que expressa seu conteúdo de forma mais complexa (HASPELMATH, 2008). O autor cita as causativas em Turco a fim de mostrar que as causativas, nessa língua, são mais complexas do que as não causativas (pelo fato da causatividade pedir o uso de mais estruturas para compor a sua configuração sintática). Em nosso dado, a complexidade consiste no uso da relação de subordinação: duas orações expressando, em conjunto, um conteúdo (a colaboradora, que é o "eu" sujeito" fará uma força própria com a finalidade de parir a filha).

Analisando a oração principal somente, podemos visualizar a iconicidade diagramática de coesão. A relação de possuído e possuidor no nominal possessivo "a minha força" demonstra que esses elementos precisam estar mais próximos para a garantia da compreensão de quem é o possuído (a força) e quem é o possuidor (a parturiente, expressa em "minha"). Sobre isso, Haspelmath (2008) aponta que nominais possessivos os quais apresentem relações de possuído e possuidor, parte e corpo não podem ser separados em sua constituição sintática.

A.8. Metáfora e Metonímia

Dado	Metáfora ou metonímia	Análise
8. eu também vou fazê a minha força [pra minina nascê]	Metonímia.	Metonímia por controlador e controlado presentes na oração principal. Quanto à relação entre essas duas orações, há metonímia novamente (produtor e produto).

A metonímia, como já mencionamos em outros pontos desta tese, nos termos de Lakoff & Johnson (2002), relaciona as entidades envolvidas sem modificar o domínio

conceptual. Nessa perspectiva, considerando a oração principal "eu também vou fazê a minha força", temos a articulação metonímica por controlador e controlado. Aqui, o sujeito "eu", a colaboradora que estava na posição de parturiente nesse contexto relatado, é quem controla, num mesmo domínio conceptual, o elemento controlado, a sua força.

Vale destacar que quando consideramos as relações entre a oração principal e a sua subordinada, notamos a metonímia por produtor e produto. O produtor, que é o sujeito da oração principal, produz sua força com a finalidade de fazer nascer, um produto (no caso, a filha). Tais relações metonímicas revelam, discursivamente, o protagonismo da mulher kalunga no parto, como analisaremos na próxima etapa do Protocolo-Mãe.

B - Segundo eixo analítico: ECD e Ecossistema da Língua

B.1. As estruturas do discurso ideológico

Fenômeno	Dado	Análise
Tópico	Da terceira eu num senti medu não; eu senti foi coragi; Ajudava a fazê um esforcim pra isperá a partera chegá; Eu também vô fazê a minha força pra minina nascê.	Conteúdos que são "lembrados" (VAN DIJK, 2000), fulcrais para o todo discursivo.
Coerência local	Da terceira eu num senti medu não, eu senti foi coragi; Eu fiquei pensandu assim "é pra ganhá", aí pensei nissu; eu pensei assim "vei ni mim, não vô esperá; Porque a mãe mesmu, qui a genti vai pra ganhá no hospital, seja ondi for, tem qui tá cum dô, a genti também tem qui fazê uma forcinha pra criança nascê.	Proposições as quais remetem à sequência de acontecimentos plausíveis relatados pela colaboradora.
Atores	colaboradora; sua terceira filha; as outras mães e crianças (em geral).	Participantes do todo enunciativo.

No enunciado discursivo em discussão, os dados "Da terceira eu num senti medu não; "eu senti foi coragi"; "Ajudava a fazê um esforcim pra isperá a partera chegá" e "Eu também vô fazê a minha força pra minina nascê" são tópicos. Para van Dijk (2000), os tópicos são estruturas do discurso "lembradas", isto é, marcantes, que remetem às

informações principais enunciadas pelo/a falante. Aqui, o primeiro tópico mostra à qual parto vivenciado a colaboradora se refere, o da terceira filha. Como nesta experiência a parteira não chegou a tempo de realizar o parto junto com a colaboradora, esta destacou que não sentiu medo de ter sua filha sozinha. Nessa seara de sensações e sentimentos, JP:MA ressalta sua coragem ao enfrentar o parto sem a ajuda de alguém (segundo tópico). Depois, ao relatar o processo de ter a bebê, a colaboradora revela que tentou esperar a parteira chegar, fazendo um esforço mínimo, ou seja, a colaboradora JP:MA não colocou toda a sua força no parto, nesse instante, com a esperança da chegada da parteira. E o último tópico aponta que a colaboradora achou mais prudente, por estar sozinha e pelo fato de não vislumbrar quando um auxílio viria naquele momento, fazer força para a criança nascer.

Quanto à coerência local, JP:MA enuncia proposições em uma sequência plausível, construindo uma rede de informações coerentes no discurso proferido. Em primeira instância, ela aponta de qual parto está falando e já declara que não sentiu medo, mas sim coragem de ter a filha sem a ajuda da parteira ou de outra pessoa: "Da terceira eu num senti medu não, eu senti foi coragi". Mais adiante, a colaboradora destaca o seu pensamento na hora do parto, em que se viu só, para tomar a decisão de fazer a força da criança nascer (Eu fiquei pensando assim "é pra ganhá", aí pensei nissu; eu pensei assim "vei ni mim, não vô esperá").

Ao final do discurso, a colaboradora revela sua opinião acerca da força da mãe na hora de ter um bebê; ela salienta que, em qualquer lugar, a parturiente deve sentir a dor para saber a hora certa do parto e fazer a sua própria força no processo ("Porque a mãe mesmu, qui a genti vai pra ganhá no hospital, seja ondi for, tem qui tá cum dô, a genti também tem qui fazê uma forcinha pra criança nascê"). Assim, é possível notar que a coerência local foi tecida na seguinte sequência: contextualização de qual parto, sensações no momento do parto referido, decisões a serem pensadas e tomadas quando se viu sem o auxílio da parteira ou de outrem e opinião a respeito da postura materna em situação de parto. Cumpre dizer que a coerência local encontra-se em consonância com a configuração dos tópicos.

Os atores envolvidos nesse dado são: a colaboradora JP:MA, sua terceira filha e as outras mães e crianças mencionadas quando JP:MA expressa sua opinião sobre a importância da força realizada pela parturiente em qualquer contexto de parto.

B. 2. As influências do Ecossistema da Língua sobre o discurso do parto

Dado	Povo, Território ou Língua no âmbito das escolhas lexicais	Análise
Ajudava a fazê um esforcim pra isperá a partera chegá, mas eu pensei assim “vei ni mim, não vô esperá. Eu também vô fazê a minha força pra minina nascê”. Porque a mãe mesmu, qui a genti vai pra ganhá no hospital, seja ondi for, tem qui tá cum dô, a genti tem qui tê, dá também a força, num ficá esperandu só a força vem a criança, mas a genti também tem qui fazê uma forcinha pra criança nascê	O dado como um todo representa as relações entre língua, povo e território. Não há uma escolha lexical específica.	O dado mostra o protagonismo da mulher kalunga ao ter a sua filha sozinha no território e aponta a questão da territorialidade.

O protagonismo da mulher kalunga, como mãe e parturiente, é a tônica desse dado à luz das relações entre língua, povo e território delineadas por Couto (2007). Em primeira instância, a colaboradora mostra, em seu parto no território kalunga, como procedeu para esperar a parteira (“Ajudava a fazê um esforcim pra isperá a partera chegá”). Após perceber que não daria tempo da parteira ou outra pessoa chegar, a colaboradora se viu sozinha e, rapidamente, tomou a decisão de fazer a força própria em prol do nascimento de sua filha (mas eu pensei assim “vei ni mim, não vô esperá. Eu também vô fazê a minha força pra minina nascê”).

Ao final desse enunciado discursivo, a colaboradora emite sua opinião a respeito da força da mulher no momento de parir: "Porque a mãe mesmu, qui a genti vai pra ganhá no hospital, seja ondi for, tem qui tá cum dô, a genti tem qui tê, dá também a força, num ficá esperandu só a força vem a criança, mas a genti também tem qui fazê uma forcinha pra criança nascê".

Todo esse contexto demonstra duas questões relativas ao espectro língua, povo e território: as ações da parturiente, em seu território, com a língua(gem) como motivadora e a questão da territorialidade. A língua(gem), pelo pensamento rápido da colaboradora, em uma situação de dificuldade, em certa medida, motivou as suas ações. A partir do momento em que estava sozinha, tendo sua filha no território, a colaboradora, antes de fazer sua força, pensou no que fazer (mas eu pensei assim “vei ni mim, não vô esperá. Eu também vô fazê a minha força pra minina nascê”). Isso mostra que as condições territoriais, sociais, permeadas pela língua, cognitivamente, impulsionam experiências humanas. E é nesse ponto que a territorialidade (cf. capítulo metodológico) entra em cena.

Pela nossa cognição, experiências vividas, contexto social e, claro, pelas nossas relações com o território em que vivemos, podemos expandir nossas ações e concepções em outros contextos e territórios, vivenciando a noção de territorialidade. No instante em que a colaboradora opina sobre a força a ser feita no parto, ela remete à territorialidade: "Porque a mãe mesmu, qui a genti vai pra ganhá no hospital, seja ondi for, tem qui tá cum dô, a genti tem qui tê, dá também a força, num ficá esperandu só a força vem a criança, mas a genti também tem qui fazê uma forcinha pra criança nascê". Em outras palavras, segundo a colaboradora, independente de onde a mulher kalunga tenha seus filhos (território kalunga ou hospital), é preciso que ela sinta a dor, para ter certeza da hora certa do nascimento, e também é necessário que faça a sua própria força. As vivências no território de origem podem ser transpostas e consideradas em outros territórios. Isso indica territorialidade. Após essas reflexões, sigamos com a análise à luz dos Letramentos.

C - Terceiro eixo analítico: Letramentos

C. Os Letramentos Emergentes da Comunidade: imaterialidade e conhecimento

Letramentos internos	Letramentos externos	Análise
eu senti foi coragi; eu pensei assim “vei ni mim, não vô esperá. Eu também vô fazê a minha força pra minina nascê”. Porque a mãe mesmu [...] tem qui tá cum dô, a genti tem qui tê, dá também a força, num ficá esperandu só a força vem a criança, mas a genti também tem qui fazê uma forcinha pra criança nascê.	qui a genti vai pra ganhá no hospital, seja ondi for.	A colaboradora adulta ensina acerca das ações da parturiente no instante do parto. Ela também cita a coragem, agora como requisito do parto para a mãe.

O enunciado discursivo 5 apresenta a perspectiva da mãe em relação ao que fazer, como parturiente, no instante do parto. Vale ressaltar que a colaboradora relatou sua experiência de dificuldades por não ter havido tempo de a parteira chegar para lhe atender e, além disso, não havia ninguém com ela nesse contexto. Mesmo assim, a colaboradora registra ensinamentos de como vivenciar um parto na perspectiva da mãe: é preciso que a parturiente faça força para a saída da criança de seu ventre. Ela afirma que a dor é necessária, para que se saiba cada momento do parto, bem como não é

adequado ficar esperando a força de outrem (da criança no ventre ou da parteira ou do médico no hospital); a mãe precisa assumir sua agência em prol da conclusão do parto.

JP:MA cita também a coragem. As parteiras mencionaram a coragem como requisito para a realização de partos, no sentido de se assumir responsabilidades. Já a mãe adulta, no dado em análise, ressalta a coragem da parturiente. Aqui a coragem ocorreu em um instante de dificuldade extrema. Mas podemos inferir que a coragem também está em fazer a própria força em prol do nascimento do filho. Assim, a coragem é um sentimento, um requisito e um ensinamento presente na comunidade kalunga para as mulheres. Fazer/viver partos requer coragem e responsabilidade.

Por fim, há menção ao parto no hospital (letramento externo). Esta colaboradora, enquanto conversávamos durante a entrevista, demonstrou conhecimento de como um parto é realizado no contexto da medicina alopata. Nesse ponto do enunciado discursivo, ela emite opinião sobre a força da parturiente ser necessária em qualquer contexto de parto (seja onde for, no território kalunga ou nos hospitais). E mais: a colaboradora destaca o protagonismo da parturiente, via força para a saída do bebê do corpo da mãe, mesmo em um lugar de letramento dominante, o universo da medicina ocidental.

Todo esse enunciado discursivo revela, além dos ensinamentos no que concerne à força e à coragem da parturiente, a resistência em se manter o protagonismo do parto na mãe, e não em outros agentes (principalmente ligados ao letramento dominante da medicina). Isso não significa invalidar o papel dos hospitais; as mulheres kalunga procuram atendimento no SUS com o intuito de garantir mais recursos de manutenção da vida kalunga. E, com certeza, não invalida a função das parteiras, dos conhecimentos tradicionais. Na realidade, o protagonismo da parturiente se faz necessário para que haja a interface entre conhecimentos internos e externos do parto. Desse modo, os letramentos vernaculares ganham a merecida projeção e os dominantes, se houver um preparo do SUS, por exemplo (cf. capítulo metodológico), podem se tornar colaborativos, parceiros, sem um distanciamento da comunidade. Essas concepções auxiliam na percepção dos dados e da realidade kalunga estudada. Por isso, na etapa subsequente de análise, veremos a transitividade e demais camadas analíticas discutidas em enunciado discursivo representativo das mães jovens.

3.2.3. O protocolo-mãe: com a palavra, as mães jovens

As mães jovens são retratadas aqui com um verbo muito utilizado pelas kalunga nas entrevistas: o *ganhar* no sentido de “ter o bebê”. Este verbo vislumbra o sucesso do parto: a criança chegou direto do útero para os braços da mãe. Cumpre destacar que analisamos o ganhar também na perspectiva de menção da parteira (cf. seção 3.1).

Traçando uma comparação entre os verbos “ganhar” e “parir”, neste instante da análise de dados, “ganhar”, referindo-se ao parto, aproxima-se de “parir” no que concerne à ideia de se ter um bebê e tem sim ação em sua composição semântica pelo fato de remeter às ações da parturiente na hora do parto. No entanto, ganhar se difere do parir por apresentar menos agentividade, envolvimento da mãe - até mesmo porque ganhar é metafórico; esse verbo veio do domínio do receber algo para o domínio do parto. É como se "ganhar o bebê" fosse receber um presente. E parir revela toda a agentividade da mulher na ação de se ter um filho. Após essas reflexões, analisemos o verbo ganhar na perspectiva da mãe jovem:

(6) Eu já tava no Alto. Aí ele veio de lá pa busca os remédio. Aí ele veio e nem inspiração de que ia ganhá menina não. Aí, dei dor, saí. Aí dei dor treis hora da manhã, **eu fui ganhá treis hora da tarde**. A menina subiu pra boca do estômago, vixi, já tava sentino falta de ar. É né muito bom não. Aff Maria! Pur isso que... por agora num penso ni fi não [risos] (J:MJ:06)

O enunciado acima também foi escolhido com o intuito de apontar algo muito frequente na realidade da mãe jovem kalunga: ela vai para a cidade ter o bebê, porém utiliza conhecimentos tradicionais do Vão de Almas-GO. Na oração “Aí ele veio de lá pa busca os remédio”, a colaboradora relata que este “ele” é o marido que vai até o Vão de Almas-GO buscar os remédios feitos na comunidade, os chamados “remédios do mato”, para que utilizasse nos cuidados dela e do bebê após o parto na cidade.

A - Primeiro eixo analítico: transitividade do discurso do parto

A.1. A escala de transitividade conforme Hopper & Thompson (1980)

Dado	Participantes	Cinese	Aspecto	Pontualidade	Intencionalidade do sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade do sujeito	Afetamento do O	Individuação do O	TOTAL	ANÁLISE
6. eu fui ganhá três hora da tarde	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	10	Transitividade de grau alto.

Em "eu fui ganhá três hora da tarde", existem dois participantes, o sujeito "eu" e o objeto direto não explícito "o bebê". Mais uma vez, quanto à cinese, o verbo exprime ideia de ação. No que concerne ao aspecto e à pontualidade, a perífrase verbal "fui ganhá" expressa ação acabada. Assim, o dado é télico e pontual. Faz-se necessário destacar que "fui" expressa tanto a marca morfológica de pretérito quanto de trajetória da mãe na experiência do parto (trajetória no sentido de vivências desde o início da gravidez até ao momento de se deslocar até a cidade, até o hospital para, enfim, "ganhar" a criança e, depois, voltar para casa, o Vão de Almas-GO).

Nesse dado, o sujeito é intencional e agentivo. A mãe realizou ações para ganhar a criança. Sobre a polaridade e a modalidade da oração, o evento transitivo em análise é afirmativo e *realis*. O parto aconteceu e foi concluído em um tempo definido ("três hora da tarde").

Finalizando, quanto ao objeto, o objeto direto não explícito "o bebê" é afetado no sentido de ter passado por transferência de lugar (ventre para o mundo exterior ao corpo da mãe). E o dado é individuado por ser humano, animado, contável, referencial, definido, concreto e singular. Quanto à semântica do verbo desse evento transitivo, sigamos com a análise a partir das contribuições de Givón (2001).

A.2. A semântica dos verbos que fazem parte do evento transitivo conforme Givón (2001)

Dado	A semântica do verbo	Análise
9. eu fui ganhá três hora da tarde	Verbo com mudança de lugar do paciente	O verbo ganhar tem espectro de ação. E aqui há um objeto direto modificado no quesito lugar

Assim como o dado **4. ganhava**, a oração **9** possui o verbo ganhar expressando mudança de lugar do paciente, conforme os estudos de Givón (2001). O verbo ganhar, nesse sentido, possui espectro de ação: a mulher kalunga não recebe a criança sem ter feito esforços físicos. Por essa razão que consideramos a ação em ganhar. Mas é importante reafirmar que ganhar é menos agentivo do que parir, visto que o primeiro verbo é de natureza metafórica no contexto de se ter um bebê, conforme mencionamos no início desta subseção analítica. Abaixo, continuamos a análise desse evento transitivo partindo do escopo da voz e valência.

A.3. Voz e Valência

Dado	Voz	Valência sintática	Valência semântica	Análise
eu fui ganhá treis hora da tarde	Voz ativa	2 argumentos	2 argumentos	Voz ativa não marcada no verbo e ganhar como ação do parto. As valências estão conforme o protótipo deste verbo.

No dado em questão, a voz ativa acontece pelo fato de considerarmos, nesta tese, o verbo ganhar, no sentido de ter um filho, como ação, expressando o resultado do trabalho de parto. É importante salientar que a completude da ação, por meio do pretérito perfeito, é revelada no verbo auxiliar "ir" (fui), sendo que ganhar está no infinitivo. Este uso é comum no PB, em que o verbo ir gramaticalizou-se para carregar as informações gramaticais relativas ao tempo e ao modo do verbo principal. Entretanto, aqui não ocorre apenas esta gramaticalização. Pelo todo discursivo, percebemos uma movimentação de trajeto desta colaboradora. Ela mora no Vão de Almas-GO, vai para a cidade ganhar a criança e, depois, volta para a comunidade kalunga. O "fui" aqui não é somente um auxiliar. Ele também apresenta o espectro de trajeto da mãe com o intuito de ter a sua filha.

A valência sintática de **eu fui ganhá treis hora da tarde** está configurada como bivalente. Na oração, existem dois argumentos: o sujeito "eu" e o objeto direto não explícito "o bebê". E a valência semântica também apresenta, neste evento transitivo, dois participantes, "eu" (colaboradora) e o bebê. Contudo, uma reflexão faz-se necessária de ser registrada: no que tange à valência semântica, é possível considerar redução de valência. Isso se justifica porque, nesse evento transitivo, há uma

concentração das ações no participante "eu" (a colaboradora). Mas mantemos a noção de bivalência porque o participante "o bebê" é recuperável pelo todo do enunciado discursivo.

A.4. Relações Gramaticais e adjuntos em geral

Dado	RG	ADJUNTOS E OUTROS	Análise
eu fui ganhá treis hora da tarde	Sujeito: eu (a colaboradora); OD não explícito: o bebê	Adjuntos adverbiais de tempo: treis hora da tarde.	As RG cumprem as ligações sintáticas exigidas pelo verbo ganhar. E os adjuntos adverbiais de tempo situam o interlocutor na sequência dos acontecimentos relatados pela colaboradora.

As relações gramaticais acima representadas acerca do evento transitivo **eu fui ganhá treis hora da tarde** seguem a tendência de toda a análise de dados: o verbo - ganhar, que seleciona dois argumentos - se relaciona com um sujeito anteposto e um objeto não explícito. Isso, como já citamos no decorrer deste capítulo, configura-se como estrutura de protótipo do PB, a SVO. Esse evento transitivo possui dois adjuntos adverbiais de tempo em sua composição, posicionados após o verbo. A consequência discursiva do uso de dois adjuntos nesse dado é a orientação de tempo para o interlocutor dos fatos narrados na entrevista.

A.5. Papéis semânticos

Dado	Papéis semânticos	Análise
Eu fui ganhá treis hora da tarde	sujeito agente e objeto direto paciente.	O sujeito é agente, pois realizou ações em prol do parto. E o objeto muda de lugar.

O sujeito agente e o objeto direto paciente são papéis semânticos desse dado no sentido de que o sujeito exerceu ações relativas ao parto, e o objeto mudou de lugar. Para ganhar a criança, no instante do parto, a colaboradora realizou ações físicas para a saída da criança de seu corpo. Além disso, como mencionamos, o verbo auxiliar da perífrase (fui) pode remeter também ao deslocamento físico (Vão de Almas até a cidade

e também deslocamento até o hospital para ganhar a criança). O objeto, por sua vez, modificou de lugar no tocante a sua saída do ventre materno para a vida exterior.

A.6. Papéis pragmáticos

Dado	Papéis pragmáticos	Análise
Eu fui ganhá treis hora da tarde	Tópico: "eu" (a colaboradora); Foco: "a criança".	O tópico aponta sobre o que se quer enunciar. O foco é a informação nova a respeito do tópico.

Os papéis pragmáticos são, no dado acima, o tópico "eu" e o foco "a criança". O tópico, como já apresentamos nas análises desta tese, é o elemento a respeito que se deseja elucidar uma informação nova. Por isso, "eu" (a colaboradora) é o tópico desse evento transitivo. Já o objeto direto não explícito, mas recuperável no enunciado discursivo (a criança) é a informação nova, o foco.

A.7. Iconicidade Diagramática

Dado	Tipo de Iconicidade: Quantidade Complexidade Coesão	Análise
Eu fui ganhá treis hora da tarde	Iconicidade de quantidade	Aumento de material linguístico com uso de adjuntos.

Quanto à iconicidade, o dado acima apresenta aumento de quantidade de material linguístico por ter dois adjuntos adverbiais de tempo em sua formação diagramática. Essa composição de iconicidade provoca uma reflexão sobre o peso discursivo-pragmático dos adjuntos. Conforme a gramática tradicional, por exemplo, os adjuntos são apresentados como termos acessórios somente, que podem ser descartados de uma sentença. Em nossa análise, observamos os adjuntos de forma distinta. Eles não são argumentos ou estruturas obrigatórias ligadas a um verbo. Todavia, também não são

apenas acessórios. A função dos adjuntos é situar determinado evento ou contexto, com conteúdos os quais contribuem para maior compreensão do que está sendo dito por alguém. No caso de "treis hora da tarde", esses dois adjuntos propiciam exatidão, precisão para o que a colaboradora enunciou. São informações adicionais discursivas.

A.8. Metáfora e Metonímia

Dado	Metáfora ou metonímia	Análise
Eu fui ganhá treis hora da tarde	Metáforas conceptuais.	As metáforas conceptuais encontram-se na perífrase (uma no verbo ganhar, e a outra em ir).

Lakoff & Johnson (2002) ressaltam que a metáfora conceptual é a transposição de um conceito específico para outros distintos. No dado acima, a perífrase verbal "fui ganhá" é formada por duas metáforas conceptuais. A primeira se refere ao núcleo da perífrase. O verbo ganhar, como já discutimos nesta subseção, é metafórico porque é um uso de outro domínio realizado no contexto do parto; a ideia de ganhar um bebê, inerente ao campo do parto, vem da ideia de se receber um presente. Ou seja, ganhar um bebê tem relação com ganhar um presente. Contudo, o verbo ganhar, no âmbito do parto, possui espectro de ação, uma vez que a mulher realiza ações físicas para se ter um bebê. Por isso, esse é um caso de metáfora conceptual.

Esse tipo de metáfora também pode ser visualizada no verbo auxiliar da perífrase (fui). O verbo ir não é apenas auxiliar do ganhar para representar tempo, modo e aspecto da perífrase. Em "fui" há a ideia de trajetória da colaboradora para ter sua filha: deslocamento para a cidade antes do parto, para o hospital nos instantes antes de ganhar a criança. Portanto, também é um caso de metáfora conceptual.

B - Segundo eixo analítico: ECD e Ecossistema da Língua

B.1. As estruturas do discurso ideológico

Fenômeno	Dado	Análise
Tópico	Eu já tava no Alto; Aí ele veio de lá pa busca os remédio; Aí ele veio e nem inspiração de que ia ganhá menina não; Aí, dei dor, saí; eu fui ganhá treis hora da tarde; por agora num penso ni fi não.	Informações relevantes e seminais do enunciado discursivo.
Implicações e pressuposições	Aí ele veio de lá pa busca os remédio.	Pressupõe-se que "de lá" se refere à comunidade kalunga Vão de Almas-GO.
Coerência local	Eu já tava no Alto; Aí dei dor treis hora da manhã, eu fui ganhá treis hora da tarde. A menina subiu pra boca do estômago, vixi, já tava sentino falta de ar. É né muito bom não. Aff Maria! Pur isso que... por agora num penso ni fi não	Sequência verossímil e coerente dos fatos relatados pela colaboradora.
Atores	colaboradora; sua filha; seu esposo.	Participantes do todo enunciativo.

Os tópicos presentes nesse dado revelam informações importantes acerca do enunciado discursivo em questão. A jovem mãe colaboradora, de acordo com o tópico "Eu já tava no Alto", encontrava-se na cidade antes de sua filha nascer, para ter acesso ao atendimento no hospital. "Alto" refere-se à cidade de Alto Paraíso-GO. O segundo tópico expressa outra informação relevante: mesmo na cidade, à espera de ter a filha no hospital, o pai da criança foi até o Vão de Almas-GO buscar os remédios "do mato", isto é, das plantas medicinais kalunga.

Isso comprova o que defendemos nesta tese a partir das interações com as colaboradoras do Vão de Almas-GO: a mulher kalunga, na atualidade, de modo geral, busca atendimento hospitalar no parto, no pré-natal e outras etapas de cuidado. Porém saberes tradicionais não são abandonados. Ao contrário: são utilizados em concomitância com a medicina alopata. O povo kalunga sofre modificações sociais com o tempo e com o contato cada vez maior com o mundo externo. No entanto, não podemos afirmar que isso é apagamento cultural, por exemplo. O hospital é visto como alternativa essencial para garantir a vida da mãe e do bebê, com recursos mais apurados de salvamento de vidas. E os cuidados kalunga são vivenciados como conhecimentos inerentes ao bem-estar e saúde. Quanto ao ofício das parteiras, notamos diminuição sim em sua atuação. Mas elas, com seus vastos conhecimentos e experiências, resistem,

estão à disposição tanto para fazer partos (caso seja necessário) quanto para ensinar/orientar as mais jovens.

Nesse contexto social, há duas preocupações que reconhecemos: a possibilidade de desaparecimento da figura da parteira com o tempo (cumpre dizer que, no período de trabalho de campo, no contexto que pesquisamos, tivemos notícias de apenas uma mulher adulta interessada em aprender a ser parteira) e a falta de articulação dos hospitais do SUS da região com os conhecimentos tradicionais (cf. capítulo metodológico). O desaparecimento das parteiras precisa ser evitado para que o conhecimento kalunga sobre o parto seja sempre vivenciado, em prol da saúde dessas pessoas. E um território de difícil acesso e sem hospital como o Vão de Almas-GO precisa ter pessoas habilitadas para atendimento às parturientes. O SUS, por sua vez, diante dessa situação, deve investir em capacitação e estrutura de trabalho para seus/suas profissionais desenvolverem suas atividades em consonância com as especificidades do povo kalunga. Assim garantiria saúde e, sobretudo, cidadania.

Após essa reflexão provocada pelo tópico anterior, outras informações do discurso (e que também são tópicos) apresentam-se como seminais: "Aí ele veio e nem inspiração de que ia ganhá menina não"; "Aí, dei dor, saí" e "eu fui ganhá três hora da tarde". Quando o pai volta do Vão de Almas-GO com os remédios, o nascimento da criança ainda não tinha ocorrido e nem havia "inspiração", isto é, a mãe sabia que não havia chegado a hora do parto. Depois disso, a colaboradora destaca o tempo de início do parto, as dores e relata o momento exato de nascimento da filha. Ao final desse enunciado discursivo, a colaboradora afirma que não pensa em ter filhos no momento. As dores e dificuldades enunciadas fizeram com que essa colaboradora possua tal opinião (representada pelo tópico "por agora num penso ni fi não").

A estrutura ideológica implicações e pressuposições encontra-se ancorada no dado "Aí ele veio de lá pa busca os remédio". Nesse caso, o uso "de lá" é uma pressuposição que "de lá" é do Vão de Almas-GO. Tal pressuposição se confirma pela compreensão holística, do todo do enunciado discursivo.

A coerência local é constituída pelos dados "Eu já tava no Alto"; "Aí dei dor três hora da manhã, eu fui ganhá três hora da tarde"; "A menina subiu pra boca do estômago, vixi, já tava sentino falta de ar. É né muito bom não. Aff Maria! Pur isso que... por agora num penso ni fi não". O primeiro dado remete à presença na cidade da parturiente antes do parto, como mencionamos. O segundo dado de coerência local remete ao instante do parto. Por fim, a colaboradora enuncia as dificuldades enfrentadas

para ganhar a criança e, em seguida, emite a opinião de que não deseja ter mais filhos - pelo menos nesse período. Essa sequência aqui delineada sedimenta a compreensão, a coerência do enunciado e também a sua plausibilidade. É importante dizer que os atores do enunciado discursivo em tela são a colaboradora, sua filha e seu esposo.

Essas reflexões a respeito das estruturas ideológicas do discurso suscitam um outro viés analítico, a partir das concepções de Ecosistema da Língua. Tais concepções amparam ainda mais as nossas reflexões sobre o discurso do parto no recorte proposto nesta tese de doutorado.

B. 2. As influências do Ecosistema da Língua sob o discurso do parto

Dado	Povo, Território ou Língua no âmbito das escolhas lexicais	Análise
Eu já tava no Alto. Aí ele veio de lá pa busca os remédio.	Esse dado não possui uma escolha lexical específica da comunidade kalunga, porém o deslocamento e "os remédio" constituem essa discussão.	Os dados mostram que o território kalunga está presente, via territorialidade, em outro local onde a mulher kalunga foi ganhar a filha.

O Ecosistema da Língua, nesse dado, se apresenta nas questões de territorialidade. Conhecimentos e experiências típicas do Vão de Almas-GO, no âmbito do parto, acompanham as mulheres kalunga em qualquer lugar. Essa colaboradora, residente no Vão de Almas-GO, quando estava grávida e perto de ganhar a criança, se deslocou até a cidade de Alto Paraíso-GO para esperar a hora do parto e vivenciá-lo no hospital. Contudo, os cuidados típicos kalunga não ficaram para trás. Seu esposo também fez o trajeto Vão de Almas-GO / Alto Paraíso-GO com o intuito de buscar os remédios feitos a partir das plantas medicinais kalunga para cuidados do parto. É nesse cenário de deslocamento, trajetos e conhecimentos que a territorialidade se revela. A mulher kalunga, nesse dado, não abandona seus saberes e sua identidade relativos ao parto, mesmo estando em outro território. E tais conhecimentos são também revelados via letramentos. Por isso, continuaremos essa discussão na próxima camada analítica.

C - Terceiro eixo analítico: Letramentos

C. Os Letramentos Emergentes da Comunidade: imaterialidade e conhecimento

Letramentos internos	Letramentos externos	Análise
Aí ele veio de lá pa busca os remédio.	Eu já tava no Alto.	A colaboradora demonstra conhecimento externo relativo ao parto em concomitância com conhecimento tradicional.

A colaboradora jovem, ao relatar sua experiência de parto, já inicia o enunciado discursivo com uma afirmação ("Eu já tava no Alto"). Isso indica uma prática comum das gestantes na atualidade: ir até a cidade onde terá a criança ainda gestante, antes do parto. Isso devido ao difícil acesso do território kalunga. Portanto, para quem opta por ter um filho na cidade [e isso tem sido cada vez mais comum], recomenda-se que saia do território kalunga com antecedência. Contudo, mesmo aguardando o aparato do hospital, na cidade, o esposo da colaboradora foi até o Vão de Almas buscar as plantas medicinais de cuidados típicos kalunga para parturiente e bebê ("Aí ele veio de lá pa busca os remédio").

O dado em tela é a representação da coexistência, na atualidade, em relação ao parto das mulheres kalunga, da viência das práticas sociais ligadas tanto aos letramentos orais, vernaculares quanto aos conhecimentos externos: a mulher kalunga busca os hospitais principalmente para o parto e busca seguir os cuidados tradicionais, em concomitância. Os cuidados, os remédios com plantas medicinais kalunga são ensinados pelos mais velhos por meio da oralidade. É o letramento vernacular vivo nas experiências das mulheres kalunga. Por isso, reafirmamos acerca da necessidade do SUS em capacitar seus profissionais de saúde para que não ocorram relações de dominação e, sim, de cooperação entre esses conhecimentos. Nesse sentido, o dado a seguir, relacionado às gestantes kalunga, ratifica essas questões levantadas neste ponto da nossa análise.

3.2.4. O protocolo-mãe: com a palavra, as gestantes

As gestantes finalizam nossa análise pelo fato de serem as colaboradoras mais próximas do parto em si, isto é, elas estão prestes a vivenciar muitas experiências aqui relatadas pelas colaboradoras. Para esta etapa da análise, arrolamos o verbo *seguir* no sentido de registrar que as mulheres kalunga grávidas também utilizam os

conhecimentos kalunga acerca do parto, da gestação e seus cuidados. Logo, elas seguem conhecimentos kalunga sobre o parto. Assim, percebemos que a sabedoria e os costumes kalunga continuam vivos nas gestantes de hoje, como veremos a seguir:

(7) Sentá na porta qui diz qui num pode.

Pesquisadora: Cê segue?

S:G: **Sigo.** Num ir pra frente e voltá pra trás. Não dexa a culhé dentro da panela qui diz qui também num podi. É só isso. Num dexa ropa as aveste também diz qui num é bom.

Pesquisadora: Como a roupa?

S:G: A ropa as aveste, diz que num é bom não, muitas veiz a criança nasci com probrema. (S:G:07)

O dado em questão aponta que o povo kalunga diz que a gestante não pode sentar na porta, andar para frente e voltar em seguida, deixar colher dentro de panela e não pode deixar roupas do avesso. Todas estas ações são para garantir o êxito no parto e a saúde da criança.

É válido ressaltar que Casseb-Galvão (2001) realizou um estudo sobre evidencialidade e gramaticalização da expressão *diz que* no PB. A autora discutiu os usos de *diz que* partindo dos usos predicativos e não-predicativos, sendo os últimos o centro de sua discussão. Em nossos dados, reconhecemos a estrutura com *diz que* como evidencial. Além disso, o *dizer* aqui tem espectro de ação: pelo contexto discursivo, o verbo *dizer* tem um sujeito [o povo kalunga ou as mulheres mais velhas kalungas, detentoras de conhecimentos] que, oralmente, passam seus conhecimentos às gerações mais novas. E este *dizer* possui o mesmo viés de ação do aprender/ensinar, que iniciou nossa análise: são experiências cognitivas com ações vivenciadas em conjunto, na cultura e no modo de ver o mundo. Portanto, o dizer no dado em questão é ação no plano semelhante do ensinar e do aprender; e também impulsiona a ação de quem compartilha do conhecimento.

Já o verbo seguir, presente na oração transitiva que analisaremos a seguir, apresenta ação no mesmo campo do ensinar e do aprender. Seguir orientações, ensinamentos não é tão físico quanto seguir no sentido de se direcionar em um caminho, em uma estrada, por exemplo. No entanto, seguir orientações provocam ações de cuidados no contexto do parto.

A - Primeiro eixo analítico: a transitividade do discurso do parto

A.1. A escala de transitividade conforme Hopper & Thompson (1980)

Dado	Participantes	Cinese	Aspecto	Pontualidade	Intencionalidade do sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade do sujeito	Afetamento do O	Individuação do O	TOTAL	ANÁLISE
Sigo	+	+	-	-	+	+	+	+	-	-	6	Transitividade de grau baixo.

Este dado é formado por sujeito “eu”, a colaboradora gestante, o verbo “seguir” e pelo objeto direto não explícito “as orientações kalunga”. O verbo seguir possui espectro de ação, visto que a colaboradora, por seguir os ensinamentos kalunga, é motivada a realizar ações de cuidados típicos da comunidade. No contexto em análise, por exemplo, a colaboradora afirma não sentar na porta, não volta para trás, na condição de gestante, porque é um ensinamento passado, oralmente, entre as/os kalungas do Vão de Almas-GO.

Em relação à transitividade, pautados nos parâmetros de Hopper & Thompson (1980), reconhecemos gradiência baixa nesta oração. Os participantes do evento transitivo são dois, "eu", a gestante colaboradora e as orientações kalunga. A cinese aponta “seguir” como ação no que concerne à motivação de atitudes a serem tomadas em prol do bem da gestação.

Os parâmetros aspecto e pontualidade possuem grau baixo: a ação não está acabada e, por isso, não há relação de ação pontual nesse evento transitivo. O uso do presente se justifica pelo fato da colaboradora estar grávida e, também, para apontar a continuidade do ensinamento (no passado e no presente, o povo kalunga diz que mulher grávida não pode se sentar na porta, por exemplo).

O sujeito “eu” é intencional e agentivo. Há volição em agir, na gravidez, conforme as ações típicas do território e da comunidade. A oração, como um todo, é afirmativa e *realis*: “eu”, a colaboradora grávida, confirma que age, no presente, de acordo com os ensinamentos kalunga em relação aos cuidados com sua gestação.

Por fim, no que se refere ao objeto, podemos apontar que ele não é afetado e não é individuado. Quanto ao afetamento, não ocorre transferência de ação do sujeito para o

objeto. Na realidade, quem é afetada por seguir as orientações kalunga é a gestante, não o contrário. E a respeito da individuação, o objeto não explícito "as orientações kalunga" é comum, inanimado, abstrato, plural e não referencial. Por esses motivos, o objeto não é individuado. Após essas constatações a partir de Hopper & Thompson (1980), vejamos o dado em análise à luz da semântica dos verbos de Givón (2001).

A.2. A semântica dos verbos que fazem parte do evento transitivo conforme Givón (2001)

Dado	A semântica do verbo	Análise
10. Sigo	Verbo com sujeito agente e objeto direto tema.	O sujeito age à medida que vive as orientações do povo kalunga no tocante ao parto (tema).

O verbo seguir, com seu espectro de ação, possui um sujeito agente. No caso, a gestante segue as orientações kalunga sobre cuidados com o parto e a gravidez. Cumpre ressaltar que o objeto não explícito é o tema referente ao evento transitivo. Na realidade, o sujeito que é afetado pelas ações: à medida que a colaboradora segue os ensinamentos em questão, ela que sente os efeitos de tais atitudes.

A.3. Voz e Valência

Dado	Voz	Valência sintática	Valência semântica	Análise
Sigo	Voz ativa	2 argumentos	2 argumentos	A voz ativa representa o espectro de ação desse evento transitivo. As valências possuem a mesma quantidade de argumentos.

Na última oração em análise, a voz ativa acontece no âmbito morfossintático de voz não marcada do PB, no verbo seguir com espectro de ação e como motivador de outras ações (práticas dos ensinamentos kalunga). A colaboradora não senta na porta, senta em outro lugar, porque ouviu este ensinamento de pessoas da comunidade Vão de Almas-GO e os segue, os aplica em sua vivência como gestante.

No tocante à valência sintática, existem dois argumentos, o sujeito "eu" e o objeto direto não explícito "as orientações kalunga". Portanto, esse verbo é bivalente e atende às expectativas sintáticas de se ter dois argumentos nesse caso. A valência

semântica, por sua vez, é realizada por meio de dois participantes, "eu", a gestante, e os ensinamentos kalunga seguidos por ela. Tais participantes são recuperados pelo todo do enunciado discursivo.

A.4. Relações Gramaticais e adjuntos em geral

Dado	RG	ADJUNTOS E OUTROS	Análise
Sigo	Sujeito não explícito: "eu"; OD não explícito: os ensinamentos kalunga	–	As RG codificam e viabilizam a constituição sintática desse dado.

Em **Sigo**, o verbo “seguir” possui suas características sintáticas prototípicas atendidas, com um sujeito e objeto não explícitos (“eu”, a colaboradora gestante e "os ensinamentos kalunga, respectivamente). Tal configuração das relações gramaticais se justifica porque “seguir” pede a relação de alguém que segue algo. E isso é realizado nesse dado, a partir da recuperação de sujeito e objeto pelo todo discursivo.

A.5. Papéis semânticos

Dado	Papéis semânticos	Análise
Sigo	Sujeito: agente; Objeto direto: tema.	O sujeito é agente, volitivo e responsável pelas ações. O objeto não sofre mudança, na realidade é o tema.

A oração **Sigo** possui sujeito agente "eu", a colaboradora gestante, e um objeto tema, que não sofre impactos ou mudanças pelas ações do sujeito. Isso se justifica pelo fato das ações do sujeito, aqui, terem impacto nele mesmo. Em outros termos, as ações da colaboradora gestante relativas a seguir os ensinamentos kalunga sobre parto e seus cuidados refletem nela mesma, no bem-estar de sua gravidez.

A.6. Papéis pragmáticos

Dado	Papéis pragmáticos	Análise
Sigo	Tópico: eu (a gestante); Foco: "as orientações kalunga"	O tópico é o elemento sobre quem se informa. Foco é a informação nova.

O dado em tela expressa o tópico "eu", a colaboradora gestante, elemento sobre quem se informa na oração. Já o o foco não aparece explícito nesse evento transitivo. Mas é possível compreendê-lo por meio do discurso. O que a gestante segue, nesse contexto, são orientações kalunga acerca dos cuidados relativos ao parto e à gestação.

A.7. Iconicidade Diagramática

Dado	Tipo de Iconicidade: Quantidade Complexidade Coesão	Análise
Sigo	Iconicidade de quantidade	Queda na quantidade de materialidade linguística.

A iconicidade de quantidade, nesse dado, em sua composição sintática para expressão do conteúdo, é verificada no âmbito da queda de materialidade linguística na oração **Sigo** enunciada pela colaboradora gestante. Ao invés de falar, nesse instante "Eu sigo as orientações kalunga", a colaboradora enuncia "Sigo", sendo os argumentos facilmente recuperados pelo todo discursivo.

A.8. Metáfora e Metonímia

Dado	Metáfora ou metonímia	Análise
Sigo	Metáfora conceptual.	Mudança de domínio

Em **Sigo**, há constituição metafórica conceptual. Em outras palavras, seguir orientações é um domínio distinto de seguir um trajeto físico. Logo, houve aqui mudança de domínio do verbo seguir a fim de expressar que a gestante age conforme os

ensinamentos do povo kalunga no que tange os cuidados do parto. E essa metáfora conceptual contribuiu para a queda da gradiência da transitividade, visto que um domínio mais físico, de trajeto foi empregado em um domínio de orientação. Cumpre ressaltar que o sentido de ação do verbo continua, mas em domínios disitintos.

B - Segundo eixo analítico: ECD e Ecossistema da Língua

B.1. As estruturas do discurso ideológico

Fenômeno	Dado	Análise
Implicações e pressuposições	qui diz qui num podi; qui diz qui também num podi; diz qui num é bom.	Esses dados remetem a duas implicações e pressuposições: quem diz (o povo kalunga, de forma geral) e quem não pode (a gestante).
Coerência local	qui diz qui num podi; Sigo; A ropa as aveste, diz que num é bom não, muitas veiz a criança nasci com probrema.	Sequência de proposições verossímeis e que propiciam coerência ao discurso proferido pela colaboradora.
Atores	Povo kalunga, gestante e criança kalunga.	São os participantes do discurso.
Evidencialidade	diz qui	Fonte das informações.

Nos dados “diz qui num podi”, “qui diz qui também num podi” e “diz qui num é bom” notamos duas implicações e pressuposições: quem diz e para quem é dito. No caso, quem enuncia os ensinamentos é o povo kalunga. E o principal interlocutor é a mulher kalunga grávida, quem deve, pelo menos em tese, seguir as orientações mencionadas.

A coerência local é uma estrutura do discurso ideológico que propicia a configuração da coerência do discurso. No enunciado em análise, existem três estruturas de coerência local, a saber, “qui diz qui num podi”, “sigo” e “A ropa as aveste, diz que num é bom não, muitas veiz a criança nasci com probrema”. A primeira se refere ao conteúdo a ser tratado em todo o enunciado discursivo (o que uma gestante pode ou não fazer conforme as orientações kalunga). Já a segunda estrutura aponta a postura da gestante entrevistada; ela segue as recomendações supracitadas. Em “Sigo”, a colaboradora demarca sua posição ideológica e de ação; ele segue, age na gravidez conforme as orientações da comunidade dela. Isso situa a interação, traz à baila a coerência de que os ensinamentos kalungas elencados fazem parte de sua rotina.

Por fim, a coerência local é concluída pelo fato da colaboradora afirmar algo que não é bom (ropa as aveste), de acordo com o povo kalunga, ressaltando o motivo: a

probabilidade de causar problemas de saúde para a criança. Logo, a coerência local é acionada pela ideia do que uma grávida não pode fazer para garantir a sua saúde e do bebê. Depois, a afirmação de seguir os ensinamentos típicos kalunga e, ao final, explicitar que a criança pode nascer com problemas devido ao não cumprimento do que foi orientado na comunidade.

Em relação aos atores ou participantes envolvidos no enunciado são o povo kalunga, a gestante e a criança que nascerá. Finalmente, a evidencialidade entra em cena com a estrutura “diz qui”. Mesmo a fonte não sendo explícita, pelo todo discursivo, sabemos que quem diz as orientações para gestantes kalungas são pessoas da comunidade. O “diz qui” não especifica quem exatamente, mas aponta que os conhecimentos citados pela colaboradora são de todos do território quilombola/kalunga.

B. 2. As influências do Ecossistema da Língua sob o discurso do parto

Dado	Povo, Território ou Língua no âmbito das escolhas lexicais	Análise
Sentá na porta qui diz qui num podi	Não há dado no âmbito das escolhas lexicais, mas sim nos sentidos dessas orientações kalunga no contexto do povo e do território.	Recomendações típicas do território repassadas, oralmente e pelas vivências, há várias gerações de mulheres kalunga.
Num ir pra frente e voltá pra trás. Não dexa a culhé dentro da panela qui diz qui também num podi. É só isso. Num dexa ropa as aveste também diz qui num é bom.		

As orientações kalunga do que uma gestante pode ou não fazer, como um todo, revelam as vivências do povo kalunga em seu território. Sentar à porta, por exemplo, é um hábito comum na comunidade. E foi mencionado em primeiro plano pela colaboradora que, quando a mulher está gestante, não pode fazer isso. As outras recomendações (não andar adiante e voltar para trás em seguida, não deixar colher dentro de panela e não deixar roupas de modo avesso) também mostram nuances cotidianas e que, culturalmente, são propagadas, via língua e interação, no âmbito do território kalunga, entre muitas gerações de mulheres. Vale ressaltar que, na experiência, essas recomendações certamente foram testadas e, por isso, até a atualidade não perderam sua validade.

C - Terceiro eixo analítico: Letramentos

C- Os Letramentos Emergentes da Comunidade: imaterialidade e conhecimento

Letramentos internos	Letramentos externos	Análise
Sentá na porta qui diz qui num pode; Num ir pra frente e voltá pra trás; Não dexá a culhé dentro da panela; Num dexá ropa as aveste.	Não tem neste enunciado.	A relação de ensino, aprendizado e aplicação das orientações kalunga.
Sigo.		
A ropa as aveste, diz qui num é bom não, muitas veiz a criança nasci com probrema.		

Todo o enunciado discursivo em tela constitui os letramentos que emergem da comunidade kalunga Vão de Almas-GO. Oralmente, sem compêndios, livros ou manuais escritos, orientações de ações são ensinadas, aprendidas e vivenciadas. Os letramentos essencialmente vernaculares da comunidade são configurados pela convivência e empirismo das/os kalunga.

Os dados “Sentá na porta qui diz qui num pode”; “Num ir pra frente e voltá pra trás”; “Não dexá a culhé dentro da panela”; “Num dexá ropa as aveste” são os conteúdos ensinados pelo povo kalunga, aprendidos pelas grávidas kalunga, ao mesmo tempo em que são práticas sociais situadas (STREET, 2014). Em “Sigo”, temos a confirmação da aplicação do conhecimento aprendido; a colaboradora gestante segue o manual oral de comportamento durante a gravidez. Ao final, é revelado o motivo de uma das orientações [*A ropa as aveste, diz qui num é bom não, muitas veiz a criança nasci com probrema*]. Evitar a criança nascer com problemas de saúde, bem como obter êxito no parto são as motivações da existência desses letramentos na comunidade, que emergem para a manutenção da vida kalunga e, por meio desta tese, emergem para o registro escrito dessas práticas sociais.

3.3. Considerações finais do capítulo

O capítulo analítico propiciou observarmos a transitividade do discurso do parto da comunidade kalunga Vão de Almas-GO em diferentes camadas, desde as mais gramaticais até às discursivas, ecolinguísticas e de letramentos. Isso foi possível pela organização do protocolo-mãe de análise de dados que propomos nesta tese. Os eventos transitivos apontaram o espectro da ação em nuances distintas, com enquadres mais ou

menos agentivos. Essa diversidade da ação, no âmbito da transitividade e demais camadas analíticas, propiciaram também um retrato qualitativo das vozes das mulheres kalunga do Vão de Almas-GO.

CONCLUSÃO

A presente tese confirmou as três hipóteses delineadas na Introdução. A seguir, relembremos tais hipóteses para refletirmos acerca delas no momento de encerramento deste trabalho:

1. Os discursos sobre o parto da comunidade kalunga Vão de Almas-GO, considerando contexto social e contruições ecolinguísticas, revelam conhecimentos dos cuidados inerentes ao parto e também as dificuldades enfrentadas pelas mulheres kalunga considerando a questão do difícil acesso da comunidade;
2. Sobre a transitividade, deve haver estruturas com transitividade prototípica, mas deve haver também estruturas com transitividade de grau mais baixo, evidenciando diferentes formas de enunciar os conhecimentos relacionados ao parto;
3. Os letramentos podem revelar que as kalunga mais jovens têm sim conhecimentos internos e externos relevantes sobre o parto e seus cuidados. E ao mesmo tempo em que parece haver uma preferência, de modo geral, pelo parto em hospital na atualidade, os cuidados tradicionais são presentes ainda, em concomitância com o conhecimento externo. Os letramentos escolares, por meio do planejamento das oficinas de letramentos com os/as professores/as kalungas, podem apontar que existe uma vontade da comunidade de manter os ensinamentos kalunga sobre cuidados relativos ao parto. Mas ainda há uma dificuldade em sistematizar essas ações em ambiente escolar.

A respeito da primeira hipótese, a nossa convivência com o povo kalunga, bem como nossas análises de dados, apontam que as mulheres kalunga, em primeira instância, possuem conhecimentos próprios e fundamentais sobre o parto para a manutenção da vida na comunidade. E, na atualidade, ainda vivenciam muitos desses conhecimentos tradicionais, passados de geração a geração especialmente por pessoas mais velhas e parteiras. Isso ocorre, hoje, em concomitância com a crescente busca por atendimento de saúde nas unidades do SUS da região e com as dificuldades inerentes do ir e vir de uma comunidade kalunga de difícil acesso como é o Vão de Almas-GO.

No que tange à transitividade, as análises tecidas, de modo qualitativo, mostraram que, no contexto do discurso do parto da comunidade kalunga Vão de Almas-GO, a transitividade de eventos cujos núcleos verbais são “aprender” e “ensinar”

tem gradiência alta pelo fato de esses verbos expressarem experiências mais físicas do que psicológicas. O verbo “fazer”, por sua vez, em "fazia aquelas oração", continua de ação, mas de ordem mais psicológica. Já os eventos com verbos “pegar”, “apanhar”, “parir” e “fazer (a força)” alcançam graus altos de transitividade porque remetem a contextos concretos de vivências das ações inerentes ao parto.

O verbo “ganhar”, especialmente se comparado ao “parir”, exprime menos ideia de agência. Contudo, as ações das mulheres, no ato de ganhar uma criança, encontram-se presentes, considerando-se o todo discursivo. E, por fim, o verbo “seguir”, em sua transitividade, expressa a ideia de vivência das orientações kalunga, não a ideia de trajeto físico. Mesmo assim, esse uso de “seguir” possui ações embutidas, visto que, se as gestantes seguem os ensinamentos kalunga sobre cuidados com a gravidez e o parto, elas praticam ações para isso.

Tais discussões e interpretações foram possíveis devido aos construtos teórico e metodológico que adotamos. No capítulo teórico, articulamos LCU, estruturas ideológicas do discurso e letramentos. Essas interfaces teóricas foram retomadas e desenvolvidas via Protocolo-Mãe no capítulo analítico e sedimentaram a análise da transitividade que destacamos aqui.

O Protocolo-Mãe, com suas distintas camadas analíticas, foi o elemento que materializou os nossos diálogos teóricos. Já a nossa metodologia, a postura ecoetnográfica, com pesquisa qualitativa e movimentos da pesquisa-ação, foram fulcrais não só para a geração dos dados. Nossa metodologia fundamentou o conhecimento do contexto da comunidade Vão de Almas-GO, e isso se refletiu nas análises – em especial na camada referente ao ecossistema das línguas (COUTO, 2007). Considerar as relações entre língua, povo e território no decorrer de todo o trabalho possibilitou análises mais atentas à realidade das colaboradoras kalunga.

Retomando a questão dos diálogos teóricos (e, conseqüentemente, analíticos), cabe ressaltar a presença de uma teoria discursiva nesta tese, os Estudos Críticos do Discurso propostos por van Dijk (1999, 2000, 2010). Esse escopo teórico permitiu que alcançássemos algo muito importante para uma abordagem funcionalista: articular mais as análises gramaticais, da língua em uso, com o discurso. Assim, as estruturas ideológicas do discurso propiciaram essa aproximação entre gramática e discurso, bem como auxiliaram na interpretação qualitativa da transitividade e de todo o enunciado que a envolve.

A última hipótese refere-se aos letramentos. E essa hipótese também se confirmou. As mulheres mais jovens kalunga, mesmo buscando cada vez mais partos em hospitais, demonstraram conhecimento das práticas kalunga inerentes ao parto e seus cuidados. Além disso, elas praticam muitos desses conhecimentos, principalmente no tocante ao uso das plantas medicinais, da alimentação e das práticas culturais. Logo, o letramento como práticas sociais, essencialmente oral, orgânico continua vivo, sendo ensinado e experienciado pelas kalunga, conforme abordamos em nosso Protocolo-Mãe (cf. capítulo analítico).

Os letramentos também fomentaram nossas ações de contribuição social da tese: as oficinas de Letramentos. Nessa etapa, percebemos sim a vontade das/os colaboradoras/es kalunga em manter os ensinamentos tradicionais acerca do parto e seus cuidados. Isso ficou comprovado com a participação em sala de aula e produções escritas das/os discentes de nono ano (cf. capítulo metodológico e apêndices). Quanto às dificuldades em organizar ações como as oficinas em questão no âmbito da escola, as/os docentes kalunga se dedicaram integralmente em todas as ações. E demonstraram total interesse em continuar com a abordagem, para que a escola vivencie experiências de letramentos como práticas sociais, multifacetados, articulando conhecimentos escolares e da comunidade.

Com essas reflexões finais a partir das hipóteses levantadas no início desta tese, podemos afirmar também que nossos objetivos (cf. Introdução) foram cumpridos. Analisamos a transitividade do discurso do parto da comunidade kalunga Vão de Almas-GO a partir de interfaces teóricas, metodológicas e analíticas inovadoras, com escopos tradicionalmente separados. Nesse sentido, esperamos que nossa pesquisa seja um incentivo a existência de futuros estudos que contemplem interfaces dessa natureza e, principalmente, que busquem contribuir no âmbito social das comunidades pesquisadas. Conviver, compartilhar e contribuir com a comunidade kalunga Vão de Almas-GO foi um processo transformador e fundamental para a produção deste trabalho.

Referências

- ALAMI, S.; DESJEUX, D.; GARABUAU-MOUSSAOUI, I. **Os métodos qualitativos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, M. de F. A. Tempo Escola e Tempo Comunidade: Territórios Educativos na Educação do Campo. In: ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, M. de F. A.; MARTINS, A. A. (orgs.). **Territórios educativos na Educação do Campo: escola, comunidade e movimentos sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 21-33.
- ARAÚJO, G. P. de. **O conhecimento etnobotânico dos Kalunga: uma relação entre língua e meio ambiente**. Tese de Doutorado. UnB, Brasília, 2014. 191p.
- BAIOCCHI, M. de N. **Kalunga: Povo da Terra**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad.: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBIER, R. **A Pesquisa-Ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- BARÐDAL, J.; GILDEA, S. **Diachronic Construction Grammar: Epistemological Context, Basic Assumptions and Historical Implications**. In: BARÐDAL, J.; SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L.; GILDEA, S. (eds.). s.d.
- BARTON, D. **Literacy: an introduction to the Ecology of Written Language**. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 1994.
- BARTON, D. & HAMILTON, M. **Local literacies**. London: Routledge, 1998.
- BARTON, D; HAMILTON, M. Literacy practices. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (eds.) **Situated Literacies**. London: Routledge, 2000, p. 7-15.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 19/10/2014.
- BORDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E. C. **Lexicalization and Language Change**. UK: Cambridge University Press, 2005.

BRITO NETO, J. C. de. **A informação na construção cidadania entre os calungas**, 2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP13B_RITO.pdf. Acesso em: 20/09/2014.

CAMACHO, R. G. Construções de voz. In: ABAURRE, M. B; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). **Gramática do Português Falado**, v. 8, Campinas: UNICAMP, 2002, p. 227-316.

CASSEB-GALVÃO, V. C. **Evidencialidade e Gramaticalização no PB**: os usos da expressão "diz que". Tese de Doutorado. UNESP, Araraquara, 2001.

COUTO, H. H. do. **Ecolinguística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

CROFT, W. External motivation and the typology of form-function relations. In: _____. **Typology and Universals**. New York / Melbourne: Cambridge University Press, 1990, p. 155-202.

CRUZ, A. P. da. **Parto natural e parto normal**: qual o diferencial? 2009. Disponível em: http://www.coren-sp.gov.br/sites/default/files/revista_enfermagem_julho_2009_0.pdf. Acesso em: 10/04/2017.

DIJK, T. A. van. **Ideología**: una aproximación multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa, 1999.

_____. **Ideology and discourse**: a multidisciplinary introduction, 2000. Disponível em: <http://www.discourses.org/OldBooks/Teun%20A%20van%20Dijk%20-%20Ideology%20and%20Discourse.pdf>. Acesso em: 05/10/2013.

DIJK, T. A. van. **Ideologia**, 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/23139>. Acesso em: 10/06/2017.

DIJK, T. A. van.; HOFFNAGEL, J.; FALCONE, K. (orgs.). **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2010.

DIK, S. C. Methodological preliminaries. In: **The Theory of Functional Grammar**. Part 1: The Structure of the Clause. Ed. by Kees Hengeveld. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. **Linguística cognitiva**: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

DUQUE, P. H. **Teoria dos Protótipos, Categoria e Sentido Lexical** (primeira parte), s.d.a. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(21\)13.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(21)13.htm). Acesso em: 10/09/2014.

_____. **Teoria dos Protótipos, Categoria e Sentido Lexical** (segunda parte), s.d.b. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(22\)13.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(22)13.htm). Acesso em: 10/09/2014.

ENGEL, G. I. **Pesquisa-ação**, 2000. Disponível em: http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf. Acesso em: 12/12/2013.

ERICKSON, F. Descrição Etnográfica. In: MATTOS, C. L. G. de (trad.). **Etnografia na Educação**: textos de Frederick Erickson. Rio de Janeiro: NetEdu, 2004, p. 2-30.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad.: Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29-55.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M de. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013, p. 13-40.

GEE, J. P. **Social Linguistics and Literacies**. London and New York: Routledge, 2008.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, v. I, 1984.

_____. **English Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993a.

_____. **Syntax**: an introduction. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

_____. **A compreensão da gramática**. Trad.: Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta, Filipe Albani. Revisão técnica da tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha, Maria Alice Tavares, Edvaldo Balduino Bispo. São Paulo: Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acesso em: 23/06/2014.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L. [et al.]. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 15-66.

GONÇALVES, C. A. **Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas**, 1998. Disponível em: <http://www.relin.letras.ufmg.br/revista/upload/02-Carlos-Alex.pdf>. Acesso em: 10/10/2014.

HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the Functions of Language**. Londres: Edward Arnold, 1973.

HASPELMATH, M. **Frequency vs. iconicity in explaining grammatical asymmetries**, 2008. Disponível em: http://www.eva.mpg.de/fileadmin/content_files/staff/martin_haspelmath/pdf/Iconicity.pdf. Acesso em: 07/07/2014.

HEINE, B. **Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 1991.

_____. **Grammaticalization**, s.d. Disponível em: <http://www.unm.edu/~tyhei/Grammaticalization%20-%20Heine.pdf>. Acesso em: 02/07/2014.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, T. (ed.). **Syntax and semantics: discourse and syntax**. New York: Academic Press, v. 12, 1979.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. In: BRIGHT, W. (org.). **Language: Journal of the Linguistic Society of America**. Baltimore: Waverly Press, 1980. v. 56. n. 2. p. 251-299.

HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: J. B. Pride and J. Holmes (eds.) **Sociolinguistics**. Selected Readings. Harmondsworth: Penguin, 1972, p. 269-293 (Part 2).

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about mind**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LUKE, A. **Critical Literacy in Australia**, 2000. Disponível em: <http://www.paddle.usp.ac.fj/collect/paddle/index/assoc/pride024.dir/doc.pdf>. Acesso em: 20/09/2013.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

MARTELOTTA, M. E.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. de. (org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 87-106.

MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. A Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília: Estratégias Político-Pedagógicas na Formação de Educadores do Campo. In: _____ (orgs.). **Licenciaturas em Educação do Campo: registros e reflexões a partir das experiências-piloto**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

NEVES, M. H. de M. Uma visão geral da gramática funcional. In: **Alfa**. São Paulo, n. 38, 1994, p.109-127.

_____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

PAIVA, J. Compreensões da Educação Popular e questões que subsidiam a formação do educador. In: SANTOS, R. E. dos.; ALVARENGA, M. S. de.; NOBRE, D.; ALENTEJANO, P. (orgs.). **Educação Popular, Movimentos Sociais e Formação de Professores: diálogos entre saberes e experiências brasileiras**. Petrópolis, RJ: DP et Alii: Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010, p. 141-153.

PAYNE, T. E. **Describing Morphosyntax: A Guide for Field Linguistics**. CUP, 1997.

_____. **Exploring Language Structure: a student's guide**. New York: Cambridge University Press, 2006.

PEZATTI, E. G. **Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre tema, tópico e foco**, 1998. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4272/3861>. Acesso em: 01/10/2014.

_____. O Funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. Vol. III. p. 165-218.

PINTO, D. C. de M.; ALONSO, K. S. B.; CEZARIO, M. M. Trajetórias: Mário Martelotta e os estudos em gramaticalização. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013, p. 41-58.

RIBEIRO, R. R. **A transitividade em cartas do leitor à luz do funcionalismo**. Dissertação de Mestrado. UFG, Goiânia, 2009. 113p.

RIOS, G. V. **Literacy Discourses in Two Socioeconomically Differentiated Neighbourhoods in Brazil: a study in Situated Literacies and Critical Discourse Analysis**. Thesis submitted for the degree of Ph.D. Lancaster University, England, UK, 2002. 394p.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSCH, E. **Principles of Categorization**, 1978. Disponível em: http://commonweb.unifr.ch/artsdean/pub/gestens/f/as/files/4610/9778_083247.pdf. Acesso em: 20/05/2016.

SCHEFLER, M. de L. N. **Gênero, autonomia econômica e empoderamento. O real e o aparente: sistematização de processos de investigação-ação e/ou de intervenção social**, 2013. Disponível em: <http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/75/73>. Acesso em: 20/10/2014.

SOUSA, R. M. de. **Gênero Discursivo Mediacional, da Elaboração à Recepção: uma Pesquisa na Perspectiva Etnográfica**. Tese de Doutorado. UnB, Brasília, 2006. 257p.

STREET, B. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. In: MAGALHÃES, I. (org.). **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Trad.: Izabel Magalhães. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, p. 69-92.

_____. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TAYLOR, J. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. Oxford: Clarendon Press, 1989.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

THOMAS, J. **Doing critical ethnography**. London: SAGE, 1999.

TRAUGOTT, E. C. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**, 1997. Disponível em: http://www.wata.cc/forums/uploaded/136_1165014660.pdf. Acesso em: 22/06/2014.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 15/01/2013.

ZAHARLICK, A.; GREEN, J. L. Ethnographic Research. In: FLOOD, J.; JENSEN, J. M.; LAPP, D.; SQUIRE, J. R. (eds.). **Handbook of research on teaching the English language arts**. New York: MacMillan, 1991, p. 205-225.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Questionário para profissionais da área de saúde de Cavalcante-GO**Identificação do/a colaborador/a**

1. Idade: _____
2. Cargo:
- Auxiliar de Enfermagem
- Técnico/a em Enfermagem
- Enfermeiro/a
- Médico/a
- Outro: _____

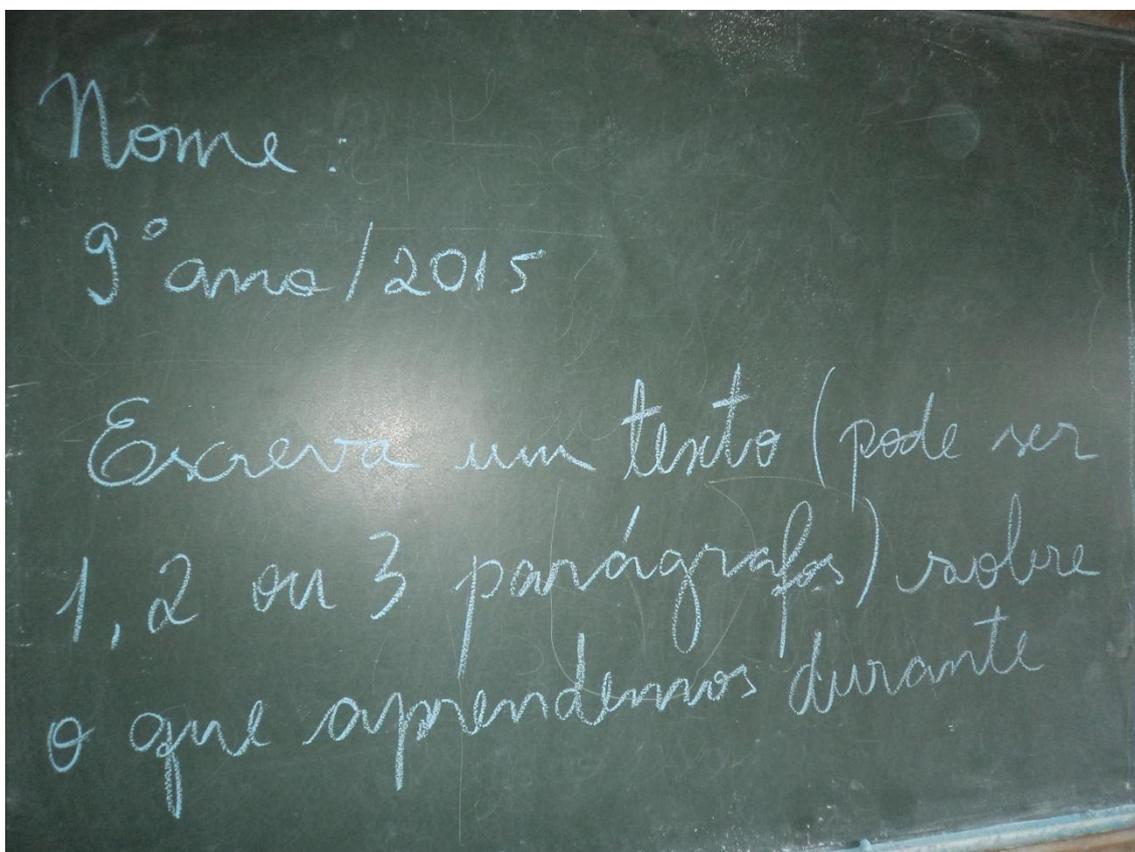
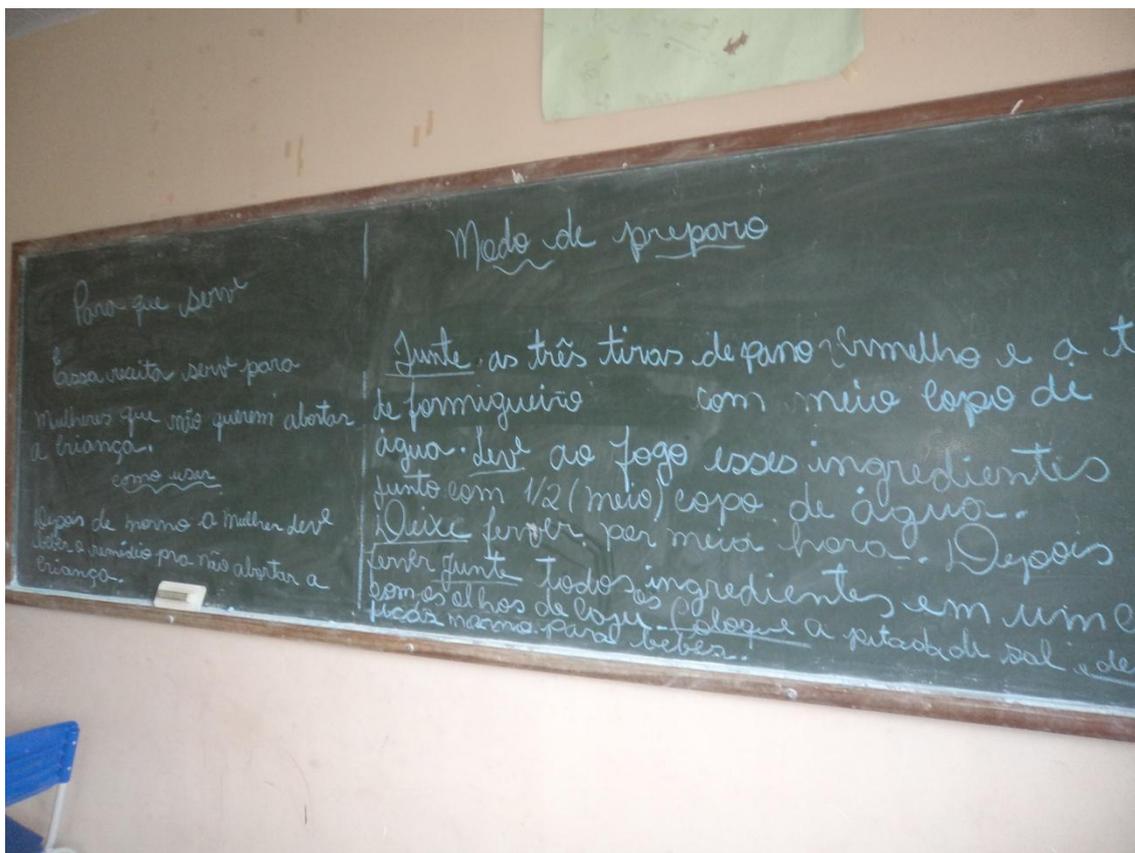
Reconhecimento do próprio ofício

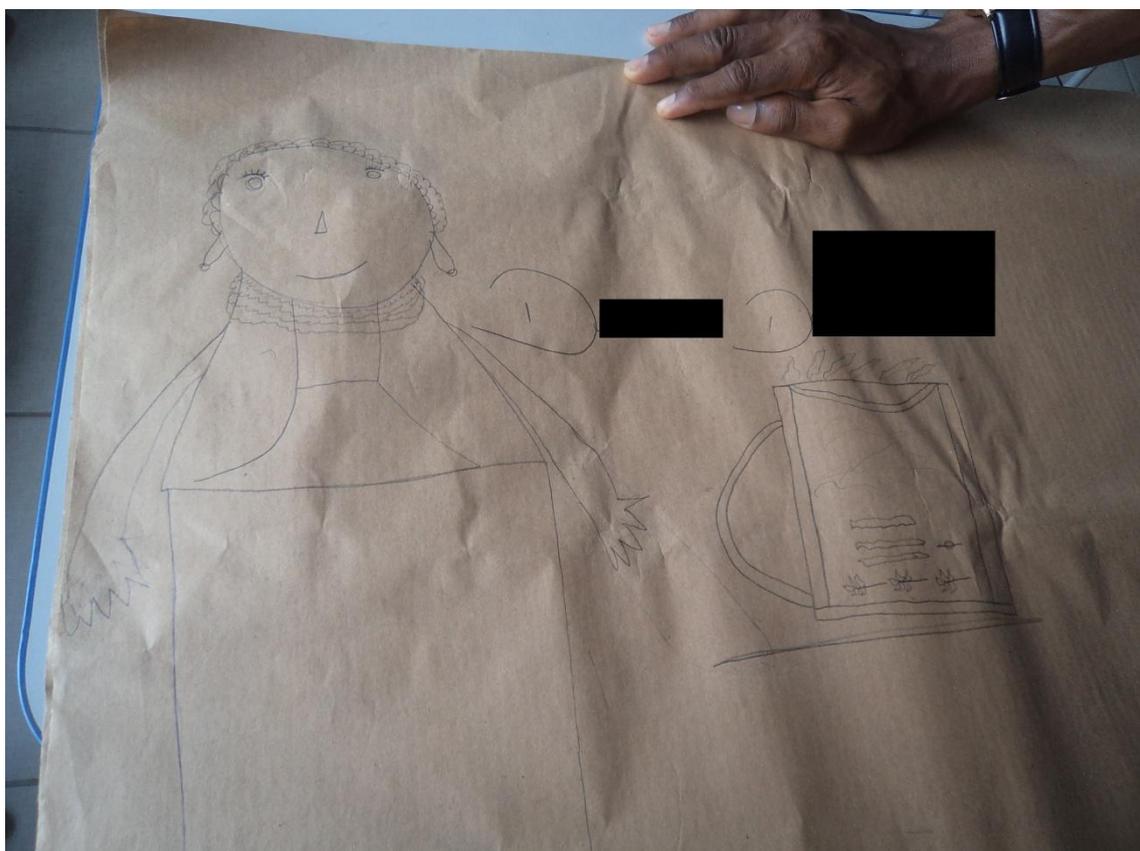
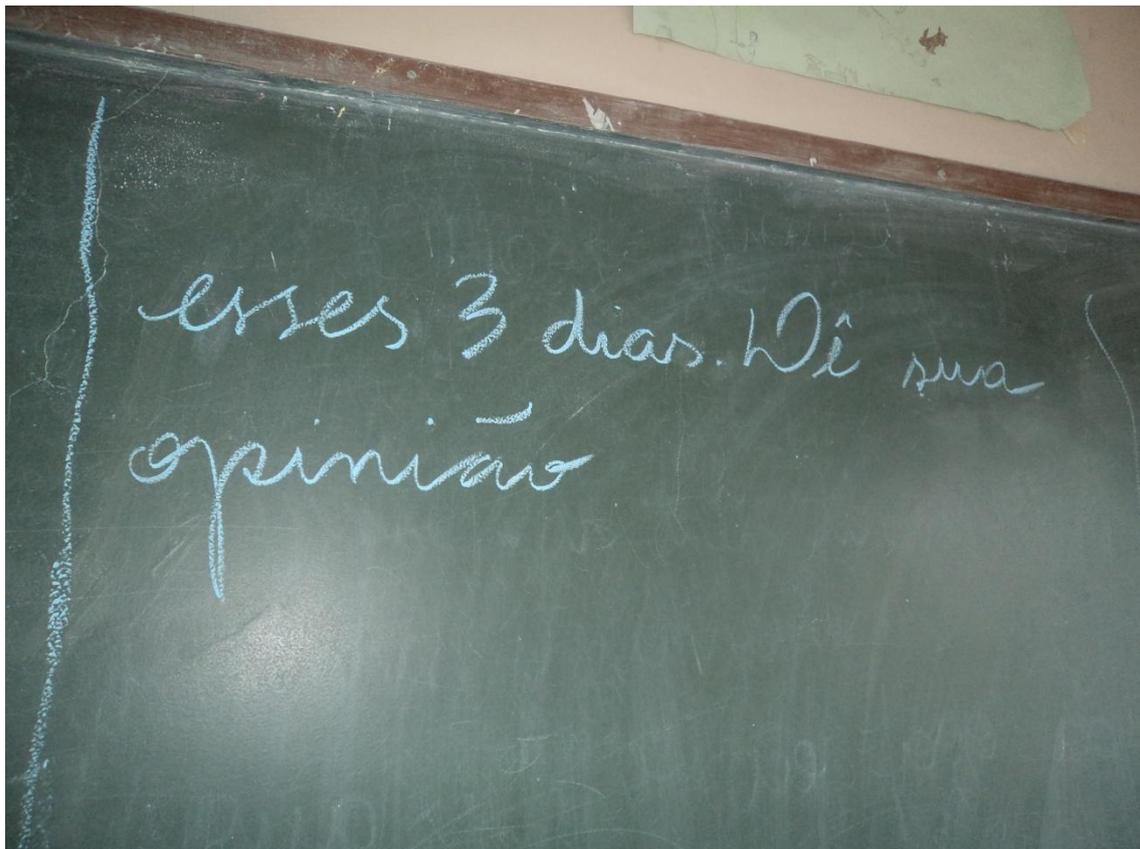
3. O atendimento da equipe de saúde de Cavalcante-GO em relação ao pré-natal e ao parto no âmbito hospitalar, bem como no posto de saúde de gestantes kalunga é:
- muito frequente
- pouco frequente
- não há procura
4. O interesse das gestantes kalunga pelo pré-natal e pelo parto no hospital é:
- muito frequente
- pouco frequente
- não há procura
5. As gestantes kalunga preferem:
- parto normal
- cesariana
- parto natural
- depende. Motivo: _____
6. A equipe de saúde prefere realizar com a gestante kalunga:
- parto normal
- cesariana
- parto natural
- depende. Motivo: _____

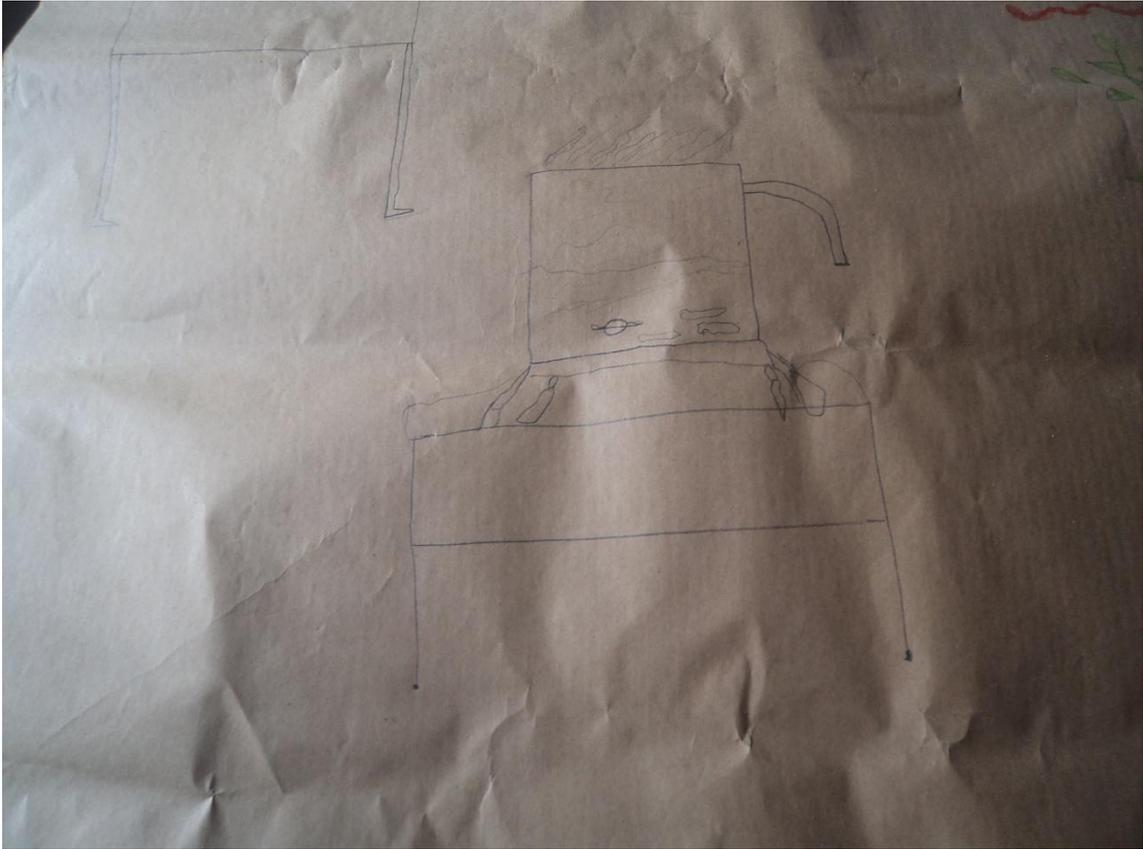
Opinião do/a colaborador/a a respeito das práticas kalunga no que tange aos cuidados e ao parto com parteiras

7. Você já ouviu falar dos cuidados que as/os kalunga têm com gestantes e bebês?
- Sim
- Não
8. Os cuidados realizados pelas parteiras na comunidade kalunga são:
- importantes, pois auxiliam no tratamento da mãe e do bebê
- não são mais necessários, visto que o hospital oferece todos os suprimentos para mãe e bebê
- depende. Motivo: _____
9. As práticas das parteiras kalunga durante o período do pré-natal:
- favorecem as condições ideais para o parto
- atrapalham as condições ideais para o parto
- depende. Motivo: _____
10. A equipe de saúde incentiva as práticas de cuidados típicos kalunga no que tange à alimentação, banhos, chás medicinais, entre outras, antes e após o parto para mãe e bebê?
- Sim
- Não
- depende. Motivo: _____

APÊNDICE 2 – Textos das oficinas de Letramentos (Vivências em Campo)







Título: Olhos de boi
com Pano Vermelho
de formigueira.

Ingredientes

3 olhos de boi
 3 tiras de pano vermelho
 uma fita de terra de formigueira
 uma fita de sal

Ingredientes

3 olhos de boi
 3 tiras de pano vermelho
 uma fita de terra de formigueira
 uma fita de sal
 1/2 litro de água

Modo de fazer

Junta os três tiras de pano vermelho e a terra de formigueira com
 ao fogo esses ingredientes, junto com 1/2 litro de água. Deixar
 ferver. Junta todos ingredientes em um copo com os olhos de boi
 e deixa ferver para beber.

Para que serve

Essa receita serve para mulheres que não querem abortar a criança

Deve ao fogo até os dois desaparecerem, depois disso a mulher deve deitar
 de lado e descansar para melhor.

Para que deixe
 a mulher descansar, deve para mulheres que não querem abater a baba.

Como usar

Depois de morto a mulher deve deitar
 o remédio para não abater a baba

9 anos Santos Antônio

2015

Exercícios construídos a partir dos dados de  e  com sua receita contra aborto.

① A temperatura ambiente no momento em que estávamos andando em volta da escola estava marcando aproximadamente 38°C e no momento em que estamos na cozinha ela marcou $32,7^{\circ}\text{C}$. Qual a variação entre as temperaturas?

② Se a temperatura da água antes de ferver estivesse marcando -15°C e depois de fervida ela marcasse 15°C o que aconteceria com essa temperatura?

③ A temperatura de uma água fervendo pode atingir mais de 100°C . Sabendo disso, a temperatura da água fervida no momento de fazer o chá por  e  marcou $+80^{\circ}\text{C}$. O que isso significa?

④ Uma certa temperatura adicionada a 15°C marcou 80°C no momento em que  e  ferveu a água do chá. Que temperatura é essa?

12 05 2018

Se a [] a [] depois de ferver o chá com uma temperatura de 15°C leve-o até a geladeira e deixe ~~por 10 minutos~~ até que sua temperatura marque - 80°C. Qual seria a variação?

[]
[]
[]

[]
[]
[]

[]
[]
[]

[]
[]
[]

[]
[]
[]

[]
[]
[]

norma

TM & © 2010 Marvel

SPIDER-SENSE™
SPIDER-MAN

11/05/2015

Professora Roberta
Aluna [REDACTED]

Orgânico: • Cerveja natural
Remédio Kalunga
Transgênico: Algo da cidade
Transformar Δ

① Escreva em seu caderno os nomes de plantas e as suas funções para a nossa saúde. Não se esqueça de registrar para mulheres grávidas ou que estejam com de ganhar bebê. De Pais, escreva um parágrafo sobre a importância dos remédios orgânicos e da herba medicinal da escola.

Nome das Planta

- 1º Chá de folha de laranjeira \rightarrow serve para febre.
- 2º semente de sicupira \rightarrow serve para rachadura nos lábios.
- 3º sumo de andú \rightarrow serve para dor de cabeça.
- 4º carrapicho \rightarrow serve para dor de barriga.
- 5º semente de lingui \rightarrow serve

10/08/11

Para rachadura no pé
6- Grafa associada sempre para
gripes

Importância dos reme-
dios mais comuns da eda-
dela medicinal da esca-
e bom para alguns alguns
que sinto alguma molestia
na cabeça. Por isso que
são as plantas que plantam
na escola. Por que essas
remédios que são plantas
sempre para alguns tipos
de doença.

é um remédio que sempre
é bom para a cabeça e para
o corpo inteiro.

Para a cabeça e para o corpo

é um remédio que sempre
é bom para a cabeça e para
o corpo inteiro.

tilibra

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

09/09/2015

Atividade

Produza o gênero textual "Relato" a partir das seguintes orientações: Tema: O relato de algum nascimento.

1. título;

2. primeiro

parágrafo: escreva a data e onde houve o nascimento;

3. segundo e terceiro parágrafos: escreva em detalhes como ocorreu o nascimento;

4. quarto parágrafo: conte o final do nascimento.

Eu sou

Eu sou [REDACTED] [REDACTED], nascido dia 22 de setembro de 1998, tenho 17 anos e vou contar sobre o meu nascimento.

A minha mãe sentou comigo e começou a falar sobre isso, dizendo ela que tudo aconteceu dessa forma:

Quando ela já estava grávida de mim, ela sentia muitas dores na barriga, e ficava clamando que estava doendo, e meu pai orientava ela a tomar o sumo de algodão. Para melhorar, ela ficava com muito medo de abortar eu, e pedia para colocar algum tipo de remédio que ajudasse a diminuir a dor.

FÓRUM

1/1

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

E assim foram até o dia do meu parto, no qual aconteceu em casa, com a mãe, meu parto foi um parto normal sem precisar usar nem um tipo de medicamento, nasci saudável e até hoje sou saudável, graças a Deus.
fim

Eu aprendi muito bem sobre o gênero textual.

Vaço de alma, 15-09-2015

Título: História de vida
 Seu [REDACTED]

Tenho 15 anos, nasci na comunidade Kojunga Vaço de alma no dia 07 de outubro de 1999 na casa da minha mãe [REDACTED] situada na Jozenob, La Rivara. Sou filha de [REDACTED] e [REDACTED].

[REDACTED], porém ambos são oriundos dessa comunidade.

Meu nascimento ocorreu de forma simples e tradicional, onde houve participação de Parteiros da comunidade, com seus saberes tradicionais culturais sobre o parto. Não me lembro agora quem foram os Parteiros, por isso não citarei seus nomes aqui.

Segundo minha mãe meu nascimento foi ótimo, pois não houve nenhum risco e depois que eu nasci ela sempre cuidou de mim com seu conhecimento tradicional cultural.

Hoje eu [REDACTED] sou uma adolescente estudando na Escola Estadual Kojungat Extensão Santa Antônio.

(/ /)
 na série de 9: amo para
 o meu futuro espero que eu
 termine meus estudos e faco
 a faculdade para me tornar
 uma médica.

I. Punião:

As aulas de hoje foi ótima
 porque eu aprendi umas
 atividades falando sobre o que
 são os gêneros textuais e como
 eles estão presente em nossas
 vidas, no nosso dia-a-dia.

Grata:

[Redacted Signature]

Data: 15-09-2015

Nome: [redacted]
9º ano / 2015

Escreva um texto. Pode ser 12 ou 3 parágrafos sobre o que aprendemos durante esses 3 dias. É sua opinião.

Na minha opinião eu acho que foi muito ótimo porque a professora Roberta veio lá onde que ela estava para nós fazer um trabalho muito interessante. O trabalho que nós fez foi [redacted] [redacted] que ensinava para nós sobre um remédio que serve para um aborto. O também eu fiquei muito feliz porque todos os professores estavam em nosso trabalho. O nosso trabalho foi assim, nós estava dentro do colégio, para nós dar uma volta, nós saiu de dentro de colégio com as turma que estava na sala do 9º ano. E nós pegou 3 alho de coque, 3 tira de pame verde, 1 lha, uma pitada de fermento, 10, amarrado e colocado.

APÊNDICE 3 – Aprovação do Comitê de Ética em Ciências Humanas da UnB

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS / UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA / CAMPUS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O português kalunga do Vão de Almas-GO: a transitividade em discursos sobre o parto revelando letramentos

Pesquisador: Roberta Rocha Ribeiro

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 40056114.0.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.062.728

Data da Relatoria: 29/05/2015

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa pretende analisar a transitividade do português kalunga em discursos sobre o parto que circulam/encontram-se presentes na comunidade remanescente quilombola Vão de Almas-GO, localizada na região da Chapada dos Veadeiros-GO. Trata-se de uma pesquisa linguística a partir de textos orais e escritos presentes em discursos que revelam práticas, ações, conhecimentos próprios e alheios, memórias, conflitos, sensações e opiniões sobre o parto, tema controverso para as/os kalungas do Vão de Almas. Para isso, serão utilizados estudos já realizados acerca do português quilombola (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009), assim como os Estudos Críticos do Discurso (ECD) e os Letramentos em abordagem ecológica e crítica. Segundo a pesquisadora, tais teorias são importantes para fundamentar o escopo discursivo e de valorização do saber kalunga no tocante ao parto considerados na interação social da comunidade em questão.

Objetivo da Pesquisa:

objetivo primário deste trabalho é observar, descrever e analisar a transitividade do português kalunga do Vão de Almas-GO em discursos sobre o parto sob a égide da sintaxe funcional-tipológica.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - ICC L ALA NORTE L MEZANINO L SALA B1 L 606 (MINHOÇÃO)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3307-2760 **E-mail:** ihd@unb.br

INSTITUTO DE CIENCIAS
HUMANAS / UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA / CAMPUS



Continuação do Parecer: 1.062.728

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora, a pesquisa não acarreta em riscos para os kalungas.

Os benefícios desta pesquisa encontram-se nos espectros linguísticos e sociais obtidos em função da realização da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa no campo da linguística de cunho metodológico qualitativo. A pesquisadora informa que pretende utilizar abordar os temas relevantes da investigação através de pesquisa semi estruturadas, além de acompanhar o cotidiano dos kalungas através da pesquisa ação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados de acordo com as recomendações do CEP-IH.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências foram sanadas de acordo com as orientações do CEP-IH.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

BRASÍLIA, 14 de Maio de 2015

Assinado por:
Livia Barbosa
(Coordenador)

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC à ALA NORTE à MEZANINO à SALA B1 à 606 (MINHOCÃO)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3307-2760 **E-mail:** ihd@unb.br

APÊNDICE 4 – Autorização da Comunidade Kalunga Vão de Almas-GO

ACEITE INSTITUCIONAL

A Sra. Wanderléia dos Santos Rosa, presidente da Associação de Educação do Campo do Território Kalunga e comunidades rurais/EPOTECAMPO, mulher kalunga nascida e criada na comunidade quilombola Vão de Almas, situada no município de Cavalcante-GO, e Licenciada em Educação do Campo pela Universidade de Brasília (LEdoC/FUP/UnB), está de acordo com a realização da pesquisa “**O português kalunga do Vão de Almas-GO: a transitividade em discursos sobre o parto revelando letramentos**”, de responsabilidade da pesquisadora Roberta Rocha Ribeiro, aluna de doutorado do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, realizada sob orientação do Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes, após revisão e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IIH.

O estudo envolve observação e análise da transitividade em discursos acerca do parto de mulheres kalungas da comunidade quilombola Vão de Almas-GO por meio de questionários e entrevistas estruturadas e semi-estruturadas. Além da análise da transitividade do português kalunga, este trabalho visa a discussão e a preservação dos saberes kalungas acerca do parto, dos cuidados com a gestante e o bebê. Por isso, como contribuição social para a comunidade em tela, também serão ministradas, pela pesquisadora, oficinas de Letramentos sobre parto e cuidados com a saúde relacionados à mãe e ao bebê para alunos do nono ano do Colégio Estadual Calunga I/Extensão Escola Santo Antônio, localizado no Vão de Almas-GO, em parceria com professores da escola em questão. Assim, sob condição de autorização dos pais ou dos responsáveis, produções textuais orais e escritas feitas pelos estudantes de nono ano, nas oficinas de Letramentos, serão recolhidas para o mesmo tipo de análise. A pesquisa, em campo, terá duração de oito meses, com início em janeiro de 2015 e término em agosto de 2015.

Eu, Wanderléia dos Santos Rosa, presidente da Associação de Educação do Campo do Território Kalunga e comunidades rurais/EPOTECAMPO, declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Cavalcante-GO, 06 de dezembro de 2014

Wanderléia dos Santos Rosa

Nome do(a) responsável pela instituição

 CPF: 658128591-31

Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição

Wanderléia dos Santos Rosa
CPF: 658128591-31

Wanderléia dos Santos Rosa

CPF: 658128591-31